

Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB
Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais - CFCHS
Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade - PPGES

Samba de Roda das Marisqueiras:
Corpos e Instrumentos em Luta

Paula Pimenta Gomes

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estado e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Sociedade, Cultura e Ambiente

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Oliveira Lopes
Coorientadora: Prof. Dr^ª Ana Carneiro Cerqueira

Porto Seguro
2020

Paula Pimenta Gomes

**Samba de Roda das Marisqueiras:
Corpos e Instrumentos em Luta**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) como partedos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estado e Sociedade.

Linha de pesquisa: Sociedade, Cultura e Ambiente.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Oliveira Lopes

Coorientadora: Prof. Dr^a Ana Carneiro Cerqueira

Porto Seguro

2020

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

G633s Gomes, Paula Pimenta, 1986 -

Samba de roda das marisqueiras: corpos e instrumentos em
luta / Paula Pimenta Gomes. – Porto Seguro, 2020. -
198 f.

Orientador: Maria Aparecida Oliveira Lopes

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Sul da
Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade.
Campus Sosígenes Costa.

1. Samba de Roda. 2. Marisqueiras. 3. Luta. 4. Práticas
Políticas. I. Lopes, Maria Aparecida Oliveira. II. Título.

CDD – 784.1888

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/ 1883

Ata de Defesa Pública de Mestrado

Aos 28 dias do mês de agosto do ano de 2020, às 14:00 horas, via webconferência através da sala virtual com link de transmissão <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/fabio-isaac-machado-defaria>, reuniram-se as/o membras/o da banca examinadora composta pelas/o docentes Dra. Maria Aparecida de Oliveira Lopes (orientadora e presidente da banca), Dra. Ana Carneiro Cerqueira (coorientadora, membra interna à instituição e ao PPGES), Dr. Francisco Antônio Nunes Neto (membro interno à instituição e externo ao PPGES) e Dra. Paula Balduino de Melo (membra externa à instituição e ao PPGES), a fim de arguirem a mestranda Paula Pimenta Gomes na defesa de sua dissertação cujo trabalho intitula-se **“Samba de Roda das Marisqueiras – corpos e instrumentos em luta”**. Aberta a sessão pela presidente da banca, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionada pelas/o membras/o da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias.

As/o membra/o da banca consideraram a dissertação:

(x) Aprovada

() Aprovada com modificações

() Não aprovada, devendo ser realizada nova defesa no prazo de ____ meses.

Recomendações da Banca: _____

Banca Examinadora:



Prof^ª. Dra Maria Aparecida de Oliveira Lopes (UFSB - PPGES)
Presidente da banca



Prof^ª. Dra. Ana Carneiro Cerqueira (UFSB - PPGES)
Membra interna



Prof. Dr. Francisco Antônio Nunes Neto (UFSB)
Membro externo



Prof^ª. Dra. Paula Balduino de Melo (IFB)
Membra externa

Paula Pimenta Gomes
Candidata

Webconferência, 28 de agosto de 2020.

Recomendações da Banca:

O estudo elaborado por Paula Pimenta Gomes se inscreve no universo feminino. Um estudo que, face a forma como se nos apresenta, nos possibilita melhor conhecer as mulheres negras moradoras da Biela, em Belmonte, cidade da região do Sul da Bahia, na Costa do Descobrimento. Um conjunto de mulheres negras que, da “porteira para dentro e da porteira para fora” – expressão cara à antropologia – da Associação de Marisqueiras e Pescadores de Belmonte, se organizaram para defender, proteger e salvaguardar suas histórias, culturas, práticas cotidianas e as memórias correlatas, arregimentando para isso, as condições sociais do ofício de marisqueiras e o samba de roda como potentes estratégias, revelando as relações estabelecidas com a municipalidade Belmonte.

1-O primeiro aspecto a ser considerado é o salto qualitativo que o texto apresenta quando comparado aquele do exame de qualificação; se trata de outro texto, muito bem apresentado/escrito;

2- O texto da introdução cumpre exatamente com o que se deve fazer em um trabalho acadêmico: a apresentação do campo e da metodologia da pesquisa utilizada ao longo do processo;

3- Por se tratar de uma etnografia, falta dar mais visibilidade as interlocutoras ao longo do estudo: é possível caracterizá-las? Quem são essas mulheres? Para além dos trabalhos na AMPB e do samba de roda, quais outras atividades atravessam o cotidiano das interlocutoras da pesquisa?

4- Como diversas marisqueiras argumentam sobre serem filhas/netas de marisqueiras e pescadores, o estudo poderia também se dedicar a revelar essas gerações familiares que tiveram na pesca e no mangue as suas existências fincadas;

Para além das belas [e poucas] fotografias que ilustram o texto [poderia ser inserido outras], este, pela forma como tecido, possibilita aos leitores a construção de diversas imagens/paisagens; trata-se de um texto musical (rítmico) e saboroso (iguarias do lugar);

Outro aspecto que a etnografia poderia ampliar/revelar é sobre os saberes-fazer das marisqueiras: no que consiste o seu trabalho no âmbito deste universo pesqueiro?

Sobre o tema/objeto da análise: embora configure o título da dissertação e o estudo tenha um capítulo reservado ao samba de roda das marisqueiras

(capítulo 2), este, não aparece de maneira central no desenvolvimento da abordagem do estudo; o samba das marisqueiras não ocupa a centralidade da discussão; questão: é possível caracterizá-lo? Tipificá-lo? No que se diferencia o samba de roda das marisqueiras de outras expressões do gênero como aquele (samba) praticado em diversas cidades do Recôncavo da Bahia

-As questões e demandas (lutas) das marisqueiras (e elas próprias) da AMPB ocupam muito mais a centralidade da discussão no estudo do que propriamente o samba de roda por elas praticado/executado: seria uma inversão temática? [e por que não?]; [inclusive, os enfrentamentos políticos (lutas) das marisqueiras é o que há de mais potente no estudo]; [dentre tantas palavras grafadas com aspas, lutas é uma daquelas que menos se adequa pela potência das ações políticas das marisqueiras];

Sobre outras epistemologias e formas de referenciamento: são as próprias marisqueiras que conferem legitimidade e autenticidade à discussão elaborada no estudo; as falas das marisqueiras não

AGRADECIMENTOS

E aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
(Caminhos do Coração - música de Gonzaguinha)

Tantas encruzilhadas, forças e pessoas proporcionaram que eu experimentasse e aprendesse o que me fez chegar até aqui. Um caminho repleto de curvas, banhado de emoções, paisagens e cheiros. Muito tenho a agradecer. Para abrir os caminhos, agradeço àquele que me faz ser movimento nessas trajetórias. Aos mestres de luz que me guardam, guiam e inspiram de energia, intuição, reflexão, sentimento e ação: a “bença” por tanto neste trecho da estrada!

Em seguida, em acolhida e fortalecimento, uma rede de pessoas queridas e potencializadoras, me acompanharam neste caminho. A sorte de inacreditáveis apoios esteve sempre por perto. Alguns foram aqueles que desde pequena me cuidam e impulsionam: meus pais. Ofereceram amor sábio das mais variadas formas: no sustento quando foi tempo de aperto, nas ajudas nas mudanças de casa, nas risadas e escutas, até na entrega de milho verde, pão de queijo, banana verde, mexerica e outros sabores nutritivos. Meus manos, Clarinha e Rique, que estiveram na torcida e parcerias bonitas e leves dessa família. À Cecília por ser esse amor maior em mim, tão preciosa quanto água pura nascente, que me alegra só de lembrá-la!

Este trabalho, de cabo a rabo, foi feito em meio a muitas aventuras. Situações realmente inusitadas atravessaram a vida nesses tempos. Mesmo em meio a este conjunto de diferentes desafios, é certo que fui uma sujeita de sorte. Especialmente, por um encontro que gerou o que este trabalho pôde ser: o encontro com as “marisqueiras” da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB), com as “sambadeiras” e “tocadores” do Samba de Roda das Marisqueiras e outras tantas pessoas dessa “comunidade pesqueira”. A acolhida, parceria e, acho que posso dizer, companheirismo semeado e cultivado nessa relação, foi necessário para este trabalho e foi revolucionário na minha vida. Nem tenho a audácia de dizer que foi por acaso este encontro. Como as próprias integrantes da AMPB avaliam em sua carta que segue junto a esta dissertação. Entre tanto que nos aconteceu, a

intuição me faz dizer, que houve outras forças guiando nossa aproximação. E, por isso já, sou muito grata.

E tanto mais pela sabedoria, engajamento e acolhimento que, especialmente, as mulheres dessa “comunidade” e desse “samba” esbanjam. Agradeço profundamente à vocês que se comprometeram e inspiraram este trabalho: Pedrina (acompanhada de Lorenzo, Diego, Adson e Dona Maria); D’Ajuda; Selminha; Kita (acompanhada de Laila); Nete (acompanhada de Helen, Pedro e toda família); à Nem (acompanhada de Wellington, Katrine e Sr. Osni); à Luana (acompanhada de Edmo); à Delci; Lucimara; Sinha (acompanhada de Thiago); Cléria; Mariana; Perisvânia; Mara; Maria; Dainha (acompanhada de Zé Raimundo); Val; Dona Lelita; Dona Isabel; Dona Lourdes; Lenice; Dinha; Carmém Lúcia; Helena; Jane; Sr Demétrio; Sr. Zé; Sr. Ailson; Cheiro Bom; Sr. Zé Raimundo do futebol; à Mãe Otília; à Pinguim (Raídon); Cirilo (Genilson); Natan, Lucas (Copiô), e Lucas (Saruê); à Cássio e Dona Judith! Pelas histórias compartilhadas, pelos risos e choros acolhidos, pela escuta e sintonia, pela torcida e ensinamentos: tenho só a agradecer! Amizades verdadeiras, alegrias sinceras, lutas necessárias, brincadeiras fortalecedoras, refeições saborosas e aprendizados nutritivos foi o que vocês me proporcionaram continuamente. Aproveito esta ocasião para fortalecer o que viemos conversando em outros espaços: a abertura e engajamento para a amizade e luta seguem firmes!

Entre tantas pessoas importantes para este trabalho frutificar, se destacou o companheirismo de Marcela Marques. Sua presença esteve junto, fazendo acontecer, tantos esforços e cuidados deste trabalho em diferentes dimensões. Foi escuta, estímulo e ação de maneiras indescritíveis, permeando esta pesquisa e minha vida. Ela que vê poesia no meu trabalho e trabalho na minha poesia. Agradecida por tantos presentes de amor.

Definitivamente este trabalho foi fruto da força, sabedoria e carinho de várias pessoas, a quem passo a agradecer. À Marlene, João Barba, Lilia, Elialda, Gesiani, Carlinhos e Moreno, representando as comunidade pesqueiras de Canavieiras! À Silvana pelo estímulo e escuta contínuas! À Fernanda Martins (acompanhada de Cláudio e Chico), Aline Bispo, Paulo Henrique, Alícia Costa (acompanhada de Aurora e Thiago) e Matheus Lopes por serem amizade-família! À Karen Côrrea, Lara Passos, Ana Beatriz Nogueira, Mariana Crispim, Carolinha Noronha, Bia Borges e Pedro Mendonça por serem comunhão, onde quer que eu estivesse! Às amizades de forró e luta, Leandro, Camila, Marina, João e Vinicius. Ao Adriano, representando a casa coletiva de Belmonte que me fez alegre abrigo e Maria

Fernanda que abriu esse caminho! À Raissa Celina, pelas trocas de aprendizados da luta com esse povo guerreiro! À Gisele e Raoni, representando pessoal do Instituto Mãe Terra! À Érika Saldanha, representando a turma do forró! Ao David Santiago, representando a turma da música em Cabrália! Ao Mário Porto representando a turma do chorinho e samba de Porto Seguro! A Dira e Iuri, representando a Casa Abayomi (Iuri, pela parceiragem variada nesta história!); Ao João e Raquel, pelo apoio e convivência na Casa di Sapê! À Tia Corrinha e minha prima Maria Aparecida, representando à minha grande e querida família! À Raquel Mendes, representando o grupo Raízes! À Bety Balanço, representando o coletivo da Feira Cultural! Ao Igor Gama representando a turma do Rancho! Ao Mestre Cebola e Renata representando a turma do Suvaco do Cabral! Ao Mestre Pé de Chumbo, representando a turma da capoeira. À Lia Valente, representando as pessoas inspiradoras dessa UFSB. A Ana Carneiro, representando as pessoas do projeto Maré-Saber. Ao João Rafael, representando a amizade pelo PPGES e afora. À Eliana Povoas e Dandara, representando a turma do PPGER! Ao Pedro Thiago, representando a esquerda-festiva de BH! À Mariana Arpaia, representando a Roda de Timbau e os blocos de carnaval das Minas Gerais! Ao Vilmar e Bárbara Barcellos, representando as amigadas de lapinhagem! Ao Jánderson, Ranielle, Gabriela e Henrique, representando os mais novos companheiros de lutas: pela compreensão e apoio!

Acompanhando desde o início essa saga, agradeço às minhas orientadoras acadêmicas Maria Aparecida Oliveira Lopes e Ana Carneiro Cerqueira, por valiosas contribuições, imprescindíveis para o aprofundamento desta pesquisa. Agradeço também a Francisco Nunes e Paula Balduino por terem aceitado o convite de contribuírem com minha formação acadêmica, participando da banca de defesa deste trabalho. A Virna Plastino e Pablo Barbosa, por aceitarem colaborar em caso de suplência. E ao Francisco Nunes e Pedro Mendonça pelos aportes oferecidos no tempo da qualificação deste trabalho.

Agradeço ao Fábio Isaac, pela disposição e leveza nos apoios junto à secretaria acadêmica. Ao professor Márcio Silveira, pela presteza e precioso amparo enquanto coordenador do PPGES. A Capes pelo imprescindível apoio para a realização desta pesquisa. À Soraya Martins pela revisão acurada desta dissertação e Henrique Pimenta (acompanhado de Martin Verloop, Flávia e Jeremy Ross) pela tradução do resumo.

Gerar este trabalho foi uma conquista de intensa alegria! Principalmente, por poder sentir firme que segui um caminho em harmonia com quem sou e por ter sido um trajeto

partilhado e feito com o empenho de cada um de vocês e algumas outras preciosas amizades.

Foi sobre acolhida e força, plenamente!

RESUMO

Essa dissertação é uma etnografia das práticas políticas em torno do samba de roda, abordando, durante 2018 e 2019, o Samba de Roda das Marisqueiras produzido pela Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB). O objetivo é compreender como a produção da “brincadeira” do Samba de Roda das Marisqueiras se relaciona com a noção de “luta”, como uma prática política empenhada para viabilizar a continuidade do “viver da pesca” da comunidade tradicional de pescadores da Biela (Belmonte-Bahia). Além de se propor a “ajudar” a “dar atenção” a “brincadeira” com foco a contribuir no “enfrentamento” das “lutas” pela AMPB, conforme demanda levantada junto à diretoria desta associação.

Foi necessário identificar o contexto socioambiental, político e ambiental em que o Samba de Roda das Marisqueiras é produzido e entender os processos de “decisão” que estão envolvidos na produção desta “brincadeira”, em sua interação com as “lutas” desta associação formada por mulheres “marisqueiras”. Diante disso, verifica-se que as noções de “união”, “ajuda”, “cuidado”, “ouvir”, “chamamento” e “balanço” são concebidas como importantes formas de se estabelecer relações e atuar politicamente, promovendo o “fortalecimento” dos participantes do samba de roda, a própria AMPB e a “comunidade pesqueira” para os “enfrentamentos” das “lutas”. Constatou-se também na “comunidade” relações de conflitos de gênero e geracionais que perpassam a produção do “samba” e as “organizações” das “lutas”, abordados pelas categorias nativas de “mentira”, “sem o que fazer”, “alarde”, “ciúmes”, “picuinha” e “aparecer por cima”.

Foi desenvolvido, junto com componentes da AMPB, um projeto proposto para o edital de 2020 da Lei Rouanet, alinhado com os meios e pressupostos que o grupo concebe como formas de “fortalecer” e “cuidar” deste “samba”. Assim como uma apostila com receitas “tradicionais” da culinária da “comunidade” para serem distribuídas junto aos participantes da oficina de culinária, realizada pelas componentes da AMPB, durante o Festival que se realizou em Belmonte em julho de 2019. Além de ter “ajudado”, em meio aos empenhos deste trabalho, em “articulações” durante o “combate” ao derramamento de óleo bruto que alcançou a cidade em outubro de 2019, bem como na produção de alguns “sambas” realizados no período desta pesquisa.

Palavras-chave: luta, samba de roda; marisqueiras; práticas políticas.

ABSTRACT

This dissertation is an ethnographic study of political practices related to “*samba de roda*”, focusing the “*Samba de Roda das Marisqueiras*” produced by the “*Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte*” (AMPB) during 2018 and 2019. The goal of this research is to understand how the production of “*brincadeira*” by the “*Samba de Roda das Marisqueiras*” is related to the notion of “*luta*” as a political practice committed to enabling the continuation of “*viver da pesca*” of the traditional fisherfolk community of the Biela (Belmonte-Bahia). This research is also interested in “*ajudar*” and “*dar atenção*” to this “*brincadeira*” with a special focus on playing a role in the “*enfrentamento*” of “*lutas*” by the AMPB, in accordance with demands by the association’s board.

It is necessary to identify the sociocultural, political and environmental context in which the “*Samba de Roda das Marisqueiras*” is produced and to understand the processes of “*decisão*” involved in the production of this “*brincadeira*” and its interaction with the “*lutas*” of this association formed by “*marisqueira*” women. In light of this, the concepts of “*união*”, “*ajuda*”, “*cuidado*”, “*ouvir*”, “*chamamento*” e “*balanço*” are understood to be important ways of establishing relations and acting politically, promoting the “*fortalecimento*” of participants of “*samba de roda*”, the AMPB itself and the “*comunidade pesqueira*” for the “*enfrentamento*” of “*lutas*”. The “*comunidade*” also presented gender and generational conflicts that run through the production of “*samba*” and the “*organizações*” of “*lutas*”, approached through the native categories of “*mentira*”, “*sem o que fazer*”, “*alarde*”, “*ciúmes*”, “*picuinha*” and “*aparecer por cima*”.

Together with members of the AMPB, a project was developed and presented in reaction to the 2020 Rouanet Law public notice. It was aligned with the ways and premises that the group conceived as valid forms of “*fortalecer*” and “*cuidar*” of this “*samba*”. A book with “*tradicional*” recipes of the “*comunidade*”’s cuisine was also developed and distributed among the participants of a cooking workshop organized by members of the AMPB during *Festivale*, which took place in July 2019 in Belmonte. In the midst of the research process, I also “*ajudei*” in “*articulações*” during the “*combate*” against the oil spill that reached the city in October 2019 as well as in the production of several “*sambas*”.

Key-words: *luta*, *samba de roda*; shellfish; political practices

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Lista de Abreviaturas.....	11
Introdução.....	12
Capítulo 1 - Feito de brincadeira, labutas e lutas.....	36
1.1- Entrando na roda: luta à primeira vista.....	37
1.2- Os ancestrais que fizeram isso tudo, a gente só tá continuando.....	41
1.3- A maré que manda na gente.....	54
Capítulo 2 - Samba de Roda das Marisqueiras: união e conflitos.....	87
2.1- Do que é feito o samba.....	89
2.2 - Aqui é Biela. Quem manda é elas: as marisqueiras.....	108
Capítulo 3 - De repente o óleo no meio da maré.....	121
3.1. O maldito óleo e as estratégias de luta.....	122
Considerações Finais.....	140
Anexos.....	150
Anexo I - Carta de Apresentação da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte.....	151
Anexo II Apostila de Receitas.....	157
Anexo III Imagens.....	167
Referências.....	193

LISTA DE ABREVIATURAS

- . AMEX - Associação Mãe dos Extrativistas de Canavieiras
- . AMPB - Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte
- . APA - Área de Preservação Ambiental
- . CAPES - Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- . CODETER - Colegiado do Território de Identidade Costa do Descobrimento
- . Confrem - Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas
- . Confrem-BA - Comissão Estadual de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e dos Povos Extrativistas Costeiros e Marinheiros da Bahia
- . ICMbio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
- . IMT - Instituto Mãe Terra
- . PPGES - Programa de Pós-graduação Estado e Sociedade
- . Rede de Mulheres - Rede de Mulheres Pescadoras do Sul da Bahia
- . RESEX - Reserva Extrativista
- . Resex-Canavieiras - Reserva Extrativista de Canavieiras
- . Resex Marinha - Reserva Extrativista Marinha
- . UC - Unidade de Conservação
- . UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- . UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia
- . UHE - Usina Hidrelétrica
- . UHE Itapebi - Usina Hidrelétrica de Itapepi

INTRODUÇÃO

Essa é uma esquina do mundo.
Cruza saberes de diferentes (in)corporalidades.
Esse é um ebó, feito do aprendizado inacabado,
dos encantamentos herdados pelas vivências ancestrais e
desses encontros.
Chegue bem!

Essa dissertação é uma etnografia das práticas políticas e culturais em torno do samba de roda. Irei trazer o que aprendi sobre como vivem, pensam, sambam e “lutam”¹ as pessoas que participam do Samba de Roda das Marisqueiras, a partir de uma conversa entre os encontros vividos nos trabalhos de campo e as leituras dos textos, diálogos e contextos alcançados. Abordo este samba de roda produzido pela Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (Bahia) como uma performance musical que se relaciona com a vida social e cria amplos contextos sociais (SEEGUER, 2015, p.14-15). Como um fenômeno social total (MAUSS, 2003, p. 187), uma performance musical conjuga em si e atua entre as diferentes dimensões da vida social. Este trabalho enfoca o Samba de Roda das Marisqueiras produzido pela Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB) em relação com as práticas políticas desta associação durante, principalmente, os anos de 2018 e 2019,.

Os espaços privilegiados de análise foram as performances musicais deste samba de roda, a entidade da AMPB e o bairro da Biela, onde vive grande parte da “comunidade pesqueira” de Belmonte. Ou seja, o próprio espaço da sede da AMPB, as casas e calçadas de membros da associação ou do samba e espaços de produção do Samba de Roda das Marisqueiras. Este samba foi observado nos seus diferentes contextos: festividades religiosas, apresentações em espaços de cultura da prefeitura de Belmonte, da UFSB ou da coletividade de pescadores em eventos em Belmonte ou na região.

Cheguei a esse campo a partir da minha trajetória intensa, desde 2010, em movimentos sociais e culturais na cidade de Belo Horizonte (BH - Minas Gerais) onde cresci. Essa experiência vinha me ensinando como podem acontecer de formas tão conjugadas as articulações políticas e as expressões culturais de diversos grupos sociais. Viver isso me instigou variadas reflexões, além do desejo de seguir contribuindo com movimentos sociais, aprender mais sobre as possíveis formas de relação entre a esfera política e cultural e sobre a

¹Escrevo entre aspas palavras-chave que foram usadas pelas pessoas com quem essa pesquisa foi desenvolvida com a intenção de ressaltar esses termos e indicar que são conceitos com sentidos nativos próprios.

potência de gerar, simultaneamente, conquistas políticas e alegria, como percebia que acionava em mim e outras(os) parceiras(os) dos movimentos. Formada em Direito, me encaminhei para o curso de Antropologia, em 2014, com o seguinte propósito: trabalhar, especialmente, com mulheres, comunidades tradicionais, música, lutas políticas e educação. Desde então, fui fazendo um levantamento de grupos no sul da Bahia, região onde estava indo morar, que poderiam dialogar com essas questões que me movimentam. Na época, a idéia era fazer a monografia da graduação de Antropologia junto de um grupo que vivesse próximo onde eu também viveria, pois favoreceria a manutenção das relações construídas mesmo após o término do prazo institucional da pesquisa.

Dois anos depois, em abril de 2017, em um encontro de mulheres realizado pelo Colegiado do Território de Identidade Costa do Descobrimento² (Codeter), conheci três integrantes da diretoria da AMPB, Elionete (Nete), Maria Dajuda (D’Ajuda) e Perisvânia (Péris). Chegamos cedo para a reunião. Elas participavam há algum tempo de atividades do Codeter, mas essa era minha primeira vez. Estava morando há pouco tempo no sul da Bahia (em Santa Cruz Cabrália) e queria conhecer as movimentações em torno das causas das mulheres daquele lugar, para poder conjugar as mobilizações que eu tivesse afinidade e meios de fortalecer. Chegamos cedo e antes da porta do espaço abrir, em uma conversa distraída, elas comentaram que eram marisqueiras vindas de Belmonte. Eu já tinha ouvido falar de um coletivo de mulheres marisqueiras que atuava na região e, durante o ano de 2015, procurei encontrá-lo, por causa das inquietações que vim tendo a partir das minhas atuações em movimentos sociais. Sorri por dentro por ter conhecido, afinal, parte do grupo. A conversa continuou descontraída ao longo da reunião e Nete comentou: “temos um samba de roda.” Ah, meu coração fez uns batiques mais chamados! Estava ali conhecendo um grupo de mulheres com um caminho de engajamento político e que realizava um samba de roda. Aquilo me girou, conversou direto com aquelas questões que me animavam. A reunião acabou, mas seguimos conversando através de um grupo de whatsapp que formamos junto com as outras mulheres que foram à reunião.

² O Estado da Bahia estabeleceu 27 Territórios de Identidade (TI) para contribuir na identificação de prioridades a partir das realidades de cada região e a destinação de verbas em diversas políticas públicas de forma equânime. Foi formado, para cada um desses territórios, um colegiado com o intuito das respectivas populações terem representantes que favoreçam o diálogo dos territórios com o poder público estatal. Faz parte do TI Costa do Descobrimento oito municípios: Belmonte, Eunápolis, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Guaratinga, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália

Fiquei sabendo de um Encontro de Cultura Popular que estava sendo organizado em Santa Cruz Cabralia (Cabralia), que visava estimular trocas entre as populações de Belmonte, Cabralia e Porto Seguro. Falei com Nete e, depois de algumas articulações, ela foi para o evento como representante da pesca artesanal para participar da Roda de Conversa sobre Cultura Popular e como acompanhante das “Negas Nagô”, outro grupo cultural de Belmonte que foi se apresentar no evento. Lá conversamos, expliquei meu interesse de desenvolver um trabalho junto à associação que produz o samba de roda. De forma sutil, mas direta, ela me contou sobre uma experiência negativa que a associação teve com uma professora através de uma pesquisa em quem elas não mais confiaram para realização de outro projeto. Percebi sua preocupação e expliquei que pretendia que a pesquisa, com o samba de roda produzido pela AMPB, pudesse ser direcionada a partir dos interesses da própria associação, contribuindo para questões que fossem relevantes para ela. Continuamos em conversa por telefone e Nete, depois de conversar com a diretoria da AMPB, me falou que aceitavam a pesquisa.

Particpei de dois processos seletivos de mestrado depois que elas aceitaram fazer a pesquisa dessa forma comigo. Para a elaboração desses projetos, não havia sido possível ainda entender quais seriam as melhores formas dessa pesquisa contribuir para as demandas da AMPB. Assim, o projeto, submetido em agosto de 2017 no PPGES, foi elaborado com o objetivo de compreender como, através do Samba de Roda das Marisqueiras, era produzida a identidade étnica das marisqueiras diante do sistema moderno/colonial (GROSGOUEL, 2008). Mas me comprometi em alterá-lo, caso percebesse que era de outra forma que conseguiria contemplar questões relevantes apontadas pelas integrantes da AMPB. Além disso, caso fosse do interesse delas, eu tinha o propósito de apoiá-las em delineamento e efetivação de ações que percebêssemos que poderiam favorecer para alcançar transformações que elas desejassem para o contexto que vivem.

Em novembro de 2017, antes de começar este mestrado no PPGES, participei pela primeira vez de uma reunião da diretoria da AMPB. Estavam presentes Nete (presidente da AMPB), Pedrina (Pe - na época, vice-presidente), Lilian (Kita - tesoureira) e Elenildes (Nem - na época, do conselho fiscal). Elas conversavam intensamente e me explicavam os conflitos socioambientais e políticos que ameaçam a continuidade da produção de peixes, mariscos e crustáceos pela comunidade pesqueira e contra os quais a associação tem “lutado”³. A

³No transcórre deste texto, coloco entre aspas palavras empregadas pelas pessoas com quem este trabalho foi feito, de forma a destacá-las e indicar que são deste contexto nativo. Dentre esses conceitos nativos,

categoria “luta” se tornou central para essa pesquisa, pois revelou ser primordial para a própria AMPB. “Luta” traz a noção de “persistência” e, principalmente, “persistência” para alcançar objetivos que trazem “benefícios” coletivos, tendo que enfrentar movimentos contrários. Como explicou Pedrina, em março de 2019, numa conversa em sua casa: “Eu comparo a luta com a maré, ao contrário, e a embarcação. Porque ali é luta. E é o que a gente passa. A gente rema contra a maré porque tudo que a gente faz é contra a objetivos de outros. Isso é a luta!”

Fiquei refletindo sobre o destaque que elas davam a essas “lutas”, o empenho com o qual me explicavam detalhadamente e que, talvez, trabalhar com o Samba de Roda das Marisqueiras não alcançaria essas questões que elas me apresentavam como relevantes. Um pouco frustrada, pensei em deixar de trabalhar com o samba de roda e voltar-me para a compreensão e o engajamento das “lutas” que as mulheres tanto destacavam. Estava para colocar isso para elas, quando Pedrina, em meio à conversa sobre as situações socioambientais e políticas contra as quais a AMPB tem “lutado”, disse: “... E pra gente é muito importante você pesquisar o “samba”, para gente “dar atenção” pro “samba”!”

Essa fala, compondo o debate da reunião, deixava claro que, fazer a pesquisa com este samba de roda, era um interesse do grupo e que eu estava em interação direta com situações percebidas como problemas, contra os quais “lutavam”. Assim, a pesquisa viria a contribuir com uma das formas que elas viam de lidar com as questões que enfrentavam: “dar atenção” ao samba. O que é “dar atenção” e como a pesquisa atuaria nesse sentido eu vim a entender ao longo do processo. Essa noção nativa está diretamente relacionada à concepção de “cuidado” (que se mostrou central para o grupo com o qual trabalhei) enquanto uma estratégia valorizada de estabelecerem relações com algo ou alguém. Como veremos ao longo deste texto, é uma noção que, em diferentes momentos do campo, ouvi e tinha o sentido de avaliar a adequação da atitude de alguém, ou mesmo de guiar a forma de se relacionarem entre si. Está associado a idéia de “acolher” e é uma forma de acompanhar com dedicação.

Ouvir essa fala de Pedrina me indicou que há uma relação entre o Samba de Roda das Marisqueiras e as “lutas” que a associação se engaja. Reforçou, assim, o que já dava para

tornaram-se centrais para essa pesquisa as categorias de “força”, “cuidado”, “samba”, “luta”, “união”, “ajuda”, “ouvir”, “chamamento” e “balanço”. Assim como as noções que se referem às pessoas: “companheira”, “marisqueira”, “pescador”, “sambadeira” e “tocador”. Ao longo do texto, à medida que for me referindo a elas, vou explicando seus conceitos, como elas se relacionam entre si e com a própria concepção do Samba de Roda das Marisqueiras como prática política e cultural.

se perceber a partir de uma fala que Nete fez na Roda de Conversa no Encontro de Cultura Popular em Cabrália, que mencionei acima. Naquela oportunidade, membros da diretoria da AMPB escreveram respostas para as quatro perguntas geradoras⁴ da conversa que a organização do Encontro de Cultura Popular elaborou. A resposta para a pergunta “Qual a situação da cultura que eu represento?” foi:

A situação atual da cultura que eu represento é catastrófica (a pior possível). A minha cultura é a Pesca Artesanal, que tenho como herança⁵ dos parentes Índios, que passaram para meus antepassados e é transferida de geração para geração até hoje. Nossa atividade pesqueira artesanal e também cultural, vem sendo depredada e enterrada viva. Com tantos empreendimentos que afetam a saúde dos nossos recursos naturais, afetando a nossa produção, sem contar nos retrocessos e perdas de direitos que assolam e dilaceram as nossas capacidades de resistência na busca de melhoria para nossas vidas. Apesar de tanta luta, dentro da nossa Classe Pesqueira com muita alegria sempre existiu o Samba de Roda, mulheres e homens da nossa comunidade Belmontense se reuniam para comemorar as festas juninas, principalmente São Pedro Padroeiro dos Pescadores e aniversários do povo da comunidade, fazia uma Roda com tambor e tabuinhas e sambavam até o raia do dia cantarolando. Essa nossa cultura foi se perdendo ao longo dos anos e nós da Associação das Marisqueiras estamos na luta ao resgate desse nosso lindo costume, que é fazer comunhão entre as pessoas da comunidade. (arquivo pessoal)⁶

Compreendi, portanto, que era central para a diretoria da AMPB os enfrentamentos aos conflitos socioambientais e políticos que viviam. E que essas “lutas” tinham uma relação direta com o Samba de Roda das Marisqueiras produzido por essa associação, como veremos ao longo do trabalho. Foi por ter entendido isso que o objetivo geral desta pesquisa foi redefinido logo no primeiro período do mestrado, considerando o que o grupo que dirige a AMPB me apontou como sendo suas questões centrais e onde eu poderia contribuir na lida com suas demandas. Assim, este trabalho teve como objetivo geral compreender como a produção do Samba de Roda das Marisqueiras se relaciona com a noção de “luta”, como uma prática política empenhada para a manutenção do modo de vida⁷ da “comunidade pesqueira” de Belmonte (Bahia). O objetivo geral desta pesquisa foi afetado pelas demandas da AMPB e

⁴ As perguntas geradoras foram: “Quem sou?”; “Qual a situação da cultura que eu represento?”; “O cenário ideal para nossa cultura é...”; “Para seguir em comunhão com os diferentes setores culturais...”. Aproveito a oportunidade para agradecer à Fernanda Martins e Cláudio Monteiro pela iniciativa e execução do evento e à Fernanda, dentre tantos apoios, por esta informação.

⁵ No capítulo 1, trabalharei a relação afro-indígena (Goldman, 2015a e 2015b) que essa fala deixa antever através da explicação sobre a “herança que parentes índios passaram para os antepassados” e com o “samba de roda”, que relatam ter sido gerado pelos “negros”, feito pelos “ancestrais” e que tem sido dada continuidade pelos “antigos” e esse grupo na atualidade.

⁶ Utilizo nas citações de textos escritos pelas integrantes da AMPB a forma como o texto foi enviado para mim ou publicado, especialmente, para manter com fidelidade os destaques de alguns significados que podem ser compreendidos pelas palavras que são mantidas em letra maiúscula.

⁷ Ao longo do capítulo 1, apresento em que consiste esse modo de vida, chamado “viver da pesca” que a AMPB “luta” para ser continuado.

suas perspectivas também conduziram as formas deste trabalho contribuir para o objetivo de “dar atenção” à sua produção musical, dialogando com a proposta de práxis sonora de Samuel Araújo (2010). O autor reflete e propõe, com a noção de práxis sonora, uma pesquisa em que seus objetivos não sejam definidos exclusivamente pelo pesquisador acadêmico. Argumenta a favor de uma relação entre a prática política e a reflexão teórica no engajamento de uma pesquisa que explicita seus interesses políticos, ao mesmo tempo, que contribui com práticas que auxiliam no sentido dos interesses do grupo com o qual trabalha.

No percurso dessa pesquisa, deparamos com imprevistos inerentes à vida e, em constante diálogo⁸, eu e as integrantes da AMPB, principalmente a sua diretoria, fomos criando, reinventando e executando formas de intervenção conjunta deste trabalho para atender continuamente ao objetivo de “cuidar”, “dar atenção” ao Samba de Roda das Marisqueiras no foco de contribuir para suas “lutas”. Nem tudo que levantamos como possibilidade, conseguimos executar. Foi importante entender a própria pesquisa como uma negociação em andamento, em que fomos criando as soluções possíveis para atuar nas circunstâncias com os recursos que tivemos, inclusive o tempo. A dedicação de manter engajada com as necessidades e perspectivas das interlocutoras não acadêmicas deste trabalho, me fez compreender que esta pode ser considerada uma pesquisa que atua no âmbito metodológico da práxis sonora (ARAÚJO, 2010).

Tendo apresentado o objetivo geral e o percurso que possibilitou o seu estabelecimento, passo aos objetivos específicos do trabalho:

1. Identificar o contexto sociocultural, histórico, político e ambiental em que o Samba de Roda das Marisqueiras é produzido, compreendendo as “lutas” enfrentadas pela Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte.
2. Entender os elementos fundamentais do Samba de Roda das Marisqueiras, apresentando os modos de praticar o “dar atenção” a ele e compreendendo os processos de “decisão” que acontecem para a produção deste “samba de roda” e das “lutas” da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte.

⁸ Tive como inspiração a experiência de Pedro Mendonça et al. (2018) na elaboração de sua tese de doutorado cujo título é “Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no Sarau Divergente: uma pesquisa-ação participativa”. Para realização desta tese de doutorado foi composto um grupo de pesquisa a partir do qual conseguiram criar e realizar um processo altamente conjunto de leituras, participações em congressos acadêmicos e escrita do trabalho.

3. Refletir como a “luta” e a produção do Samba de Roda das Marisqueiras afeta seus participantes e a comunidade, apresentando o enfrentamento de uma das “lutas”.

Aproveito para esclarecer o uso que é feito, localmente, de algumas palavras que serão usadas recorrentemente ao longo do texto. São chamadas de “marisqueiras”, nesta comunidade, tanto as mulheres que tratam os pescados (mariscos, peixes e crustáceos) e já os deixam apropriados para o preparo de receitas, como as mulheres que também pescam no rio ou no mangue. O termo “pescadora” é uma forma de se referir a essas “atividades”, mas é mais usado em espaços de reuniões com coletivos da pesca debatendo os seus direitos trabalhistas. Nos espaços de intimidade e momentos cotidianos chamam-se geralmente de “marisqueiras”, sendo, por isso, a palavra que mais escreverei para me referir ao grupo e às pessoas com as quais trabalhei. Para se referir ao homem que desempenha essas mesmas funções, usa-se o termo “pescador”, sendo que é mais raro que o homem “limpe” ou “cate” o seu próprio pescado. Em geral, esta tarefa fica a cargo de alguma mulher de sua família.

Para se referirem ao Samba de Roda das Marisqueiras e a outras manifestações culturais que apresentam elementos semelhantes, costuma-se usar com mais frequência a expressão “samba de roda” ou “samba”. Em poucas ocasiões também foi possível ouvir “roda de samba” e “baticum”. A mulher que participa do samba de roda costuma ser chamada de “sambadeira” e o homem que participa tende a ser chamado de “tocador”. Ocasionalmente, referiram-se a alguma mulher como “tocadora” ou a algum homem como “sambador”, como veremos melhor no capítulo 1.

O samba ganhou espaço nos estudos e reflexões acadêmicas alinhado com o destaque que alcançou como um dos elementos da construção da identidade nacional brasileira mestiça desde, pelo menos, os anos 1930. Gênero musical de origem negra, conviveu com repressão, preconceitos e racismos mesmo durante o processo de negociação entre diferentes grupos (músicos negros, classes economicamente abastadas brancas, intelectuais dessa elite, meios de comunicação de massa e Estado), que provocaram essa projeção do ritmo como representação da identidade brasileira (VIANNA, 2002, p. 152).

O samba que ocupou esse posto de símbolo musical da nação foi o produzido no Rio de Janeiro (IPHAN, 2006, p. 69), então capital do Brasil, difundido pelo país através do rádio e, internacionalmente, com as imagens do personagem Zé Carioca e Carmem Miranda nos cinemas (DORING, 2016, p. 19). Graeff (2015, p. 13) e Carmo (2009, p. 49) apontam que a

imigração de muitos baianos negros para a cidade do Rio de Janeiro, no meio do século XIX, possibilitou a geração do samba carioca, pois este tem como importante matriz o samba de roda baiano (IPHAN, 2006, p. 70). O parentesco entre esses dois sambas é bem fundamentado no trabalho de Nina Graeff (2015) a partir de suas estruturas rítmicas. Ela fala também sobre a dificuldade de se determinar cronologicamente onde o samba teria sido produzido primeiro, por terem variadas expressões culturais brasileiras e africanas que apresentam correspondências com as práticas dos sambas de roda atual, que foram sendo referidas ao longo da história com variados nomes, dentre eles, samba e batuque (GRAEFF, 2015, p. 22).

IPHAN (2006, p. 30) e Carmo (2009, p 50-51) informam que o termo batuque era comum para se referir às diversões dos negros durante a primeira metade do século XIX, tanto no Brasil, como na África. A primeira documentação no Brasil que menciona o samba, mas sem qualquer descrição, é de 1838 em um jornal de Pernambuco. E na Bahia, a primeira referência ao samba é de 1844, em um relato feito por um carcereiro da prisão municipal de Salvador ao chefe da polícia, relacionando-o à alarme, estrondo e desordem. É na segunda metade do século XIX, primeiramente em 1864, que a palavra “samba” é encontrada com frequência nos registros policiais e da imprensa com características semelhantes às dos sambas de roda do Recôncavo baiano (IPHAN, 2006, p. 30).

Rosa Cláudia traz uma descrição de um batuque em Luanda que guarda significativas semelhanças com o samba de roda:

Para demonstrar a origem congo-angolana, tanto Carneiro como Câmara Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro (1952), mencionam o livro de Alfredo de Sarmiento, *Os sertões D’Africa, Apontamentos de viagem*, Lisboa 1880, onde o autor descreve o batuque visto por ele em Luanda, Angola: “Em Loanda e em vários outros presídios e distritos, o batuque difere d’este que acabamos de descrever, que é peculiar do Congo e dos sertões situados ao norte do Ambriz. Nesses districtos e presídios, o batuque consiste também num círculo formado pelos dançadores, indo para o meio um preto ou preta, que depois de executar vários passos, vai dar uma embigada, a que chamam semba, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do círculo, substitui-lo. (Sarmiento 1880: 127)” . (KRSTULOVIC, 2016, p. 24).

O destaque que o samba teve nacional e internacionalmente nos últimos quase cem anos fizeram com que, em 2004, o ministro da cultura Gilberto Gil indicasse este gênero musical para compôr a III Declaração das Obras Primas do Patrimônio Imaterial da Humanidade da Unesco. Carlos Sandroni (2005 e 2010) explica que a instituição só declara como patrimônio imaterial da humanidade bens de uma comunidade ou etnia bem delimitadas geograficamente e que estão em risco de desaparecimento. Há um debate em

torno dessa idéia de “risco de desaparecimento” que as expressões culturais correriam com as transformações da vida moderna muito bem apresentada no texto “A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil” (GONÇALVES, 2006) . Essa idéia de “risco de desaparecimento” foi caindo em descrédito, e, de acordo com Sandroni (2005), Canclini defende, inclusive, que o capitalismo tenderia a reforçar aspectos da cultura popular tradicional. Sandroni (2005) ainda reflete que, talvez, o que desaparece, pode renascer de outra forma e passar a ocupar a função do que desapareceu.

Para atender aos critérios de exigência da Unesco (risco de desaparecimento e comunidade ou etnia bem delimitada geograficamente) foi indicado o samba de roda do Recôncavo baiano. Assim, tratava-se de uma expressão cultural circunscrita a uma área geograficamente delimitada e seu risco de desaparecimento se configurava pela desvalorização social dos produtores do samba de roda⁹. Além de que, como já falado, a estrutura rítmica aponta essa relação histórica do samba de roda do recôncavo baiano com o samba de realce no plano nacional (o samba carioca).

Interessante observar que o texto que traz os estudos feitos para apoiar a indicação do samba de roda do Recôncavo baiano como patrimônio imaterial da humanidade informa que:

O samba de roda ocorre em todo o Estado da Bahia. Apresenta inúmeras variações que parecem estar relacionadas com aspectos ecológicos, históricos e socioeconômicos das diferentes regiões do Estado. Mas o Recôncavo – como veremos, em detalhe, a seguir – tem importância fundamental na formação política, social e econômica do Estado da Bahia. É responsável também pelas suas principais referências culturais, artísticas e, por assim dizer, pelo ethos atribuído, fora e dentro do Estado, ao povo baiano. (IPHAN, 2018, p. 17).

Assim, em 2004, o samba de roda do Recôncavo baiano foi registrado pelo Iphan no Livro de Registros das Formas de Expressão e, em 2005, passou a compor a lista de Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade da Unesco. Foi a primeira manifestação de matriz africana do Brasil a se tornar patrimônio cultural da humanidade. A patrimonialização trouxe para o samba de roda do Recôncavo baiano, em especial, uma maior visibilidade e estimulou maior mercantilização dessa expressão cultural, o que acelerou

⁹ As condições sócio-econômicas da maior parte dos sambadores e sambadeiras interferem nas possibilidades de continuidade de sua expressão cultural. Estigmatizados socialmente por serem negros e em situação econômica precária - vivendo de pesca artesanal, agricultura de subsistência ou pequena aposentadoria - eles não representam para a maior parte das gerações mais jovens de suas comunidades um modelo a ser seguido (IPHAN, 2006). As perspectivas da vida moderna, que vem da capital do Estado e de outros centros econômicos do país, se mostram mais atrativas para a juventude dessas comunidades. Alteram também, assim, os próprios valores simbólicos da produção do samba de roda para esses jovens.

processos de transformação social e musical, como dissertam Nina Graeff (2015) e Raiana Carmo (2009). Uma das mudanças percebidas pelos produtores do samba de roda do Recôncavo baiano foi que mais pesquisadores passaram a querer fazer estudos com eles, o que contribuiu para uma visibilidade desejada pelos seus produtores fora de suas comunidades. E com orientação da associação formada como consequência do processo de salvaguarda do bem¹⁰, eles marcam a importância de terem devolvidas para eles as produções acadêmicas e demais desenvolvidas com eles (CARMO, 2009, p. 96 - 98).

O samba e o samba de roda são amplos universos, o que tem estimulado pesquisas com enfoques variados. Um dos interesses deste trabalho é discutir a atuação das mulheres na produção do samba de roda, no caso, no Samba de Roda das Marisqueiras de Belmonte (litoral sul da Bahia). Os primeiros registros históricos de samba de roda na Bahia assinala a presença de mulheres tocando instrumentos como o pandeiro, “tirando o samba”¹¹ e dançando, como expõe o dossiê do IPHAN. O documento apresenta esses registros de mulheres “tirando o samba” ou tocando pandeiro como características que, no geral, não se mantiveram no Recôncavo baiano. No Recôncavo, as participações das mulheres hoje em dia se encontram mais no sambar, na resposta do canto, no bater palmas e tocar o prato com a faca.

Os sambas do início do século XX, no Rio de Janeiro, contavam também com a participação ativa e marcante das mulheres, muitas propiciavam em suas casas as reuniões em torno do samba (CARMO, 2009, p. 49). Katharina Doring nos lembra que:

a luta pelo reconhecimento do samba na cultura nacional levou a profissionalização dos músicos, dando destaque para compositores, letristas e exímios instrumentistas, cada vez mais afastando a importância e participação das mulheres negras no processo constituinte do samba, onde elas continuavam como “Baiana”, “Tia”, “Mãe”, reduzindo seu papel a vários estereótipos reunidos em torno da mulher em geral, e da mulher negra em especial, porque carrega consigo a conotação de séculos de escravatura, confinando a mulher negra ao lugar da “ama de leite”, “reprodutora”, “cuidadora”, “cozinheira”, ou então objeto sexual entre outros. (DÖRING, 2016, p. 22)

Jurema Werneck (2007) cuidou em sua tese de evidenciar o protagonismo que as mulheres negras tiveram e tem também no samba difundido pelas mídias de massa como compositoras, cantoras e instrumentistas, apesar das negociações com a sociedade branca que implicam em um apagamento das relevantes atuações dessas mulheres na trajetória passada e presente do samba. Destaco algumas das mulheres negras deste “samba brasileiro”: Clementina de Jesus, Araci Cortes, Jovelina Pérola Negra, Aracy de Almeida, Dolores Duran,

¹⁰ Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (Asseba).

¹¹ Iniciando o canto de um samba.

Elizeth Cardoso, Carmen Costa, Dona Ivone Lara, Clara Nunes, Alcione, Leci Brandão, Glória Bonfim, Elza Soares, Fabiana Cozza, Mart'nália, Mariene de Castro, Teresa Cristina, Nilze Carvalho, Marina Iris, Nina Rosa, Dóris do Samba e Adriana Araújo.

Os textos de Katharina Döring (2016) e o artigo de Francimária Ribeiro e Laila Rosa (2015) enfatizam o protagonismo de mulheres em sambas de roda em diferentes contextos. Katharina informa a importância da palavra das mulheres durante a produção do samba de roda, ou a presença essencial delas como sambadeiras, e também participações como instrumentistas, compositoras, e cantoras nesses meios (DÖRING, 2016, p. 24). Mas debatem o fato do protagonismo dessas mulheres conviver com tentativas de invisibilizá-las como sujeitas, cidadãs, transmissoras dos saberes e produtoras das performances musicais (DÖRING, 2016, p. 26). Francimária e Laila argumentam a necessidade de estudos feitos com essas mulheres para permitirem o “registro da história e do protagonismo de mulheres negras que é insistentemente ignorado e institucionalmente invisibilizado pelo sistema capitalista-racista-burguês”(RIBEIRO; ROSA, 2015, p. 105-106). Contam também sobre como a ida ao samba pode ser um processo de “resistência” dentro das relações familiares, por ser um questionamento a padrões normativos que estabelecem que o “lugar de mulher” seria em casa:

Viúva há poucos anos, Dona Mariinha disse que tinha uma boa relação com o esposo. Contudo, a dicotomia público/privado e a demarcação casa/rua, que institui “lugar de mulher” e “lugar de homem”, presentes na lógica patriarcal de sociedade responsável pela redução do papel da mulher à esfera doméstica foi vivenciada por ela. Suas constantes saídas para acompanhar o Samba de Roda Suerdieck em apresentações públicas era motivo de descontentamento do marido: “- Ele não gostava, mas ele não me impedia... e eu ia assim mesmo. Antes a vida era assim. A mulher ficava só em casa para cuidar dos filhos. O marido que trabalhava né? Mas hoje em dia as mulheres querem ser independente. Não quer ficar em casa pra tomar conta de filho, nem cozinhando, nem lavando, nada disso. Quer trabalhar pra ter a vida dela livre também, porque quando um homem bota uma cadeira dentro de casa, ela bota uma mesa. Quando ela bota uma geladeira, ela bota uma televisão. E aí, como é que diz? Vão prosperar. Eu acho que seja isso mesmo.” (RIBEIRO; ROSA, 2015, p. 104-105).

Esses debates também atravessam o contexto social do Samba de Roda das Marisqueiras de Belmonte, tendo sido, assim, fontes fecundas de informação para o desenvolvimento deste trabalho. Perceberemos como diferenças de gênero, assim como de geração, religiosas e de associação à uma instituição também operam através da produção deste “samba de roda”.

Entendo que aproximar desta performance musical com a perspectiva etnográfica adotada, em constante conversa com os caminhos propostos pelas próprias mulheres e

homens produtores do Samba de Roda das Marisqueiras, em especial, com aquelas que são membras da diretoria da AMPB, contribuiu para uma consistente compreensão desta produção musical e também de sua relação com as práticas políticas deste grupo. Essa perspectiva metodológica propiciou os amparos gerados a partir das análises da noção de pessoa e dos processos de aprendizado. E os estudos e as ações foram dedicados a uma região e a uma cidade que possuem ainda poucas produções acadêmicas a respeito.

Para realizar este trabalho foi de grande importância consultar e analisar pesquisas realizadas que contemplaram a cidade. Os textos de Francisco Cancela (2007, 2012 e 2015) apresentaram um rico panorama histórico da região. Colaborou, especialmente, para compreender relações de negociação e conflitos entre diferentes grupos que compuseram a população da cidade e região, além das dinâmicas socioculturais estabelecidas no território estudado. A dissertação de Levindo Pereira Junior cujo título é “A Micropolítica da “política”: um estudo em torno das eleições municipais em Belmonte - Sul da Bahia” e o trabalho de Durval Pereira de nome “Belmonte, memória, cultura e turismo: numa (re)visão de Iararana de Sosígenes Costa”, colaboraram ao evidenciar bem uma conjuntura histórica e social mais recente da cidade. Enquanto a tese de Bianca Arruda “Os candomblés de Belmonte: variação e convenção no sul da Bahia” trouxe contribuições valiosas por ter se dedicado ao estudo dos candomblés da cidade, religião de matriz africana, que compartilha de mesmo universo de concepções que informa a produção da “brincadeira” do Samba de Roda das Marisqueiras.

Para contar como vivem e pensam o Samba de Roda das Marisqueiras e as “lutas” da AMPB parti, principalmente, do ponto de vista das integrantes da diretoria¹² da AMPB, que participam com maior frequência desses sambas de roda, e das outras pessoas que produzem essa performance musical. Pude apreender como essas práticas políticas são “organizadas” de uma maneira que as dimensões acionadas com as idéias de “cultura”, “tradição”, “luta”, “religião e “saúde” estão associadas umas às outras, semelhante ao que indicam Márcio Goldman (2007, p. 21-22) e Virna Plastino (2011, p. 7) sobre outros contextos de pesquisas em que diferentes dimensões da vida também estão imbricadas.

Virna Plastino analisa a produção do candombe no bairro de Ansina, na cidade de Montevideo (Uruguai), e traz importantes contribuições para as reflexões feitas nesta

¹² Compõe atualmente a diretoria da AMPB Elionete (presidente), Perisvânia (vice-presidente), Kita (tesoureira), D’ajuda (secretária), Pedrina (conselho fiscal), Jane (conselho fiscal), Leninha (Helena- conselho fiscal).

dissertação, como apresento ao longo deste texto. Um dos pontos importantes da tese de Plastino (2011) foi explicitar que teorias produzidas pelo grupo que realiza a prática do candombe no bairro (PLASTINO, 2011, p. 10) relacionam as experiências do toque do tambor, cantos e dança com práticas religiosas e do movimento afro-organizado. Também percebo, a partir do estudo do Samba de Roda das Marisqueiras, que este grupo sustenta teorias próprias quando relacionam suas práticas de cuidado, religiosas e de articulações políticas para empenhar as “lutas” com as experiências do toque do tambor, cantos e dança do Samba de Roda das Marisqueiras. Nesse sentido, a prática da luta que se realiza com a produção deste “samba de roda” é uma expressão vivenciada e engajada pela continuidade das formas de agir e pensar deste grupo, dialogando com o que analisa Muniz Sodré: “no samba tradicional, há fortes aspectos de resistência cultural ao modo de produção dominante na sociedade atual” (SODRÉ, 1998, p. 59). Além de serem “lutas” por melhor “qualidade de vida” para a “comunidade pesqueira”, querem mais que inclusão à ordem social preexistente (GOLDMAN, 2007, p. 11). É também afirmado reconhecimento e respeito à própria forma de conceberem e viverem essas dimensões, de forma intrincada, da vida social.

Virna Plastino (2011) mostra em sua tese, mencionada acima, que os processos de aprendizado entre as pessoas candomberas de Ansina acontecem, principalmente, a partir das categorias locais de “convivência”, “participação” e “sangue” (PLASTINO, 2011, p. 6). Neste contexto em que fiz a pesquisa, fui compreendendo, a partir das práticas dessa performance musical, das “lutas” e do “viver da pesca” como os processos de aprendizado e transmissão de saber se realizam com base nas categorias locais de “acompanhar”, “participar”, “ouvir”, “família” e “raiz” e são complementares entre si. Isso me fez alcançar como é concebida a idéia e é criado o corpo da própria pessoa “marisqueira”, “pescador”, “sambadeira”, “tocador” e “companheira”. Essa sustentação trouxe para o centro deste trabalho a circulação da idéia de “força”, “energia”, “axé”, transportado pelo “ouvir”, pela “fala” e “conversa”, pelo tambor que “chama”, pela música que “vem” e “toca” quando se “faz parte”. Guarda, assim, semelhança com a análise feita por Virna Plastino sobre o candombe em Ansina. A autora observa que, a partir da escuta do toque dos tambores, e na relação com os ancestrais, com o bairro, com as famílias, emerge a *fuorza* (PLASTINO, 2011, P. 23), categoria que a pesquisadora identifica com a noção de axé (PLASTINO, 2011, p. 246). Refletindo sobre o Samba de Roda das Marisqueiras, analiso que é o manejo desta “força” que se “cuida” quando se faz a “brincadeira” enraizada.

Fazer este trabalho “acompanhando” os sambas, “lutas” e os jeitos de “viver da pesca” foram me fazendo “ganhar o entendimento” de como se “dá atenção”, como se “cuida” do samba. Esse entendimento foi incorporado ao mesmo tempo em que eu “ajudava” a “cuidar”, a “dar atenção” e a “lutar”. E, assim, este próprio texto foi ganhando corpo e “força”.

Um modo de viabilizar que a AMPB pudesse se expressar diretamente no trabalho da forma como suas integrantes preferissem fazer, foi através da elaboração da carta que integra esta dissertação, sendo apresentada em seu primeiro anexo.¹³ A redação da carta foi uma sugestão minha feita em conversa com Nete, D’Ajuda, Pedrina e seu filho Lorenzo¹⁴ que nos “acompanhava”. Pedrina disse: “Eu acho melhor! Porque fica parecendo... Parecendo não, porque a gente está sendo participativa no seu projeto, no seu trabalho. Vai aparecer mais a nossa fala na carta. Seria uma idéia!”

A escrita da dissertação é composta por três tipos de escritas, explico a seguir, que dialogam entre si: a escrita da carta de apresentação que a diretoria da AMPB redigiu em maio de 2019, na época da qualificação deste mestrado; as citações de conversas que aconteceram durante o trabalho de campo que tive com minhas amigas e amigos participantes do Samba de Roda das Marisqueiras, integrantes da associação e da “comunidade pesqueira” da Biela e região; e a escrita analítica fruto de reflexões e compreensões alcançadas tanto no período mais intenso de trabalho de campo, como no momento em que estive mais assentada na minha casa em Porto Seguro ou nos lares que me acolheram em Minas Gerais.

Virna Plastino (2013) elaborou uma idéia em sua tese em que duas vozes seguiam dialogando em seu trabalho, assim como acontecia no candombe que ela estudou. Inspirada nessa imagem sonora, compreendo que é através dessa conversa que esta dissertação ganha consistência. A harmonia e contrapontos entre essas três falas (carta das marisqueiras da AMPB, diálogos do campo e escrita analítica) compuseram a voz que este trabalho ressoa. Em acordo com as conversas que acontecem no Samba de Roda das Marisqueiras, como vieram me explicando alguns de seus participantes, quando o toque dos três tambores, “chamam”, “tocam”, afetando as pessoas que participam da performance, e possibilitam

¹³ Para seguir a apresentação do texto de dissertação recomendada academicamente, esta carta elaborada pela AMPB segue entre os anexos. Aproveito a oportunidade para recomendar que seja lida integralmente logo no começo da leitura desta dissertação.

¹⁴ Lorenzo na época estava com um ano e dois meses de idade. Acompanhou sua mãe na maior parte das inúmeras conversas que tivemos e nas variadas atividades que participei ao longo desta pesquisa.

comunicações entre tambor, pessoa, entidade e ancestralidade, semelhante ao que nos apresenta Plastino (2013, p. 8) no contexto estudado pela autora.

Os diálogos que mantive com participantes deste samba de roda, integrantes da AMPB e da comunidade de pescadores da Biela, também se estenderam por meios virtuais. Fizemos inúmeras conversas por mensagens escritas, áudio e imagem por whatsapp, tanto individualmente como em grupos que formamos ao longo desta pesquisa e em outros já existentes aos quais fui integrada, por membras da AMPB, de acordo com o entendimento que tinham da pertinência de minha participação nesses espaços. O facebook e e-mail também foram ferramentas dessa pesquisa.

Para as conversas presenciais o gravador foi um recurso técnico que foi muito utilizado. Combinava antecipadamente com as(os) interlocutoras(es) seu uso e entendo que o fluxo de nossas conversas estiveram diretamente relacionadas com a confiança, respeito e intimidade que vim desenvolvendo com cada interlocutor(a). Prazeroso e trabalhoso foi ouvir e transcrever as tantas horas de gravações geradas, mas não resta dúvida de que foi um fruto valioso que apoiou bem as análises elaboradas durante este projeto.

Cada gravação e as transcrições feitas estão sendo repassadas para as pessoas que participaram respectivamente de cada conversa. A proposta é que elas próprias possam escolher o que querem arquivar e com quem querem compartilhar¹⁵. As gravações de reuniões coletivas estão sendo enviadas para a AMPB. Outros produtos materiais¹⁶ elaborados pela pesquisa foram repassados às integrantes da associação, como: projeto feito para, e inscrito, no edital da Lei Rouanet de 2020 e uma apostila preparada para o Festivale 2019 com receitas desenvolvidas pelas marisqueiras da AMPB.

Durante os trabalhos de campo, dediquei relativamente menos tempo em fazer registros de fotografias ou vídeo, ainda que tenha um considerável acervo que já está salvo nos arquivos da AMPB. Outras pessoas também me encaminharam fotografias e vídeos que fizeram das performances musicais, reuniões ou demais situações vivenciadas ao longo do trabalho de campo e tive o cuidado de repassá-los para os arquivos do notebook da associação.

¹⁵Ofereci para editar trechos, caso as(os) interlocutoras(es) queiram que parte seja armazenada coletivamente junto a AMPB e algum trecho resguardado em arquivo pessoal.

¹⁶O presente texto desta dissertação veio sendo compartilhado até sua finalização com as associadas da AMPB, assim como o texto apresentado na qualificação deste mestrado.

Fizemos juntas a leitura de documentos importantes, e conversamos sobre os mesmos, para compreender o que vinha acontecendo e como poderíamos lidar com um dos grandes impactos socioambientais que acometeu Belmonte e toda extensão do litoral do nordeste e parte do sudeste brasileiro no segundo semestre de 2019: o derramamento de óleo cru na costa brasileira¹⁷. Com algumas poucas membras da AMBP, assistimos e conversamos brevemente sobre vídeos que apresentam realidades diretamente relacionadas com o samba de roda, com a vida de comunidade pesqueira e semelhantes conflitos socioambientais enfrentados pela AMPB.

Em alguns momentos apresentei o interesse e possibilidade de lermos e debatermos conjuntamente bibliografia que contribuísse para a reflexão dos temas e interesses da pesquisa. Entretanto, não consegui criar maneiras ou momentos mais empenhados para realizar essa prática conjunta de leitura, ou mesmo de escrita do próprio texto da dissertação. O tempo de produção de um mestrado, minha falta de experiência com esse processo e até a própria tradição acadêmica de produção individual dos textos dissertativos trouxeram adversidades.

Durante os trabalhos de campo junto aos Sambas de Roda das Marisqueiras também participei sambando, batendo palmas e até mesmo cantando. Essa inserção foi instigada a partir do primeiro “samba de roda” produzido pela AMPB em que estive presente. Este “samba” aconteceu na festa em homenagem a Iemanjá¹⁸, organizada pela prefeitura de Belmonte em fevereiro de 2018.

Naquele domingo, dia 04 de fevereiro, cheguei um pouco mais cedo em Belmonte para contribuir com algo, se fosse necessário. Nete pediu para eu ir com ela na casa do mestre de capoeira, na Biela, buscar um dos tambores que seriam tocados para fazer o “samba”. Quando chegamos com o tambor na praia do mar moreno, onde iria acontecer a apresentação, ela pediu para que eu buscasse três sambadeiras que estavam no Mercado, próximo ao porto da cidade. Fui até lá, mas não as conhecia ainda. Chegando, fui identificando quem poderiam ser. Elas estavam rindo em conversas, numa das mesas da porta do Mercado que estava fresquinha junto da sombra do Bosque dos Namorados. Alegres, bebendo uma cervejinha, elas continuaram no carro suas conversas. Gargalhavam, brincavam e, em um momento,

¹⁷ A “luta” contra o “maldito” óleo é abordado no terceiro capítulo desta dissertação.

¹⁸ Iemanjá é uma entidade das religiões de matriz africana no Brasil relacionada ao mar e a esse ecossistema. A data mais difundida no Brasil de celebração da entidade é o dia 02 de fevereiro. Neste ano de 2018, a comemoração organizada pela prefeitura de Belmonte ocorreu no dia 04 daquele mês.

“puxaram”, ali no caminho, um samba de roda. Entoaram alto e alegre aquele samba que veio a encontrar com a memória de um que gosto bem¹⁹. Eu, que até então estava mais tímida e silenciosa, senti um cutucar: aquela dúvida se devemos ficar quietas ou deixar o impulso do gosto fluir. Arrisquei e deixei a voz que cantava dentro de mim compartilhar com elas aquela lembrança: “Dona da casa, me dá licença pra eu sambar na varanda com chapéu na cabeça e facão de banda. Dona da casa, me dê licença! Me dê seu salão para vadiar. Me dê seu salão para vadiar! Me dê seu salão para vadiar! Eu vim aqui foi para vadiar! Eu vim aqui foi para vadiar! Vadeia, vadeia, vadeia! Vadeia, pomba, na areia! Vadeia, vadeia, vadeia! Vadeia, pomba, na areia!”

Elas riram contentes e interessadas. Pediram para eu cantar outra vez para “pegarem” a letra. Na confusão contente do carro, uma delas, Dona Lelita, disse: "você vai puxar esse hoje lá²⁰!” Sorri. Por dentro também me sorri, mas não tomei aquilo como certo. Interpretei aquela afirmação talvez como uma empolgação do momento, mas não necessariamente como um convite ou uma vontade e abertura que permaneceriam. Chegamos na praia, elas se juntaram às outras sambadeiras que já estavam lá no meio das outras pessoas que se reuniam para aquele dia de festividade religiosa.

Até dar a hora do Samba de Roda das Marisqueiras se apresentar, outras expressões culturais da cidade se manifestaram. Terreiros de candomblé da cidade festejaram aquele momento de diferentes maneiras: a casa de Mãe Otilia levou, com um barco, as oferendas para a Rainha do Mar; Elenildes (Nem) me chamou para ir à beira da praia avistar o momento de entrega da oferenda da casa de sua mãe de santo, ela acompanhava emocionada; outros terreiros cantaram e dançaram de roupas brancas, enfeitados de flores perfumadas de

¹⁹ Em Minas Gerais participei, por alguns meses, de sambas de roda do “Samba de Terreiro” organizado na época por Camilo Gan e Benjamin Abras e, eventualmente, fui a alguns do “Samba da Meia Noite”. Realizei um curta sobre este grupo em um trabalho da disciplina de Patrimônio Cultural durante a faculdade de Antropologia. O vídeo pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=TZW9DA7x1bc&t=544s>. No ano de 2016 fui convidada a compôr um grupo de samba de roda formado só por mulheres, iniciamos o projeto, mas ele ficou suspenso até que me mudei para a Bahia.

²⁰ Este evento imprevisível de um samba de roda entoado por elas me fazer lembrar esse do qual gosto muito e com isso eu decidir arriscar cantá-lo, parece que ajudou a criar uma maior aproximação entre a gente. Como se a partir daquele momento tivéssemos ficado mais à vontade umas com as outras e nos tornado mais acessíveis. Esse episódio me remeteu ao caso que Geertz (1989) relata no começo de seu texto "Um Jogo Absorvente: notas sobre a Briga de Galos Balinesa". O autor conta que no início de seu trabalho de campo, em uma pequena aldeia balinesa, ele e sua esposa eram tratados pelos aldeões como criaturas inexistentes ou invisíveis, sendo recorrentemente ignorados de inúmeras formas. Esta forma de interação, subitamente, se transformou quando o pesquisador e sua esposa fugiram da polícia, acompanhando os aldeões, quando os policiais interromperam uma briga de galo que ocorria em praça pública. A partir desse episódio, o pesquisador compreendeu que passou a ser aceito. Esta foi uma reviravolta na forma de relacionamento do casal com a comunidade.

alfazema que espalhavam cheiro de banho. Circulavam dançantes por baixo do toldo instalado pela prefeitura. E a chuva lavou muito também. Fez ajuntar mais, debaixo do toldo branco, todos nós que tentávamos assistir aos cantos, danças e cheiros que aconteciam ao centro daquela tenda. Houve também a “brincadeira” das Negas Nagô, com a mestra Dona Dézinha conduzindo as outras mulheres que respondiam cantando seus entoados ao som dos tambores²¹. E houve uma apresentação de samba que remetia a um samba de roda ao mesmo tempo que dava a sensação de uma atuação ensaiada. Compunha a roda e a dança um grupo de pessoas jovens, homens e mulheres, que vestiam trajés nas cores azul e branca com transparências e decotes. A dança era sensualmente provocativa e animada.

Enquanto essas manifestações aconteciam, mais sambadeiras do Samba de Roda das Marisqueiras vinham chegando. Elas com suas saias de chita de cores variadas, blusas brancas e o torso de chita (uma faixa para enfeitar os cabelos) compoendo com a saia. Queriam colocar o torso fazendo, à frente e alto da cabeça, um acabamento simulando uma flor. Quem costuma fazer esse enfeite nas faixas para cada sambadeira é Pedrina. Entretanto, como a gravidez de Lorenzo estava bem adiantada e em uma situação mais delicada, Pedrina achou arriscado participar daquele samba. Ela comentou que tinha que estar atenta também aos “cuidados” com sua espiritualidade, pois, grávida e numa situação que demandava zelos, não convinha participar do samba, para não ocorrer de “incorporar”, “manifestar” ou se sentir mal. Dessa forma, as sambadeiras estavam buscando jeitos de fazer a torção em flor na faixa, pedindo ajuda. Dandara, amiga minha que fez a pesquisa com as Negas Nagô, estava presente. Tem sabedorias na arte do turbante e faixas e começou a ajudá-las. Fui vendo, reparando e aprendendo e comecei a ajudá-las também. Elas foram gostando das flores torcidas umas das outras e pedindo que nós fizéssemos em quem ainda estava sem.

No canto direito, da parte da frente da tenda em que estávamos todos reunidos, os três tambores foram posicionados pelos “tocadores”. Eles começaram a tocá-los e adiante deles uma roda começou a ser formada pelas “sambadeiras”. Assim que a roda se formou, os “tocadores” foram tocando com mais energia os atabaques. Lelita se posicionou ao lado direito da linha de tambores e foi revezando junto com Isabel, sua irmã, e Sr. Demétrio os

²¹‘Negas Nagô’ é uma “brincadeira” de Belmonte produzida por um grupo de mulheres, maioria moradoras da Biela e que tem em Dona Dezinha sua Mestra. Para maiores informações, recomendo acessarem o trabalho de dissertação de Dandara Silva que foi defendida no final de 2019 e está em vias de ser publicado. Com autorização de Dandara, informo o email dela para que as pessoas interessadas possam pedir a ela acesso ao texto fruto dessa dissertação: dandarassilva@yahoo.com.br.

primeiros cantos que foram “puxados”. Uma das “sambadeiras” foi ao centro e começou a dança em destaque passando perto dos tambores e depois chamou outra “sambadeira” para substituí-la ao centro.

Ao redor da roda as pessoas se aproximavam para conseguir ver a dança. De fora da roda, eu acompanhava esse início de dinâmica. Nete batia palmas ritmadas e remexia o corpo na roda formada e me chamou para juntar a elas para sambar. Neguei e sorri. Ela insistiu para que eu me juntasse. Duas, três vezes. Por fim cedi ao convite e à vontade do meu corpo: compus a roda que se formava em continuidade circular à linha dos três tambores que eram tocados e no centro revezava a mulher que sambava. Comecei a bater as palmas e remexer o corpo aguardando o “passar” do samba pela mulher que estivesse sambando no meio da roda. Antes que isso acontecesse, Lelita, que cantava ao microfone “puxando” os sambas, me chamou com firmeza para cantar o samba que eu havia “puxado” no carro. Falei não, pensando que poderia ser mais cuidadoso participar daquele “samba” naquele lugar da roda em que eu já estava. Ela insistiu e senti que era verdadeira aquela sua vontade de me ver participando assim. Aproximei-me dela e cantei. Ela cantou comigo enquanto aprendia a letra daquele “samba”. Pedi para eu continuar a cantar e foi para o meio da roda sambar performando o facão e o chapéu como anunciava a letra do samba.

Sr. Demétrio começou uma nova música e as “sambadeiras” o acompanharam no canto. Em alguns sambas as “sambadeiras” cantavam mais animadas, como na música que diz “Helena, Helena! Helena é a flor da noite. Helena”. Os versos de cada samba se repetiam algumas vezes e, aos poucos, eu ia aprendendo e me juntava ao coro. Pessoas que antes estavam de fora também entravam para a roda. Dandara, que estava presente iniciando sua pesquisa junto às Negas Nagô, pegou uma das saias de chita emprestada e também veio participar. E o Samba de Roda das Marisqueiras se estendeu naquela “apresentação” compondo a celebração ao dia de Iemanjá por mais uma hora.

Narro este episódio para trazer breve descrição de uma das apresentações do Samba de Roda das Marisqueiras e para abordar como, a partir dessa experiência, a dança e o canto se tornaram um método de pesquisa desta investigação (KRSTULOVIC, 2016, p.17). Permitiram que eu compartilhasse com as(os) produtoras(es) do Samba de Roda das Marisqueiras espaços físicos e acessasse significados que me ajudaram a compreender de forma singular como pensam e vivem esta performance musical, assim como as relações que

estabelecem com as “lutas” enfrentadas pela AMPB. Além de ter favorecido aproximações entre mim e essas (es) participantes.

Relatei os primeiros contatos que tive com as pessoas com quem o trabalho foi feito, sobretudo. As relações com várias delas veio se estreitando, virando, entre algumas, um encontro de amizade e, em geral, uma relação de confiança, respeito e grande bem querer. Durante esses meses de campo convivi, principalmente, com as famílias das sambadeiras que também são marisqueiras: Pedrina²², Cléria e Mariana; Kita, Selma e Laila; Elionete e Helen; Nem, Katrine (juntamente com Wellington e Osni). Além disso, teci fortes relações com essas (es) participantes do samba: Luana (sambadeira), Sr. Demétrio (tocador), Val (sambadeira e marisqueira), Dinha (sambadeira e marisqueira), Dona Lourdes (sambadeira e marisqueira), Carmém Lúcia (sambadeira e marisqueira), Lelita (sambadeira e marisqueira) e Cássio (sambador). Com outras marisqueiras e pescadores que não participam sambando ou tocando dos Sambas de Rodas das Marisqueiras também fiz valiosos e significativos vínculos: D’Ajuda, Delci, Perisvânia, Lucimara, Dainha, Sinha, Lenice, Rita, Mara, Alessandra, Sr. Ailson, João Justiniano (Cheiro Bom) e Daco.

O trabalho de campo aconteceu, ao longo do tempo, em convivências nas casas e calçadas dessas famílias, em cerimônias religiosas, em espaços representativos da classe pesqueira, trajetos de barcos e carros, seminários acadêmicos e cursos. A maioria dos trabalhos de campo ocorreram em Belmonte, alguns poucos em Porto Seguro, Canavieiras, Eunápolis e Cabrália (cidades vizinhas à Belmonte onde aconteceram sambas e atividades que a AMPB participou). Houve a ocasião de uma ida à Salvador em que acompanhei Pedrina e dois “companheiros” de “luta” importantes para a AMPB (Lilian e Carlinhos, ambos componentes do conselho deliberativo da Reserva Extrativista de Canavieiras do qual a AMPB faz parte). Os trabalhos de campo de maior duração foram no inverno de 2019 e na primavera do mesmo ano. No espaço de tempos da pesquisa, variados outros campos foram realizados à medida que aconteciam Sambas de Roda das Marisqueiras ou fui convidada para reuniões e outras atividades da AMPB.

Apresentação dos Capítulos

²² Pedrina foi minha principal interlocutora ao longo desta pesquisa, tendo dedicado longas horas por vários dias, por meses, para “dar atenção” a este trabalho. Apresentou em nossas “conversas” análises fundamentais e sintéticas sobre a realidade que este trabalho enfoca.

Capítulo 1 - Feito de labutas, lutas e brincadeira

Este capítulo se inicia com uma visão panorâmica do contexto estudado a partir de uma reunião da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte. Apresento também o contexto socioeconômico, histórico e cultural de Belmonte, analisando o processo de formação do território da cidade, a partir dos apontamentos e fontes estudadas por Francisco Cancela e Bianca Arruda. Além de dialogar com os conceitos de desterritorialização, reteritorrialização e afronidígena, de Márcio Goldman, para traçar perspectivas narrativas desta pesquisa.

Apresento o “samba” como parte do cotidiano de trabalho das “marisqueiras” e analiso o protagonismo dessas mulheres nos “sambas de roda” em Belmonte (de tempos antigos e também nos dias atuais), apresentando outros “sambas de roda” que acontecem na cidade. Relaciono estes fatos à fundação e reativação da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB), em 2009, e como as suas integrantes decidiram dedicar-se a produzir o Samba de Roda das Marisqueiras, destacando sua importância para as noções de “união” e “resgate” presentes na “comunidade”.

Conceituo as principais categorias nativas relacionadas à construção da noção de pessoa “marisqueira”, “companheira” e “companheiro”, em diálogo com a autora Renata Freitas Machado e Bruno Latour. Para analisar as questões do racismo presente na comunidade da Biela, reflito a partir das contribuições das autoras Nilma Lino Gomes e Ana Amélia de Paula Laborne. Dialogo com a abordagem trazida pelo conceito de matronagem da figura da mulher marisqueira dissertado por Paula Balduino Melo. A literatura de Norma Vieira, Deis Siqueira, Darcy Di Paolo, assim como a de Flávia Birolli contribuem para apontar as problemáticas das questões das desigualdades na divisão sexual do trabalho e sua relação com a cultura do “cuidado”.

Por fim, este capítulo também se ocupa em sistematizar, apresentar e problematizar as lutas travadas pela AMPB, as estratégias dessas práticas políticas através das noções de “chamamento”, “balanço” e “luta de diálogo”. Além de apresentar as “parcerias” e conceituar a idéia de “força” como ponto central deste projeto para as concepções de resistência destas mulheres marisqueiras.

Capítulo 2 - Samba de Roda das Marisqueiras: união e conflitos

Neste capítulo apresento os elementos fundamentais do Samba de Roda das Marisqueiras tendo Muniz Sodré, Rosa Cláudia Krstulovic e Katharina Doring como importantes referências teóricas. Apresento sua “organização” como forma de “visibilização” da AMPB e de “fortalecer” os participantes do samba e a própria AMPB e suas integrantes através das noções de “chamamento”, “abraçar” e “dar um balanço”.

Apresento a forma de elaboração e conteúdo do projeto organizado para o edital da Lei Rouanet, feito em conjunto pela AMPB, Instituto Mãe Terra e por mim a partir dos entendimentos gerados no bojo desta pesquisa. Trabalho as relações de “parceria” na "comunidade" e na região que estão associadas às formas de “organização” do Samba de Roda das Marisqueiras.

Desenvolvo uma etnografia sobre os processos de decisão sobre a produção do Samba de Roda das Marisqueiras e de outros processos decisórios da AMPB. Evidenciando como as noções de “união” e “abraço” atuam nesses processos e estão relacionados com os "cuidados", que são fundamentais para as definições do grupo serem feitas coletivamente, e como interferem no estabelecimento de pessoas de "referência" junto ao grupo da AMPB e à comunidade.

Apresento os espaços e formas de negociação das “sambadeiras” e “tocadores” sobre a “organização” de quem toca e quem samba. Ou na decisão do andamento do tempo das canções, nas escolhas das músicas e como o “ciúmes” afeta essas interações no Samba de Roda das Marisqueiras. Desenvolvo sobre os conflitos geracionais em relação ao que deve ser dado continuidade no esforço de "resgate" (GONÇALVES, 2015, p. 220-225) através do Samba de Roda das Marisqueiras. Além de abordar os lugares de protagonismo (PLASTINO, 2011, p. 92) no Samba de Roda das Marisqueiras em que se destaca a presença engajada (DÖRING, 2016, p. 24 e 26) das “sambadeiras”, mulheres negras, em sua maioria, nas várias esferas da produção da "brincadeira.

Apresento reflexões sobre as “lutas” contra as tentativas de “impedir” a realização do Samba de Roda das Marisqueiras ou a idéia de “aparecer por cima” da associação através da performance musical e o sentido de “conquista” e de “ser gratificante” que sua realização traz. Por fim, desenvolvo sobre o Samba de Roda das Marisqueiras enquanto espaço onde são atualizadas relações de rivalidade e antagonismos, como Plastino disserta em sua tese

sobre o candombe em Ansina (PLASTINO, 2011, p. 81), voltando-me aos conflitos entre a Colônia de Pescadores de Belmonte e AMPB, que refletem na produção desta "brincadeira".

Capítulo 3 - O maldito óleo e as estratégias de luta.

Neste capítulo, disserto sobre o "combate" contra o "maldito óleo" apresentando as tentativas de "conversa" da AMPB com a prefeitura de Belmonte e Colônia para "mobilizarem" e se prevenirem para os riscos deste desastre (ZHOURI et al., 2018, p. 41). Apresento e relaciono as preocupações com a venda do pescado e as consequências para a saúde, o "psicológico" e "mente". E passo a examinar o sofrimento social (VALENCIO, 2014, p.3632) mencionado pelas idéias de "ansiedade", "estresse", "depressão" que recaiu sobre pessoas da "comunidade" e, especialmente, de membros da AMPB diante da angústia da omissão do poder público municipal e das lutas contra as "fakenews", que apontavam as "marisqueiras" como pessoas "mentirosas" ou que faziam "pavua", "alarde" ou até "agouro".

Analiso como os riscos deste desastre recaem de forma específica sobre as mulheres "marisqueiras" desta "comunidade", a partir da chave de leitura da justiça ambiental (PORTO, 2011, p. 35) diante dos processos de vulnerabilização (PORTO, 2011, p. 46) gerados pelos conflitos socioambientais, políticos e das hierarquias estruturais da sociedade. Desenvolvo sobre o protagonismo e o senso de urgência no "combate ao óleo", considerando como os impactos de desastres como esse atinge de formas diferenciadas as pessoas de um mesmo lugar (PORTO, 2011, p. 46 e 50). E como "tragédias" assim tornam mais visíveis questões culturais, organizações sociais e quem são os grupos mais expostos aos perigos pela injustiças sociais desveladas (VALENCIO, 2014, p. 3633),

Explico a mobilização de grupo que protagonizou e outro grupo que "acompanhou" a luta contra o óleo cru em Belmonte. Analiso a "descoberta" do óleo e a "união" entre a AMPB e a Colônia Z21 que decorreu da luta contra o óleo, dialogando com as idéias de sociabilidade forçada (ZHOURI, 2018, p. 29) e coesão social (VALENCIO, 2014, p. 3633) que podem aflorar na decorrência de desastres. Abordo as estratégias concebidas coletivamente para evitar ou diminuir as afetações, no sentido trabalhado por Zhouri et al. (2018, p. 55), provocadas pela "tragédia" do derramamento de óleo cru que alcançou a cidade. Dialogando com Porto (2011, p. 47-48), mostro a intensificação de conflitos

socioambientais pelos sentidos, usos e formas de cuidado com os recursos naturais diante das tentativas de invisibilização das afetações causadas pelo desastre. Evidencia-se, assim, os conflitos ocorridos, em torno da divulgação das informações sobre o óleo, com o poder público municipal, a mídia local, grupos econômicos atuantes na região (trade do turismo) e a Marinha. Além das controvérsias (ZHOURI et al., 2018, p. 33) entre pessoas da comunidade pesqueira pelo receio do estigma (ZHOURI et al., 2018, p. 57) em relação ao pescado produzido na cidade.

Analiso os efeitos de desestabilização emocional e desmotivação gerados pelos conflitos dentro da "comunidade" pesqueira, com os comentários de "mentirosas" e "loucas" que eram direcionados às pessoas que atuavam no "combate ao óleo". Apresento as estratégias acionadas por estas pessoas para lidarem com este conjunto de desafios que atravessou o “combate” ao óleo, enfocando a produção do Samba de Roda das Marisqueiras como forma de "trazer energia" diante desta “luta”.



(Samba de Roda das Marisqueiras realizado em julho de 2019 na Casa Abayomi - Porto Seguro. Ao centro da roda, dança a “sambadeira” Dona Lourdes. Foto de Anaaline Curado)

CAPÍTULO 1 - Feito de labutas, lutas e brincadeira

Este capítulo se inicia com uma visão panorâmica do contexto estudado a partir do relato de uma reunião da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte. Apresento também o contexto socioeconômico, histórico e cultural de Belmonte, analisando o processo de formação do território da cidade, a partir dos apontamentos e fontes estudadas por Francisco Cancela e Bianca Arruda. Além de dialogar com os conceitos de desterritorialização, reterritorialização e afromidígena, de Márcio Goldman, para traçar perspectivas narrativas desta pesquisa.

Apresento o “samba” como parte do cotidiano de trabalho das “marisqueiras” e analiso o protagonismo dessas mulheres nos “sambas de roda” em Belmonte (de tempos antigos e também nos dias atuais), apresentando outros “sambas de roda” que acontecem na cidade. Relaciono estes fatos à fundação e reativação da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB), em 2009, e como as suas integrantes decidiram dedicar-se a produzir o Samba de Roda das Marisqueiras, destacando sua importância para as noções de “união” e “resgate” presentes na “comunidade”.

Conceituo as principais categorias nativas relacionadas à construção da noção de pessoa “marisqueira”, “companheira” e “companheiro”, em diálogo com a autora Renata Freitas Machado e Bruno Latour. Para analisar as questões do racismo presente na comunidade da Biela, reflito a partir das contribuições das autoras Nilma Lino Gomes e Ana Amélia de Paula Laborne. Dialogo com a abordagem trazida pelo conceito de matronagem da figura da mulher marisqueira dissertado por Paula Balduino Melo. A literatura de Norma Vieira, Deis Siqueira, Darcy Di Paolo, assim como a de Flávia Birolli contribuem para apontar as problemáticas das questões das desigualdades na divisão sexual do trabalho e sua relação com a cultura do “cuidado”.

Por fim, este capítulo também se ocupa em sistematizar, apresentar e problematizar as lutas travadas pela AMPB, as estratégias dessas práticas políticas através das noções de “chamamento”, “balanço” e “luta de diálogo”. Além de apresentar as “parcerias” e conceituar a idéia de “força” como ponto central deste projeto para as concepções de resistência destas mulheres marisqueiras.

Início com a narrativa da primeira reunião que fiz com a diretoria da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte. A intenção é apresentar, a partir dessa visão panorâmica, o conjunto do contexto estudado que será cuidadosamente analisado nas partes seguintes deste capítulo.

1.1 Entrando na roda: luta à primeira vista

Era novembro de 2017, um domingo de manhã. Atravessei a balsa do rio João de Tiba, em Cabrália, para pegar o ônibus que segue os 50 km daquele asfalto esburacado e leva até Belmonte. Caminho plano, estrada calma, passando pelos vilarejos de Cabrália (Santo André, Santo Antônio e Guaiú) e de Belmonte (Mogiquiçaba). Quando desci na rodoviária de Belmonte na beira do rio Jequitinhonha, Nete²³ já estava me aguardando com sua bicicleta. Fomos caminhando por aquelas retas sombreadas, planas e vazias, conversando a caminho da sede da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB) no bairro da Biela. Nete empurrava com calma sua bicicleta. Avistou um homem do outro lado da rua, na praça 13 de Maio, dentro da lanchonete ‘Café sem Troco’ que fica junto das largas margens do Jequitinhonha. Dali mesmo ela falou com vigor com ele, perguntando se ele tinha recebido o “seguro”²⁴. Ele se levantou interessado e respondeu que não. Nete riu e disse “Num te falei!”. Continuou seguindo o caminho e me explicando que vinham avisando à “comunidade” sobre os riscos que estavam correndo de não receber o “defeso”, mas que eles não acreditavam nelas (associadas da AMPB).

²³ Como explicado na Introdução, conheci Nete em abril de 2017, juntamente com D’Ajuda e Perisvânia em um encontro de mulheres realizado pelo Codeter em Cabrália.

²⁴ O “seguro”, “seguro defeso” ou “defeso”, como chamam, é um benefício estabelecido em cada Estado da federação para determinadas espécies de pescado. Tem a finalidade de remunerar a “marisqueira” e o “pescador”, que estão regularmente cadastrados e com o registro de pesca ativo, pela temporada em que não podem trabalhar com as espécies elencadas, por elas estarem no período reprodutivo. Na Bahia apenas o robalo, o camarão e a lagosta que dão direito ao seguro defeso à “marisqueira” e ao “pescador” que trabalham com essas espécies. Apesar de que há também outras espécies que tem uma temporada em que a captura fica “fechada”. Pertinente lembrar que o real período reprodutivo das espécies varia de lugar para lugar e nem sempre o calendário da temporada “fechada” corresponde a esse momento. O que acarreta dois problemas: (1) “marisqueiras” e “pescadores” correm o risco de serem multados por trabalhar com a espécie no momento que está institucionalmente proibido, mas as condições de continuidade da espécie seriam garantidas; (2) no momento real de maior reprodução da espécie, elas ficam mais vulnerabilizadas, pois é quando as “marisqueiras” e os “pescadores” estão liberados legalmente para se dedicarem a elas.

Chegamos à sede da associação. Uma construção de esquina que, na época, tinha uma fileira de conchinhas aplicadas enfeitando a parede externa. Era uma sala ampla (de uns setenta metros quadrados) com uma cozinha conjugada no canto esquerdo. O espaço estava em reforma e acontecia uma ampliação da área construída da sede para transformar o lugar na Unidade de Beneficiamento da AMPB. Próximo à cozinha, sentada em uma mesa de escritório, estava Pedrina. Nete nos apresentou e elas me explicaram que essa obra estava sendo custeada pela Veracel (empreendimento multinacional que atua na região na produção e exportação de celulose) como contrapartida dos impactos que essa exploração causa para a “atividade” da pesca artesanal .

Com pouco tempo, chegaram Kita e Nem. Pedrina me apresentou às duas e elas deram início a reunião da diretoria da associação que, pelo o que pude perceber, estava bem voltada para a gente se conhecer. Foram me explicando que parte de Belmonte está dentro da Reserva Extrativista de Canavieiras (Resex Canavieiras), área onde trabalham muitos “pescadores” e “marisqueiras” da “comunidade”. Contaram que elas “fazem parte” do conselho deliberativo da Resex e que os secretários municipais de Belmonte parecem não perceber a importância desse espaço. Houve uma única vez que conseguiram levar o secretário de agricultura e pesca do município, mas nessa oportunidade ele chegou querendo presidir a reunião do conselho deliberativo.

Nesta conversa, falaram sobre o descaso da prefeitura com a pesca, uma vez que não se mobilizou diante da portaria federal que estava proibindo a captura do guaiamum, sendo que tantos tiram seu sustento a partir da “labuta” com o crustáceo. Afirmaram que o guaiamum é da “cultura” de Belmonte, “símbolo” da cidade, que é referência em sua produção. Além de a prefeitura ter organizado, durante o período do “defeso” do robalo, um campeonato de pesca da espécie no mar, lugar de desova do peixe. E o poder público também não compareceu no evento que a AMPB organizou no restaurante ‘Taberna’, dedicando atenção aos debates sobre a atividade econômica da pesca com o robalo.

Elas seguiram a nossa conversa falando sobre o seguro defeso, comentando que muitos pescadores não estavam recebendo devidamente. Informaram que colocaram uma televisão, na associação, para passar para as associadas a notícia que algumas pessoas deixariam de receber o “seguro”. As associadas assistiram, entenderam, mas, quando chegaram em Colônia Z-21, lhes falaram que era mentira essa informação. Então, mesmo

tendo visto a reportagem gravada na televisão pela diretoria da AMPB, as sócias e seus esposos passaram a acreditar na Colônia.

Durante essa reunião, as quatro integrantes comentaram que, como muitos não receberam o “seguro”, achavam que algumas pessoas da comunidade estavam começando a “acordar” que elas traziam informações confiáveis. Disseram que a Colônia continuava incomodada com o esforço que elas, da associação, fazem para repassar informações seguras para a “classe pesqueira”, falando que as mulheres da AMPB são “mentirosas” e, por conta disso, a “comunidade” vai se “afastando” da associação.

Atenta, silenciosa, segui buscando compreender o complexo contexto que elas se empenhavam em me situar. Passaram a me explicar sobre como a barragem da Hidrelétrica de Itapebi (de 120 a 150 km de Belmonte²⁵) assoreou o Rio Jequitinhonha. Afetou a profundidade do rio e diminuiu, assim, a variedade e quantidade de espécies. Reduziu a quantidade que se encontra de robalo, peixe que era encontrado com abundância por ser de águas profundas, diminuindo a produção dos pescadores e marisqueiras. E não houve qualquer “conversa” do empreendimento com a comunidade para “cuidar” desses efeitos.

Continuaram o encontro me explicando que a carcinicultura (cultivo de camarão em cativeiro) faz mal para a pesca. Pois para construir os tanques de cultivo, destroem faixas de mangues e retiram água dos apicuns, partes rasas das margens do rio onde vivem os alevinos (filhotes de peixes) que morrem quando acabam sendo transferidos para os tanques.

Em meio a esses assuntos que foi me surgindo a dúvida, comentada na Introdução, se para a AMPB era pertinente que essa pesquisa tematizasse o Samba de Roda das Marisqueiras que elas produzem. Foi aqui que Pedrina, antes mesmo que eu perguntasse, disse que, por tudo que me falaram, era importante acontecer a pesquisa sobre o “samba” e que essa seria uma forma de “dar atenção” a ele. Passamos a enfocar a conversa sobre a pesquisa. Expliquei a proposta de definir o objetivo da pesquisa a partir dessa demanda da associação, já que isso era uma forma de contribuir para a solução das questões relevantes que foram expostas ao longo da conversa. Explicitando que poderíamos, assim, pensar juntas os modos de encaminhar a pesquisa de forma que eu aprendesse e colocássemos em prática os jeitos de “dar atenção” ao samba. Propus ainda que, se fosse do interesse delas e se conseguíssemos jeitos de viabilizar, poderíamos, juntas, dedicarmos aos processos de leituras e desenvolvimento da escrita da dissertação.

²⁵ Cálculo estimado do caminho pelo Rio Jequitinhonha.

A partir daí, elas passaram a falar, alegremente, sobre realizar um “samba” para festejar a inauguração da nova fachada do espaço da AMPB. Pensaram em fazer uma mariscada para servir a quem viesse, cervejas para os “ogãs”²⁶ que fossem tocar e vender bebida para as outras pessoas para arrecadarem, assim, um dinheiro para custearem gastos com as atividades da associação. Fui ouvindo e tomando nota do que elas já indicavam que envolvia a produção daquele “samba”. Explicaram que estavam sem saias para as “sambadeiras” e sem os três tambores que são usados durante o samba. Pensaram também em pedir para a secretaria de cultura de Belmonte um apoio para adquirirem, finalmente, os próprios tambores e uma doação de tecidos para que elas se “organizassem” para costurar as saias para vinte sambadeiras.

Falaram que o samba de roda é uma “cultura” da “comunidade” que elas vinham tentando “resgatar” e “valorizar” através da associação. Explicaram que através da “brincadeira” os participantes podem “sentir” e “fortalecer” o “pertencimento” à “comunidade”. Informaram que a AMPB tem também interesse em voltar a realizar a contradança, que é outra “brincadeira” dos “pescadores”. Por fim, comentaram que vinham realizando, no espaço da associação, um projeto com aulas de capoeira para crianças e jovens do bairro da Biela, chamado “Mariscando Vidas”. Explicaram que a idéia desse projeto é “ajudar” a oferecer outras atividades para a juventude da “comunidade” para que os jovens não se envolvam com uso ou tráfico de drogas. Pois como a situação da pesca no município está ruim e os pais não querem que os filhos sigam na “atividade”, os jovens ficam sem opção e alguns passam a se envolver com drogas e prostituição.

Finalizamos a reunião criando um grupo de whatsapp chamado “samba de roda é saber”, para facilitar a comunicação do coletivo comigo ao longo da pesquisa. Eu me despedi delas e segui andando pela beira do rio Jequitinhonha para fazer as anotações do caderno de campo. Sentei em uma mesa do restaurante Taberna e comecei a sistematizar a apresentação desse contexto em que eu estava me inserindo através da pesquisa, começando a avistar a complexidade a ser compreendida. Ao meu lado um pescador tecia sua ampla rede de pesca estendida entre duas grandes árvores na avenida calma que margeia o Rio Jequitinhonha.

²⁶ “Ogãs” é um dos termos que utilizam no candomblé de Belmonte para se referir a pessoa que toca os atabaques nos rituais da religião. Bianca Arruda (2014, p. 165) explica que em Belmonte os tocadores que tocam nas casas religiosas de matriz africana, mas não tem vínculo com uma casa específica, recebem o nome de “cambones”. Nome que também designa os tocadores das “brincadeiras” da cidade. Entretanto, na “brincadeira” do Samba de Roda das Marisqueiras os nomes que se referiram a quem toca no “samba” foi “tocadores” e “ogãs”.

1.2 Os ancestrais que fizeram tudo isso, a gente só tá continuando

Belmonte faz parte do denominado Território de Identidade Costa do Descobrimento, situada na primeira área onde chegaram os navios comandados por Pedro Álvares Cabral e foi iniciada a exploração dos povos indígenas ali encontrados e do seu território. Desde antes da chegada dos portugueses na região, o Rio Jequitinhonha era “símbolo da vida” (FRANÇA FILHO, 2003, p. 35), o lugar de subsistência, em torno do qual os povos originários dessa localidade se organizavam, segundo Durval França Filho (2003).

Diferentes etnias indígenas²⁷ viviam nessa região da antiga Capitania de Porto Seguro²⁸, sendo estabelecida em 1765 a vila de Belmonte e efetuado seu povoamento a partir do “disperso contingente de colonos e índios mansos” (ANCELA, 2007, p. 52) que por ali viviam²⁹. Ao longo do período colonial, esses povos indígenas estabeleceram complexos e variados tipos de relações com os portugueses e seus descendentes e com africanos traficados para este continente e suas linhagens que aqui seguiram resistindo. Essas interações geraram guerras, alianças, negociações, trabalho escravo e fugas (ANCELA, 2012).³⁰

Para contribuir com o desenvolvimento do tema deste trabalho, destaco a relação entre indígenas e afrobrasileiros que podemos verificar a partir de estudos históricos feitos na região e da memória relatada por quem vive e pensa atualmente a cidade. Em sua tese Cancela (2012) conta que:

Em 1816, quando o príncipe Maximiliano passou pela Vila de Belmonte, registrou a memória ainda viva da história deste grupo [*indígenas meniães*], narrando que “outroora viveram rio acima, até que os paulistas (habitantes da capitania de São Paulo) os rechaçaram dessa região, matando

²⁷ Mais para o interior dessa região, viviam indígenas considerados mais bravos por resistirem com maior violência ao processo de colonização e na defesa de suas terras: pataxós, aimorés e kamakãs (também chamados de botocudos pelos portugueses), tapuias e atutaris. Os tupiniquins, ainda que também fizessem rebeliões, foram com quem os portugueses tiveram mais facilidades de estabelecer relações de aliança (ANCELA, 2012).

²⁸ A área total desta Capitania tinha como limite, ao norte, o Rio Jequitinhonha (na época chamado de Rio Grande) até o Rio Doce (que tem sua foz no que é hoje considerado como o estado do Espírito Santo) e foi estabelecida por volta do ano de 1532, a partir da doação do rei de Portugal para o português Pero do Campo Tourinho para que explorasse as riquezas dessas terras .

²⁹ Outras vilas da Capitania de Porto Seguro foram constituídas nesse período, sendo que Prado e Porto Alegre foram povoadas também por um grande número de degredados, dentre eles africanos libertos, que foram enviados de Salvador e do Rio de Janeiro (ANCELA, 2015, p. 100).

³⁰ Francisco Cancela, em sua tese, aborda com profundidade alianças feitas entre indígenas e não indígenas (negros ou brancos), negociações de diferentes etnias originárias com o poder colonial e enfrentamentos que ocorreram ao modelo colonial de sociedade que estava se impondo. Para este trabalho, achei importante comunicar sem adentrar ao detalhe das várias formas e episódios relatados. Para maiores informações, consultar o trabalho do historiador: De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização da antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808). Referência completa entre as referências bibliográficas desta dissertação.

muitos. Os que escaparam, fugiram para o local da atual vila, onde se estabeleceram. Aos poucos, abandonaram de todo o antigo modo de vida, sendo agora completamente mansos e em parte cruzados com a raça negra.” (CANCELA, 2012, p. 185).

Para além de cruzamentos genéticos como esse trecho aponta, Cancela (2015, 2012) traz relatos que indicam agenciamentos variados entre diferentes povos indígenas e afro-americanos em toda Capitania de Porto Seguro. Análise que poderia tratar essa relação a partir da noção de afroindígena, ponderada por Márcio Goldman (2015a; 2015b), remetendo-se a idéia gerada, pensada e vivida por um grupo de pessoas da cidade de Caravelas (também situada no litoral sul da Bahia)³¹.

De acordo com Goldman (2015a, 2015b), o conceito de afroindígena diz respeito a olhar, pensar, pesquisar e dialogar acerca desta relação a partir de um viés que destaca a narrativa mítica e transcendental deste entroncamento étnico em contrapartida ao mito das três raças. Em outras palavras, o autor aponta neste conceito o potencial de resistência contra toda e qualquer narrativa colonizadora em que é reforçada a participação do branco ocupando o pólo dominante, enquanto as noções de afro e indígena são condicionadas a um discurso de dominados diante desta relação triangular.

Goldman (2015a, 2015b) defende que quando o pesquisador, em suas análises antropológicas, é capaz de “libertar a relação afroindígena da dominação e do ofuscamento produzido pela presença dessa variável “maior”, os brancos”, é possível ascender um horizonte de possibilidades, de olhares e narrativas. Pode-se (re)contar uma história cujo seu potencial se encontra não no enfoque apenas ao que é identitário, por exemplo, mas nas singularidades, nas permanências e nos encantamentos que potencializam nossos olhares a perceberem essas outras possibilidades.

O intenso processo de desterritorialização e reterritorialização (em toda a América e, especificamente, em Belmonte) que engendrou processos de aniquilamento, de morte, coexiste com as potências vitais da criatividade (GOLDMAN, 2015a, p. 645). Com as noções de desterritorialização e reterritorialização, Goldman se refere aos processos históricos de escravização, exploração e invasão de territórios que aconteceram a partir do século XVI no continente americano e a relação com o modo que esses povos resistiram a esse processo em busca de suas sobrevivências e permanências, criando novas formas de viver. A partir desta

³¹Cecília Mello desenvolveu sua dissertação e tese com esse grupo, respectivamente em: ‘Obras de arte e conceitos: cultura e antropologia do ponto de vista de um grupo afro-indígena do sul da Bahia’; e ‘Política, meio ambiente e arte: percursos de um movimento cultural do extremo sul da Bahia’.

dialética entre esses dois conceitos trazidos pelo autor é possível inferir que todo processo de desterritorialização é um movimento contínuo reterritorialização.

Goldman (2015a) discorre sobre o processo cruel de desterritorialização, trazendo conjuntamente a face de processos criativos decorrentes da reterritorialização:

Em face dessa experiência mortal, articularam-se agenciamentos que combinaram, por um lado, dimensões de diferentes pensamentos de origem africana com aspectos dos imaginários religiosos cristãos e do pensamento ameríndio e, por outro, formas de organização social tornadas inviáveis pela escravização com todas aquelas que puderam ser utilizadas, dando origem a novas formas cognitivas, perceptivas, afetivas e organizacionais. Tratou-se, assim, de uma recomposição, em novas bases, de territórios existenciais aparentemente perdidos, do desenvolvimento de subjetividades ligadas a uma resistência às forças dominantes que nunca deixaram de tentar sua eliminação e/ou captura (GOLDMAN, 2015a, p.643-644).

A partir dessa perspectiva, o autor propõe pensar a relação afro-indígena considerando que as alteridades desses coletivos se relacionaram através do contato das pessoas (em conjunto com seus deuses, músicas, danças, lugares, objetos). Essa relação cria espaços de interseção que não se resumem à homogeneização, violência ou ignorância recíproca (GOLDMAN, 2015a, p. 642 e 647). Puderam criar perspectivas, formas de organização, de se relacionarem, de pensar e sentir. Compreendo que é a partir desta perspectiva que se evidenciam as potências das concepções e ações das práticas políticas de “luta” engajadas pelas “marisqueiras” da AMPB, através da produção da performance musical do Samba de Roda das Marisqueiras, como este trabalho apresenta ao longo do seu desenvolvimento.

Vovó Mariana, preta-velha de Dona Marota (zeladora de uma casa espírita em Belmonte) explicou para Bianca Arruda, nos tempos em que ela fez a pesquisa na cidade, sobre esses poderes mortais e os trabalhos de cura decorrentes deste processo de desterritorialização e a reterritorialização:

Aqui teve muita matança de gente. Era tudo aldeia que foram destruindo, matando homem, mulher, criança, velho, matando tudo. Até a natureza, os animais... Depois, vieram os negros e mataram também. Mataram e escravizaram. Por isso que essa terra tem carrego, porque tem muito sangue nela. Tem muito ódio. E por isso que tem tanto velho e caboclo trabalhando, que é para limpar esse lugar. (ARRUDA, 2014, p. 24).

Francisco Cancela (2012 e 2015) examina relatos de festas, rituais, que englobavam práticas mágico-curativas “movidas por danças, bebidas, pinturas e sons.” (CANCELA, 2012, p. 238). Esses encontros costumavam acontecer em lugares mais protegidos dos olhares

das autoridades coloniais nas vilas da Capitania de Porto Seguro, inclusive em Belmonte, mostrando indícios de transformações e reinvenções geradas através dessas relações afroindígenas. O autor ainda defende que:

Tais metamorfoses culturais se traduziam em importantes estratégias de sobrevivência para índios e africanos, pois possibilitavam a ampliação dos laços de sociabilidades e o redimensionamento dos códigos simbólicos que permitiam fortalecer a coesão do próprio grupo enquanto uma comunidade em (trans)formação. Com tais mecanismos, índios e africanos também conquistavam um maior incremento em suas próprias cosmologias, alargando as referências ideológicas que admitiam não apenas explicar, como também questionar o mundo contraditório em que viviam. (CANCELA, 2012, p. 244).

É possível identificar como agenciamentos entre negros e indígenas são refletidos na memória coletiva contada por “marisqueiras”, “pescadores” e “sambadeiras” em alguns episódios. A fala que a diretoria da AMPB preparou para Nete representar a associação no Encontro de Cultura Popular, realizado em Cabrália, em 2017, manifesta essa memória: “A minha cultura é a Pesca Artesanal, que tenho como herança dos parentes Índios, que passaram para meus antepassados e é transferida de geração para geração até hoje”. Uma relação ancestral entre “parentes Índios” e os “antepassados” é ressaltada para contar sobre a “cultura”, o saber do grupo e o modo de transmissão desse conhecimento. Em outubro de 2019, em uma reunião na AMPB, um “pescador”, falando sobre os prejuízos que a hidrelétrica de Itapebi trouxe para a pesca, disse que não iria desistir de suas “raízes” e sua “terra”, remetendo à própria atividade pesqueira como “raiz”.

Outras “raízes” são reconhecidas quando algumas “sambadeiras” falam sobre o “samba de roda”. Dona Selma (Selminha), “marisqueira”, “sambadeira” e sócia da associação, me explicou em uma conversa que o “samba veio através dos pescadores”, foi gerado pelos “negros” e as “pessoas antigas” continuaram. Luana, “sambadeira” e agente comunitária de saúde, conta que seu pai trabalhava nos tempos áureos do cacau como estivador, carregando grandes navios que circulavam pelo Jequitinhonha no tempo em que o rio era mais profundo e que ele participava dos sambas junto com as mães e avós das “marisqueiras” da Biela³². Afirmo que vem de “raiz”, os “ancestrais [negros] que fizeram tudo isso, a gente só tá continuando”. Pedrina, “marisqueira”, “sambadeira” e componente da diretoria da AMPB, manifesta que elas [da associação] querem “reavivar o samba” porque ele

³² Biela é reconhecida pelos seus moradores e outros habitantes de Belmonte como bairro onde vive a comunidade pesqueira da cidade. O próximo tópico deste capítulo tratará sobre o bairro.

vem das “raízes”, explicando que mesmo as “marisqueiras” que não são de religiões de matriz africana “tem isso aqui ó [Pedrina aponta para as veias no braço]... É de geração. Vem de raiz.”.

Compreendo que essas “raízes” são emaranhadas, como as raízes dos mangues onde as “marisqueiras” e “pescadores” “labutam”, “acompanhando” suas mães e pais desde criança, aprendendo a “atividade” da pesca. As “raízes” dos “parentes índios”, dos “ancestrais negros” geram “marisqueiras”, “pescadores” e “sambadeiras”, continuamente coexistindo e interseccionando com as “raízes” de outras pessoas “sambadeiras” que nem sempre são “marisqueiras”. Nessas condições, o “samba de roda” foi “gerado” no “tempo dos antigos”, “continuado” pelos seus “antepassados” e em relação constante as “sambadeiras” e “tocadores” de hoje afirmam que querem “reavivá-lo”, “resgatá-lo”.

Das festas e rituais relatados por Francisco Cancela (2012, 2015) até o Samba de Roda das Marisqueiras produzido pela AMPB atualmente, muitos contextos históricos foram desencadeados a partir do agenciamento das pessoas que viveram essa cidade até se produzir o que é entendido hoje como a “brincadeira” do “samba de roda” em Belmonte. O “samba” foi sendo transformado ao longo dos encontros, variando os lugares e condições em que acontecia. Algumas “sambadeiras” relataram sobre “sambas” que aconteceram durante o tempo em que o cacau foi a principal base econômica da cidade.

O período de destaque econômico do cacau³³, seguindo os rumos de Canavieiras e Ilhéus, aconteceu a partir de 1860 e durou até 1990. A população da cidade se reconfigurou em números e composição étnica, tendo se multiplicado em até cinco vezes em curtos períodos de tempo (1890 a 1940). Em 1950 alcançou mais habitantes (33.007) que os 23 mil moradores que tem aproximadamente hoje (IBGE, 2019). Entre os anos de 1872 a 1950, a população parda aumentou de 50% para 61%, enquanto a população branca diminuiu nesse mesmo período, de 31% para 19% (ARRUDA, 2014, p. 35), mesmo que na época a rápida prosperidade econômica tenha atraído inúmeros imigrantes³⁴ de variadas etnias. A mão de

³³Belmonte foi promovida à cidade, em 1891, a partir de uma efervescência econômica, cultural e política, apoiada na atuação violenta de fazendeiros (coronéis) do cacau, que para impor suas ordens organizaram uma polícia particular denominada clavinoteiros. O auge do cacau aconteceu entre 1890 a 1930, quando o fruto alcançou a posição de principal produto de exportação da Bahia. Em 1990, a economia cacauceira teve uma derrocada, provocando grande emigração da população da região, quando uma doença conhecida como vassoura de bruxa diminuiu a produção das fazendas, junto com uma maior competitividade de preço no mercado internacional (FRANÇA FILHO, 2003).

³⁴Grande parte dos imigrantes vieram do semi-árido baiano, de Sergipe e também dos Estados Unidos e Europa (principalmente italianos).

obra negra, através de trabalho escravo ou livre, foi uma das principais bases produtivas no cultivo e comercialização do cacau.

Algumas praças e casas de Belmonte revelam que houve esse tempo de auge e declínio econômico a partir da produção do cacau. É comum ver nas largas ruas do centro muitas casas amplas com pinturas descascadas, todas janelas e portas fechadas e plantas crescendo pelas paredes. Um silêncio que perambula nessa parte da cidade conta que algo mudou, mesmo hoje sendo possível andar pelas ruas de Belmonte e ver nas calçadas as sementes de cacau estendidas, por cima das lonas, para secar sob o sol forte. Na zona rural o fruto é produzido, convivendo com tantas fazendas abandonadas ao longo do rio Jequitinhonha. Selminha, hoje com 56 anos, lembra que era muito bom os “sambas de roda” que faziam na “roça”, no chão de terra, quando eram chamados para ir da cidade para sambarem em festejos de lá. Ela afirma que o que mais tinha em Belmonte era “samba de roda”: a maioria acontecia na sede da cidade, às vezes no bairro Ponta de Areia, “mas não era igualmente na Biela”. Luana explica que nesse tempo a cidade era formada por três bairros: Biela, Centro e Ponta de Areia. E reforça que era principalmente na Biela onde aconteciam os “sambas”. Luana conta, em uma conversa em abril de 2020, sobre esse tempo em que seu avô e pai trabalhavam como estivadores descarregando os navios que vinham das “roças” no centro da cidade e carregando os grandes navios que iam para Ilhéus através de Belmonte:

Então o samba era feito no fundo do quintal, na cozinha (...). Era uma colher com o prato. Era numa garrafa. Tudo era instrumento, tudo virava instrumento. Uma caixa de fósforo. Então começava! Do nada! Começava a tocar e quem tava começava a sambar. Era num aniversário ou era num fim de semana qualquer. Ou um encontro, uma conversa. (...)

O meu pai era farrista mesmo, sabe? De passar a noite lá com os pescador, beira de rio, ele foi carregador, aquele pessoal que carregava os navios. Então tudo virava samba. Então, tudo virava samba! Com todo respeito, era um malandro! Aquele malandro com gingado. E eu... Quando você, em alguma das suas palestras você citou essa coisa, essa palavra. Mas é de um jeito muito carinhoso. É aquela malandragem, é no gingado no samba. O samba no pé. É a origem! (...)

E tudo acabava num samba. Era um aniversário. Um pratinho, uma colher passando no prato, ou numa panela, ou numa lata dessas de querosene que hoje é essas latas de tinta. O óleo que era naquelas latas. Então, tudo virava instrumento. Tudo virava samba. E na palma da mão. E muito axé, né. E saudando os ancestrais que fizeram tudo isso, a gente só tá continuando. (relato da sambadeira Luana feito em 27 de abril de 2020).

Muniz Sodré (1998, p. 51) apresenta que uma das características do samba, em seu meio natural, é que variados objetos, como pratos, latas, caixas de fósforo ou mesmo um chapéu, chegam a ser utilizados como instrumentos musicais. Nesse aspecto encontra similitude com o samba de roda do Recôncavo baiano, pelo o que traz o dossiê feito na época de sua patrimonialização (IPHAN, 2018, p. 42): acontecem sambas mesmo quando se tem

como únicos instrumentos para soar o ritmo os objetos que estiverem disponíveis no momento e o bater de palmas. Selma complementa que antigamente nos “sambas” era comum se usar os atabaques, o pandeiro, às vezes um agogô e o prato de esmalte que poderia ser tocado também com um garfo “como se fosse um instrumento”.

A “sambadeira” fala das semelhanças entre o “samba de roda” e a festa da marujada³⁵, no contexto do candomblé, em Belmonte, que percebia no tempo em que frequentava os terreiros: “o mesmo samba que toca no Samba, [toca] na marujada. (...) Os Marujos que cantam samba. É a mesma coisa de um samba”. Nesta conversa que tivemos em fevereiro de 2020, Selma fala que essa correspondência entre as festas para Marujo e o “samba de roda” não percebe nas festas de candomblé feita para outros orixás. Em relação a essas outras festas, Selminha entende que o toque do tambor já é mais lento, como o toque do ritmo ijexá, diz a “sambadeira”. Apesar da semelhança, quando pergunto se o “samba de roda” poderia ter se originado a partir do “samba” da marujada, ela pondera e coloca “pode ser que sim e pode ser que não”.

Os “sambas” eram feitos em festas de aniversários, celebração de santos católicos, como Bom Jesus dos Navegantes (no dia primeiro de janeiro) ou no dia de São Pedro (padroeiro dos pescadores, no dia 29 de junho), em momentos de trabalho e no cotidiano com a família ou amigos dentro de casa, ou reunindo mais pessoas da “comunidade” no quintal ou na porta de casa pelo simples “gostar” de se fazer o samba. Dona Selma recorda algumas mulheres que gostavam de fazer “sambas” em suas casas, como Mãezinha e Dona Roxa (ambas já falecidas). Dona Roxa morava na Biela e seu apelido era Dona Roxa do Samba. Seu marido também gostava do “samba” e “batia tambor”, assim como seus filhos. Dona Selma entende que à medida que os mais velhos foram morrendo, os filhos deixaram de fazer o “samba” e lamenta: “Agora, por incrível que pareça, morre, né? Porque um samba que era antigo e podia continuar, parou. Continua por quê? Por causa das marisqueiras.”, disse ela se referindo ao Samba de Roda das Marisqueiras produzido pela associação.

³⁵Marujo, nas religiões de matriz afro-brasileira em Belmonte, é um egum que trabalha como mensageiro para os orixás (seres divinos que estão associados à origem e criação do mundo). Os orixás tem seus próprios mensageiros (marujos e preto-velhos) que fazem trabalhos no mundo material. Por ser um egum, é um espírito de alguém morto, que pode ou não ter sido uma pessoa boa em sua vida na terra, e depois de morto decidiu trabalhar para os orixás. Podem ser acionados pelas pessoas que participam dos terreiros de candomblé e casas de umbanda para trabalhos de limpeza espiritual, terapias, cuidar da vida amorosa ou financeira. Cada marujo pode ter gostos e personalidades específicas (ARRUDA, 2014, p. 24-27). Em homenagem a eles é dedicada a festa da marujada quando tocam sambas com cânticos relacionados à mar, rio e pesca, como explica Dona Selma.

Dona Selma lembra ainda que era comum Dona Dézinha, organizadora das Negas Nagôs, depois do desfile da “brincadeira”, preparar uma feijoada e servir na porta de sua casa enquanto fazia um “samba de roda”. Atualmente, tem sido mais raro acontecer a organização do “samba” seguindo o desfecho do desfile. Hoje em dia, além do Samba de Roda das Marisqueiras, ocorrem “sambas do terreiro de Mãe Otília”. Estes “sambas de roda” são produzidos, principalmente, por “ogãs” dessa casa: Wellington³⁶, Raildon (Pinguim), Natan, Lucas (Copiô), Genilson (Cirilo) e Lucas (Saruê). Wellington conta que, além das celebrações do terreiro que são acompanhadas de “samba”, são convidados para fazerem “apresentações” em Belmonte e em cidades da região. Estes “ogãs” também tocam os tambores em muitos dos “sambas de roda” organizados pela AMPB e são referidos como os “tocadores jovens”.

Selma relata que Dona Biga costumava fazer “samba” na porta da sua casa no dia do seu aniversário, mas hoje em dia não tem mais feito. É recorrente aparecer nas conversas a memória dos “sambas de roda” feitos nos aniversários, relatando que hoje em dia tocam nessas comemorações mais música em caixa de som e de outros estilos musicais como arrocha ou pagode. Em março de 2019, Pedrina e D’Ajuda me explicaram que o afastamento entre as pessoas da “comunidade” é um dos fatores para que os aniversários não sejam comemorados mais com o “samba de roda”, que é uma “brincadeira” que favorece a “união” das pessoas.

Pedrina: Porque antes aqui era assim: eu na casa da vizinha, a vizinha na minha casa. Hoje está mais assim... cada um no seu quadrado. E isso afeta o dia-a-dia da comunidade.

D’Ajuda: Afasta.

Pedrina: Afasta. Aqui era assim, no caso, a própria comunidade se reunia. “Vai ter samba no dia de Santo Antônio!” Dona Biga mesmo, era toda festa de Santo Antônio ela estava ali na porta da rua com o samba. Era qualquer aniversário: o samba. (conversa realizada no dia 13 de março de 2019 entre mim, Pedrina e D’Ajuda).

A contraposição entre “afastamento” e “união” se destaca e se articula à intenção de “dar atenção” ao “samba” como prática política, como vem se evidenciando ao longo do trabalho. Pedrina relatou que “sentiu positivo” a realização deste trabalho junto ao Samba de Roda das Marisqueiras, pois percebia na pesquisa formas de contribuir para o “resgate” do “samba” em datas comemorativas de aniversários ou nas “festas” da “comunidade”. Algumas

³⁶ Wellington é filho de Nem (“sambadeira” e “marisqueira” associada à AMPB) e irmão de Katrine (“jovem sambadeira”).

“sambadeiras” comentaram sobre a vontade de fazer um “samba” em seus aniversários. Selminha, animada, falou de fazer o “samba” na porta de sua casa no seu aniversário em janeiro de 2021, informando que vai servir moqueca de peixe, vatapá e caruru, já que é marisqueira e não dona de fazenda de gado. No final de 2019, estava marcado um Samba de Roda das Marisqueiras para o aniversário de Carmem Lúcia (sambadeira e marisqueira). A morte do tio de três sambadeiras (Mariana, Pedrina e Cléria) fez com que este “samba” fosse cancelado, conjuntamente com o “samba de roda” que estavam organizando para ser realizado na festa de Bom Jesus dos Navegantes no primeiro de janeiro de 2020. Nessa ocasião foi postado na página do facebook da AMPB, no dia 28 de dezembro, os seguintes dizeres:

Vimos por meio desta mensagem, comunicar aos amigos que apreciam o nosso Grupo de Samba de Roda das Marisqueiras, que por motivo de força maior não acontecerá a nossa brincadeira no dia 01/01/2020 em Louvor a Bom Jesus dos Navegantes, pois o tio de três integrantes do grupo faleceu recentemente. Ele era um Mestre do saber tradicional e cultural. Pescador ancião que muito contribuiu com a comunidade pesqueira, tinha a pesca não só como sua atividade, tinha o saber natu tradicional que foi passado por ele para diversas gerações, era músico da Lyra Popular de Belmonte, um dos Engenheiros da cultura belmontense que durante vários anos colocou na praça a saudosa contradança uma outra brincadeira da nossa comunidade pesqueira. Um Homem honroso e de bom coração. Que hoje está aos braços do Pai, está brilhando no céu. Em breve marcaremos uma nova data para brincarmos juntos com nosso Samba de Roda. (AMPB MARISCO, 2019c).

As “sambadeiras” aniversariantes de junho celebraram, em 2018 e 2019, seus aniversários com a realização de um único Samba de Roda das Marisqueiras em conjunto com a festa de São Pedro. Por ser o padroeiro dos pescadores, além de ser festejado pela igreja católica com procissão e missa em sua homenagem, a Colônia de Pescadores também costuma comemorar o dia desse santo oferecendo um “forró” para a “comunidade” pesqueira. A memória de várias “marisqueiras” indicam que há muitas décadas aconteciam “sambas de roda” em comemorações a este santo e essa é uma das datas que a AMPB tem se empenhado para seguir produzindo o Samba de Roda das Marisqueiras.

O “samba de roda” em Belmonte é entendido como “brincadeira”, “cultura” e “celebração” da “comunidade” dos pescadores. Compreendo que, desta forma, as datas festivas dos santos (Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro) e orixás (Iemanjá) relacionados à pesca e ao mar motivam mais a vontade de produzir a “brincadeira”. Rosa Cláudia (KRUSTULOVIC, 2016, p. 25) traz que há uma relação das populações litorâneas descendentes de africanos com os “batuques” e que o processo de migração levou para as cidades essas manifestações culturais. Dona Selma apresenta que essa relação da comunidade

dos pescadores e o “samba de roda” na cidade, compunha também o próprio cotidiano do trabalho. Ela narra sobre os “sambas” que participava com sua mãe, entre seus cinco e oito anos de idade, e com outras marisqueiras e seus filhos na beira da praia próximo à boca da barra do sul do rio Jequitinhonha. Apresenta que quem gerou o “samba de roda” em Belmonte foram as mulheres “marisqueiras”, enquanto aguardavam os maridos chegarem do mar com os peixes graúdos que seriam vendidos e as “mirueiras” (peixes pequenos) que seriam tratados para alimentarem suas famílias.

Selma: O samba veio através dos pescadores, né. Os pescadores... As mulheres... Os maridos iam pescar. Vinha aquele grupo de mulheres com rede de arrasto. Porque o pessoal ia pescar com rede de arrasto. E as mulheres iam para a praia pegar as muambas. (...)Muambas são aqueles peixinhos, que chama aqui de mirueira. (...) Ficava tudo na praia, cada uma com um baldinho na mão e, enquanto a rede não chegava, elas faziam samba. Aquela ruma de mulheres toda batendo no balde e cantando samba. (...) Batia no balde que ia botar o peixe. E cantavam samba. Aquela ruma de mulher (...)Sambava! Sambava, cada uma batia num balde, a outra batia na mão.(...)

Eu me lembro, eu era pequenininha, eu ia com a minha mãe. Minha mãe ia pegar mirueira e eu ia junto com a minha mãe. E lá ficava aquela ruma de mulheres, tudo cantando samba e sambando. Enquanto a rede num chegava pra poder catar as mirueira, aí rolava o samba. Aí pronto gerou [inaudível] as mulheres geraram o samba daqui. Aí virou o samba de roda.

Paula: Vocês sambavam da praia mesmo?

Selma: É, na beira da praia.

Paula: Tinha homem que participava?

Selma: Não. Era só roda de mulheres. Os homens estavam pescando. Arrastando a rede. Aquelas rede de arrasto que pega peixe. Aí eram as mulheres, só roda de mulheres.

Paula: Pegava esses peixes era para alimento próprio?

Selma: É, para alimento próprio, pra gente comer. (...) Cada mulher colocava o balde na cabeça e ia pra casa tratar. [Ficava na beira da praia] uma hora de relógio. Uma, uma e meia. (...)Na boca da barra do sul. Tinha mais crianças que as mães levavam pra ajudar a catar as mirueiras também. (relato da sambadeira e marisqueira Selma, feito em 13 de fevereiro de 2020).

Verifica-se, por este relato, o trabalho se encontrando com o lazer e, continuamente, ambos interseccionados com o “cuidado” com os filhos, como veremos com profundidade no tópico “A maré que manda na gente” e no capítulo seguinte. Neste momento, ressalto a relação que Selma evidencia das mulheres e a geração do “samba de roda”. As mulheres participavam ativamente nos vários planos da produção desta “brincadeira” em meio ao trabalho e à “criação” dos filhos. Assim como foi destacado o protagonismo de outras mulheres nos “sambas” em Belmonte: Mãezinha, Dona Roxa do Samba, Biga e Dézinha. Katharina Doring (2016, p. 26) também enfatiza os lugares de destaque e participação engajada das mulheres nos papéis de sambadeira, cantora e tocadora. Essas mulheres estiveram atuantes na manutenção, na transmissão da “cultura” e construção da coesão da “comunidade” pesqueira.

Quando perguntei à Selminha sobre as canções antigas que eram cantadas durante os sambas, ela trouxe um canto que até hoje “puxa” nas rodas de Samba de Roda das Marisqueiras. Informa que o faz “avessado”, fazendo uma modificação em sua letra. Um termo contido na letra deste “samba antigo” delineia o cenário de protagonismo dessas mulheres. Arrisco refletir que essa palavra também indica sobre a relação afro-indígena e relações de poder do contexto social em que é concebido este “samba de roda”:

Selma: A gente cantava assim, na praia, aí ficava aquela ruma de mulher cantando: “Eu tava na beira da praia, catando as minhas piabas. Veio a onda e me disse: “Olha o samba das murixabas. Você viu o samba das murixabas.” Esse samba é antigo lá. (...) Só que eu cantei ela [a letra] avessado. Eu num cantei ela como se canta, eu cantei ela assim: “Tava na beira do rio pescando as minhas piabas. Veio uma onda e me disse, camarada: Olha o samba das marisqueiras.” Foi assim que eu cantei. Eu cantei ela avessado. (...)Era diferente. (...)Era um samba bem antigo.

Paula: Murixaba é um peixe?

Selma: O samba da murixaba é o samba de roda. É as mulheres. Sambando. Então murixaba eram as mulheres que tavam fazendo o samba de roda. (relato da sambadeira e marisqueira Selma feito em 13 de fevereiro de 2020).

A música descreve a “atividade” dessas mulheres “marisqueiras” e, a partir da fala da “onda”, apresenta que este “samba de roda” é das “murixabas”. Interessante evocar que no universo simbólico das religiões de matriz africana, no qual o samba de roda está conjugado, a “onda”, assim como tudo o que provém do próprio mar, consubstancia a própria entidade de Iemanjá.

A pesquisa pelo significado da palavra “murixaba” no dicionário desvela ainda outras possibilidades de camadas deste “samba de roda”. Essa busca indica que é uma palavra tupi-guarani que define: “1- concumbina (moroxaba); 2- meretriz; 3- mulata de mau comportamento. A palavra “murixaba” pode ser confundida com a palavra “muruxaba.”” (Dicionário inFormal, 2020). Continuando a pesquisa no dicionário por muruxaba encontrei que “significa em tupi-guarani : “aquele que é poderoso (chefe)”.” (Dicionário inFormal, 2020).

Selma explicou que a palavra “murixaba” é uma referência às mulheres do “samba”. Com as definições encontradas no dicionário e o apontamento da origem tupi-guarani da palavra, analiso como esta canção revela em si o encontro das raízes afro-indígenas. Provocou em mim o questionamento se a palavra, originalmente, significava ‘concumbina’, ‘meretriz’ ou ‘mulata de mau comportamento’. Principalmente quando se considera que “murixaba” é como as mulheres se afirmavam no canto, a partir dos dizeres da “onda” com

toda sua importância simbólica diante da cosmologia de matriz africana e do “sustento” que essas mulheres e suas famílias obtém a partir dessas águas. Refleti se esse significado não foi sendo disputado ao longo do tempo, diante das relações de poder em que a elite socioeconômica branca implementava meios para subjugar as pessoas negras e de descendência indígena. Essa suspeita é instigada e encontra maior fecundidade quando se considera que o significado da palavra “muruxaba”, que está a ela encadeada, já está relacionado a poder, à chefia.

Selma fez sua versão “avessada” deste “samba antigo” cantando as “marisqueiras” como protagonistas desse samba produzido na atualidade por iniciativa da AMPB. Quando foi reativada a Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte, em 2009, as suas integrantes decidiram dedicar-se a produzir o Samba de Roda das Marisqueiras³⁷ entre as várias atividades que a associação “organiza” para “lutar” pela garantia de que a “comunidade” e as próximas gerações poderão continuar a “viver da pesca”. Não há uma composição fixa dos membros do Samba de Roda das Marisqueiras, mas há participantes mais frequentes entre as “sambadeiras” e “tocadores” idosos, jovens e crianças: Carmém Lúcia, Cléria, Sr. Demétrio, Dinha, Helen, Katrine, Kita, Laila, Lelita, Lorenzo, Dona Lourdes, Luana, Luma, Maria, Mariana, Nem, Nete, Pedrina, Pinguim, Selma, Val, Wellington e Sr. Zé. A maioria absoluta são de “marisqueiras” e “pescadores”, sendo uma considerável parte associada à AMPB e várias dessas são componentes da diretoria da associação.

Muitas “sambadeiras” e “tocadores” que mais participam dos Sambas de Roda das Marisqueiras guardam relação com esses “sambas”, que aconteciam com frequência na “comunidade” há anos atrás. Ou por terem participado diretamente, ou pelo fato de seus parentes terem participado desde a infância ou na juventude. Selminha (marisqueira associada à AMPB) é uma das que iam, desde criança, “acompanhando” sua mãe. Hoje em dia, sua filha Kita (tesoureira da AMPB) começou a participar do samba e junto com ela sua filha Laila. O Sr. Osni, pai de Nem (sócia da AMPB), ia muito nos “sambas antigos” e participou de vários “organizados” pela associação. Os filhos de Nem, Wellington e Katrine também são jovens frequentes nos Sambas de Roda das Marisqueiras como “tocador” e “sambadeira”,

³⁷ Foi sobre a produção deste samba de roda, entre os anos de 2018 e 2019, que este trabalho especialmente se dedicou, observando também as lutas políticas enfrentadas pelas marisqueiras da AMPB, compreendendo como este samba de roda mantém relações com essas lutas.

respectivamente. O pai de Mariana (sócia da AMPB), Pedrina (conselheira fiscal da AMPB) e Cléria participava dos “sambas”, assim como a tia Nega Jó, irmã da mãe dessas três sambadeiras. Luana é uma “sambadeira” frequente que não é “marisqueira” e “acompanhava” o pai nos “sambas” quando criança e lembra de sua avó Eunápia cantando “sambas”.

Além de contar com a participação desses componentes, quando “organizam” o Samba de Roda das Marisqueiras, a diretoria da AMPB faz o “chamamento”, principalmente de outras “sambadeiras” e “tocadores” idosos que participavam desses “sambas antigos”. A noção de “chamamento” é central no desenvolvimento da compreensão das principais questões e atividades desta pesquisa. Corresponde às noções de “chamar”, “avisar”, “comunicar”, “convidar”, “convocar” e “fazer visita”. O “chamamento” é uma forma de demonstrar que se importa que a pessoa saiba e “participe” de algo. É feito de maneira a “acolher”, “receber” e “abraçar”. Por guardar em si essas idéias e manifestar esses valores, fazer o “chamamento” dos mais velhos que tem incorporado em si as vivências dos “sambas antigos” denota a intenção de dar continuidade ao “samba”, em um processo que também gera transformações e negociações (GONÇALVES, 2015, p. 225), a partir de uma relação com o “samba” do “tempo dos antigos”. Enquanto estava indo “ajudar” Nete e sua filha Helen a fazer o “chamamento” para o Samba de Roda das Marisqueiras em celebração à São Pedro para o ano de 2019, Pedrina me enviou um áudio por whatsapp:

Vocês podiam até começar pela [rua] Tamandaré, começar pela casa de Terezinha(...) e Edeulzuíta, que é Dona Guingó (...). Então são pessoas que até... Dona Guingó até já comentei (...). Mas é bom fazer essa acolhida. Ela vai gostar! É bom acolher. É bom porque fazendo a acolhida é melhor! Ah, eu tô muito feliz, tô muito super feliz mesmo! E outra coisa, queria compartilhar com você! Veio um tocador, ele toca nas Nagô. Ele veio aqui em casa perguntar se ele podia participar. Olha só que presente! Que felicidade! Ele veio perguntar. Ele é amigo de Seu Demétrio mais Seu Zé. Aí ele toca nas Nagô. Pense numa pessoa rica! Tem tanto samba! Aquele homem tem história! Ele ficou aqui, passou um tempinho aqui em casa mais pai e aí pai estava falando que eles dois se conhecem, né. Por causa da pescaria e dos sambas da vida, né. Tem muita história! Tem muita história! E meu pai quando jovem, né. Eles se encontravam aí nos sambas da comunidade. Tem muita história, Paulinha. Eu sinto que seu trabalho é uma riqueza aqui pra nós!(áudio enviado por whatsapp por Pedrina no dia 29 de junho de 2019).

Já é possível perceber a partir dessa fala as intenções de “cuidado” que o “chamamento” manifesta e como ele está enredado em estratégias para se organizar o Samba de Roda das Marisqueiras. Até então pode-se perceber que se pensa em fazer esse “convite” de forma mais “acolhedora”, principalmente, aos mais velhos da comunidade que gostam e iam aos “sambas” de Belmonte, mas que não tem mais participado com frequência. Além de

ser feito com o “acompanhamento” de uma jovem “sambadeira” para ela ir “aprendendo” como se faz. Essa mensagem expressa também a aproximação que o Samba de Roda das Marisqueiras provoca entre “tocadores” idosos dos “sambas da comunidade” e no valor que se reconhece nas “histórias” e “sambas” que essas pessoas trazem consigo. Por fim, Pedrina relaciona a produção deste trabalho com “riqueza”, diante do maior envolvimento de pessoas da comunidade com o “samba”, conforme ela relatou em diferentes conversas, a partir dos “cuidados” que fomos dedicando à “brincadeira” ao longo da pesquisa. Houve maior aproximação com o Samba de Roda das Marisqueiras tanto de pessoas que frequentavam, mas estavam afastadas dos “sambas” da comunidade, quanto outras “marisqueiras”, que antes não participavam e não “gostavam de sambar”, foram se interessando.

1.3 A maré que manda na gente

Aqui eu acordo pra ir pescar porque tem a maré.
A maré que manda na gente, entendeu?
E eu vou onde eu quero ir.
Eu tenho compromisso porque tenho minhas contas pra pagar.
Mas não tenho aquela obrigação de ter que ir.
Eu cato pra mim. Não tenho aquela obrigação.
Eu estou trabalhando pra mim! Pra gente! É tudo junto.
(Kita, marisqueira, tesoureira da AMPB e sambadeira)

Cidade de litoral no sul da Bahia³⁸, Belmonte é margeada pelo mangue e Rio Jequitinhonha ao norte. Há um silêncio de natureza viva que acompanha o cotidiano dos moradores que andam por essas ruas planas da sede da cidade. Um fluxo de pessoas em suas bicicletas a dobrar as esquinas, atravessar as ruas e becos tão retos que desenham um xadrez no seu mapa. Poucos carros e algumas motos a circular. Às vezes vemos passando, mesmo pelas ruas do centro, uma carroça levada calmamente por um cavalo. E com frequência é possível avistar pequenas embarcações “encostadas” à beira do largo e o marrom rio

³⁸Belmonte faz parte da antiga mesorregião do Sul Baiano nos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), integrando agora a região imediata de Eunápolis-Porto Seguro que faz parte da região intermediária de Ilhéus-Itabuna. Em 2017 o IBGE substituiu as noções de mesorregião e microrregião pelas denominações de regiões geográficas intermediárias e imediatas. Essa regionalização pretende levar em consideração os vínculos e articulações entre os municípios (IBGE, 2017; LISTA DE MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES DA BAHIA, 2020; LISTA DE REGIÕES GEOGRÁFICAS INTERMEDIÁRIAS E IMEDIATAS DO BRASIL, 2020; REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE EUNÁPOLIS-PORTO SEGURO, 2018).

Jequitinhonha que deságua no “mar moreno” nesta cidade. Algumas embarcações de famílias de “marisqueiras” e “pescadores” passam, riscando o rio e o silêncio, indo “buscar” e trazendo o “pescado”. Ou navegam levando diferentes moradores e visitantes em viagem pelo braço do Jequitinhonha que encontra com o Rio Pardo e, pelo mangue, chega até a cidade de Canavieiras. O Rio Jequitinhonha foi, e continua sendo, atravessado por inúmeras histórias.



Barcos encostados no porto de Belmonte - Rio Jequitinhonha. (Registro feito em junho de 2019 por Marcela Marques)

A cidade se encontra em uma das regiões de maior produção de peixes da Bahia. A produção da pesca artesanal é uma de suas principais fontes de renda e alimentação da “comunidade” de pescadores, sendo praticada tanto no mar, como em seus rios e manguezais, principalmente na parte que compõe a Reserva Extrativista de Canavieiras (CURADO, 2014, p. 6). A Resex de Canavieiras é uma das unidades de conservação³⁹ das quais a cidade faz parte. A Área de Preservação Ambiental de Santo Antônio (Apa Santo Antônio) é a outra, tendo sido estabelecida pelo governo da Bahia em 1994. Abrange o litoral sul de Belmonte a partir do rio Jequitinhonha, continuando até o rio João de Tiba em Cabrália. Já a Resex de Canavieiras é uma unidade de conservação (UC) de nível federal implementada em 2006. Essa é uma Resex Marinha ocupando tanto zona costeira, como zona marítima que beneficia moradores de três municípios que “tiram o sustento” de sua extensão. Abarca o litoral norte de Belmonte, continuando por Canavieiras (maior componente desta UC) até trecho do município de Una.



Mapa representativo da Região dos Abrolhos, abarcando a Resex de Canavieiras que contempla parcela da cidade de Belmonte, Canavieiras e Una (O GLOBO, 2020).

³⁹ Áreas criadas e protegidas pelo poder público (municipal, estadual ou federal) com a intenção de preservar suas características naturais por serem consideradas especialmente importantes. A lei 9.985/2000 regulamenta as normas de estabelecimento e gestão das unidades de conservação.

Como apresentado por Isabela Curado (2014, p. 2 e 7) e por Ondina Duarte (2013, p. 2), o histórico de formação da Resex de Canavieiras foi marcado por conflitos e violências⁴⁰, guardando semelhanças com a criação da primeira Reserva Extrativista brasileira (ZHOURI; LASCHEFSKI, 2010, p. 12). Além de que, em ambos processos, as comunidades extrativistas se mobilizaram para garantir seus territórios e recursos naturais utilizados através de manejos tradicionais que desenvolveram ao longo de gerações. Como mencionado na reunião que relatei no início deste capítulo, a Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (AMPB) faz parte do conselho deliberativo da Resex de Canavieiras⁴¹. Constituiu, ao longo da trajetória da associação, uma relação de “parceria” com essa Resex. O apoio vai desde “ajuda” mútua na defesa do território, “participação” da associação na construção de projetos e cursos de capacitação que “beneficiam” várias comunidades da Resex, as sócias da AMPB, suas famílias e “comunidade” pesqueira de Belmonte, além de a AMPB ter “participação” ativa nos processos decisórios sobre os andamentos das ações na área da Resex.

A AMPB foi constituída, em 2001, como uma associação de pesca voltada para atender os interesses dos moradores da Biela. Na época, atuou para “conquistar” a coleta do lixo no bairro. A maior parte de seus moradores são pescadores e a falta da coleta fazia acumular as cascas e resíduos do “pescado” “tratado” e “limpo” pela “comunidade”. Esse acúmulo trazia um mau cheiro para o lugar e, por conta disso, foi estabelecido um estigma contra aqueles que ali moravam. A associação passou um tempo com as atividades paralisadas, quando uma “marisqueira” (irmã de Nete, atual presidente da AMPB), buscando pela entidade do bairro, a reativou em 2009. Sua composição é de mulheres que se “uniram” para “lutar” pelos seus direitos como “pescadoras”, por “conquistas de melhorias” para a “comunidade” pesqueira de Belmonte e para “continuarem” podendo “viver da pesca” em “seu lugar”, como bem explicam na Carta de Apresentação da AMPB que compõe este

⁴⁰O Mapa de Conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil relata detalhes das situações de violações e do conflito durante a instituição da Resex de Canavieiras (LIS/ICICT/Fiocruz, 2020). Infelizmente, o estabelecimento de outras unidades de conservação brasileiras também se deram através de atitudes violentas para com as populações que vivem há gerações em territórios que passam a ser reconhecidos como UC's.

⁴¹“Ocupam” duas cadeiras neste conselho: uma como representantes da associação em que Kita está como titular e Nete como suplente; e outra cadeira é “ocupada” por Pedrina, enquanto representante da Rede de Mulheres Pescadoras do Sul da Bahia. Essa Rede apresento logo a seguir neste capítulo.

trabalho⁴². Além de quererem “beneficiar” Belmonte de uma forma geral. Atualmente há, mais ou menos, quarenta mulheres como suas sócias, sendo gerida por uma diretoria. Reuniões presenciais, grupos de whatsapp e “bate-papo” na rua, na porta ou dentro de casa são as principais formas de “conversas” entre as associadas que caracterizam os processos decisórios da AMPB.⁴³

O bairro da Biela fica, aproximadamente, quinze minutos de caminhada desde o centro de Belmonte. Ele é formado por ruas de calçamento e outras de terra e areia, tão retas e planas como as outras ruas da sede da cidade. Durante o dia é comum cruzar com várias bicicletas saindo, voltando, ou circulando pelo bairro. Ou encontrar as pessoas sentadas nas suas calçadas em meio a várias atividades. É trança sendo feita no cabelo da menina. É rede de pesca sendo tecida pelo pescador. São bacias de mariscos sendo catadas por um conjunto de mãos de uma família. Crianças brincando de bolinha de gude. Homens jogando dominó. Mulheres assentadas em cadeiras conversando. Grupos de pessoas bebendo nas portas das casas. As calçadas desse bairro tem um movimento diário.

Algumas “marisqueiras” trazem lembranças das várias brincadeiras e do barulho das crianças nas ruas há uns anos atrás. Contam de um tempo em que “podiam ficar” mais “do lado de fora” até tarde da noite, chegando às vezes a cochilar, “passar um sono”, na porta de casa. Afirmam com frequência como a cidade e a Biela ainda são “acolhedoras”, mas comentam também sobre um receio que sentem relacionado à “violência” em decorrência do tráfico de drogas. Há mesmo um cuidado para se falar sobre o assunto. Em geral se referem a “isso aí”, “bagaceira” ou “porcaria” para falar de forma mais indireta sobre a própria droga, ou sobre seu tráfico. Contam que as pessoas envolvidas com o tráfico de drogas não tem intenção de “ofender” “quem não tem nada a ver”, que o risco é mais para quem tem “negócio de dívida”. “Mas, porventura, tá aí pelo meio da rua, vem machucar outra e acaba...”⁴⁴. Percebo que essa frase inacabada revela o fim que se quer evitar.

Contam de, ao menos, uma morte causada pela polícia, mas o comentário categórico “é vagabundo matando vagabundo” deixa antever como as visões de uma sociedade racista e desigual, hierarquizada sócio, econômica e politicamente, fixam-se dentro de “comunidades” que sofrem diretamente com as violências e violações causadas por estes preconceitos.

⁴² A Carta da AMPB, que compõem esta dissertação, exemplifica parte das “conquistas” feitas por esta associação.

⁴³ No capítulo 2, abordo sobre a dinâmica dos processos decisórios da AMPB.

⁴⁴ Fala proferida em uma conversa que aconteceu numa manhã de março de 2019.

Subsiste ali a construção de uma idéia repercutida e repetida através da mídia que insiste em invisibilizar violências históricas, estruturais e institucionais; minimizar a gravidade e deturpar o genocídio de jovens negros; e recusa a evidenciar a ausência de políticas públicas de proteção a uma parcela da população que tem classe, idade e raça específicas.

Gomes e Laborne (2018) desenvolvem sobre a histórica estrutura social brasileira pautada em relações de poder, de luta de classes e desigualdades raciais, de gênero e sexual. Fundamentam-se em profundas análises de dados estatísticos e outras elaborações científicas, destacando como a cor da pele e sinais diacríticos, frutos da ancestralidade negra, se tornaram marcas estigmatizantes que, somados ao fato do jovem morar na periferia, são representados como violentos e perigosos, o que traz como consequência o decreto do seu extermínio. Pelo o que examino de suas análises, evidenciam como são criadas “políticas de genocídio” (GOES *apud* GOES; LABORNE, 2018, p. 20) que culminam em “vítimas se matando entre si”, assumindo um tom crítico apropriado à visão afirmada pela frase “é vagabundo matando vagabundo”:

As instituições do Estado, que historicamente têm o seu alto escalão ocupado por uma classe média e elite medrosas e rancorosas, liberaram e autorizaram a violência, através da força do principal braço armado do Estado, ou seja, a polícia. Além disso, parte do sistema de justiça não se posiciona favorável aos jovens negros como vítimas, mas, sim como vilões. O legislativo, mesmo que em nível federal tenha sido realizada a CPI que investigou o assassinato de jovens negros, se faz representado majoritariamente pelos setores conservadores, capitalistas, militares, ruralistas e fundamentalistas que justificam o uso da violência proferindo o discurso de que é preciso garantir a segurança pública da população, para as “pessoas de bem”. A população pobre e majoritariamente negra (preta e parda) se vê encurralada pela desigualdade, milícia, polícia, tráfico, racismo. As armas chegam às periferias na mesma velocidade em que chegam as drogas. As balas perdidas se multiplicam. Essa ebulição só produz mais violência e morte. E os jovens negros e pobres se tornam as principais vítimas. Os dados estatísticos apresentados no início desse artigo não nos deixam negar. A situação é dramática: eles são exterminados pelo Estado e pelos diferentes grupos de disputas de poder no asfalto e no morro. Situação essa, que leva a uma parcela dessa juventude a também matar uns aos outros. São vítimas se matando entre si. A autoexterminação é um dos produtos de uma situação da perversa articulação entre desigualdade, racismo e violência estruturais que não foi inventada por eles. (GOMES; LABORNE, 2018 p. 19. Grifos nossos).

Analiso que os receios da violência racial, por parte da polícia, justificam a reação de uma “marisqueira” com seu filho durante o Samba de Roda das Marisqueiras feito em “celebração” a São Pedro no ano de 2018. Estava sentada com um pequeno grupo de “marisqueiras” “sambadeiras” dentro da sede da AMPB conversando, enquanto duas crianças de mais ou menos cinco anos, filhas de uma “marisqueira”, “batiam o tambor” e cantavam algumas canções. Era por volta de oito e meia da noite e, ao ouvir o apito curto da sirene do

carro da polícia passar, fomos até a porta. O carro parou em uma das ruas que faz esquina com a sede da AMPB. Ficamos paradas ali terminando a conversa, quando uma das crianças que antes “brincavam” com o tambor, foi na direção onde estava parado o carro da polícia com a luz da sirene acesa. A mãe foi rápida junto de seu filho, pegando-o aflita. Falou com ele com vigor, e até alguma braveza, que não podia sair dali. Na sua ação, vi manifestado o medo e a vontade de protegê-lo do risco que a polícia, o braço armado do Estado, tende a representar para um negro periférico, mesmo desde criança.

Pedrina explica que “nenhum pai quer criar seu filho, para ser o que ele é [pescador]. Não tem orgulho disso. Então, não tem esse pertencimento. O filho não tem esse pertencimento. Porque acaba que... Como é que fica o município? Tomado pela droga!”. Entendo que essa reflexão da “marisqueira” dialoga diretamente com tantas ações da AMPB⁴⁵, que busca “lutar” pela “valorização” da “atividade” da pesca e pela garantia da continuidade da “produção” de “pescados” em seu “território”. Diante de um contexto de poucas oportunidades de “trabalho” na cidade, ressaltam a importância de os jovens terem garantidos os meios para poderem “trabalhar” com a “atividade” da pesca e poderem se “envolver” com sua “cultura”, sentirem o “pertencimento” a ela, a partir de um sentimento de “orgulho” e “autovalorização” que tem faltado nos próprios pais. Apresentam que “cuidar” desse conjunto de fatores pode favorecer para que os jovens não se “envolvam” com “porcaria” nem com prostituição. Em abril de 2019, em uma conversa na sala da casa de Pedrina - entre Nete, D’Ajuda, Pedrina que cuidava de Lorenzo e eu-, a própria Pedrina afirmava sobre a relevância e o propósito da AMPB diante da “valorização” da “cultura” da “comunidade” para que essa “tradição” continue:

Porque essa associação [AMPB] veio para isso! Para não deixar morrer a nossa atividade. Para não deixar morrer a nossa cultura, a nossa tradição. Porque eu sou de uma geração que já vivi (...) O que falta são as pessoas aprenderem a se educar. E sentir o pertencimento: “Não. Eu sou dessa atividade! Eu vivo é disso aqui!” E valorizar! Passarem a se valorizar. Porque as pessoas não se autovalorizam, não. O problema aqui de Belmonte é esse: as pessoas não se autovalorizam, não. (relato de Pedrina em conversa realizada em 23 de abril de 2019 - grifos nossos).

A expressão “viver disso aqui!” ou “viver da pesca” é também falada como “viver da atividade” ou “a vida de marisqueira”. Remete à noção de ser “marisqueira” e “pescador”, que abarca todo um conjunto de “afazeres”, como “tecer” a rede da pesca, pescar, “catar”,

⁴⁵O Samba de Roda das Marisqueiras é uma das iniciativas feitas pela AMPB, na tentativa de “envolver” os jovens com “atividades” da “cultura” da “comunidade” pesqueira, além do projeto Mariscando Vidas que apresentei no início deste capítulo no tópico “Entrando na roda: luta à primeira vista”.

“filetar” e “tratar” o “pescado”. Para se referirem às práticas de “mariscar” são falados variados termos: “atividade”, “trabalho”, “ofício”, “labuta”, “batalha”, “lida”, “peleja” e até “luta”. É chamado de “pé enxuto” a pessoa que não “vive da pesca”, mas tenta acessar os direitos específicos de quem é “marisqueira” e “pescador”. O “viver da pesca” está associado também aos modos de aprender a fazer, conjugados com a própria concepção de pessoa desta “comunidade”. Passo a relatar essa cena e “conversa” em que se pode ir “ganhando entendimento” sobre a forma de transmissão do conhecimento e concepção da pessoa “marisqueira”.

Em uma tarde de outubro de 2019, fui à casa de Kita junto com Pedrina e Perisvânia para conversarmos algumas coisas sobre essa pesquisa. A porta da casa já estava aberta e Kita avisou que podíamos entrar. Ela estava sentada no sofá da sala de entrada de toquinha branca na cabeça e uma grande bacia entre as pernas catando caranguejo. Na parede em que o sofá encostava, estava emoldurada uma fotografia bem antiga de um casal de parentes da família em uma época de sua juventude. As mãos de Kita eram ágeis, demonstravam a habilidade no movimento de separar a macia carne do crustáceo da sua casca firme e dura. Sua filha Laila (com 7 anos) brincava entre a cozinha e a rua, passando e ficando na sala em que Kita trabalhava enquanto ia “conversando” com as “companheiras” da associação e comigo:

As pessoas que me perguntam porque eu não me inscrevi para conselheira tutelar, porque eu não tentei o concurso da prefeitura que parece que teve... [Dizem:] “Você tem capacidade!” Mas, eu vivi assim! Se minha mãe [Dona Selma] (...) me criou dentro do mangue, entendeu? E eu não trabalho pra ninguém. No dia que o pessoal veio aí, o pessoal do [Instituto] Mãe Terra⁴⁶, eles ficaram fazendo umas perguntas (...) como tudo começou. Ai eu falei pra ela que eu sou filha de pescador, minha mãe, minha vó, todo mundo na minha família. É família de pescador. (...) Eu me sinto muito bem e tudo o que conquistei foi na pesca. Tudo o que conquistei foi também com o seguro defeso que um dia pode acabar e se acabar eu vou continuar vivendo. Mas pra mim ter que trabalhar para os outros... Não quero essa estabilidade pra mim não. (relato de Kita em conversa realizada em 17 de outubro de 2019 - grifos nossos).

Essa fala de Kita expressa, de forma rica, muito da concepção do “viver da pesca”, atribuindo-lhe valores e passando pela gênese da pessoa “marisqueira” e “pescadora”. A noção de ser “criada” no mangue dialoga com as reflexões desenvolvidas por Renata Machado (2019), que fez uma pesquisa junto à marisqueiras da vila baiana de Matarandiba,

⁴⁶ Instituto Mãe Terra (IMT) é uma ONG que atua na região da Costa do Descobrimento há mais de dez anos com vários projetos voltados para comunidades rurais, tradicionais e periféricas. Tem sido uma das instituições com quem a AMPB desenvolve “parceria”, tendo participado de cursos e feiras organizados pelo Instituto. A associação recebeu também algum acompanhamento do Mãe Terra na elaboração do seu estatuto. No próximo capítulo, intitulado “As voltas que o samba e a luta dão”, abordarei um momento importante da “parceria” da AMPB com o IMT para o Samba de Roda das Marisqueiras.

na Ilha de Itaparica, próximo à capital do Estado. Renata encontra entre aquelas marisqueiras também a idéia da pessoa “ser criada na maré” ou “feita no mangue” e analisa como a idéia da pessoa ser criada e feita está também conjugada às formas de aprender as técnicas de “pescar” e “mariscar” (MACHADO, 2019, p. 3-5). Tanto entre as “marisqueiras” em Belmonte quanto mais acima na Bahia, em Matarandiba, convergem a concepção da pessoa “marisqueira” e “pescador”, sendo “criadas” enquanto “acompanham” a mãe que “cuida” dos filhos durante a “lida”. As crianças ficam entre brincar e “ajudar” a mãe (ou, às vezes, o pai) nas suas “labutas” com o “pescado” e vão, assim, “aprendendo”.

Esse episódio retrata Kita “catando” o siri e “cuidando” de Laila, que brinca e “ouve a conversa”. Kita lembra e conta que quando criança “acompanhava” sua mãe (Selma) e a avó no mangue e “ajudava” a “limpar” o que tinha sido pescado, ia “aprendendo” e sendo “criada”. Selminha, como relatado no começo deste capítulo, também “acompanhando” a mãe na sua “lida” foi “aprendendo” a “catar” as mirueiras e o próprio “samba de roda”, prática conjugada com a “atividade”. Ressalta-se, dessa forma, a idéia de “ser de família de pescador” que também atua na construção da pessoa e dialoga com a idéia de “ser de raiz”⁴⁷.

Não “ser de família de pescador” não impede a construção da pessoa “marisqueira” e “pescadora”. Em outubro de 2019, em uma conversa, uma “marisqueira” me explicou que há “marisqueira” que “não viveu como nós, que viemos da linhagem da pesca e fomos criadas” mas, se quer “trabalhar” com a pesca, e “está na “atividade”, ela passa a ser “marisqueira”. Compreendo que o “ajudar” ou “acompanhar”, “ser de família” ou “vir da raiz” são formas complementares de construção de uma “marisqueira” e de um “pescador”. A prática de “trabalhar” em duplas ou “acompanhada” de mais “marisqueiras” e “pescadores” contribui para o “aprendizado” das “marisqueiras” que “não vieram da linhagem da pesca”.

Na esquina em frente à AMPB mora Dinha, “marisqueira”, sócia da AMPB e animada “sambadeira”. Por várias vezes, saindo de reuniões na AMPB, pude avistá-la no passeio junto de sua casa com sua nora e esposo na “lida”, enchendo os baldes, separando as cascas da carne dos mariscos já “catados”. Em uma manhã, Dainha, outra marisqueira associada à AMPB, preparando o almoço em sua casa, me falou, com os olhos sorridentes, como ela e o marido fazem para “buscar” (pescar) peixe no Jequitinhonha na hora da maré vazante⁴⁸. É

⁴⁷ A noção “ser de raiz” foi desenvolvida no tópico anterior desta dissertação “Os ancestrais que fizeram tudo isso, a gente só tá continuando.

⁴⁸ Renata Machado fez uma análise sobre a “maré” como um espaço-tempo, um lugar de trabalho e memórias. Dissertou sobre os significados e agências que a “maré” tem na vila de Matarandiba que dialogam bem com a

comum que as “marisqueiras” trabalhem coletivamente tanto enquanto “catam”, como quando pescam. Podem estar acompanhadas de familiares (filhas, filhos, irmãs, marido) ou de “marisqueiras” com quem tem laços de amizade. Lucimara, sócia da AMPB, conta que costuma “trabalhar” junto com outras “marisqueiras” da associação:

Agora por aqui mesmo, quando eu vou catar o camarão, eu já levo minha marmita. Aí eu já vou preparada para voltar só de noitinha (...) Às vezes eu vou lá em Rita (...) Eu vou mais com Perisvânia (...) Às vezes Pedrina. Ou lá na casa de Paula (...). Lá em Perisvânia a gente pega lá de Tomé, que ele tem até barco. Aí Perisvânia pega lá e eu cato lá com Perisvânia. (...) Essa Rita ela também pega. Ela pega uns 50kg, aí vai umas quatro [marisqueiras]. (...) Eu pesco para consumo também. Quando é maior aí a gente vende. (relato de Lucimara em conversa realizada em 25 de outubro de 2019).

A “produção” com a “pesca” pode render alimento para a família. D’Ajuda explica que seu marido trabalha na prefeitura, mas nos fins de semana e folgas gosta de sair para pescar com os colegas e traz os peixes que ele “pega para consumo” da família. Em geral, ela “cata” para outros “pescadores” que já tem a quem vender. Ou quando “cata” para a AMPB com outras sócias, diz: “a gente pega o marisco de outro pescador. A gente [associadas da AMPB] mesmo beneficia e a gente mesmo tem os nossos compradores, né. A gente mesmo vende, no caso, quando a gente tem algum recurso da associação.”

Perisvânia, Pedrina e Kita apresentam que, há quinze, vinte anos atrás, não recebiam remuneração em dinheiro pelo o que tinham catado. Era feito troca com a “venda local” (o comércio do bairro). Elas refletem que as condições mudaram para melhor nesse aspecto, pois conseguem ser remuneradas financeiramente pelo seu trabalho, apesar de ainda terem os “atravessadores”. Estes são pessoas que intermediam vendas de peixes e “catados” que as “marisqueiras” beneficiam ou pescam, passando para o consumidor direto ou o grande mercado (hotéis, restaurantes, supermercados) por um preço muito mais rentável. Essas três integrantes da diretoria da AMPB acreditam que é por este desprestígio do trabalho das “marisqueiras” e “pescadores” que o “pensamento” dos pais é de não “criar” os filhos para “viverem da pesca” e querem que os filhos estudem para “trabalhar” com outras coisas, como ser professor ou enfermeiro.

realidade compreendida entre o grupo com o qual este trabalho foi feito: “costumam se referir a maré como local onde se pesca e se tira o marisco. Assim, a categoria maré torna-se sinônimo de mar [rio e mangue também, no caso da “comunidade” de pescadores de Belmonte], sendo muito comum escutar das marisqueiras e pescadores: to indo pra maré ver [pegar] caranguejo, chumbinho ou ostra. A maré do ponto de vista temporal, é pensada a partir do ciclo diário composto pelas marés de vazante (preia-mar) e as marés de enchente (baixa-mar) e os ciclos quinzenais, composto pela maré grande (maré de quadratura) e maré morta (maré de sizígia).” (MACHADO, 2019, p. 2)

Kita relatou como sua mãe, em uma determinada época, parou de levá-la para lhe “acompanhar” na tentativa que a filha não fosse “marisqueira”. Contou de ter se arrependido do tempo que foi trabalhar de carteira assinada em Vitória (Espírito Santo). Falou de “amargura” e “gastura” de ter alguém a “mandar” nela, das “obrigações” e o horário rígido para acordar e que, por isso, não quis a “estabilidade” que percebe no trabalho de carteira assinada. Afirmou o “ser marisqueira” como uma “atividade” em que “vai onde quer ir”, quem “manda” nela é a “maré” e o seu “compromisso” é com suas contas para pagar, pois “trabalha” para si mesma e para o “coletivo”. Essa noção de “trabalhar para si”, que anuncia a idéia de autonomia, é afirmada como um valor da “atividade” por outras “marisqueiras” da associação. Principalmente diante de uma realidade de poucas oportunidades de trabalho na cidade e do desejo de não saírem do “seu lugar”.

A Unidade de Beneficiamento da AMPB é um espaço coletivo de trabalho “conquistado” pela associação, a partir dos “diálogos” que desenvolveram com a empresa Veracel Celulose, na tentativa de resistirem em “seu lugar” diante dos impactos provocados pela multinacional no território pesqueiro. Como é desenvolvido na Carta de Apresentação da AMPB que integra este trabalho, o estabelecimento da Unidade garante melhores condições de trabalho para o grupo e também para a “comunidade pesqueira”. Além de favorecer a valorização da produção da “atividade” e “aquecer a economia do município”, ao atrair compradores de outros produtos correlacionados aos mariscos, crustáceos e peixes.

A obra da Unidade, que reformou toda a sede da AMPB, ficou pronta em novembro de 2019 e o espaço está pronto para funcionar. O desastre de derramamento de óleo no litoral brasileiro, no segundo semestre de 2019, trouxe impedimentos para o início do seu funcionamento nos meses subseqüentes, como abordo no capítulo 3 desta dissertação. Em seguida, os protocolos de proteção para frear a pandemia do Covid-19 que assolou todo o mundo, e chegou no Brasil no início de março de 2020, provocou novo adiamento no início das atividades na Unidade.

Durante uma reunião da AMPB, em 21 de outubro de 2019, um grupo de quase quinze marisqueiras conversavam sobre sua Unidade. Em meio a vários pontos, conversaram sobre como suas mãos machucam e ficam mais áspera quando “filetam” alguns pescados. Kita perguntou, brincando, como ia fazer carinho nas costas do seu marido com as mãos dessa forma. Brincaram que em breve, com a “valorização” que a Unidade vai trazer para suas produções, elas farão uma “parceria” com uma empresa de cosméticos para “cuidarem”

das suas mãos. E foram apresentando uma série de “cuidados” que tomam para que o cheiro do marisco não “encrue” (não grude). Os “cuidados” vão desde a escolha da roupa a se vestir no momento do “beneficiamento”, à forma de proteger os cabelos, até a técnica de passar margarina na mão ou borra de café antes e depois de “catar”, respectivamente. A partir disso, debateram sobre os “preconceitos” e “machismos” que sofrem e as “constrangem”. Expressaram sobre como as pessoas falam que elas não parecem “marisqueiras” se estão com as unhas pintadas, cheirando a Boticário⁴⁹ ou se vestem-se de uma forma “bela”, se usam salto, ou estão com os cabelos arrumados. “Ouviam-se” e se “acolhiam” nessa “conversa” com falas como: “Você pode tudo. E deixa o povo falar!”.

Observo que essas discriminações sociais as intimidam para não se sentirem à vontade para se “cuidarem”, enfeitarem ou se perceberem como belas, bonitas ou mesmo cheirosas sem que se questione um imaginário social construído sobre a pessoa “marisqueira”. Analiso que o desprestígio da pesca e o imaginário social que havia estigmatizado os moradores da Biela pelo mau cheiro, no tempo em que não era feito o serviço público da coleta seletiva no bairro, recaí de forma particular sobre as “marisqueiras” dessa comunidade de pescadores.

Como bem desenvolve Paula Balduino em sua pesquisa sobre marisqueiras que vivem entre a Colômbia e Equador, há uma inversão no imaginário coletivo que transforma a idéia de um lugar de valor, conhecimentos, autonomia e tradição, a um lugar de depreciação (MELO, 2018, p. 8 e 9). Essa transformação de lugar de valor em desprestígio é fruto de um olhar machista e racista para com as mulheres que se dedicam à “atividade”, à medida que a presença negra se destaca entre as “marisqueiras” (MELO, 2018, p. 8 e 9). Compreendo que essas mulheres “trabalham” “coletivamente”, através da AMPB, a “autovalorização” tal como é usual praticarem “coletivamente” as “atividades” da mariscagem.

Virna Plastino avaliou em sua tese que, entre os anos 60 e 70, predominou na teoria antropológica uma idéia de distribuição nas sociedades dos espaços públicos como próprios ao masculino e dos espaços privados como atributos do feminino e que entre as décadas de 80 e 90 isso passou a ser questionado (PLASTINO, 2011, p. 123). O estímulo de intelectuais mulheres, negras e brancas e de movimentos sociais feministas, que se debruçaram com outro olhar para a atuação das mulheres junto às suas comunidades, contribuiu para trazer à tona atuações das mulheres na vida pública, rompendo com essa idéia dicotômica homem - espaço público / mulher - espaço privado (GOMES; ROSA, 2014, p. 92). Verifiquei, entre o grupo

⁴⁹Nome de uma marca de perfumes e produtos de beleza.

com o qual esta pesquisa foi feita, uma organização de papéis e de espaços que são atribuídos de forma específica às mulheres e a homens, assim como observei questionamentos a essa divisão por integrantes da “comunidade pesqueira”.

Os lugares de trabalho reconhecidos como das “marisqueiras” são a casa, o mangue e o rio. Várias “marisqueiras” de Belmonte me apresentaram visões como: “o mar daqui não dá pra nós”. Escutei de uma o relato de que já teve “coragem” de sair pro mar na cidade há um tempo atrás, mas hoje em dia coloca que já não está mais “corajosa”. Desconhecem ali mulher que vá pescar no mar. Dizem que são os homens que vão “lá pra fora”. Pedrina explicou que a barra (chegada do rio no mar), como não tem pedras ou outras barreiras naturais para fazer o “quebra-mar” não fica “aquela coisa bem levinha” que “qualquer pessoa sai”. É um mar “grosso”. Diferentes “marisqueiras” enfatizaram que para ir “lá pra fora” no mar de Belmonte é preciso “coragem” para se “arriscar” naquele “balanço”. Esta realidade guarda semelhanças com outros trabalhos feitos junto à comunidades de pescadores onde a mulher também não vai à pesca no mar, como apresentam o texto de Marina Figueiredo (2011) e o texto de Norma Vieira, Deis Siqueira e Darcy di Paolo (2014).

Maria Angélica Maués analisa que há um antigo padrão de divisão sexual do trabalho em que as mulheres são excluídas da pesca no mar e que se fundamenta em interdições simbólicas e mecanismos de controles sobre elas (MAUÉS *apud* VIEIRA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014, p. 9). As pesquisadoras Vieira, Siqueira e Paolo (2014) apresentam uma chave de leitura interessante para se analisar o fato das “marisqueiras” não desempenharem a “atividade” de pesca “lá fora”, no alto mar. As pesquisadoras, por meio de métodos de observação participante e grupos focais, investigam uma comunidade de pescadores em Bonifácio, localizada na Amazônia Oriental, região norte do país. Tendo como fonte entrevistas e vivências com essa comunidade, observaram que apesar de existir certa fluidez na divisão de tarefas relacionadas à pesca entre homens e mulheres, há uma notável desvalorização do trabalho da mulher e sobrecarga de funções.

A naturalização das atividades domésticas e de cuidado como algo pertencente ao feminino, acaba por ser um dos fatores responsáveis pelo não reconhecimento histórico das mulheres como pescadoras. Em seu texto, as pesquisadoras ressaltam que apenas em 2009, com a lei nº 11.959/2009 em seu artigo 4º. que:

esta lei contempla as atividades desenvolvidas no cotidiano das mulheres; abre espaço para a pesca com fins de autoconsumo e possibilita mais visibilidade para o trabalho delas na

pesca, especialmente quando considera parte das atividades de pré e pós captura, as quais são realizadas sobretudo pelas mulheres. (VIEIRA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014. p. 16)

É importante destacar que a implementação de tal lei é relevante no âmbito formal, pois reconhece a inserção das mulheres como agentes na cadeia produtiva da pesca. De acordo com contexto estudado pelas autoras, estas mulheres são consideradas muitas vezes como ajudantes dos homens, uma vez que os pescados provenientes de suas atividades, do ponto de vista comercial, possuíam menor valor de venda estando mais voltadas ao consumo familiar.

Há uma importante fonte para dialogar com esta questão que é o documentário “Mãe do Mangue”, feito por Isabela Cruvinel e Jonas Batista, em 2018, e tendo como orientadora, a professora Isabela Curado. Este documentário apresenta o modo de vida e os trabalhos das mulheres pescadoras e marisqueiras pertencentes à Rede de Mulheres que atuam na Resex de Canavieiras. O filme destaca as dificuldades e violências sofridas por essas mulheres no âmbito social e doméstico em decorrência de questões relacionadas à desigualdade de gênero, sem deixar de mostrar ainda o processo de empoderamento feminino destas mulheres.

Em um depoimento, uma “marisqueira” chamada Maria da Glória relata que, em decorrência de um problema na coluna, precisou procurar um médico que durante a consulta perguntou sua profissão. Maria da Glória, ao afirmar ser marisqueira e pescadora, ouviu deste médico que “esta profissão não existia e que ela tinha que ser doméstica”. Ela relata, então, que o sentimento que lhe tocou com esta fala do médico foi de vergonha, pois sua profissão não era reconhecida “nem para ela chegar em algum lugar e dizer.”

Mesmo com mecanismos formais que reconhecem suas atividades, a questão estrutural que as pesquisadoras Vieira, Siqueira e Paolo (2014) apontam, ao afirmar que este mecanismo jurídico não “apresenta eco” na comunidade de Bonifácio, também é observada na fala de Maria da Glória (“pescadora” da Resex de Canavieiras). De acordo com as autoras, “a realidade local ilustra a hierarquização e a desigualdade daquilo que é considerado do homem e o que é da mulher, ou seja, os lugares de gênero construídos pela cultura e sociedade” (VIEIRA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014. p. 16)

Estes lugares de gênero refletem sobre a centralidade que tem na vida dessas mulheres as tarefas relacionadas ao “cuidar” da casa e da família. Como consequência, quando além de “beneficiar” o “pescado” as “marisqueiras” também pescam, vão a lugares

mais próximos de suas casas (no mangue, rio e na praia), muitas vezes acompanhadas das crianças sob os seus “cuidados”, de modo a se ausentar por menos tempo de casa, em contraposição à demanda da pesca em alto mar (VIERA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014, p. 11-12).

Deparei-me com essa atribuição das responsabilidades com os serviços de “cuidados” com a família e casa às “marisqueiras” junto à “comunidade” pesqueira de Belmonte, ainda que tenha presenciado falas de algumas “marisqueiras” questionando o marido para que também contribuíssem nas “tarefas” domésticas. Prevalece o quadro das mulheres trabalhando com as “atividades” da pesca conjugadas com os “cuidados” empregados à família (os filhos, “esposo”, algum parente que está doente ou precisando de atenção especial) e à casa (do preparo de alimentos à limpeza da casa, roupas, louças e terreiro)⁵⁰.

Como abordado na introdução desta dissertação, a noção de “cuidado” se mostrou como uma idéia central para o grupo com quem essa pesquisa foi feita, está associada às suas práticas políticas e esteve relacionada muitas vezes à responsabilidade das “marisqueiras”. São várias as formas de “cuidar”⁵¹ de algo ou alguém, inclusive de si mesma⁵². É uma forma de se relacionar. Ressalto algumas das idéias associadas ao “cuidado” que compreendo que contribuem para pensar, no momento, as incumbências atribuídas às “marisqueiras” junto à sua família e casa. “Acompanhar” uma criança, idoso ou alguém adoentado é uma forma de “cuidado”. O “dar atenção”, apresentado na introdução deste trabalho, é também uma forma de “cuidar”. Escutei falas como “dei atenção para minha mãe e filhos”, referindo à acompanhá-los no médico e em atividades escolares. Assim, os cuidados podem estar voltados à coletividade: “dedicando-se” à organização da “brincadeira e cultura” da comunidade pesqueira, ou quando uma componente da AMPB precisa de “cuidar das tarefas” da entidade; ou para se referir a “ter cuidado” para que a associação não seja “usada” por pessoas que queiram captar recursos, aproveitando das “conquistas” que a mesma alcançou ao longo dos anos de engajamento.

⁵⁰ Essa forma de divisão social do trabalho por gênero costuma ser vivenciada também em outras comunidades de pescadores, como podemos ver a partir de estudos feitos por Marina Figueiredo (2011), Renata Machado (2019), Paula Balduino Melo (2018) e no trabalho de Norma Vieira, Deis Siqueira e Darcy di Paolo (2014).

⁵¹ Para a produção do Samba de Roda das Marisqueiras são considerados alguns “cuidados”, como apresentarei no próximo capítulo e no capítulo três desta dissertação.

⁵² Como a idéia que essa frase remete “Todo mundo gosta de ter suas mãozinhas cuidadas” que ouvi durante uma reunião da AMPB.

Flávia Biroli (2018) comenta também sobre essa forma de divisão do trabalho em que cabe às mulheres dedicarem seu tempo e energia a uma considerável parcela de trabalho a qual não é dada remuneração financeira em troca e, por vezes, nem visibilização e valorização social. Ela apresenta como sendo uma base do patriarcado, um sistema político em que os homens podem utilizar seu tempo para atividades remuneradas enquanto exploram o trabalho produzido pela mulher que beneficia a coletividade do grupo.

Diante do acúmulo de responsabilidades conferidas à mulher “marisqueira” que, além dos trabalhos de “cuidado” com a casa e família, “criando” os filhos, também dão conta da “batalha” de “buscar”, “limpar” e vender o “pescado” e as dificuldades decorrentes, ouvi também a palavra “guerreira” para se referir a essas mulheres, como Kita disse em uma conversa:

E mainha, uma mãe maravilhosa, sempre foi guerreira, sabe? Passei dificuldade, necessidade, mas ela nunca desistiu. Ela sempre junto com a gente! Ela ia pro mangue de manhã e às vezes a gente não tinha café. Mas, ela ia no mangue: “Eu vô e de tarde vai ter o caranguejo”. Às vezes ela já vinha do mangue, a gente ficava em casa esperando ela, ela chegava de tarde em casa já com caranguejo catado e já com o dinheiro do catado que ela tinha ‘pego’ e já tinha vendido. (relato de Kita feito em conversa do dia 17 de outubro de 2019).

Compreendo que o contexto estudado por Paula Balduino Melo dialoga bem com o desta pesquisa. Ela reflete sobre a ‘matrona’ como uma chave de leitura para pensar a liderança e o autogoverno que seria próprio àquelas mulheres negras do pacífico colombo-equatoriano, que também “vivem da pesca”, e “investe-se de poder no papel daquela que cuida e provê. Trata-se, pois, de um lugar que expressa poder de agenciamentos” (MELO, 2018, p. 6).

Incômodos e reclamações dos maridos, em relação ao “envolvimento” das mulheres com atividades concernentes ao que é visto como público ou “coletivo”, foram relatados a mim algumas vezes. Acompanhando o bloco-afro das Negas Nagô no Carnaval de 2018, uma “marisqueira” me falou do “incômodo” de seu “esposo” pela sua “participação” na AMPB. Contava realçando a importância que tem para ela seu “engajamento na luta” e como “participar” do “movimento” e do “coletivo” a fazia bem. Em outra oportunidade, outra “marisqueira” falava que não ia deixar de “participar” do “samba”, mesmo que seu marido estivesse “achando ruim”. Relatos que indicam tanto uma tentativa de controle, como a “luta” dessas mulheres para ocuparem esses espaços. Em diferentes momentos me falaram sobre como a “participação” na AMPB contribui para elas se “libertarem” dos “machismos”. Mas

também sobre o afastamento de componentes da associação, pois os maridos “implicavam” com a “participação” da esposa na entidade.

Durante uma roda de agradecimento feita ao final de uma “atividade” da associação, uma “marisqueira” disse, no seu momento de fazer os agradecimentos, que seu ex-marido não a deixava fazer aquilo que ela mais gostava, que era estar na “vida de marisqueira”. Ela falou baixo e tímida, agradecendo por “participar” da associação. Meses depois outra “marisqueira” me explicou que essa “companheira” começou a “participar” das reuniões da associação na época da separação de seu casamento e me disse que percebia como “ouvir” os “pronunciamentos que a gente fazia fortalecia” essa “marisqueira”.

Analiso que as “conversas” tem uma agência fundamental sobre as pessoas a partir da noção de “acolher”, “abraçar” e de “ouvir” . Está conjugada a essa idéia a concepção de que há formas de “falar” que “enxotam”, afastam os seres, e outras formas que “envolvem” as pessoas. Ouvei algumas vezes a palavra em explicações como quando alguém “enxotou” um gato, pois tinha expulsado ele de dentro de casa; ou a frase que traz com precisão o sentido que estou ressaltando: “A associação tem que abraçar as pessoas e não enxotar.”. Ou “Belmonte é um lugar acolhedor” e sobre a importância de se “envolver os jovens para tomarem gosto do samba, sentirem a alegria de participar”, ou ainda, alguém explicando que foi bem recebida, dizia: “Fui abraçada”. Essas noções ressaltam as idéias de fazer sentir bem, de trazer para perto, de valorizar⁵³ e estão também aliadas à idéia de “cuidar” ou “ser cuidada”. E, para além disso, podem “sensibilizar” alguém, deixar a pessoa mais “aguçada”. O ato de “ouvir” pode acontecer ou não, para poder se realizar a “sensibilização” que a forma de “falar” buscou. Na tentativa de que o outro “ouça” e “seja envolvido” há o “cuidado” de se “falar com amor”. Ao “ouvir” é atribuída a compreensão de que as pessoas são afetadas, desperta-se o querer “estar junto”, “participar”, e a pessoa que “ouve” é transformada, vai “ganhando entendimento”, se “desenvolvendo”, “aprendendo”.

Analiso que essas concepções correspondem ao discurso amoroso e religioso de que fala Bruno Latour, destacando que há conversas de informação e conversas de transformação. Ele fala que as de transformação, quando as palavras são proferidas, combinadas com um conjunto de formas de comunicação⁵⁴ e tonalidades, acontece “um pequeno deslocamento na

⁵³ O “chamamento”, apresentado no início deste capítulo, está envolto dessa mesma idéia de “acolhimento” e “valorização”. São formas de “cuidado”.

⁵⁴ Como sorrisos e risos, suspiros, silêncios, abraços, gestos, olhares e posturas que se relacionam entre si e transmitem o argumento.

marcha ordinária das coisas.” (LATOURE, 2004, p. 351). E a atenção é direcionada para a feitura da pessoa, não para o conteúdo da mensagem. Essa forma de discurso tem a intenção de produzir em parte a pessoa ou um novo estado na mesma. Esta pessoa, se “ouve”, se colocando como um receptor em transformação, é apanhada pela fala e não apenas apodera-se de algo que foi falado (LATOURE, 2004, p. 357-366).

Compreendo que as conversas de transformação acontecem no encontro de uma ação dupla. Uma que é a de transformar, aproximar, trazer à presença, re-presentar no sentido de apresentar na fala o estar presente simultaneamente ao fazer-se sensível à presença do outro (LATOURE, 2004, p. 352-353). E a essa ação está mesclada a de informar, que oportuniza ao outro “ganhar entendimento”. O ato de aprender produz a própria feitura da pessoa, como bem examinado no início deste tópico “A maré que manda na gente” sobre a concepção da pessoa “marisqueira” e “pescadora”.

Elaboro que a construção da pessoa⁵⁵ “companheira” e “companheiro” acontece também a partir do “acompanhamento”, alicerçado no “ouvir”, na “participação” nas “conversas” sobre as “organizações” da AMPB, ou “participando” das próprias “atividades” do grupo ou de outras entidades do movimento social da pesca. Através disso a pessoa vai “ganhando entendimento” e se “desenvolvendo”. A noção de “companheira e “companheiro” são atribuídas a quem segue se engajando nas “lutas” da “classe” e da “comunidade” pesqueira, principalmente às “marisqueiras” e aos “pescadores”.⁵⁶

É comum que se refiram às pessoas que compõe as entidades “parceiras”, que estão “envolvidas” nas “lutas” para garantir as condições de continuidade do “viver da pesca” no “território”, como “companheiras” ou “companheiros”. Nos mais de dez anos de trajetória, a associação foi estabelecendo “parceria” com outras organizações para além da Resex de Canavieiras. A Associação Mãe dos Extrativistas de Canavieiras (AMEX) é uma entidade com quem a AMPB desenvolve importantes articulações nesse sentido. A AMEX engloba

⁵⁵ O “ouvir” também participa da construção da pessoa “sambadeira” e “tocadora” como apresento no próximo capítulo. A idéia de “pessoa-tambor” com a qual Virna Plastino (2011) trabalha em sua tese traz fundamentais contribuições para se pensar esta realidade estudada, como trabalhado no capítulo 3 deste trabalho.

⁵⁶ A partir de um momento no percurso da realização dessa pesquisa, algumas “marisqueiras” passaram a se referir a mim como “companheira”, em uma conotação daquela pessoa que está “envolvida”, “engajada” com a luta da “classe” pesqueira. Esta mensagem enviada por Pedrina no grupo de whatsapp ‘samba de roda é saber’, em 27 de novembro de 2019, ilustra um desses momentos: “Bom dia companheiras, sambadeiras. Recebemos uma proposta para através do Instituto Mãe Terra, nos inscrevermos no edital aberto da Lei Rouanet, com a proposta a qual ainda não se foi pensado, mas no qual podemos por nosso sonho de resgatar a cultura de nossa comunidade em dia. Vivenciar tudo que almejamos com o nosso Samba e além do mais ter nossa companheira Paulinha conosco. Peço que avaliem a idéia. O que acham?”

associações das “comunidades” pesqueiras que atuam ao redor da Resex e se “beneficiam” com a preservação da UC no território. Desde sua criação em 2009, a Associação Mãe segue o intuito de “fortalecer” as organizações comunitárias que a compõe, através da articulação social em rede, respeitando as especificidades de cada uma (CURADO, 2014, p. 10).

Outra “parceira” da AMPB é a Rede de Mulheres Pescadoras do Sul da Bahia, composta por “marisqueiras” da Resex de Canavieiras e seu entorno, coordenada através da AMEX. Foi gerada a partir da união de várias mulheres que trabalham na “atividade” pesqueira ao redor desta Resex. Sua formação está entremeadada tanto ao processo de formação desta Resex (ETTINGER et al., 2015, p. 155), como recebeu também efeitos do engajamento nacional de mulheres “marisqueiras” que desde 2004 conseguiram maiores articulações para terem reconhecidos seus direitos como trabalhadoras da pesca e acolhidas especificidades da atuação das mulheres “marisqueiras” (ETTINGER et al., 2015, p. 167-168). A Rede de Mulheres foi consolidada com o intuito de valorizar o trabalho das “marisqueiras” da Resex de Canavieiras e municípios vizinhos, visibilizar as demandas levantadas pelo grupo, garantir seus direitos e benefícios enquanto “marisqueiras” e mulheres e fomentar a participação feminina nos processos decisórios comunitários, conforme pode-se compreender a partir das produções de Valéria Ettinger et al. (2015, p. 155) e de Marina Figueiredo (2015, p. 175).

Pedrina é uma das coordenadoras da Rede de Mulheres⁵⁷ e lembra que “quem levantou o desejo [de criar a Rede como tal] foi a Jaqueline Sicupira”, uma consultora da AMEX. Ainda que antes de sua criação várias das mulheres das comunidades contempladas já tinham articulações entre si, Pedrina conta que o projeto de formação da Rede contribuiu para suas componentes obterem mais “conhecimentos” que “replicaram” na “comunidade” e também entre as “marisqueiras” de Belmonte que não são da AMPB. Além de ter estimulado que as outras três Resex Marinhas da Bahia (Cassurubá, Corumbau e Baía do Iguape) se mobilizassem para criar um grupo local de mulheres. Atualmente as integrantes da Rede consideram consolidar essa atuação do grupo junto à essas outras Resex, ampliando a nível estadual, e as incluindo como parte de uma Rede de Mulheres Pescadoras da Bahia.

Através da própria Resex de Canavieiras, há uma relação de parceria entre a AMPB e as outras Resex Marinhas da Bahia. Pensam, elaboram e executam em conjunto projetos que alcançam as especificidades de cada uma, assim como os desafios em comum. Constituem a

⁵⁷ Cada associação que compõe a Rede de Mulheres tem uma representante que atua como coordenadora da Rede.

Comissão Estadual de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e dos Povos Extrativistas Costeiros e Marinheiros da Bahia (Confrem-BA), que possui três membros e três suplentes de cada uma dessas Resex. A AMPB ocupa um desses espaços, tendo a representação de Pedrina como uma das coordenadoras da Confrem-BA. Além desta “marisqueira” ter composto a Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais como suplente do “companheiro” Ernesto, morador de Canavieiras na comunidade de Barra Velha. Articulam-se também com a Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas (CONFREM) através da representação de membros da Resex de Canavieiras que compõem esta comissão de âmbito nacional.

Conversando com Pedrina em sua casa, na noite de 10 de outubro de 2019, enquanto ela cuidava de Lorenzo, ela me explicou à respeito das parcerias que a AMPB desenvolveu ao longo de sua trajetória: “nossa associação tem essa coisa de ir ocupando os espaços para estar por dentro das coisas. Porque se a gente não ocupar, a gente vai ficar a ver navios. A gente tem que estar por dentro. Aí, é aquilo que eu te falei: quanto mais pessoas participando, melhor pro entendimento, melhor pro desenvolvimento, melhor na hora de repassar. E mais pessoas aprendendo! (...) É mais como estratégia.”

É com essa trama de “parceiros” e pessoas “companheiras” que a AMPB tem “lutado” para que a “comunidade” possa continuar com seu modo de vida que foi apresentado. Entretanto, informam que enfrentam no “dia a dia” uma difícil “luta” dentro da própria “comunidade” pesqueira da Biela contra o “machismo”. Pedrina explica:

Tudo de ruim que a gente encontra é o machismo. Porque a nossa associação é só de mulheres. E só tem mulher e a gente consegue andar, consegue caminhar, a gente consegue realizar as coisas aqui. Por ser mulher, por ter sensibilidade. E a mulher, claro, tem mais sensibilidade que o homem. E aí esse machismo que parece não acabar nunca aqui. O problema que a gente tem com essa falta de parceria com a Colônia [de Pescadores de Belmonte - Z21] é mais pelo machismo. De não querer se aliar a nós é mais pelo machismo, porque nós somos mulheres. “Essas mulheres...” É assim mesmo, num é, D’Ajuda?. “Essas mulheres...” A gente já foi chamada tantas vezes de “sem o que fazer” só porque a gente às vezes prioriza sair pra ir pra luta, sair para se juntar com o movimento, sair pra rua, pra ir pra Brasília, pra Salvador. A gente foi várias vezes pra Salvador aqui pra ir ocupar o INCRA. Da última vez que eu fui, e eu já estava grávida. Eu acho que eu já estava grávida, a gente veio... Eu fiz um samba dentro do Incra. A reunião comendo lá dentro da sala de vidro e do lado de fora o samba comendo⁵⁸. (Conversa feita com Pedrina e D’ajuda, em 13 de março de 2019, na casa de Pedrina - grifos nossos).

⁵⁸ Pedrina comentou que nesta ocasião outras “sambadeiras” do Samba de Roda das Marisqueiras também estavam presentes. Junto com outras “companheiras” “marisqueiras”, que também realizam “sambas” em suas “comunidades”, deram início a um “samba de roda” para “fazer barulho” e manter o ânimo dos “companheiros” que negociavam na reunião direitos relacionados à “classe pesqueira”. Em outros espaços de negociação ela e outras “companheiras” relataram a realização de “sambas de roda”, mas não identificam como a realização de um dos “sambas” do grupo Samba de Roda das Marisqueiras.

A partir dessa fala estão expressas críticas feitas às sócias da AMPB por se ausentarem do espaço privado que lhe é atribuído socialmente, e “priorizarem” se “organizar” em coletividades para “ir para a luta”. Na carta escrita pela diretoria da associação para compôr o texto desta dissertação, elas relatam como as “conquistas” da AMPB, mesmo beneficiando várias famílias da sua “comunidade” e não só às associadas, ocasionaram o aumento do “machismo” de “companheiros” da Biela contra elas. E disseram como essa visão cria uma resistência para que a AMPB consiga desenvolver uma relação de “parceria” com a Colônia Z21. Mas informam que, apesar disso, acreditam que um dia estes “companheiros” entenderão que “lugar de mulher é onde ela quiser estar”, reafirmando a “sensibilidade” das mulheres e a capacidade de fazerem o que quiserem.

Como manifestação do “machismo”, há o descrédito das informações que a diretoria da AMPB repassa às suas sócias e à comunidade⁵⁹. Algumas “marisqueiras” relatam que, apesar de ser responsabilidade da Colônia, a entidade não costuma buscar e repassar à “comunidade” informações que são do interesse do grupo. Por atitudes como essas, mais de uma vez ouvi a expressão de que a Colônia “catequiza” os “pescadores” para que vejam a instituição apenas como o meio de acessarem o “defeso”, apesar de não caber a essa a concessão de tal benefício, que é garantido pelo Estado e é um direito dos “pescadores” e “marisqueiras”. Devido a esse contexto, permeado pela construção de uma visão estrutural da sociedade que descredibiliza as mulheres, há um impacto na composição de membros da AMPB. Recebi a explicação de que ocorreu situações em que algumas sócias da AMPB, com receio de se indispor com os componentes da Colônia, afastaram-se da associação, quando esta instituição se posicionou de forma contrária à Colônia.

Escutei diferentes pessoas da “comunidade” e da cidade se referirem a este conflito como “Vasco e Flamengo”, “briga” ou “picuinha”. Percebo, entre as sócias da AMPB, um descontentamento com a existência dessa “luta” que tem precisado enfrentar dentro da própria “comunidade” e um desejo de poderem fazer “parceria” com a Colônia de Belmonte. Algumas falas demonstram como querem se “aliar” com a Colônia para favorecer no enfrentamento das “lutas” em defesa do “viver da pesca” no “seu lugar”: “a luta ia ser muito

⁵⁹ Como a situação relatada no primeiro tópico deste capítulo em que a diretoria da AMPB gravou notícia de jornal de rede nacional que informava sobre uma situação do seguro defeso e reproduziu para as associadas estarem a par. Mas, apesar disso, membros da diretoria da Colônia (composta principalmente por homens) insistiram que aquelas informações não eram verdadeiras, e grande parte da “comunidade” só voltou a acreditar nas informações repassadas pela AMPB quando os fatos se confirmaram na prática.

mais fácil se a gente tivesse uma parceria. Mas a Colônia num dá esse espaço”. Afirmam que as “parcerias” são formas de se “fortalecerem”.

As noções de “força”, “fortalecimento”, “energia” se evidenciaram como matriz central para as concepções deste grupo com quem este trabalho foi feito. Estão relacionadas a receber apoio e ajuda, assim como o estado que se alcança quando se toma os “cuidados” devidos. Há a idéia de que o “abraço”, a “união” e o “ganhar entendimento” “fortalecem”, “mantém firme”, o que favorece alcançar objetivos e perpetuar o que se quer contínuo. Logo, o “chamamento” apresentado anteriormente está vinculado ao agenciamento dessa “força”, a ser uma forma de “acolher” e buscar essa “união”. O Samba de Roda das Marisqueiras é produzido pela AMPB com esse propósito, como apresento no próximo capítulo. Pode se fortalecer uma pessoa, uma comunidade, uma instituição e até uma “brincadeira”. “Ouvir” é algo que traz “fortalecimento”. Um “dia forte” é um dia cheio de “atividades” da “luta”. Escutei também frases como: “um grupo de mulheres que está como a associação, se fortalecendo, umas abraçando as outras”.

A “força” pode vir de “companheiras”, de “parceiros”, de “ancestrais”, de uma “entidade”, de “algo superior”, de “guias”. É o manejo desta “força” que se “cuida” também quando se faz a “brincadeira” do Samba de Roda das Marisqueiras. Esta pesquisa foi referida algumas vezes como algo que “fortalece”, que “dá uma força”, como na frase que Pedrina disse às “companheiras” em uma reunião da AMPB, em outubro de 2019, sobre a escrita dessa dissertação: “tudo que ela venha a escrever só tem a nos fortalecer.” Ou quando esta “marisqueira” explica que recebe “força” de “algo superior” para conseguir fazer algumas análises e se posicionar diante de “diálogos” nas “lutas” vivenciadas contra a Veracel Celulose. Ou quando me explicavam sobre como a “parceira” Conservação Internacional (CI)⁶⁰ “fortalece na construção de diálogos” das “conversas” e “brigas”, que são da associação.

Analiso que o estabelecimento de “parcerias”, assim como as noções de “diálogo”, “conversa”, “falar”, “barulho”, “ser ouvida” e “ouvir” são acionadas com frequência quando vai se falar das “estratégias” de “luta” da AMPB. Elucida bem isso o processo de “luta” vivenciada entre a associação e a Veracel Celulose, empreendimento que em sua cadeia produtiva de celulose fragiliza a atividade da pesca artesanal. As acionistas desta

⁶⁰ A Conservação Internacional é uma organização não-governamental com sede em mais de quarenta países, visa a conservação de locais de alta biodiversidade e promover o bem estar humano, desenvolvendo parcerias com “comunidades” dos locais onde atuam pela proteção.

multinacional são duas empresas: uma sueco-filandeza, Stora Enso, e a brasileira Suzano. Tanto o terminal marítimo (referido como “porto”), como parcela da fábrica se situam no município de Belmonte. Escutei algumas falas de “marisqueiras” e “pescadores” que marcam “prejuízos” que a empresa lhes traz: “temos ciência de que a Veracel afeta a nossa atividade”. Relatam que o porto da Veracel comprometeu pesqueiros da “comunidade” (lugar propício e fértil para a pesca). Contam também que a empresa retira água do rio Jequitinhonha para utilizar em suas atividades e, neste procedimento, acaba por levar e matar os “alevinos” (filhotes de peixes) e retirar sedimentos que servem de alimentos para a fauna local enquanto leva a água deste rio “que já está desfalecendo”. Quando despeja de volta no rio seus efluentes, a “comunidade” não tem segurança de que estes estão em condições apropriadas para a saúde do estuário.

Compreendo que o processo de “luta” da AMPB com a Veracel se desenvolveu com várias nuances, se cruzando, inclusive, com a “luta” que a associação enfrenta com a Colônia Z21. Pedrina ponderou que “no início a gente entrou na discussão [com a empresa] por causa do machismo.” Como as mulheres da diretoria da Colônia não estavam “participando” das reuniões de definição das ações de mitigação⁶¹ para o licenciamento do porto da Veracel junto ao Ibama, as associadas da AMPB quiseram participar, pois entenderam que são diretamente impactadas em suas produções também. Depararam com reuniões em que só os representantes da Veracel falavam, e a “comunidade” se mantinha calada. Assim, o grupo da AMPB passou a expressar nessas reuniões as situações que a “comunidade” pesqueira vinha passando e como sua “produção” ficava “impactada”. Entretanto, a empresa passou a chamá-las através da Colônia que não lhes repassava o convite, como relatou Pedrina em uma conversa que tivemos na sala da casa de Kita em 26 de outubro de 2019 : “Eles [Colônia] acham que por fazer barulho, por conversar, por querer dialogar, isso tende a fazer a pessoa perder. Muito pelo contrário. A gente perde quando a gente não abre a boca.(...) Foi quando eles [Colônia] pararam de chamar a gente. A Veracel fazia o convite e eles não chamavam a gente. (...) Eles escondiam.” Sobre este momento de tentativa de silenciamento, me explicam que “brigaram para entrar na briga”. Foram “de intrusas” a uma reunião, Pedrina “chamou” outras “companheiras” e questionaram aos representantes da Veracel e da Colônia presentes:

⁶¹ Pedrina faz uma análise sobre o uso da palavra “mitigação”: eu já percebi que eles [Veracel] não querem, não gostam quando utiliza essa palavra ‘mitigação’. Mas isso é uma mitigação! (...) Porque eles estão destruindo, vão continuar destruindo e vão continuar aí.

“Ô, essa reunião é só pros homens, é!? E é só pra três gatos pingados? Só para diretoria?” (...) Chamei as meninas e falei: Meninas, vamos ter uma conversa aqui agora com as duas partes! (...) Por que a gente não é convocada para as reuniões da Veracel? A gente, instituição. Nós somos uma instituição separada. Cada um tem seu CNPJ.” A resposta [de representantes da Colônia] foi: “Vocês são muito confuzenta, barulhentas!” Que a gente conversa demais! Foi isso, a resposta! Ai eu falei: “Ô e isso é motivo para a gente ficar fora da reunião?” A partir de hoje você [assistente social da Veracel] tem os nossos telefones: o telefone da presidente e o meu telefone. Ligue diretamente para nós já que é pra gente participar.” A gente não perdeu mais nenhuma reunião. E assim foi feito. Foi quando a gente pleiteou a Unidade [de Beneficiamento]. Começamos a conversar. (Relato de Pedrina feito em conversa comigo e D’Ajuda, em 13 de março de 2019, na casa de Pedrina - grifos nossos).

É comum que essas mulheres “marisqueiras” componentes da AMPB ouçam que elas “tem a língua solta na boca”, que “falam demais”. Apesar de atos e críticas que tentam constrangê-las e silenciá-las, persistem para não terem nada “enfiado guela abaixo” e serem “ouvidas”. Assim como defendem que as outras pessoas que vivem dificuldades específicas provocadas pelos impactos da atuação da Veracel no “território” precisam ser “ouvidos”, pois quem “sabe contar” são os “protagonistas”. Em 23 de abril de 2019, Pedrina, questionando sobre a dimensão dos impactos da Veracel, exprime a concepção de “território” da “comunidade” pesqueira:

Aí já vem a parte do porto. Chegaram ali e pegaram uma boa parte de um recurso que é nosso: que é o mar. O mar é de quem? O mar é de quem vive dele! Fizeram um porto. Qual é o retorno⁶² que isso tem? O que eles utilizam e o que eles fazem ocupando o espaço, compensa? (relato de Pedrina em conversa realizada em 23 de abril de 2019).

Em atividades e encontros que presenciei com representantes da Veracel, observei que algumas associadas falam com maior “firmeza” diante destes, enquanto outras vão sendo incentivadas a se “apresentarem”, “falarem”, expressando seus pensamentos. Nas “conversas” apenas entre as associadas ou entre a diretoria que estive presente, percebi a construção de análises dos contextos e ponderações sobre suas movimentações de formas “estratégicas”. Entendo que soma-se a isso o “fortalecimento” e “entendimentos” que as integrantes da AMPB vão ganhando através das suas tantas “parcerias” com outros movimentos da pesca, pessoas e instituições. Percebo a demonstração de segurança e plena compreensão na defesa de seus direitos, por exemplo, quando Pedrina narra a primeira reunião que fizeram com a Veracel:

Eu perguntei [aos membros da Veracel] “Você tá gravando? Pode gravar. Pode gravar. Porque tem que ficar registrado. Porque (...) a gente pode implantar o que for aqui. Vão implantar [a

⁶²Nete e Pedrina refletem também que a maior parte de cargos de trabalho gerados com o estabelecimento da fábrica da Veracel, que “pegou terra que era nossa [de Belmonte]”, empregou pessoas de Eunápolis e Porto Seguro, sendo poucas pessoas de Belmonte contratadas.

Unidade de Beneficiamento]. E mais importante pra nós, mais importante pra nós, é que tenha peixe no rio, camarão no mar e condições pra trabalhar.” Porque não vai adiantar. O que adianta a gente ter uma Unidade de Beneficiamento se não tem o camarão, se eles [Veracel] acabarem com tudo. O que adianta a gente ter um lugar pra filetar o peixe, se não vai ter o peixe. Se eles estão pegando tudo, sugando tudo. (Relato de Pedrina feito em conversa comigo e D’Ajuda , em 13 de março de 2019, na casa de Pedrina - grifos nossos).

Destaco, a partir deste conflito, concepções de “estratégias” e “luta” que este grupo elabora e se “engaja”. A “luta” da AMPB contra a Veracel é apresentada como uma “luta de diálogo”, “luta de compreensão de ambas partes”. Nas ponderações que componentes da associação fizeram em minha presença sobre essa “luta”, ressaltaram a relevância da palavra “diálogo” e relataram que enfatizam essa noção em suas “conversas” com a empresa, para que não se esqueçam que foi um “processo de luta”, o que hoje em dia começa a ser reconhecido por representantes da Veracel que antes “torciam o nariz para elas”. Afirmam que enquanto estiverem relacionados com as causas de “prejuízos” na “atividade” pesqueira, essas “conversas” ficarão com “reticências”, o “diálogo” precisará continuar.

Componentes da associação entendem que a empresa vê na AMPB uma “parceira”, tendo passado a apresentar o grupo como “vitrine” da mesma. Expressam ter clareza de que a empresa não é “parceira” da associação, ainda que de fato a AMPB seja uma “parceira” da Veracel, já que “ajudam” a multinacional a comprovar para seus acionistas (que em diferentes momentos vieram conhecer o grupo) suas ações sociais direcionadas aos impactados pela sua atuação. A empresa não é vista como uma “amiguinha”, pois está fazendo o que é de sua “obrigação” e que a AMPB só “conquistou” isso, afirma D’Ajuda, por “estar na luta”, “correndo atrás, em diálogo”. O que reflete uma distinção de que “parceiro” é aquele que “ajuda”. E quando um é beneficiado, enquanto o outro é “mitigado” por “prejuízos” trazidos pelo primeiro, confere-se uma relação de “luta”, ainda que “passiva”.

Defendem que para de fato ser “mitigada” pelos impactos, a “comunidade” atingida precisa ser “ouvida” pela empresa, para serem “atendidos” no que realmente garante que não tenham que deixar de “viver da pesca” no seu território. Contam que, com o passar do tempo, com os “diálogos”, os representantes desta multinacional demonstraram que passaram a entender a importância de “ouvirem” para saberem atender. Compreendo como a persistência no engajamento do “diálogo”, auxiliadas por momentos de “chamamento” de “parcerias” e outras “ajudas”, contribuíram para as “conquistas” feitas.

Nos impactos causados pela instalação e operação da Usina Hidrelétrica de Itapebi⁶³ (UHE-Itapebi) no Rio Jequitinhonha, a AMPB e a “comunidade” pesqueira de Belmonte como um todo, nem ao menos tiveram a chance de serem “ouvidas”. O estabelecimento desta hidrelétrica à montante transformou o regime fluvial deste “território” pesqueiro e a disponibilidade de peixes na sua foz. Pereira (2011, p. 94-111) mostra que o processo de licenciamento do empreendimento descumpriu resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) ou da Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) e apontamentos do Ministério Público Federal (MPF), que evidenciam a necessidade de se “considerar” a bacia hidrográfica na definição da área de influência⁶⁴ de uma UHE. Desta forma, os Estudos de Impacto Ambiental e as condicionantes do licenciamento da hidrelétrica não reconheceram a “comunidade” pesqueira de Belmonte como impactada, apesar dos estudos⁶⁵ que apontam que as consequências de um empreendimento como esse abarcam também a foz do rio. As declarações de “marisqueiras” e “pescadores” de Belmonte endossam esses estudos quando contam que algumas espécies de águas profundas deixaram de ser encontradas ou diminuíram consideravelmente sua presença no rio, desde a implantação da UHE-Itapebi. Além de relatarem que a menor profundidade no rio alterou também o acesso ao mar por sua barra e a navegação pelo próprio Jequitinhonha e pelo Rio Passuí, do qual ele é afluente. As “marisqueiras” e “pescadores” precisam fazer viagens mais longas, cansativas e com horário mais restrito, de acordo com a maré cheia.

Em relação a essa “luta”, Pedrina informou que uma vez um morador da Biela soube e lhes avisou que poucos agricultores de Belmonte iam se reunir com representantes da hidrelétrica. Falaram que tinham interesse de “participar” e entraram “de ousadas”, pois na porta falaram que elas não estavam autorizadas:

Com a hidrelétrica a gente não está nem gastando energia, né! A gente não tem nem com quem falar. Tivemos uma oportunidade única uma vez (...) Quando a gente estava indo não disse quem a gente era, estava tudo bem, tudo do ótimo. Aí depois que eu falei o que eu bem quis lá (...) A gente não teve mais oportunidade nenhuma de discussão. E a única discussão que a gente faz é

⁶³ As obras de instalação da UHE-Itapebi se iniciaram, em 1999, pela Neoenergia. Entrou em operação em 2003.

⁶⁴ Os efeitos dos impactos da UHE-Itapebi somam com o de outras tantas barragens ao longo do curso do rio Jequitinhonha, o que torna essa “luta” ainda maior. A “comunidade” de Belmonte também não foi consultada em relação às outras instalações e membros da AMPB tomaram ciência dessa configuração quando, participando de uma ação em Porto Seguro, mostraram para elas imagens das inúmeras barragens que estão à montante no rio. Pedrina conta ao lembrar: “Menina! Eu cheguei a chorar... de tanta hidrelétrica que tem!”

⁶⁵ Manyari (2007) aponta que esse impacto à jusante de barragens é comumente citado na literatura, e segundo a Comissão Mundial de Barragens (WCD, 2000), a perda de nutrientes e sedimentos nos rios contribui para a perda de biodiversidade nos ecossistemas à jusante de barragens. (PEREIRA, 2011, p. 94)

nos espaços que a gente vai e a gente sempre fala que o problema maior da diminuição da produção é a questão da vazão do rio. (Relato de Pedrina feito em 13 de março de 2019, em conversa comigo e D’Ajuda).

Analiso que a “fala” continua em ação nessa “luta”, quando a “comunidade” pesqueira persiste em trazer à tona como a presença da barragem da hidrelétrica atinge profundamente e de várias formas seu “território”. Em uma reunião, um “pescador” manifestou: “ Belmonte está sendo levado pelo impacto ambiental da barragem”. Expressões como essa, de insatisfação com a operação da hidrelétrica são “faladas” em “conversas”, postagens de redes sociais, letras de “samba de roda⁶⁶” e reuniões com “participação” das mais variadas pessoas: entre moradores, com membros do poder público, com “parceiros”, com visitantes “de fora”. Compreendo que essa não é uma “luta de diálogo” como a “luta” com a Veracel. Mas entendo que, ainda que não estejam “gastando energia” para novamente tentar “conversar” diretamente com representantes da UHE que se negam a “ouví-los”, há nessas “falas” formas de fazer o “chamamento” de outros “parceiros” e buscas por “estratégias” para alcançarem “conquistas”, mesmo que pontuais.

Os impactos dos empreendimentos tem efeito cumulativo de prejuízos sobre a “produção” de quem “vive da pesca”. Dessa forma, a “luta” em defesa do “território” pesqueiro é composta por diferentes pautas e frentes. O texto postado pelo perfil da AMPB, em setembro de 2019, destaca esse amálgama:

E nosso dia termina com sentimento de total indignação. Se ainda não bastasse todas as perdas que temos tido durante essas 2 décadas, depois da construção da barragem que assoreou o nosso jequitinhonha, eliminando assim os nossos melhores pesqueiros, deixando de lançar ao mar sedimentos necessários para alimentar diversas espécies, dificultando a nossa produção e nossas vidas, as mudanças climáticas, a veracel, enfim... Ninguém tá aí pra quem vive direto ou indiretamente dos recursos naturais. (...) Se tantas famílias vivem do rio, do mar, do mangue, dos apêcuns...por que tamanha falta de sensibilidade com essas pessoas. (...) a Prefeitura [de Belmonte] compareceu, em nosso espaço [sede da AMPB], não convidada por nós, que fique claro, estando conosco em algumas atividades, dizendo assim para os presentes que são parceiros nossos. Que espécie de parceria, licença empreendimento [cultivo de camarão em cativeiro] que pode nos afetar. Estando entre nós e nada disseram. (...) Queremos pessoas que construa com agente e não quem nos queira destruir o futuro dos nossos filhos, netos, bisnetos, nossa geração futura. Sempre invisibilizad@s nossa Classe!(AMPB MARISCO, 2019b)

Uma vez que o poder público municipal põe em risco a continuidade do “viver da pesca”, o texto da AMPB questiona a possibilidade deste órgão se configurar como

⁶⁶A carta escrita pela AMPB, que constitui essa dissertação, traz em si a composição de dois “sambas de roda” feitos por Pedrina que descrevem e denunciam as consequências que a operação da hidrelétrica de Itapebi trouxe para suas vidas e do rio Jequitinhonha e expressa os receios embutidos no risco desta barragem no curso do rio.

“parceiro” da entidade a partir da noção que a categoria “parceiro” tem para o grupo. Conduas como essas vindas por parte de órgãos da prefeitura, inclusive, provocam no grupo reflexões de acordo com as “ajudas” ou “danos” que cada secretaria municipal oferece à associação. Consideram sobre qual tipo de atividades vão participar com as diferentes secretarias municipais, assim como quais convites, para apresentar o Samba de Roda das Marisqueiras, vão aceitar.

O texto se refere ao licenciamento feito pela prefeitura de Belmonte, autorizando o cultivo de camarão em cativeiro (carcinicultura) em região que traz prejuízos diretos para Campinhos⁶⁷, assim como riscos para a “comunidade” de pescadores da cidade. É outra atividade econômica que há anos disputa o uso do espaço coletivo tradicionalmente utilizado pela pesca artesanal. Isabela Curado (2014) apresenta como esse cultivo tem trazido problemas ambientais para as “comunidades” extrativistas da Resex de Canavieiras: desde a destruição de faixas de mangues e limitação de acesso a outras áreas coletivas de pesca à retirada de água das margens dos rios onde os alevinos e os guaiamuns vivem; como o rompimento de barreira dos tanques de cultivo e outros escapes das espécies e água (com doenças) dos tanques que fragilizam o ecossistema. A pesquisadora (e consultora da Rede de Mulheres) chama atenção também para os conflitos políticos acarretados a partir do estabelecimento de uma relação de apoio mútuo entre os criadores de camarão e o poder político local “gerando um ambiente de impunidade para intimidações e ameaças”(CURADO, 2014, p. 8-9), direcionadas a quem se posiciona contrário a seus interesses.

Percebo como a sensação de “invisibilidade” é mencionada em diferentes momentos pelas associadas. Assim como por outras pessoas “companheiras” que compõem a “classe” pesqueira e participam das organizações de movimentos da pesca (local e estadualmente⁶⁸). Compreendo que remetem ao fato de que seus modos de vida, em estreita relação com o meio ambiente, são ignorados como relevantes nos processos de decisão que atingem a elas e suas comunidades, o que acarreta uma dispensa de serem “ouvidas” e de serem consideradas suas percepções, vozes e demandas.

⁶⁷ Campinhos é uma comunidade de pescadores que faz parte de Canavieiras, mas guarda a fronteira de Belmonte.

⁶⁸ Como o Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais da Bahia.

Lays Helena Paes e Silva (2012) e Selene Herculano (2008) abordam o racismo ambiental como chave de interpretação para se pensar esses mecanismos que impõe “a ‘chegada do estranho’, isto é, de grandes empreendimentos desenvolvimentistas – barragens, projetos de monocultura, carcinicultura” (HERCULANO, 2012, p. 16) sobre o território ocupado por populações etnicamente vulnerabilizadas. Ainda que essas intervenções sejam prejudiciais à saúde humana e ambiental, afetando diretamente as suas atividades e os meios de sobrevivência das populações ali já estabelecidas, ou, por vezes, constringam à desterritorialização das mesmas. Selene Herculano bem correlaciona as hierarquias de poder racialmente estruturadas, produtora também do racismo ambiental, com a invisibilização de grupos:

Os mecanismos e processos sociais movidos pelo racismo ambiental naturalizam as hierarquias sociais que inferiorizam etnias e percebem como vazios os espaços físicos onde territórios estão constituídos por uma população que se caracteriza por depender estritamente do ecossistema no qual se insere. Em suma, trata-se aqui da construção e permanência de relações de poder que inferiorizam aqueles que estão mais próximos da natureza, chegando a torná-los invisíveis. (HERCULANO, 2008, p. 17)

A licença conferida pela prefeitura de Belmonte abarca área contígua à comunidade de Campinhos. Entretanto, seus moradores perceberam que as intervenções das fazendas de camarão estavam invadindo área da Resex de Canavieiras, dentro de seu território, e denunciaram. O ICMBio confirmou, através de imagens de satélites, a infração e determinou a paralisação da atividade, lacrando as máquinas. Apesar disso, elas foram deslacradas e as obras retomadas. Apenas com a ação do Ministério Público foi respeitada a determinação de paralisação por 90 dias.

O aniversário da Resex de Canavieiras, da Amex e Rede de Mulheres, que estava agendado para ser comemorado no final de setembro de 2019, foi adiado para outubro devido as diligências que esse licenciamento trouxe para as “comunidades” pesqueiras “parceiras” que compõem as entidades. A celebração conjunta destes aniversários foi pensada como um espaço de “formação política”, contando com três dias de programação de oficinas e outras atividades. Por ser compreendido como ação alinhada com a finalidade do evento, o Samba de Roda das Marisqueiras compunha a agenda em cada um dos dias.

Lideranças de “comunidades” pesqueiras que compõe a Resex tiveram receio de que algumas cobranças, vindas da gestão de Brasília do ICMBio, feitas à administração da Resex-Canavieiras, indicassem mais uma expressão de “perseguição” do governo federal

para com a “classe” pesqueira e à Resex. Assim, em outubro, as atividades que celebrariam o aniversário desta Resex, Amex e Rede de Mulheres foi adiado mais uma vez. Desde o início de 2019, foi comum ouvir comentários como “com esse governo só Jesus na causa” ou “esse momento delicado que estamos passando” para se referir às consequências de decisões do governo Bolsonaro. Ouvei também leituras de conjuntura como “Bolsonaro está só intensificando o que já era: o Brasil como um caranguejeiro enquanto os países industrializados são os atravessadores.” Analiso que essas falas, e algumas atitudes como solicitar o desligamento do celular dos presentes em reuniões das lideranças das “comunidades” pesqueiras, refletem preocupações e insatisfação com as decisões do governo eleito na esfera federal, que prejudicam diretamente essas comunidades que vivem tão correlacionadas com o seu “território”. Nesta conversa, em março de 2019, em que estava presente D’Ajuda, Pedrina e eu, essas preocupações são demonstradas:

Pedrina: Agora, então, tudo é desanimador. Tudo para a gente falar assim: acabou! Desistir: “Vamos parar com isso. Vamos cada um viver sua vida individual.” Eu acho que é objetivo do próprio governo [federal], cada um viver sua vida e ninguém se juntar com ninguém... Só que é como tá aí na mídia: ninguém larga a mão de ninguém. (...) Quanto mais junto, melhor! (...) São 4 anos de pura luta, agora!

Paula: Cê tá falando do governo?

Pedrina: Do governo. Ainda mais que... Se já era difícil, tudo ficou muito mais difícil. Porque agora a gente tem que pensar, além dos problemas aqui, locais, ainda tem os problemas que virão. (...) Eu sempre passo para as companheiras de outras associações. O meu ver é procurar manter a associação legitimada, fortalecer a base, fortalecer a sua associação na parte de documentação e estar mais focada nessa parte. Focar nessa parte que é por onde eles vão: “O que tem em Belmonte? Tem lá Associação da Marisqueiras que é quem incomoda.” É por isso a minha preocupação com a documentação da associação. (Parte de conversa realizada com Pedrina e D’Ajuda em 13 de março de 2019 - grifos nossos).

Analiso que outra categoria fundamental para essas “marisqueiras” é a de “união”, também referida como “comunhão”, “estar junto” ou “liga”. São noções afirmadas como um valor e concebidas como estratégias de enfrentamento para as “lutas”, por serem formas de se “fortalecer”. A busca pela “união” motiva a “organização” do “chamamento” em suas várias formas, pois tem como pressuposto que podem fazer mais, a “luta fica mais fácil”, quando as pessoas estão mais “interligadas”. Compreendo que esta conversa de Pedrina sintetiza duas estratégias praticadas nas “lutas” enfrentadas pela AMPB. Uma é a de “quanto mais junto melhor”, e a outra diz respeito aos “cuidados” com a documentação da entidade como uma forma de estar “forte”, não estar vulnerável, a eventuais fiscalizações que o poder público pode vir a fazer em tentativas de cessar suas “lutas”.

Percebo que as “marisqueiras” junto à AMPB, com pessoas e instituições “parceiras”, articulam também variadas “estratégias” para contrapor a invisibilização que manifestam que vivem enquanto “marisqueiras” e “pescadores”. Uma das táticas é fazer registros fotográficos de momentos em que estão na “atividade”, pescando ou filetando os pescados. Por vezes, postam essas imagens em suas redes sociais para deixar “salvo”. Nete explica que são formas de contribuir também na comprovação junto à previdência social de que “vivem ali da atividade”. A “participação” da entidade em festivais, feiras e outras ações também trabalha no sentido de se tornarem vistos. Discorro a seguir sobre a participação da AMPB no Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, por ser referido como um momento importante de visibilização da “comunidade” frente a moradores da cidade, do poder público municipal e também de pessoas “de fora”. Além de ter sido um dos momentos em que, através de constante diálogo com a diretoria da AMPB, reformulamos maneiras em que minha atuação poderia compor com as “estratégias” de “luta” do grupo, “ajudando”, ainda que pontualmente, a lidar com situações que levantaram como problemas políticos que enfrentam.

O Festivale aconteceu em Belmonte na última semana de julho de 2019, depois de, por mais de três décadas, acontecer anualmente nas cidades mineiras da região Vale do Jequitinhonha. Assim que fiquei sabendo que aconteceria, avisei a algumas “marisqueiras” da diretoria da AMPB, explicando como funcionava esse festival, já que participei dele algumas vezes: uma semana voltada para valorizar a cultura da região do Vale do Jequitinhonha e integrar sua população, composta por oficinas culturais, feira de arte, debates, apresentações artísticas e concurso de canção e poesia. Elas demonstraram interesse em participar oferecendo uma oficina e passei para elas o link do formulário para essa inscrição. Depois de conversarem entre si, planejando uma oficina de gastronomia com receitas “tradicionais” da “comunidade”, Pedrina me ligou pedindo “ajuda”, pois estava no último dia de inscrição e seu computador não estava funcionando. Fomos conversando por telefone, elaborando juntas a proposta e nome da oficina, orçamento e textos de apresentação. Compreendo que a oficina foi concebida como forma de “valorizar” e divulgar a “cultura” da “comunidade” de pescadores da Biela e a “luta” engajada pelas “marisqueiras” da AMPB em defesa do “território” e melhorias nas vidas desta “comunidade”.

A oficina denominada “Sabores do Manguê” foi aprovada . Na semana que antecedeu o Festivale, as informações sobre a oficina ainda não chegavam de forma adequada para que

o grupo pudesse se programar. “Acompanhei” Pedrina, D’ajuda e Kita nas “articulações” com a organização do Festivale nas tentativas de apurar como funcionaria. Além de “cuidar” da elaboração da apostila⁶⁹, com as receitas concebidas pelas “marisqueiras”, que foi distribuída entre os participantes da oficina⁷⁰. A organização do Festivale convidou também o grupo de Samba de Roda das Marisqueiras para compor a programação entre as manifestações de cultura popular.⁷¹

Algun tempo depois da realização do Festivale, Pedrina comentou comigo sobre sua percepção de que, desde o destaque que teve nas suas participações no Festivale, a associação passou a ser “vista com outros olhos” dentro de Belmonte. Inclusive sendo, finalmente, reconhecida, pelo poder público municipal, como uma comunidade tradicional. Estávamos conversando sobre o fato de a “comunidade” ser uma comunidade tradicional, no sentido definido pelo decreto 6040/07 em seu artigo 3º, e ela me explicava que a “comunidade” pesqueira da Biela sabe:

que é uma comunidade de tradição. (...) Sabem que é uma atividade passada de pai para filho. Mas não sabem a importância que isso tem. Que é chamado [comunidade] tradicional poucas pessoas sabem. É tanto que algumas companheiras, se você for puxar isso, algumas vai saber falar “Eu sou, a gente faz o trabalho tradicional.” Outras já vão falar... Você viu Sinha? “Não que eu já faço isso desde criança, desde que eu me entendo por gente. Que foi passado dos meus avós pros pais, dos meus pais pros filhos e eu pros meus filhos.” É o modo dela dizer que é tradicional. Mas é uma palavra tradicional você vê pouco ser usada. É uma palavra usada mais por quem já tá participando do movimento. Foi o movimento que trouxe isso pra nós de se considerar [comunidade] tradicional. Ninguém nos descobriu, porém poucas pessoas da comunidade tem esse entendimento que a atividade nossa é tradicional. (...) Uma coisa é eu, que já participei de várias atividades, é claro que vou saber. Mas as que não participam muito... [As] que saem e participam com outras pessoas e com esse debate, elas vão [falar] (...) “porque nossa comunidade é tradicional.”(Relato de Pedrina feito em conversa em 26 de outubro de 2019).

Ela desenvolve que o uso do termo ‘comunidade tradicional’ e compreensão da sua relevância e dos direitos assegurados por essa diferenciação, poucas pessoas da própria “comunidade” sabem. A “participação” no “movimento” da pesca é importante no processo de aprendizado, para se “ganhar esse entendimento”. E a “marisqueira” apresenta que, a partir das “articulações” da AMPB no Festivale⁷², moradores de Belmonte, inclusive membros do

⁶⁹A confecção da apostila teve fundamental contribuição da Marcela Marques. Aproveito a oportunidade para agradecer-lá por essa parceria, assim como na tarefa de preencher o formulário de inscrição da oficina no Festivale.

⁷⁰A apostila se encontra entre os anexos desta dissertação.

⁷¹Aspectos desta apresentação do Samba de Roda das Marisqueiras são abordados no próximo capítulo.

⁷²A participação da AMPB no Festivale também chamou a atenção de um projeto realizado a partir de um colégio do Rio de Janeiro, que tem a proposta de ver o Vale do Jequitinhonha para além do estigma de vale da miséria, o conhecendo a partir de aspectos geográficos e sociais. Em outubro de 2019, este projeto solicitou visita para que pudessem conversar com as integrantes da AMPB. No dia 16, um grande grupo de estudantes

poder público municipal, vieram “a entender, ver com outros olhos, de que a nossa comunidade se trata de uma comunidade tradicional. (...) Quem não estava olhando em nenhum momento para nós, depois tirou as vendas dos olhos. Porque foi uma coisa que ficou muito marcante.” (fala de Pedrina em conversa que tivemos em sua casa, na noite do dia 26 de outubro de 2019) .

Analiso a própria produção do Samba de Roda das Marisqueiras como instrumento que “ajuda” na visibilidade da AMPB, das “marisqueiras” e suas “labutas” na cidade e região, ainda que não garanta o devido lugar de reconhecimento social, com a valorização e respeito aos direitos destas mulheres e da comunidade tradicional da qual fazem parte. Apoiando na reflexão que Virna Plastino traz⁷³, a produção dessa “brincadeira tradicional” atua como manutenção e conquista de um lugar legítimo de visibilidade que insistem em usurpar continuamente desta “comunidade” e, especialmente, das mulheres que protagonizam este “samba”.

Compreendo que o objetivo delineado em conjunto com a diretoria da AMPB para essa pesquisa “cuidar”, “dar atenção” ao Samba de Roda das Marisqueiras foi também nesse sentido da visibilidade⁷⁴, contribuindo na manutenção deste lugar de reconhecimento. Ao longo do trabalho ouvi falas como “a gente sempre falava, mas depois do seu trabalho isso ficou mais visto”, “chegou aos olhos das pessoas”, “passaram a olhar com outros olhos para nosso grupo de samba”. Pedrina argumenta sobre o destaque que o “samba” passou a ter a partir das “articulações” que fizemos em conjunto, com movimentos de “chamamento” dentro e fora da “comunidade”:

[Uma representante do Instituto Mãe Terra falou que] somos as sambadeiras de Belmonte. Do Território [de Identidade Costa do Descobrimento]! É essa a dimensão que isso já está. (...) Foi com seu trabalho que fluiu essa questão da roda de samba e tá esse negócio de “Ah, vamos chamar as marisqueiras!”. O seu trabalho já deu resultado. (...) Você já deixou seu legado aqui. (...) Você veio com o intuito de fazer uma pesquisa. E olha o tanto que você já fez. Você que não consegue assimilar. Mas você já fez muita coisa individual para muitas pessoas e para o grupo.

(eram, mais ou menos, 25 jovens em torno de 16 anos) e três professores vieram encontrar e conversar com as associadas (estavam presentes 10). A reunião foi divulgada por rede social e, aproximadamente, oito membros da Colônia de Belmonte compareceram.

⁷³ Plastino (2011, p. 104) apresenta essa reflexão feita por Ana Cláudia Cruz da Silva em sua pesquisa realizada sobre os movimentos negros em Ilhéus.

⁷⁴ Além da visibilidade do Samba de Roda das Marisqueiras entre as pessoas da cidade e na região (consequentemente da AMPB e suas articulações), o “cuidar” deste “samba” esteve relacionado com fazer “chamamentos” dentro da própria “comunidade”, como trabalho no próximos tópico do capítulo.

Chego a arrupia. (...) Hoje, você vê, a Miriam⁷⁵ o tempo todo tem um cado de mensagem no meu celular. É a Miriam, é o pessoal da Abayomi. Isso lá em Porto Seguro. Aí a gente vai para aqui: Canavieiras. Agora tem qualquer coisa “Ah, Pedrina, tem como trazer o samba?” Não tinha, não existia isso. (...) A gente buscou com seu trabalho, com sua pesquisa, que isso seja uma coisa que a gente não esmoreça. Que já tem isso, já emplacou. Não é que não existia. Você não veio inventar a roda. A gente já existia. Porém, desde o início como a gente falou pra você, a gente precisava fortalecer. (Relato de Pedrina feito em 26 de outubro de 2019, em conversa que tivemos em sua casa - grifos nossos).

Resgato a proposta de Paula Balduino Melo que desenvolve sobre a matronagem para pensar o gênero a partir de modos de práticas políticas, que percebo que também estão incorporadas às “marisqueiras” dessa “comunidade”:

Elas [as matronas] estão em todos esses movimentos. Possuem a capacidade de penetrar em muitos campos de atuação política. É a força das águas, que entra e ocupa o espaço. Ela é permeabilidade, mas também tensão.(...) Assim como os rios, as matronas manifestam o atributo do acolhimento, mas também da disputa (MELO, 2018 p. 10).

A defesa do “território”, a valorização e as garantias do direito de sua “comunidade” “viver da pesca” estão no centro de suas articulações junto a relações afetivas e organizações coletivas, guardando semelhanças com o que Paula Balduino Melo apresenta a respeito das marisqueiras do pacífico colombo-equatoriano (MELO, 2018, p. 10). “Lutam” por equidade de gênero para poderem ser reconhecidas e valorizadas como “marisqueiras” e para poderem participar dos processos decisórios que afetam sua coletividade. No enfrentamento dessas “lutas”, recebem “forças” das mais variadas fontes, entre “companheiras”, “parceiros” e “entidades”, “guias” e “algo superior”.

E analiso que essas próprias formas dessas mulheres praticarem a “luta”, com o apoio de suas(seus) parceiras(os), acolhe em si a garantia da continuidade de suas formas de agir e pensar. “Lutando” por melhor “qualidade de vida” para a “comunidade pesqueira”, querem mais que inclusão à ordem social preexistente (GOLDMAN, 2007, p. 11), pois se engajam pelo reconhecimento e respeito à própria forma de conceberem e viverem as dimensões da vida social de forma intrincada.

CAPÍTULO 2 - Samba de Roda das Marisqueira: união e conflitos

⁷⁵ Miriam é agente de cultura que atua em Cabralia e Porto Seguro, fundadora da Vila Criativa, espaço cultural de Cabralia onde o Samba de Roda das Marisqueiras foi chamado para se apresentar algumas vezes, tendo participado, em novembro de 2019, da comemoração da Consciência Negra.

Neste capítulo, apresento os elementos fundamentais do Samba de Roda das Marisqueiras tendo Muniz Sodré, Rosa Cláudia Krstulovic e Katharina Doring como importantes referências teóricas. Apresento sua “organização” como forma de “visibilização” da AMPB e de “fortalecer” os participantes do samba, a própria AMPB e suas integrantes através das noções de “chamamento”, “abraçar” e “dar um balanço”.

Apresento a forma de elaboração e conteúdo do projeto apresentado para o edital da Lei Rouanet feito em conjunto pela AMPB, Instituto Mãe Terra e por mim, a partir dos entendimentos gerados no bojo desta pesquisa. Trabalho as relações de “parceria” na "comunidade" e na região que estão associadas às formas de “organização” do Samba de Roda das Marisqueiras.

Desenvolvo uma etnografia sobre os processos de decisão acerca da produção do Samba de Roda das Marisqueiras e de outros processos decisórios da AMPB. Evidenciando como as noções de “união” e “abraço” atuam nesses processos e estão relacionados com os "cuidados", que são fundamentais para as definições do grupo serem feitas coletivamente e que interferem no estabelecimento de pessoas de "referência" junto ao grupo da AMPB e à comunidade.

Apresento os espaços e formas de negociação das “sambadeiras” e “tocadores” sobre a “organização” de quem toca e quem samba. Ou na decisão do andamento do tempo das canções, nas escolhas das músicas e como o “ciúmes” afeta essas interações no Samba de Roda das Marisqueiras. Desenvolvo sobre os conflitos geracionais em relação ao que deve ser dado continuidade no esforço de "resgate" (GONÇALVES, 2015, p. 220-225) através do Samba de Roda das Marisqueiras. Além de abordar os lugares de protagonismo (PLASTINO, 2011, p. 92) no Samba de Roda das Marisqueiras em que se destaca a presença engajada (DÖRING, 2016, p. 24 e 26) das “sambadeiras”, mulheres negras, em sua maioria, nas várias esferas da produção da "brincadeira.

Apresento também reflexões sobre as “lutas” contra as tentativas de “impedir” a realização do Samba de Roda das Marisqueiras ou a idéia de “aparecer por cima” da associação através da performance musical e o sentido de “conquista” e de “ser gratificante” que sua realização traz. Por fim, desenvolvo sobre o Samba de Roda das Marisqueiras enquanto espaço onde são atualizadas relações de rivalidade e antagonismos, como Plastino disserta em sua tese sobre o candombe em Ansina (PLASTINO, 2011, p. 81), voltando-me aos conflitos entre a Colônia de Pescadores de Belmonte e AMPB, que se refletem na produção desta "brincadeira".

2.1. Do que é feito o samba

Eu aprendi a sambar... meu pai me ensinou a sambar. (...)
E a vó, né. A minha vó gostava muito de cantar. Minha vó Eunápia.
Então, minhas tias também sambavam. E eram do axé, da umbanda também.
Aí juntava uma coisa com uma outra e começavam a sambar.
E quem me ensinou a sambar foi meu pai. Eu já nasci com samba no pé.
Por isso que eu não consigo sambar calçada. Você já notou isso.
Eu gosto de sentir, porque é raiz, vem de dentro.
(Relato de Luana realizado no dia 27 de abril de 2020)

Os modo de aprender a “sambar” e a “tocar” também se mostraram conjugados com a concepção da pessoa “sambadeira” e “tocador”. Há “sambadeira” que explica que aprendeu a sambar participando desde pequena das “brincadeiras” “organizadas” por pessoas de sua família, como é o caso de Nem: “Aprendi a sambar no bloco de meu tio (...) que eu saí desde pequenininha (...), aí comecei a sambar nos Negos Africanos do Tio Donha e, depois, no Boi Duro de Dézinha (minha prima)”. Enquanto, Wellington, ressalta a importância do “ouvir” para seu aprendizado: Eu aprendi a tocar tambor ouvindo outras pessoas tocando, que eu toco desde os 9 anos de idade, né. Assim eu aprendi ouvindo outras pessoas”.

Compreendo que, tal como foi analisado no capítulo anterior em relação à criação da pessoa “marisqueira”, “pescador” e “companheira”, a concepção da pessoa “sambadeira” e “tocador” é desenvolvida a partir do “ouvir”, “acompanhar”, “participar”. Além de ser relevante, mas não imprescindível, “ser de raiz” ou “ser de família” que “samba” e gosta da “brincadeira”. Em mais de uma oportunidade, ouvi a expressão “ser criada no samba” ou “cresci no samba”, como traz este relato de Selminha:

Eu aprendi a sambar eu era criança. Eu tinha dois anos, (...), eu me lembro que (...) ficava minha mãe cantando e batendo na mão, na palma da mão. E meu pai com uma lata, uma lata de

querosene. (...) Minha mãe comprava aquelas latas pra carregar água. Aí meu pai pegava as latas de querosene virava o fundo delas. Aquelas latas grandes. E ficava batendo na lata e cantando. E minha mãe batendo na palma mão, aí: Venha Selma! Venha sambar, Selma! Venha sambar! Aí, minha mãe sambava e me tirava, aí eu começava a sambar, movimentando o corpo, entendeu? Com dois anos. E aí eu fui crescendo no samba, indo pro samba com minha mãe. E aí eu fui aprendendo a sambar, entendeu? A resposta é essa. Eu aprendi a sambar com a minha mãe. Foi por isso. (Relato de Selminha realizado no dia 25 de maio de 2020 - grifos nossos).

Analiso que este relato evidencia a idéia de “crescer no samba”, como também esta lembrança destaca o som do “bater palmas”, do “bater na lata” e o chamado que a mãe de Selminha faz e a afeta, provocando sua “participação” e “aprendizado”. Kita, filha de Selminha, também ressalta o “chamado” feito por Pedrina como a ação que despertou nela o interesse de “participar mais do “samba”, como nos conta: “Via muito, sempre gostei [do “samba”] e tudo, mas não participava. (...) Pedrina me chamou: Bora, companheira, samba também!” Aí, então, eu falei: “então eu vou fazer parte do samba.” (...) Tô aprendendo ainda com as meninas”.

Como foi apresentado, ao longo do capítulo anterior, o “samba de roda” é uma “brincadeira” da comunidade tradicional de pescadores da Biela em Belmonte e a AMPB passou a produzir, desde 2009, o Samba de Roda das Marisqueiras entremeado às “lutas” que enfrenta. A noção de “chamamento” explicada anteriormente é fundamental para compreensão da “articulação” deste “samba”. Essa maneira de mobilizar, “avisar”, “convidar” as pessoas, demonstrando a importância de sua “participação”, “cuidando” para a pessoa sentir o “acolhimento” no “chamado”, está presente desde a forma de se “organizar” o Samba de Roda das Marisqueiras até como parte das motivações pelas quais ele é produzido.

Apresentei anteriormente o “chamamento” feito na “organização” do Samba de Roda das Marisqueiras em “celebração” a São Pedro em 2019. Naquela ocasião “acompanhei” Nete e sua filha Helen, jovem sambadeira, “fazendo as visitas” para “convidar” algumas pessoas para “participarem” do “samba”. Foram “chamadas” tanto “sambadeiras” e “tocadores” mais velhos da “comunidade” que “participaram” dos sambas “antigos”⁷⁶ e que há algum tempo não iam ou produziam “sambas” em suas casas, como outros⁷⁷ moradores da Biela e de Belmonte que valorizam a “brincadeira”. Esta forma de “convite” foi feito

⁷⁶ Alguns dos mais velhos chamados naquela ocasião foram: D. Ana, D. Anizia, D. Biga, D. Célia, D. Edelzuita, D. Jandira, D. Kelé, D. Marearta, D. Mundinha, Sr. Naé, Nega Jó, D. Terezinha, D. Tertu, Sr. Ulivan (Sr. Arerê) e Sr. Zizinho.

⁷⁷ Entre esses: Wanderson (pai de santo de um terreiro de candomblé na Biela), e as professoras Nífia, Conceição e Maria Dalci.

também, nessa e em outras ocasiões, em “conversas” casuais quando os “componentes” mais frequentes do “samba” se encontravam pelas ruas ou mesmo através de telefonemas e por whatsapp.

Analiso que o próprio Samba de Roda das Marisqueiras é concebido como uma forma de fazer o “chamamento”. Ouvi relatos explicando que quando acontece o “samba”, promove-se a aproximação entre as pessoas da “comunidade” pesqueira, as pessoas “se abraçam”, ficam mais “interligadas”. “Acontece a “união”, o “coletivo”, ao mesmo tempo que ocorre o “fortalecimento” desta “comunidade, pela “junção de energia” das pessoas que “se veem”. O “chamamento” provocado por este “samba” também mobiliza pessoas em torno da própria AMPB. É produzido, como meio de “despertar” entre as “marisqueiras”, o interesse de “estar junto” e também “fazer parte” da associação:

Pedrina: Tem tempo que a Associação já foi lotada. (...) E as pessoas eram mais sensíveis, mais participativas. E hoje, depois que tem sede... diante de muitas atividades que a gente participa, deixou de fazer as atividades locais. entendeu?! Eu mesma, muito ocupada com outras atividades e ai a gente não faz as atividades que vá fazer chamamento. E eu até tentei, tentamos, fazer mês passado, ou mês retrasado, né, D’Ajuda? Fazer convite e entregar pessoalmente. São essas coisas que vai, deixam o sócio...

D’Ajuda: Motiva!

Pedrina: É, motivar né... as pessoas a estar junto, a participar. (...) A Associação tem que ter mais pessoas. A gente tem como ajudar mais pessoas. Mas, pra isso, a gente tem que cativar a pessoa, a gente tem que fazer a pessoa entender que ela faz parte, que aquilo ali é dela. E colocar as condições, apresentar o estatuto, o que diz, entendeu!? Mostrar para as pessoas que a gente está ali pra abraçar e não enxotar. E aí, o meu sentimento do samba é isso. Porque é a nossa realidade aqui. (...)

Paula: É como se, se tivesse mais samba, seria uma forma de ter mais associadas também?

Pedrina: Isso! Assim, se tivesse algo que, sabe... balançasse a associação. Visualizasse. (Conversa realizada em 13 de março de 2019 com Pedrina e D’ajuda - grifos nossos).

Essa conversa contribui para a compreensão da atuação do Samba de Roda das Marisqueiras como prática das lutas políticas. Entre as “atividades” realizadas através da AMPB, este “samba” figura entre aquelas que atuam para a “comunhão”⁷⁸ das “marisqueiras” em relação à associação, bem como a “comunidade” entre si. Esse momento da conversa evidencia tanto o conceito do “chamamento”, da “visualização” como a noção de “balançar”.

Compreendo que “balançar” remete a provocar uma alteração de estado em alguém ou em uma coletividade. Ouvi a idéia em conversas relacionadas às religiões de matriz africana em Belmonte, às práticas políticas da AMPB e ao mar. Em relação ao mar, foi referida à

⁷⁸ Resgato a concepção, que a idéia de “união” tem para o grupo como meio de “fortalecimento” que facilita o “enfrentamento” das “lutas”, nos dizeres de Pedrina: “Quando falo de trazer mais pessoas para a associação e para o samba é para ver as coisas acontecer”.

sensação que o movimento do mar “grosso” na barra de Belmonte traz ao corpo. Sobre as práticas políticas da associação, ouvi falas sobre “balançar as sambadeiras” fazendo um encontro para “conversar” sobre o “samba”, ou Pedrina falando sobre o desejo, com essa pesquisa, de “a gente balançar a comunidade” para “resgatar” o “samba”. Depreendo a partir disso que o “balançar” é um movimento que se propaga e afeta. Tem a intenção de modificar a condição de alguém ou de uma coletividade, mobilizando-a e gerando ânimo em sintonia com algo.

“Dar um balanço” ou “ser balançada” foi falado algumas vezes para se referirem à pessoa ter sido atingida e modificada por algo que afeta sua energia, ou poder ser afetada pela comunicação com “entidades” das religiões de matriz africana. Para falar sobre esse fenômeno, relato um episódio acontecido comigo em campo e um momento narrado por Pedrina. Ela me contou sobre uma reunião ocorrida em Salvador em que foi feita a composição da Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. Neste evento estavam sendo pleiteadas as cadeiras representativas da comissão, sendo duas cadeiras por segmento. Relata que, diante disso, os candomblés de vários locais diferentes, querendo ocupar as cadeiras, “começaram a queimar uns aos outros e acabou que a gente pegou”. O manejo do axé, da energia, nesse sentido, provocou alterações nas pessoas. Pedrina conta que passou muito mal, ficando com dor de cabeça, enquanto o “companheiro” João Barba, “pescador” da comunidade de Campinhos (Canavieiras), desmaiou. “Se eu que num entendo muita coisa, mas já tem aquela..., fiquei balançada imagina. João desmaiou, caiu duro”. Explicou que pegou água salgada do mar e se banhou no hotel onde estavam e quando voltou fez um “tratamento” espiritual para se restabelecer.

O outro episódio aconteceu no Samba de Roda das Marisqueiras feito em homenagem a São Pedro em 2019. A “brincadeira” estava acontecendo na frente do Clube Manguezal (um dos clubes de dominó da Biela). Sr. Demétrio, “tocador” assíduo desse “samba”, me chamou e recomendou que, em alguns tipos de cantos, em música “das águas”⁷⁹, eu sambasse, mas não me demorasse muito dançando, pois: “Ela só tá querendo uma chance, Iemanjá só está querendo uma chance para lhe dar um balanço. (...) Ela não vai prejudicar você, você só vai sentir.”

⁷⁹ Esta recomendação está associada às agências que o canto e o toque do tambor tem sobre os corpos. Volto a abordar sobre esta noção no capítulo 3 desta dissertação.

Compreendo o “balanço” como uma das formas e intensidades de “manifestação” das “entidades” e seus “mensageiros”. Percebo uma correlação com a noção de “irradiação” que Bianca Arruda apresentou a partir de sua pesquisa com os candomblés de Belmonte:

A irradiação é espraiamento de forças, de afetos, mas são afetos que de algum modo já se faziam presentes, que já atravessavam a matéria. Ao entrar em contato com uma determinada “fonte de intensidade”, essa matéria manifesta essa força que já a atravessava de modo latente e que se conecta com o fluxo de intensidade que a faz despertar, digamos assim (ARRUDA, 2014, p. 63)

É a partir dessas análises que compreendo que as idéias de “chamamento” e “balançar” indicam que o Samba de Roda das Marisqueiras tem como uma de suas motivações sensibilizar, “despertar” nas “sambadeiras”, nas “marisqueiras” e na “comunidade” a “mobilização e junção entre si. Além disso, percebo que o “chamamento” agenciado por este “samba” promove também uma aproximação de “parceiros”, contribui na construção e reforço da relação de “parceria” com pessoas e instituições com quem a AMPB desenvolve essa rede de reciprocidade.

Este estabelecimento de “parceria”, a partir da realização do “samba”, entendo que é bem retratado na relação entre a AMPB e a Casa de Cultura Abayomi de Porto Seguro, que passo a relatar. Fui convidada para apresentar essa pesquisa na 5ª edição do evento acadêmico “Azuela - Poéticas Negras em Roda (corpo, ancestralidade e resistência)”, organizado pelo Coletivo Afro(en)cena da UFSB. Na oportunidade, perguntei à professora Fabiana Lima (coordenadora do evento) se algumas representantes da AMPB poderiam “participar” junto comigo da apresentação do trabalho. Sugeri também que o Samba de Roda das Marisqueiras fosse convidado para se apresentar, caso percebessem que era pertinente à programação. Conversei com Pedrina sobre o convite que eu havia recebido e essas duas idéias que tive, ao que ela conversou com a diretoria da AMPB e demais “sambadeiras” que aprovaram minhas sugestões. A professora Fabiana também aceitou e comemorou as duas propostas. Em conjunto com “sambadeiras” e professores da UFSB, “organizamos” a ida para este evento que ocorreu no dia 06 de julho de 2019 na Casa de Cultura Abayomi. Este é um espaço sociocultural que foi estabelecido no Cambolo, bairro periférico de Porto Seguro, por alguns professores e estudantes da UFSB entre outros agentes de cultura.

Depois da realização do evento, o retorno deste grupo de “samba” e “marisqueiras” para Belmonte foi marcado por inúmeros comentários demonstrando o contentamento de terem participado do evento. Kita falou que foi “muito bom” e “gratificante”. Luana

comentou que “foi muito axé” e que a Casa era “iluminada”. Mariana comentou como foram “acolhidas” pela Casa. Pedrina, que não foi ao evento pois estava se sentindo mal, ao escutar as mensagens trocadas no grupo de whatsapp “samba de roda é saber” disse: “ouvindo essas mensagens me senti mais fortalecida. Vou dormir já maravilhada! Muito bem! A noite vai ser boa hoje!”. Enquanto a Casa Abayomi publicou agradecimento pela “força” e “resistência” das “marisqueiras” de Belmonte.

A partir desse episódio, marcado pelo “acolhimento” e “fortalecimento” mútuo, analiso que foi iniciado o estabelecimento de uma relação de “parceria” entre a AMPB e a Casa Abayomi. Em novembro, no auge do derramamento de óleo cru que atingiu o litoral do nordeste do Brasil (incluindo Belmonte) e parte do sudeste no final de 2019, Dira, uma das gestoras da Abayomi, entrou em contato comigo. Vinha tentando falar diretamente com “marisqueiras” da AMPB para “organizarem” uma participação do “samba” na programação do mês da consciência negra da Casa, mas como não conseguia falar com nenhuma delas, me enviou mensagem. Eu estava em Belmonte junto com o “grupo” e outras pessoas da “comunidade” no combate ao óleo. Expliquei como a “luta” contra o óleo estava ocupando muito a todos envolvidos e que, por isso, não deviam estar conseguindo ver as mensagens. Fiquei de repassar o recado e expliquei como aquele era um momento que elas estavam precisando de “ajuda”: tanto de pessoas para coletar o óleo cru que vinha chegando nas praias e barras dos rios, como de doações de alimentos e equipamentos de proteção individual. Dois dias depois dessa conversa, no domingo, um grupo de artistas que gere a Casa foi até Belmonte para contribuir com a coleta do óleo e levando doações. Outras formas de “ajuda” e “fortalecimento” continuaram a acontecer a partir da criação desta “parceria”, como trago em outros momentos deste texto.

Rosa Cláudia apresenta o próprio espaço da roda como um lugar propício “onde se estabelecem relações sociais, familiares e comunitárias. Um espaço que integra vários níveis: o familiar, a comunidade interna do samba, e também a comunidade externa.” (KRSTULOVIC, 2016, p. 61). Desta forma, o Samba de Roda das Marisqueiras opera o “chamamento” também com as “pessoas de fora”, mobilizando pessoas e instituições junto às pautas da AMPB e fazendo o “fortalecimento” dos elos entre tais “parceiros”.

É em torno da roda formada pelas pessoas que dançam, cantam e tocam que a “brincadeira” gira, sendo normalmente acompanhada de bebida alcoólica e, por vezes, alguma comida. Os tambores (atabaques) são posicionados lado a lado e junto deles os

“tocadores”⁸⁰. A partir dessa posição, compõe-se a roda e alguma das “sambadeiras” mais frequentes⁸¹ nos “sambas” toma iniciativa de ir para o centro da roda para sambar e depois de um tempo se alterna a pessoa que dança no meio. Tanto pode a “sambadeira” que está dentro da roda escolher o momento de voltar para o círculo de pessoas ao seu redor, como pode acontecer de alguém “entrar na roda”, sem que a pessoa que estava no meio a chame, a “tire para sambar”. O círculo de “sambadeiras” não se mantêm enrijecido ao longo da “brincadeira”. A própria forma do círculo é orgânica: os corpos que formam a roda dançam movimentos inconstantes e ritmados continuamente. Uma circulação viva de pessoas que varia seu tamanho e composição.

O convite para que outra pessoa vá para o centro do “samba” pode ser feito a partir de vários movimentos. Pode haver uma maior aproximação de corpos, acompanhada de um olhar, de um sorriso, ou com um leve movimento de “chute”, onde os corpos não chegam a se encostar. Pode-se pegar de leve o braço da pessoa, trazendo-a para o meio da roda ou encostando em sua mão. Ou, ainda, pode acontecer o encontro dos corpos através da barriga. Em Belmonte, esse movimento de fazer o convite é referido com a expressão de “passar o samba”. Quando há o encontro dos corpos através da barriga o gesto é denominado “umbigada”⁸², assim como em outros contextos onde acontece o samba de roda como informam Nina Graeff (2015, p. 47) e Raiana Maciel do Carmo (2009, p. 52). Em Belmonte há quem chame de “imbigada”, enquanto algumas “sambadeiras” desconhecem a palavra. Luana explica o movimento:

É aquele gesto que a gente faz na hora que a gente tá na roda. É uma barriga encontrando com a outra pra tirar a pessoa pra sambar. Você já viu? Aí, roda assim, faz aquele gesto batendo uma barriga na outra. (...) Quem tá sambando sai da roda e a outra entra. (...) É muito interessante. Ou a gente bate na mão. Ou, se não, faz aquele... Curva as costas, assim, para trás um pouco, para que a barriga fique, e aí dá uma imbigada na outra. (...) A palavra é “um”: “umbigada”. Mas aí fala “imbigada”. Interessante, né, a linguagem. (Relato de Luana feito em 16 de junho de 2020).

⁸⁰ Há uma predominância de mulheres “sambando” e de homens “batendo o tambor”, como abordarei a seguir, é devido a isso que nessa apresentação das dinâmicas do “samba” tratarei no feminino quem “samba” e no masculino quem “toca”.

⁸¹ Além das “sambadeiras”, que apresentei no tópico “Os ancestrais que fizeram tudo isso, a gente só tá continuando”, mais “frequentemente” nos Sambas de Roda das Marisqueiras ao longo desse tempo de pesquisa, há algumas outras que estiveram uma ou duas vezes “participando” desses “sambas”, como: Dona Ana, Dona Biga, Célia, Dona Edelzuíta, Izabel, Nega Jó e Dona Tertu.

⁸² Nina Graeff traz que a umbigada “originou-se de danças angolanas (CARNEIRO, 1974) e consiste em encostar ou insinuar o encosto entre os ventres daquele que sai e daquele que entra na roda. Podendo ser substituída por um bater de palmas apontando em direção ao próximo dançarino. (GRAEFF, 2015, p. 47). Complementando com a explicação de Raiana Carmo (2009, p. 52) que comenta que a palavra semba significa umbigada e foi verificada na Angola e no Congo no século XIX.

Há momentos também que acontece de mais de uma pessoa dançar no centro, podendo se formar uma dupla ou até mais pessoas indo e se substituindo entre a borda e o centro do “samba”. As duplas, quando se formam, costumam manifestar uma dança em diálogo com a dança da outra pessoa, mesmo sem os corpos se encostarem. Estes momentos acontecem a partir da espontaneidade das pessoas que se dispõem a sambar. De vez em quando, crianças também “entram na roda” para dançar sozinhas, no colo ou dando a mão à alguma “sambadeira”. Requebram seus passos e, vez ou outra, se mostram atentas aos jeitos de dançar das pessoas mais velhas.



Samba de Roda das Marisqueiras em celebração a São Pedro, realizado em 30 de junho de 2019. Em destaque duas crianças atentas no aprendizado do “samba”.

Além dos “componentes” deste “samba” já mencionados, outras pessoas podem “entrar na roda” para sambar⁸³. Tanto pessoas da própria “comunidade”, como moradores de Belmonte ou “pessoas de fora”. Percebi que algumas pessoas que estão “envolvidas” com as “lutas” da AMPB também podem ser convidadas para “participarem” de alguma “apresentação” do Samba de Roda das Marisqueiras. Em novembro de 2019, na ida do Samba de Roda das Marisqueiras para a Casa Abayomi, compondo a programação do mês da consciência negra da Casa, Raíssa Celina (pesquisadora “envolvida” nas “lutas” da Resex-Canavieiras) foi “acompanhar” o “grupo”. Outra ocasião aconteceu, em junho de 2019, quando o “grupo” foi “chamado” para se apresentar na “comunidade” de pescadores de Atalaia (Canavieiras). Na “mobilização” para este “samba”, como poucas componentes poderiam “participar”, Pedrina me enviou mensagem me convidando para ir na viagem e ser uma das “sambadeiras”.

Os homens também podem vir a ocupar lugar no meio ou na roda dançando, mas não é comum que isso ocorra. Quando, em novembro de 2019, o “samba” retornou à Casa Abayomi para se apresentar, “Cássio” (morador de Belmonte e amigo de algumas “componentes”) viajou junto com o “grupo” e “participou” ao longo da apresentação como “sambador”. Mais raramente, alguns “tocadores” também dançam no Samba de Roda das Marisqueiras. Foi o caso de Genilson (Cirilo), no “samba” em homenagem a São Pedro em junho de 2019 que, em alguns momentos, entusiasmado cantando, ia para frente dos tambores e dançava. Nas demais vezes, as “participações” dos homens da cidade como “sambadores” nos Sambas de Roda das Marisqueiras foram mais pontuais. Em geral, a “participação” maior de homens sambando foram de “pessoas de fora”, principalmente nas apresentações feitas em Porto Seguro, como foi o caso das duas “apresentações” feitas na Casa Abayomi. Esse mesmo padrão também foi observado em estudos feitos com o samba de roda em outros contextos de pesquisa, como apresenta o dossiê de indicação do samba de roda do Recôncavo Baiano do Iphan (2018, p. 37) e o texto de Rosa Cláudia Krstulovic (2016, p. 132-133).

A “participação” dos homens nos “sambas” se concentra como “tocadores”. Sr. Demétrio e Sr. Zé são os “tocadores” que compuseram a maior parte dos “sambas” ao longo do período desta pesquisa. Wellington, Pinguim, Natan, Copiô, Cirilo e Saruê, que são “ogãs”

⁸³ Em mais raras vezes, também, acontece a “participação” de “pessoas de fora” tocando, como foi o caso do Samba de Roda das Marisqueiras realizado em novembro na Casa Abayomi, em que Breno, um dos artistas que coordenam a casa, “participou”.

do “terreiro” de Mãe Otília, também “participaram” de vários desses sambas. Houve, pontualmente, a “participação” de outros “tocadores” mais velhos, como Sr. Naé e Sr. Ulivan no “samba” feito em homenagem a São Pedro em 2019. No “samba” que celebrou este santo, em 2018, enquanto conversávamos no espaço da AMPB, já depois do desfecho da “brincadeira”, o filho e a filha de Naiana, duas crianças de cinco anos netas de sangue de Mãe Otília, também “tocaram” samba nos tambores enquanto cantavam algumas canções infantis.

A “participação” das mulheres como tocadoras são mais raras, tendo acontecido duas vezes ao longo dos dois anos de pesquisa. No Samba de Roda das Marisqueiras realizado na Vila Criativa, no vilarejo de Santo André (Cabrália), no dia 30 de novembro de 2019, teve a “participação” de uma jovem como “tocadora” vinda de Belmonte. Na celebração a São Pedro, em 30 de junho de 2019, além de Carol (outra pesquisadora “envolvida” nas “lutas” da Resex-Canavieiras) ter tocado pandeiro, teve a “participação” de Dona Biga “batendo tambor” durante algum tempo. Nas conversas com as “marisqueiras” sobre o “samba”, era comum elas mencionarem com orgulho o fato de Dona Biga, que “viveu da pesca”, “bater tambor” e saber vários “sambas”.

São poucas mulheres da “comunidade” que sabem tocar atabaque, sendo relatado que Dona Dézinha e Soleni, componentes das Negas Nagôs, são outras duas mulheres que também tocam. Compreendo que a predominância no “samba” de homens na execução dos instrumentos musicais e das mulheres na dança são apresentadas como complementares, sendo ambas importantes para o acontecimento da “brincadeira”, como percebido em outros contextos de pesquisa com sambas de roda (IPHAN, 2018, p. 37). Como traz Rosa Cláudia:

No samba de roda, em geral, os homens produzem a música e as mulheres dançam e cantam o coro. Estas ações são performatizadas de modo complementar e imbricadas, não há a predominância de uma em relação a outra. (ALENCAR *apud* KRSTULOVIC, 2016, p. 133).

Em alguns momentos da pesquisa houve a manifestação do desejo de “sambadeiras” de aprender a “bater tambor”. Esse desejo foi uma das demandas abarcadas pelo projeto elaborado e apresentado para o edital da Lei Rouanet de 2019 (lei federal de incentivo à cultura de nº 8313/91). Na trajetória desta pesquisa, ao “acompanhar” os “sambas”, as “lutas”, o próprio jeito de “viver da pesca”, com longas conversas com as pessoas dessa “comunidade e, principalmente, com componentes do Samba de Roda das Marisqueiras, fui “ganhando entendimento” de ações e meios que esse grupo percebe que “fortalecem” e

“cuidam” deste “samba”. Foram levantadas possíveis intervenções e desejos de realizações que contribuiriam, nesse sentido, em várias dessas “conversas”, parte dos quais conseguimos criar e executar, como vem sendo apresentado ao longo do trabalho. Outras tantas que foram delineadas, abarcamos através deste projeto apresentado à Lei Rouanet.

Na última semana de novembro de 2019, Gisele (psicóloga social e técnica do Instituto Mãe Terra - IMT⁸⁴), entrou em contato comigo por telefone. Ela e seu colega Raony me conheceram na ocasião em que “acompanhei” Pedrina em uma reunião em Porto Seguro e, assim, souberam que eu desenvolvia essa pesquisa com o grupo. O Instituto Mãe Terra estava com acesso a um financiador⁸⁵, interessado em investir em algum projeto sociocultural na região através da Lei Rouanet e o prazo do edital se esgotava em menos de uma semana. Foi com essa motivação que Gisele me contactou, propondo que o IMT auxiliasse na elaboração de um projeto a ser apresentado a esse edital da Lei Rouanet para trabalhar com o Samba de Roda das Marisqueiras. Perguntei se o IMT já havia feito esse convite diretamente à AMPB. Como me disseram que ainda não tinham feito, sugeri que o fizesse, ao mesmo tempo que entrei em contato com Pedrina explicando o que havia ocorrido. Pedrina entrou em contato com as outras “marisqueiras” da diretoria da associação e com as “sambadeiras” (através do grupo do whatsapp ‘samba de roda é saber’) e decidiram aceitar o convite.

A AMPB enfrentava junto com sua “comunidade” a intensa “luta” contra o óleo cru naquele período. Dessa forma, a diretoria da AMPB definiu que eu iria ser a ponte entre elas e o IMT durante a elaboração deste projeto. Em uma longa conversa com Pedrina por telefone traçamos a proposta do projeto, conforme Gisele e Raony haviam me explicado, que poderia ser contemplado de acordo com o perfil a Lei Rouanet. Ao longo deste processo, entrei em contato com Pedrina algumas vezes para tirar dúvidas e definir algo que se fazia necessário. Além disso, foi criado um grupo de whatsapp, em que estavam incluídas Pedrina, Gisele, Raony e eu, para encaminharmos articulações precisas. Foram duas semanas intensas de trabalho junto a essas pessoas, que concretizou a escrita do projeto denominado “Samba de Roda das Marisqueiras de Belmonte: festa, saber e brincadeira da comunidade de pescadores”. Não foi aprovado pela Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal, sendo apresentada por esta secretaria, como informado por Raony, uma “diligência genérica

⁸⁴ Até aquele momento, o IMT havia contribuído com a elaboração do estatuto da AMPB e estavam desenvolvendo um projeto relacionado à economia solidária com o grupo e outros produtores de alimentos e artesanato do Território de Identidade da Costa do Descobrimento.

⁸⁵O nome do financiador foi guardado em sigilo ao longo de todo o processo.

pedindo para rever tudo o que estava escrito”.⁸⁶ Seguimos (AMPB, IMT e eu) atentos ao surgimento de outros editais em que fosse possível propor o projeto com as adaptações concernentes.

Uma das demandas que o projeto visou contemplar foi o desejo de “sambadeiras” aprenderem a “bater tambor”. O projeto em seu conjunto teve como pressuposto valorizar os conhecimentos e modos de fazer tradicionais, inclusive os modos de aprender, para conceber as atividades que o compunha: oficinas de sensibilização, oficinas formativas e a produção dos Sambas de Roda das Marisqueiras em quatro festividades do município de Belmonte.

Entre os instrumentos do Samba de Roda das Marisqueiras, raramente é tocado o pandeiro e, ainda que mencionem a possibilidade de utilizarem as “tabuinhas”⁸⁷, elas não foram usadas nos “sambas” ao longo desse tempo de pesquisa. Os três atabaques são os instrumentos principais do Samba de Roda das Marisqueiras. Comentaram de fazer o “samba na palma” (mantendo o ritmo do “samba” apenas batendo as palmas das mãos), caso em algum “samba” faltassem os tambores ou os “tocadores”, mas compreendi que não é desejável pelos seus componentes que isso ocorra. Em algumas ocasiões apenas dois tambores foram tocados, pois só dois “tocadores” puderam comparecer, como foi o caso do “samba” realizado em Canavieiras, em junho de 2019, durante o encontro das quatro Resex da Bahia ou no “samba” realizado ao final da qualificação desta dissertação.

O grupo ainda não possui seus próprios tambores e em vários momentos buscam meio de obtê-los. Consideram comprá-los, mas demonstram maior desejo em trabalhar na sua confecção. Sr Demétrio e Sr Zé, ao longo da pesquisa, vinham me avisar contentes sempre que conseguiam algum dos artigos para sua fabricação: couro de cobra para fazer a pele e cano de pvc de maior calibre para o corpo do tambor. Nete e Sr Osni (pai da “sambadeira” e “marisqueira” Nem) me procuraram para falar que ele podia fazer os tambores “do modo tradicional” (retirando o tronco de coqueiro e o cavando até deixá-lo oco). A idéia foi bem recebida entre as “sambadeiras” e Pedrina comentou que algumas pessoas mais jovens poderiam “acompanhar” para aprender o “modo artesanal”. Sr. Demétrio e Sr. Zé também ficaram interessados em fazer o tambor do jeito que se “fazia antigamente”.

⁸⁶ Depois de terem revisado todo o projeto, reenviaram e, pela resposta final recebida, os técnicos do IMT supõem que o fato de que as atividades planejadas seriam executadas principalmente pela AMPB, talvez tenha feito com que o proponente do projeto (IMT) tenha sido considerado obsoleto no mesmo. Ou que talvez os registros do IMT não cumprissem os pré-requisitos possíveis para submeter o projeto.

⁸⁷ As tabuinhas são dois pedaços de madeira planas que se segura um em cada mão e os batem para soar mais alto o som que costuma se fazer com as palmas das mãos compassado com o toque dos atabaques.

O projeto elaborado inicialmente para a Lei Rouanet contemplou também oficina para que esses mestres pudessem ensinar o modo de fazer tradicional às pessoas mais jovens da “comunidade” que quisessem aprender. Com isso, objetivou-se que tanto os componentes do Samba de Roda das Marisqueiras poderiam aprender, como também se pretendia “envolver” outros “grupos” que faziam uso do instrumento em suas “brincadeiras”, como os blocos-afro que desfilam nos carnavais de Belmonte. Analiso que essa perspectiva está fundamentada nos interesses da AMPB de “fortalecer”, na “comunidade” pesqueira em geral, a “valorização” dos seus conhecimentos e favorecer a continuidade de sua “cultura”.

Enquanto o grupo não tem seus tambores, pegam emprestado a cada atividade do “samba”⁸⁸. Compreendo que através dessas “ajudas” vão desenvolvendo relações de “parceria” com outros grupos de “brincadeiras” da cidade, e até da região⁸⁹, diante das dificuldades semelhantes que enfrentam com a falta de políticas públicas que lhes amparem adequadamente. Os tambores de Dona Dézinha são os que mais dão suporte para o Samba de Roda das Marisqueiras, como no “samba” em homenagem a São Pedro, em 2018 e 2019, ou na reunião das Resex da Bahia que aconteceu em Canavieiras em junho de 2019. Devido a isso, consideram “ajudar” Dona Dézinha, dando-lhe ao menos um novo tambor quando conseguirem seus tambores, uma vez que o “poder público” não “visualiza”, não valoriza, o “trabalho” que Dona Dézinha “faz de forma voluntária” para as “atividades culturais” da cidade.

Pedrina desenvolve que a relação que o “poder público” municipal quer manter com os “grupos culturais” de Belmonte é uma relação de opressão. Dessa forma, não os “valorizam” nem favorecem meios para que estes grupos acessem com autonomia os “recursos” de que necessitam para realizarem suas formas de “diversão” :

⁸⁸ Sr. Zé e Sr. Demétrio conseguiram emprestado com um amigo um tambor feito de pvc, que tem dado algum suporte ao grupo, no período em que ainda não possuíam os seus próprios.

⁸⁹No “samba” feito em celebração à Iemanjá, em fevereiro de 2018, quem emprestou o tambor foi um mestre de capoeira da Biela, enquanto no “samba” realizado após reunião do conselho deliberativo da Resex-Canavieiras, em março de 2020, pegaram emprestado com o bloco-afro Netos de Gandhi, liderado pelo esposo da “sambadeira” Carmém Lúcia. No Samba de Roda das Marisqueiras feito na UFSB no fechamento da qualificação desta pesquisa, quem emprestou foi o mestre de capoeira Pé de Chumbo (Academia de João Pequeno de Pastinha - Centro Esportivo de Capoeira Angola). Como o grupo Samba de Roda das Marisqueiras não estava conseguindo tambores entre os parceiros de Belmonte, perguntei se queriam que pedisse emprestado para o mestre Pé de Chumbo, com quem comecei a entrar para a capoeira e tenho uma relação de amizade. Depois desse evento, Pedrina me encaminhou um edital voltado para grupos culturais para que eu repassasse para o mestre, ao que percebo um movimento de desenvolver a relação de “parceria”.

A gente tem que ter muito cuidado... Tem as Nagôs, tem as Afrikanas. São grupos que saem no carnaval. Tem os Negos. É coisa que é daqui de Belmonte. É uma cultura que já tem aqui há muito tempo. Mas é festa que ficou englobado como festa cultural da cidade, festa do carnaval. E as pessoas [membros dos poderes públicos municipais] se apossam..., se apossaram dessas pessoas [dos “grupos culturais”]. É como se tivesse um opressor ali que pega esses oprimidos. Por ser essa a maneira deles [oprimidos] se divertirem, [fazer o] que eles gostam: pega esses oprimidos e cativa. Tipo tem a Dézinha. Ela gosta de fazer a brincadeira [das Negas Nagô e do Boi Duro], então ela faz a brincadeira. E você sabe que essas coisas envolvem recurso [financeiro].(Relato de Pedrina em conversa em sua casa no dia 26 de outubro de 2019 - grifos nossos).

Durante o Samba de Roda das Marisqueiras as “sambadeiras” costumam se enfeitar de uma forma específica. Mas nada impede que usem também roupas do dia-a-dia, como short ou bermudas. No “samba de São Pedro”, feito em 2018, enquanto uma “marisqueira” “entrou para a roda” com seu short jeans e uma “toca de meia” no cabelo⁹⁰, outra passou pela porta do espaço, onde acontecia a “brincadeira”, explicando que iria em casa trocar de roupa para voltar para “sambar”.

Um dos elementos de vestimenta para o “samba” são as saias rodadas longas, coloridas, estampadas e de chitão. Compreendo que a saia é o mais importante elemento do vestuário. Há quem sambe sem estar com uma saia, mas a sua falta é motivo de preocupação entre as sambadeiras mais frequentes ou mesmo entre sambadeiras “de fora”. Em março de 2020, em Porto Seguro, durante a Feira de Economia Solidária organizada pelo IMT, aconteceu a apresentação do Samba de Roda das Marisqueiras. Uma jovem de Porto Seguro, fora da roda, olhava o “samba” demonstrando interesse em “participar”. Luana retirou um tecido de sua roupa e lhe emprestou para amarrar simulando uma saia. Quando a jovem “entrou para o samba”, Luana sorriu para mim comentando: “Ela queria sambar, mas estava sem saia”. Sr Demétrio atento ao que sucedia “puxou” um verso de “samba” que dialogava com o momento: “Olha a saia dela. Como o vento leva! Como o vento leva, como o vento leva!”, enquanto o fino tecido transparente que vestia balançava por cima da bermuda da jovem que sorria.

É comum também que uma “sambadeira”, depois de já ter dançado por um tempo, ceda sua saia para outra mulher que quer sambar, mas está sem. Inclusive, o modelo de saia muito usado pelas “sambadeiras” do grupo tem o fechamento do cós com um cordão, facilitando que a cintura possa ser ajustada na medida de cada pessoa. Ao longo desta pesquisa, tanto as “sambadeiras” compraram tecido e fizeram saias para si próprias, pois

⁹⁰Essas tocas feitas de meia calça são usadas por mulheres, colocando o cabelo enrolado por dentro da toca, para fazer alguns tipos de tratamentos nos cabelos.

julgavam que as suas já estavam muito usadas, como buscaram meios, através da AMPB, para conseguirem maior quantidade de tecido e confeccionarem saias para ceder para as componentes do grupo e outras pessoas “de fora” que queiram usar para “sambar”. Conseguiram, assim, no início desta pesquisa, uma doação de tecido da Secretaria de Cultura de Belmonte. No carnaval de 2020, foram convidadas para uma apresentação em Canavieiras com recebimento de cachê⁹¹ que foi encaminhado para produzirem mais saias.

O projeto elaborado no fim do ano de 2019 para a lei Rouanet também contemplava oficina de costura (de saias e outros itens de vestimentas que as “sambadeiras e os “tocadores” usam nos “sambas”). A oficina foi concebida para que as “marisqueiras” aprendessem mais um ofício. Essa demanda surgiu como fruto de um receio que muitas “marisqueiras” da AMPB tiveram, a medida que a extensa mancha de óleo cru se aproximava do litoral de Belmonte. Sem conseguirem vender seus pescados, ou vendendo com o preço desvalorizado, e sem saber por quanto tempo sua atividade econômica e cultural estaria comprometida, a diretoria da AMPB começou a pensar em alternativas para garantir, às suas associadas, um sustento a partir do qual também poderiam trabalhar coletivamente. A proposta era a oficina ser ministrada pelas próprias “marisqueiras” que já tem esse saber, repassando para outras que tenham interesse em aprendê-lo.

O uso de sandálias e sapatos nos pés durante o “samba” varia muito, podendo estar até descalças para sambar. Em muitos dos Sambas de Roda das Marisqueiras, as “sambadeiras” que são sócias da AMPB combinam de ir com uma mesma blusa da associação ou de outra instituição da classe de “marisqueiras” e “pescadoras” das quais fazem parte, como a Rede de Mulheres, AMEX ou da Resex-Canavieiras. Combinam o modelo e a cor de blusa que usarão no “samba”, assim como fazem quando vão participar de reuniões da AMPB, em que estão recebendo outras pessoas ou instituições, como a Veracel ou o Sebrae. Analiso que é uma forma de comunicarem a “união” do grupo, suas articulações com outros “parceiros” e darem visibilidade à sua identidade de “classe” pesqueira.

Outro elemento comum no vestuário é o “tocho”. Uma faixa de tecido enfeitando os cabelos. Esse pano pode ser da mesma estampa de chitão das saias que as sambadeiras usam,

⁹¹ Em poucas ocasiões, em que o “grupo” foi convidado para se apresentar, foi oferecido o recebimento de um cachê. Foi o caso deste “samba” feito no Carnaval de 2020, em Canavieiras, em que o dinheiro foi utilizado para fazer mais saias a ser compartilhada entre as “sambadeiras”. Ou no “samba” realizado, em novembro de 2019, na Vila Criativa (Cabrália), quando a maior parte da verba foi utilizada para custear o lanche dos “componentes”. Compreendo que o cachê não é uma condição para que a “brincadeira” aconteça.

de outra estampa ou de cor lisa. Envolvem a nuca com o tecido e, às vezes, na parte do topo da cabeça cruzam o pano como um turbante, ou trabalham fazendo uma espécie de flor. Faz parte dos preparos do Samba de Roda das Marisqueiras uma “sambadeira” ajudar a outras nessas amarrações. Assim como se juntam para se enfeitarem com maquiagens e caprichando no uso de colares. Em junho de 2019, Nete mostrou sorridente a maquiagem e o turbante que Cléria lhe arrumou no caminho para Porto Seguro, indo para o evento Azuela, realizado na Casa Abayomi.

Percebo que o vestuário dos “tocadores” também segue alguma uniformidade. Costumam estar de bermudas e uma blusa. A camisa pode ser de algodão lisa, gola polo ou regata. Certas vezes usaram blusas da Resex ou de algum bloco-afro de Belmonte, como foi o caso do “samba” realizado, em novembro de 2019, na Casa Abayomi ou, em junho, na reunião das Resex da Bahia em Canavieiras, como mostra a foto:



(Samba de Roda das Marisqueiras realizado em 23 de novembro de 2019 na Casa Abayomi - Porto Seguro. De costas, do lado direito, Sr. Zé. Do lado direito Sr. Demétrio. Foto de Anaaline Curado)

São muitos e variados os versos cantados no Samba de Roda das Marisqueiras. Podem ser compostos por uma parte principal, que é cantada pelo conjunto de “sambadeiras” e “tocadores, e uma parte que vai variando e é entoada por uma só pessoa. Ou pode ser feito

com uma estrutura única que é cantada ora por um e depois repetida pelo conjunto. Há canções que são passadas de geração em geração, outras que são de composição das “sambadeiras” e “tocadores” que produzem este “samba” e alguns outros que são conhecidos através de viagens ou pelos meios de comunicação virtuais. Wellington, “tocador” do Samba de Roda das Marisqueiras, filho da “sambadeira” e “marisqueira” Nem e “ogã” do terreiro de Mãe Otília, comentou comigo :

Várias músicas a gente já sabia por causa do tempo antigo, né, que é geração em geração. E muitas também quando eu fui pra Bom Jesus da Lapa, quando eu toquei o samba lá em Bom Jesus da Lapa, eu já vim de lá com muitas na mente. Aí cheguei aqui e cantei também. Aí vai surgindo assim, é tudo natural, vai acontecendo na hora. (Relato de Wellington em 02 de junho de 2020).

Muniz Sodré, em seu livro “Samba, o dono do corpo”, chama a atenção para muitas letras dos sambas atuarem como instrumento educativo, criado com base nas próprias relações entre as pessoas e com a natureza e trazem em si os modos de contar histórias (SODRÉ, 1998, p.44-61). A carta apresentada ao início desta dissertação, feita pela diretoria da AMPB, anuncia em cadência de poesia essa mesma prática:

nova geração tem que aprender, para sentir o interesse e não deixar nossa cultura morrer. E em forma de nosso samba poder contar nossa história, para que todos os homens ouçam e as guardem na memória, que a luta vivenciada é uma demanda vencida, Deus livre sair da luta, na luta me sinto viva. (AMPB MARISCO, 2019a)

As duas letras de “sambas”, compostas por Pedrina, que integram esta carta, trazem essa forma de contar uma história a partir das relações desenvolvidas pela “comunidade” em suas “atividades”, na relação com a “sabiá” ou com o “rio” e os conflitos trazidos com a instalação da barragem da hidrelétrica de Itapebi. Já esta composição de Wellington, feita em homenagem à sua mãe, Nem, relata sobre as dores relacionadas à história do relacionamento de uma família cujos pais se separam: “Papai, não chore por mamãe. Quem chora por mamãe sou eu. Um dia você arranja outra mulher. Quem não arranja outra mãe sou eu”.

Seu Demétrio, na chegada do evento na Casa Abayomi em novembro de 2019, me chamou para mostrar um “samba” que ele tinha inventado no caminho e queria cantar durante a “brincadeira”. No “samba de São Pedro” de 2019, mostrei a ele um “samba” que inventei há anos e estava fazendo mais uns “versos”. Tão logo cantei para que falasse o que achava, ele improvisou alguns versos encaixando com o que compartilhei com ele. Os “sambas” também podem ser improvisados, criando toda uma música na hora da “brincadeira”, sendo

improvisado ou “avessado” um trecho de um samba já conhecido (como fez Selminha com o “samba da murixaba”), ou pode se somar versos ao “samba” que outra pessoa inventou e compartilhou com a roda. Sodré informa sobre essa possibilidade de variação dos versos do samba nas brincadeiras de improviso (SODRÉ, 1998, p. 58).

No Samba de Roda das Marisqueiras, há o “samba corrido” em que o andamento do toque do tambor é mais ligeiro. E há o “samba arrastado”, que é quando o mesmo toque é feito em andamento moderado. O que determina se vai se tocar o samba de roda “arrastado” ou “corrido” é o verso que será cantado. Cada samba de roda puxado já tem uma característica de maior ou menor velocidade. De acordo com Raiana Alves, (CARMO, 2009, p. 56) no samba de roda do Recôncavo Baiano também é encontrado o samba corrido como uma modalidade de samba de roda. Apesar de não poder afirmar que eles possuem a mesma característica, a denominação similar aponta para a possibilidade de uma mesma matriz de origem.

“Puxar” ou “tirar um samba” são os verbos utilizados para se referir ao começar a cantar um samba. “Sambadeiras” e “tocadores” podem “puxar um samba”. Nos “sambas” que acompanhei, percebi que foi mais frequente Dona Lelita, Pedrina, Sr. Demétrio e Wellington “puxaram sambas”. Nem, Nete e Kita e outras “sambadeiras” e “tocadores” também “tiraram sambas” ou, por vezes, lembraram aos outros componentes algum “samba” que queriam que fosse cantado.

Em um telefonema comigo Pedrina disse que o grupo do “samba” queria “fazer uma estratégia”, criar um jeito para “se articular para uma apresentação e fazer essa troca” para que cada “sambadeira” possa “tirar um samba”, considerando quem “assenta” mais com qual canção. Analiso que muitas vezes as músicas são “tiradas” a partir dos contextos de quem “canta” ou “dança”, ou se está começando ou terminando uma “apresentação” ou mesmo para passar um recado. Como a canção “Sem beber, não. Sem beber, não sambo, não”, que é entoada quando algumas “sambadeiras” e “tocadores” estão querendo que mais cerveja lhes seja oferecida.

Examino que a bebida alcoólica é um importante elemento nos “sambas de roda”, tendo, inclusive, mais de uma letra de canto em que fazem o pedido da bebida⁹². Os próprios “tocadores”, “sambadeiras” e outras pessoas, que ficam fora da roda assistindo, levam ou compram algo para beberem ao longo da “brincadeira”. No período dessa pesquisa, em

⁹²Outra canção diz: “Ô, Dona da casa, por nossa senhora, me dáí o que beber, se não eu vou-me embora.”

alguns “sambas” tinha “bebida quente” (cachaça ou “coquinho”⁹³) e Selminha lembra que quando era criança costumava-se servir licor. Durante este estudo, a cerveja se destacava como presença constante, tanto antes da “roda de samba” se formar, quanto durante a “brincadeira”, apesar de alguns integrantes acharem que menos bebida deve ser consumida antes dos “sambas” para que o grupo não “faça vergonha”. Mesmo esses componentes articulam formas para que o grupo tenha um pouco de “bebida” para o “samba”.

Um transporte foi buscar o grupo em Belmonte para irem ao evento Azuela (organizado pela UFSB), em que participamos da mesa com uma fala e o grupo Samba de Roda das Marisqueiras compôs a programação, apresentando o “samba” em junho de 2019. Nas paradas pelo caminho, onde subiam alguns componentes e na travessia da balsa de Cabrália, algumas “sambadeiras” e “tocadores” aproveitavam para comprar alguma cerveja para irem tomando pelo caminho. O “samba” feito ao fim da qualificação deste trabalho foi um dos poucos em que não teve nada alcoólico e, mesmo sendo um “samba” que durou pouco tempo (cerca de 40 minutos), “puxaram” o canto pedindo. Compreendo que a bebida está associada com o momento de “alegria” e “diversão” que a “brincadeira” significa para o grupo.

As “sambadeiras” manifestam a preferência por “sambas” em que tenham mais tempo para a “brincadeira”. No Samba de Roda das Marisqueiras apresentado durante o Festivale, em 2019, a programação foi definida pela organização do evento e foi estabelecido que poderia durar 1h. Nessa ocasião, Kita enviou mensagem no grupo de whatsapp “samba de roda é saber” para “organizar” com as outras “sambadeiras” uma forma que desse tempo para todas “participarem”:

Bom dia, sambadeiras, infelizmente é só uma horinha só. Não tem só mais uma e aí vai ficando. Se organizar antes, cada uma samba um pouquinho e passa pra outra pra ficar tudo certinho. Mais pra não ficar demorando na roda, que sei que quando entra na roda não dá vontade de sair. Pra deixar as outras sambarem. Sei que vai ter mais convites pra ter mais tempo. (Mensagem de áudio de Kita enviada ao grupo de whatsapp ‘samba de roda é saber’ no dia 25 de julho de 2019 - grifos nossos).

A comida também foi um elemento presente nos Samba de Roda das Marisqueiras realizados ao longo deste trabalho. Percebi, nos “sambas” feitos a convite de alguém ou uma instituição, principalmente quando as “apresentações” eram feitas fora de Belmonte, que os componentes do “samba” que tomavam frente da “articulação” buscavam meios para que

⁹³ Coquinho é uma bebida preparada artesanalmente com cachaça, feita dentro do coco seco. O pequeno buraco, através da qual se colocou a bebida, é vedado com um pedacinho de madeira.

tivesse algum lanche a ser servido ao “grupo”. Houve outras ocasiões em que foi feita uma “mobilização” para que a comida fosse servida também às demais pessoas que iriam “participar” do evento, como nos sambas feitos em celebração a São Pedro em junho de 2018 e de 2019. As “marisqueiras” da AMPB se articularam, através do whatsapp e em conversas ao vivo, para conseguirem material e dividirem o preparo das receitas que compuseram o almoço coletivo, em que foi servido moqueca de peixe e mariscos, farofa, feijão e arroz.

2.2. Aqui é Biela. Quem manda é elas: as marisqueiras!⁹⁴

Estava chegando a semana do Festivale, entre os dias 21 a 27 de julho de 2019. No último dia de Maio, eu tinha “ajudado” Pedrina a inscrever a oficina de culinária “Sabores do Mangue”, através da qual a AMPB objetivava “mostrar” um pouco da “cultura” da “comunidade” pesqueira tradicional e as suas “lutas” enfrentam para “resistirem em seu lugar”. Um dos planos de destinação, para o recurso que receberiam, era pagar a luz do espaço da AMPB, que estava passando pelas obras da construção da Unidade de Beneficiamento, para poderem voltar a ligar a energia elétrica do espaço. Foi apenas no dia 02 de julho, ao ver um panfleto de divulgação da programação do evento, que ficamos sabendo que a oficina tinha sido aprovada. A oficina tinha sido inscrita com os dados de Pedrina, já que não tinha a opção de se inscreverem com o CNPJ da associação, entretanto, nenhum e-mail, ligação ou mensagem havia chegado para ela.

No dia 18, faltando três dias para começar o Festivale, as componentes da diretoria da AMPB ainda estavam sem maiores detalhes sobre a oficina. Elas precisavam separar⁹⁵ os mariscos e peixes que usariam nos preparos das receitas e organizarem suas “agendas”, que estavam com outras tantas demandas⁹⁶. Pedrina me avisou que estava combinando com outras

⁹⁴ Fala de Sr. Ulivan (Sr. Arerê - “tocador”), em conversa com Marcela Moura, registrada em vídeo feito no Samba de Roda das Marisqueiras em celebração a São Pedro em 30 de junho de 2019.

⁹⁵ Era preciso saber quantos dias de fato teria a oficina e quantos seriam os estudantes que participariam, para que as associadas separassem, de suas “produções”, a quantia de “pescado” que seria usado no preparo de cada prato “tradicional”.

⁹⁶ Uma das demandas daquela semana estava relacionada ao Bahia Produtiva, edital que a AMPB estava se inscrevendo para conseguir verba para equipar toda a Unidade de Beneficiamento da associação. Para isso, foram à palestra, em Eunapólis, sobre o funcionamento do Edital e tiveram “ajudas” de Daniela (representante da ong “parceira” Conservação Internacional), dos “companheiros” da Resex-Canavieiras, alguma “contribuição” minha e do Carlos (assessor do Sebrae que fez com a AMPB o plano de negócio para a Unidade de Beneficiamento). Entre outras tarefas, naqueles últimos dias de julho, as “marisqueiras”, que trabalhariam

associadas para irem até à “central do Festivale”⁹⁷ e me convidou para “acompanhá-las”: “Nete disse que tá catando, não vai. Perisvânia tá catando, não vai. Kita tá catando, mas vai largar lá pra ir com a gente.” No meio da tarde, busquei Pedrina e Kita em suas casas, D’Ajuda já nos esperava com sua bicicleta na porta da casa do Festivale. Levou algum tempo até os organizadores do evento entenderem que a oficina de culinária seria dada coletivamente, com a “participação” de variadas “marisqueiras” ao longo dos dias da semana.

No dia anterior, um dos organizadores do festival tinha passado na casa de Pedrina perguntando se o Samba de Roda das Marisqueiras poderia compor a programação do evento. Pedrina enviou mensagem no grupo de whatsapp ‘samba de roda é saber’ para informar o “convite” que receberam para se “apresentarem” no Festivale, querendo saber se todas concordavam e quem poderia “participar”. Selminha avisou que estava trabalhando no Festivale vendendo bebida, mas dependendo do horário deixaria o marido trabalhando no carrinho para “participar” do “samba”. Nete, Nem e Cléria também se manifestaram mostrando interesse. Na “central” do Festivale esse convite foi novamente feito. Kita, Pedrina e D’Ajuda foram pensando qual dos dias seria melhor para o grupo se apresentar. Nos dias seguintes, pelo grupo ‘samba de roda é saber’ e em encontros na rua ou junto às casas umas das outras, as “sambadeiras” foram “articulando” combinados para a “apresentação. Essa mensagem da Selminha retrata a forma das decisões serem tomadas coletivamente e as articulações voltadas para “acolher” as pessoas “de fora” e “visibilizar” o trabalho dessas “mulheres”:

Boa tarde, galerinha do samba (...)! Eu tava lá na rua, topei com Luana e conversei sobre o negócio do samba do dia 24. E ela teve uma idéia. Num sei... Eu gostei da idéia, mas não sei se vocês vão gostar: todo mundo que participa do samba contribuir com um real, dois reais... Seja lá conforme a possibilidade das pessoas. Para fazer umas flores (...) de TNT pra na hora, quando for terminar o samba (...), alguma de nós (...) sair distribuindo. Botando assim: Lembrança... de roda de samba (...) das marisqueiras. Aí bota: Festivale, Belmonte, Bahia. Como uma lembrança do povo do samba, das meninas do samba, entendeu? (...) Ela disse que ela mesmo faz e arranja outra pessoa também pra fazer. Aí bota pra quem tá nos assistindo, quem tá vendo nosso trabalho. quem tá nos apoiando. O povo de fora, entendeu? Quem vem que vai aplaudir, que vai apoiar, que vai assistir. Eu gostei dessa idéia. Se for do agrado de cada um de vocês, fala aí no grupo. (Mensagem de áudio de Selminha enviada para o grupo de whatsapp ‘samba de roda é saber’ no dia 20 de julho de 2019).

Nete e Selminha foram sugerindo as cores para o TNT, para passar significados com as cores das flores artesanais: branca pedindo paz; verde para a esperança: “Esperança de

coletivamente através da Unidade, se “organizaram” também para receber no espaço de trabalho de suas casas a visita do Carlos (do Sebrae).

⁹⁷A prefeitura de Belmonte cedeu uma casa que serviu de base para a produção do Festivale coordenar o evento.

uma coisa melhor, de um Brasil melhor, porque com esse governo... só Jesus na causa!” disse Selma; enquanto Nete comentou “É a cor da bandeira de Belmonte, que é verde e branca”. Kita, Cléria, Nem e Pedrina comemoraram a idéia. Ao longo da semana, Cléria enviou fotos das flores sendo feitas por Luana e ela e as outras “sambadeiras” combinaram o jeito de passar suas “contribuições” para essa confecção. Enquanto Kita e Pedrina iam vendo quem poderia chamar as outras “sambadeiras” e os “tocadores” que não estavam no grupo do whatsapp.

As “articulações” para a oficina “Sabores do Manguê” seguiam. Pedrina me adicionou em um grupo de whatsapp criado desde Maio. Por lá, Delci (“marisqueira” associada à AMPB), D’Ajuda, Pedrina, Kita, Nete, Perisvânia e Dainha ajeitavam cada detalhe da oficina. Por ali definiam quem seria responsável pela condução de cada dia, quais atividades fariam com os alunos e as blusas da AMPB (ou das entidades pesqueiras “parceiras”) que elas usariam a cada dia de oficina. Foram se dando os combinados sobre a redação das receitas que fariam, até os “cuidados” com a medida de alguns ingredientes que usariam nos pratos a serem provados pelos “mineiros” participantes do festival. A preocupação era de que, se fizessem as receitas com as proporções de azeite de dendê e leite de coco como estão acostumadas na “comunidade”, as “pessoas de fora”, que “não tem costume”, poderiam passar mal e isso recair sobre a imagem que se passaria delas como cozinheiras.

Com o acúmulo de atividades que a AMPB estava no momento, as associadas não estavam conseguindo fazer reunião da diretoria para “articular as coisas”, então grande parte das conversas eram feitas pelo whatsapp. Pedrina se responsabilizou pela montagem de slides para a abertura da oficina. Passei para o grupo por whatsapp a apostila com as receitas para sugerirem mudanças no esboço. Para o texto de abertura da apostila, Pedrina me explicou que ela e as “companheiras” não estavam conseguindo um tempo para escrever e disse que “confiava” que eu escrevesse. Fiz o texto a partir de trechos do slide que Pedrina tinha feito para a abertura da oficina ‘Sabores do Manguê’ e com base em parte da carta que a diretoria da AMPB fez para compôr esta dissertação. Mostrei o texto e elas aprovaram a conclusão da apostila para distribuição para os alunos. Pelo whatsapp, em encontros presenciais e por telefone, informavam-se e debatiam sobre os contratempos que foram vivenciando, como a repentina solicitação da produção do Festivale para que a AMPB dividisse a realização da oficina que concebeu com um chef de cozinha vindo de Salvador; ou o fato de não terem

recebido, nem ao menos, o valor total dos custos dos ingredientes que precisavam para a realização da oficina.⁹⁸

Este relato mostra processos de decisão e “organização” que foram articulados pelas integrantes⁹⁹ da AMPB em torno de várias “atividades” que realizaram. Além das reuniões, as ruas, as casas, o whatsapp ou telefonemas são espaços onde ocorreram as conversas que culminam nas definições feitas. Apresentam semelhanças as “organizações” do Samba de Roda das Marisqueiras e o desenvolvimento das demais atividades da associação. Analiso que houve maior “participação” das integrantes da diretoria nas articulações da AMPB, sem deixar de ter o envolvimento das sócias, que variou conforme o interesse de cada uma em relação ao tema ou disponibilidade de tempo para este engajamento. Em relação ao Samba de Roda das Marisqueiras, também são ativas nos “chamamentos” e outros preparos do “samba” mesmo as “sambadeiras” não-associadas (como Luana ou Cléria¹⁰⁰). Assim como as sócias que não “sambam” também apoiam a realização deste e chegam a estarem presentes ou a “ajudar” em alguns ajeitos do “samba”. Como foi o caso de D’Ajuda, que contribuiu na decisão da data para o “samba” se apresentar no Festivale. Ou no caso do “samba de roda” feito em homenagem a São Pedro em 2018: algumas sócias evangélicas “ajudaram” no preparo do almoço, se alimentaram junto com todos e se retiraram do espaço quando o “baticum” começou. Mara (“marisqueira” sócia da AMPB) relata:

⁹⁸ Passado um ano, até julho de 2020 (data em que esta dissertação está sendo finalizada), a AMPB não recebeu nada da devida e combinada remuneração pela elaboração e realização dos cinco dias de oficina. Pelo o que foi informado, nesta edição do Festivale, a prefeitura de Belmonte se responsabilizou por remunerar as oficinas realizadas por iniciativa dos moradores de Belmonte (o que era o caso da oficina ‘Sabores do Manguê’), enquanto a produção do Festivale (Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha - Fecaje) pagaria aos oficineiros vindos de Minas Gerais. Segundo representantes da Fecaje, o governo do Estado de Minas Gerais, que normalmente faz o repasse de verba para a realização deste festival que acontece há mais de trinta anos, questionou a instituição pela realização do evento acontecer em Belmonte (no estado da Bahia). A Fecaje comprovou que tal cidade compõe o Vale do Jequitinhonha, área de abrangência de atuação da federação. Essas diligências ocasionaram o atraso no repasse das verbas, o que quase comprometeu a realização do evento. Para não cancelarem o festival na cidade, a prefeitura de Belmonte assumiu junto à Fecaje a responsabilidade por parte dos custos, entretanto, ainda não arcou com tal compromisso diante da AMPB.

⁹⁹ A composição da AMPB, ao longo desta pesquisa, foi variável em torno de 50 a 40 marisqueiras e sua diretoria teve na maior parte do tempo a seguinte formação: Nete (presidente), Perisvânia (vice-presidente), Kita (tesoureira), D’ajuda (secretária), Pedrina, Jane e Leninha (conselho fiscal).

¹⁰⁰ Cléria é irmã de Pedrina e Mariana e também foi “criada na pesca”. Tem trabalhado durante alguns períodos do ano como professora e também como “marisqueira”, sendo reconhecida por sua agilidade nas tarefas da “atividade”. No período final desta pesquisa, Cléria queria se associar à AMPB, mas até o fechamento deste texto ainda não tinha feito.

Eu não vou mais [ao Samba de Roda das Marisqueiras] porque Deus me chamou. (...) Mas as meninas vai. Eu apoio. As meninas [dizem]: “Ah, Mara, vai ter roda de samba”. Eu [falo]: “Se for ter reunião, eu vou.” Se naquele dia que vai ter reunião tiver que fazer uma apresentação da roda de samba, eu peço licença e vou saindo. Porque a minha parte eu já fiz, né. Eu saio e elas ficam fazendo a apresentação. E é bonito, né! (Relato de Mara em conversa realizada no dia 26 de outubro de 2019).

Percebo que há um desconforto quando alguma decisão é tomada individualmente por alguma integrante, sem haver, ao menos, uma conversa dentro do grupo da diretoria. É entendido como uma forma “autoritária” de agir. Ouvei expressões como “a maioria é que decide” ou que “liderança não é mandar”. Inclusive associo que formas de “cuidado” nas mobilizações políticas contribuíram para a manutenção ou estabelecimento de referências, de “lideranças”, entre as “marisqueiras” do grupo e também junto à “comunidade”¹⁰¹: as “marisqueiras” que se manifestaram de formas “acolhedoras”, ainda que mantendo a firmeza nos seus posicionamentos, foram sendo mais “ouvidas” e referenciadas entre as “companheiras” e outras pessoas da “comunidade”.

Compreendo que para lidar com conflitos de visão e modos de condução dos processos que surgiram entre componentes da AMPB, foram feitas conversas através de variados meios (presenciais, telefone ou whatsapp) entre as mesmas para avaliarem a conveniência de promover o enfrentamento dos diferentes posicionamentos. Quando entenderam que o momento que viviam era de importantes articulações da AMPB, recomendaram “levantar a bandeira branca e “baixar a bola” (tentar não discutir) para o “pavio não esquentar”. Com a intenção de evitar o atrito para não haver “consumissão” (maiores desgastes) entre as integrantes.

Realizar com periodicidade as reuniões da própria associação, entendo que é tido pela diretoria como uma forma de “cuidado” para que as sócias estejam atualizadas e possam se posicionar a respeito do que está se passando. Outro “cuidado” que percebo que a diretoria ressalta como importante são as atividades de “chamamento”, como abordado no tópico anterior deste capítulo, para “abraçar e “envolver” as sócias, provocarem o interesse e “participação” delas nas “atividades”, contribuirão para que coletivamente “ganhem entendimento” sobre os “afazeres” e se “fortaleçam”. Examinando ainda que há ocasiões em que

¹⁰¹ Apesar dos obstáculos que o “machismo” coloca para essas mulheres junto à sua “comunidade”, como analisado no capítulo anterior.

a diretoria primeiro apura¹⁰² uma informação, ou aguarda que esteja garantida uma oportunidade, para passar com maior segurança as informações para todo o grupo. Tal atitude também é afirmada como uma forma de “cuidado”.

No curso de associativismo feito pelo Sebrae com a AMPB, uma das dinâmicas pedia para que elas escrevessem um valor que cada uma achava que não poderia faltar em um empreendimento coletivo. Quando apresentaram ao grupo o que tinham individualmente escrito, prevaleceu a palavra “união” em mais da metade das falas, sendo também comum, entre as que não escreveram “união”, a palavra “companheirismo” e “cooperação”. O conceito de associativismo elaborado por elas destaca a idéia de: “Um grupo de pessoas trabalhando para um objetivo comum ser alcançado com amor, união, compromisso e confiança”. Selminha, em uma conversa por whatsapp comigo, destacou também esse valor atribuído à união entre as pessoas que “participam” dos “sambas”: “Nós do samba temos que ser unido e amoroso um com o outro. (...) Eu gostaria assim: que todos nós (...) tivéssemos união. Um com o outro. Principalmente nós sambadeiras”. Analiso que os “cuidados” tomados pela diretoria da AMPB, buscando “envolver” continuamente suas integrantes, tem como eixo essa idéia de “união” que também atua nos processos de decisão do Samba de Roda das Marisqueiras. Ainda que a noção de “união” permeie a produção deste “samba”, analiso que este também é um espaço de negociação e há divergências que o atravessam.

No Samba de Roda das Marisqueiras feito no ano de 2018, observei um incômodo de alguns integrantes do grupo relacionado a uma “sambadeira”, que não é das componentes assíduas do “samba”, pelo fato de que ela estava sob efeito acentuado de bebida alcoólica. Percebo que uma das formas de demonstração do desagrado esteve nos olhares direcionados a ela, na fala de uma “marisqueira”, que comentou em voz baixa comigo na roda, e no fato de que a maior parte das outras “sambadeiras” não “passavam o samba” para ela. Compreendo que há um nível de embriaguez que passa a gerar formas de limitação da participação da pessoa no “samba”. Como apresentado neste capítulo, no final do tópico anterior, a bebida alcoólica é um item importante na realização do “samba”. Mas, de acordo com a quantidade ingerida, pode estar vinculada a um “não saber comportar” ou “fazer vergonha” no grupo.

¹⁰² Isso ocorreu, por exemplo, no derramamento de óleo cru que alcançou Belmonte no final de outubro. A diretoria buscou primeiro maiores informações para depois reunir com as sócias, compartilhar e conversar sobre o assunto.

O sentimento de “ciúmes” também é um elemento que gera tensões durante os “sambas” e já foi indicado tanto entre as “sambadeiras” como entre os “tocadores. Entre as “sambadeiras”, compreendi que esteve relacionado quando alguma demorou tempo maior do que as demais “sambando” ou se destacou brincando mais no meio da roda. Este desagrado percebi também expresso através de olhares ou ouvi pontualmente algum comentário em dias depois do “samba”.

Nesse mesmo sentido ocorre alguma tensão entre as duas gerações de “tocadores” que “participam” dos Sambas de Roda das Marisqueiras. Na geração mais velha estão Sr. Demétrio e Sr Zé, que são considerados como os “tocadores” do “grupo” . Os “ogãs” do “terreiro de candomblé” de Mãe Otília (Wellington, Pinguim, Natan, Lucas Copiô, Lucas Saruê e Genilson) são “convidados” a “participar” de vários Sambas de Roda das Marisqueiras e demonstram o interesse em “participar” das apresentações. Wellington comenta sobre essa composição: “Depois que minha mãe [Nem] entrou no grupo das marisqueiras que surgiu a oportunidade [de tocar no Samba de Roda das Marisqueiras]. Aí eu fui tocar com as meninas. Mas aí, elas tem os tocador dela, a gente só toca quando eles não podem, né. Aí fica desse jeito.”

Entendo que a “ponta do ciúmes” é ativada quando um dos dois grupos de “tocadores” demora mais “batendo tambor”, levando mais tempo para alternar com os outros “tocadores”. Ou quando apenas os “tocadores” de um grupo ficam “puxando sambas” e o outro grupo não encontra oportunidade para poder “tirar” algum “samba”. Analiso que este tensionamento se dá por uma espécie de disputa do protagonismo na ocupação do lugar (ou, no caso, do tempo) como “tocador”. Além de refletir em outros pontos de divergências, como passo a expôr.

Examino que as diferentes compreensões que esses dois grupos têm em relação à possibilidade de se cantar “chula” no Samba de Roda das Marisqueiras entram em relação com esta contenda. No contexto do Recôncavo Baiano, é denominado “chula” uma dinâmica específica entre canto e dança do samba de roda, em que só pode entrar no meio da roda uma “sambadeira” por vez, além de que só fazem a dança quando os versos cantados acabaram de ser entoados, dançando quando está soando apenas o instrumental da música, como apresenta o dossiê feito pelo IPHAN (2018, p. 34-35) e Raiana Maciel do Carmo (2009, p. 56-58). Em Belmonte “chula” tem significado distinto. É como denominam na cidade os “pontos”, as músicas “puxadas” pelas pessoas ou entidades nas festas de candomblé (ARRUDA, 2014, p.

27). Há diferentes entendimentos por parte dos “participantes” do Samba de Roda das Marisqueiras sobre a adequação de se cantar “chulas” durante este “samba”, pela agência que ela tem em algumas pessoas. Enquanto Sr Demétrio explica que não convêm tocar chula durante a “brincadeira”, Wellington se posiciona a favor de que seja cantado. Os fundamentos deste impasse apresento no próximo capítulo. Neste momento, enfoco como esses diferentes posicionamentos imbricam com a negociação pelo lugar de “tocador” no “samba”. Passo a narrar um episódio em que percebo que isso se manifesta:

Era 30 de junho de 2019, o “samba comia” desde as 14h da tarde no Clube Manguezal (uma das casas onde as pessoas se reúnem para jogar dominó na Biela). Quando o sol terminou de se pôr, como estávamos perto do mangue, os maruins (um tipo de mosquito) começaram a “atacar” a gente. Kita me avisou que, para continuar o samba, iriam para a porta da casa dela (há alguns poucos quarteirões de onde estávamos). Eu estava ajudando a guardar as coisas para mudarmos de lugar, quando Wellington e Genilson me chamaram. Queriam cantar para mim a continuação do samba de roda que eu havia cantado no primeiro Samba de Roda das Marisqueiras que participei (em fevereiro de 2018 na festa de Iemanjá) e, desde então, nos outros “sambas”, me pediram para cantar. Sorri contente por estar conhecendo um novo samba e eles se divertiram ao ver que me apresentavam um “samba” que eu ainda não conhecia.

Seu Demétrio estava encostado na parede do Clube de Dominó reparando a conversa e me chamou. Fui até ele e ele me disse que não iria participar do “samba de roda” que seria apresentado na Casa Abayomi na semana seguinte, porque os “tocadores” jovens ficam tocando “chula” e não é devido. Sr. Zé, que estava junto dele, falou que só iria se Sr. Demétrio fosse. Mas afirmou rindo “Ele vai... ele vai”. Pedrina estava passando perto de nós e a chamei para participar da conversa. Ela ouviu Sr. Demétrio, falou que o compreendia, que realmente não convinha tocar chula no Samba de Roda das Marisqueiras e saiu da conversa ao chamado de alguém. Contei ao Sr. Demétrio que o evento em Porto Seguro tinha surgido a partir de um convite para eu apresentar a pesquisa, mas que havia conversado com as meninas da associação para saber se elas queriam se apresentar junto comigo e levar o “samba”, já que vinha entendendo que, além de “gostarem” do “samba”, também tinham interesse em “apresentá-lo” em mais lugares para “fortalecê-lo” e dar “visibilidade” a ele e a “comunidade”. Comentei do receio que tive desse convite acabar atrapalhando as relações

dentro do próprio grupo. Sr Demétrio me olhou, tornou a comentar que ficava uma situação ruim os mais jovens tocarem as “chulas” durante os “sambas”, mas disse que iria sim.

Começamos a andar junto com as pessoas que iam continuar o samba na porta da casa de Kita. Chegando lá, Kita me levou para conhecer o terreiro de candomblé do pai de santo Wanderson, que é vizinho à sua casa. Quando voltei para a rua, Sr. Demétrio tocou novamente no assunto comigo e, se voltando para os “tocadores” jovens que estavam tocando, pediu para que ele pudesse “puxar um samba”. Quando ele terminou de cantar, um dos presentes insistiu, de forma provocadora, para que ele cantasse outros e mais outros “sambas”. Sr. Demétrio cantou mais alguns enquanto os olhares indicavam essa tensão, que acontece algumas vezes entre os dois grupos de “tocadores”.

Examino que muitas vezes as “sambadeiras” atuam na negociação do conflito entre as duas gerações de “tocadores” e nos desdobramentos que recaem sobre outros assuntos. Percebo que esse foi o caso da “conversa” entre Dona Lourdes (“sambadeira”) e dois “jovens tocadores” na ida para o Samba de Roda das Marisqueiras, realizado em julho de 2019, na Casa Abayomi. Um dos “tocadores” me explicava sobre o “samba arrastado” e o “samba corrido” e disse que eles (“tocadores” mais jovens) tocam mais o “samba corrido”, enquanto “antigamente” se tocava mais o “samba arrastado”. Dona Lourdes, de pronto, afirmou que os dois “sambas” (“arrastado” e “corrido”) eram tocados “antigamente” e explicou que isso é determinado de acordo com a música que se canta. Em um relato de Selminha ficou também evidenciado este manejo:

Eu fiquei até chateada porque quando Seu Demétrio ia tirar um samba, ele [um “jovem tocador”] tirava um samba na frente e já tocava outra diferente. Seu Demétrio tocava, cantava, uma música de samba. Ele já tocava uma de candomblé. Aí eu chamei ele, eu falei “Poxa, (...) deixa ele tocar a música dele. Só vocês que querem tocar?” Aí foi quando Seu Demétrio falou “Não, Selma, tá de boa. Deixa os meninos tirar aí.” Aí eu falei assim “Não, Seu Demétrio, não é assim não. Ele já tirou a dele. Agora tá na hora do senhor tirar a sua.” Foi quando Seu Demétrio tocou dois, foi dois ou três sambas. (Relato de Selma em conversa realizada em 13 de fevereiro de 2020).

Compreendo que está em perspectiva tanto a concepção do próprio processo de aprendizagem praticada pelo grupo (em que vai se “ganhando entendimento” através do “acompanhamento”, das “conversas” e do “ouvir”), como o “samba”, enquanto “cultura” da comunidade tradicional de pescadores, que vive um “processo presente conflituoso e interminável de reconstrução” (GONÇALVES, 2015, p. 220). Assim o que deve ser “resgatado” na “brincadeira” representante dessa “cultura” não tem uma determinação delimitada e sólida (GONÇALVES, 2015, p. 225). O que deve ou não ser dado continuidade

está envolto a conflitos. E essa negociação também influencia o processo de decisão sobre quem ocupa os lugares de “protagonismo” do Samba de Roda das Marisqueiras, além de perpassar os processos de aprendizagem que são realizados neste espaço. A decisão de quem ocupa o lugar de “tocador” deste “samba” também se baseia na valorização dos saberes dos mais velhos da “comunidade”, como bem apresenta esta fala de Pedrina:

Mas tem essa geração nova que a gente pode tá chegando junto e tá chamando. É aquela questão da gente tentar levar a palavra para o Seu Demétrio que é importante, sim, a inclusão dos jovens. E não menosprezando o saber deles [“tocadores mais velhos”]. Eles tem que saber o lugar deles no samba. E no caso eles são os anciãos, né. Eles que são os protagonistas. (Relato de Pedrina em conversa realizada em sua casa em 26 de outubro de 2019).

Como abordado no princípio deste capítulo no tópico anterior, a separação que tende a haver, em que a mulher exerce o papel de “sambadeira” e o homem de “tocador”, além de não ser fixa, não está investida de uma hierarquia. Essa relação de interdependência se dá ao longo do “samba”, por vezes através de brincadeiras, como em uma das músicas em que o “tocador” interrompe repentinamente o toque, deixando a “sambadeira” “no toco”, com sua “dança” em suspense no meio do movimento, enquanto a “roda” toda se põe a cantar: “Quem ficou no toco? Foi ela. Quem ficou no toco? Foi ela. Acontece comigo, acontece com ela. Quem ficou no toco foi ela”. Em alguns momentos, essa interação pode acontecer com sutis pressões para conseguir a condução da “brincadeira”, como foi o caso do “samba de roda”, realizado dia 14 de março de 2020, em Porto Seguro. A “sambadeira” Nem havia pedido para o Sr. Demétrio “tirar o samba” que seu filho fez. O “tocador” disse que não sabia e estava começando a cantar outra “música”, quando várias “sambadeiras” juntas “puxaram o samba” que Wellington fez para sua mãe¹⁰³.

Essas mulheres negras, em sua maioria, estão ativas nas conduções e ajustes também dos conflitos que circulam pelos sambas. Analiso que se destaca a presença engajada (DÖRING, 2016, p. 26) das “sambadeiras” nas várias esferas da produção do “samba de roda”, concordando com o que pondera Katharina Doring:

No samba de roda, percebe-se a participação ativa das sambadeiras, personalidades fortes, que não temem se posicionar e tomar a palavra no meio dos sambadores, o que indica que se manteve, em boa parte, o sentido comunitário do samba de roda e um lugar de destaque para as mulheres negras. (DÖRING, 2016, p. 24)

¹⁰³ O samba relatado anteriormente: “Papai, não chore por mamãe. Quem chora por mamãe sou eu. Um dia você arranja outra mulher. Quem não arranja outra mãe sou eu”.

Examino que, em diversos momentos, foi possível perceber a colocação segura dessas mulheres no transcorrer da “brincadeira” e o respeito ao que estabeleciam. Dona Isabel¹⁰⁴ é uma “sambadeira” que não esteve tão frequente nos “sambas” que aconteceram ao longo dessa pesquisa, mas teve presença marcante no Samba de Roda das Marisqueiras, feito em 2018 em homenagem a São Pedro, pelo seu entusiasmo e por “tirar” vários “sambas” ao longo da “brincadeira”. Em um momento daquela tarde, alguns “tocadores jovens” estavam cantando um “samba”, ela reparou e ativamente recomeçou a cantá-lo em um andamento um pouco mais lento. Sua voz soava alto. Os “tocadores” ouviram atentos e ajustaram o toque de seus tambores na levada que a “sambadeira” havia indicado como devido e o “samba” continuou.

Apesar de não haver hierarquia conjugada com a divisão por gênero entre “tocadores” e “sambadeiras”, examino que é reconhecido o protagonismo das sócias da AMPB no Samba de Roda das Marisqueiras. Os “participantes” deste “samba” têm o entendimento que, em última instância, as decisões em relação à “brincadeira” serão coordenadas por elas: quais “tocadores” serão convidados a participar das “apresentações”, eventuais arrecadações de “cachê” e seu direcionamento, dia e lugar onde serão realizadas as festividades, dentre outras necessidades. Virna Plastino em sua tese “¡FUERZA! Os tambores de candombe e suas pessoas, em Ansina, Montevideú.”, apresenta o panorama nos candombes, em Ansina, onde os homens de determinadas famílias do bairro são quem ocupam esses lugares (PLASTINO, 2011, p. 92). Compreendo que, no caso do “samba”, as “sambadeiras” componentes da AMPB são quem são vistas como detentoras do poder de decisão, aquelas que selecionam e delimitam as relações e as redes de “parceria”, cooperação e negociações, em torno do grupo, mas sem deixar de contar com o consentimento da maioria dos “componentes” do “samba” e a aprovação das associadas da instituição.

Além dos conflitos geracionais que permeiam essa “brincadeira”, ela também é atravessada por outros confrontos. Analiso que o protagonismo na produção do Samba de Roda das Marisqueiras é motivo de orgulho para as “sambadeiras” da AMPB, mas convive com disputas, como ilustra bem esses dois episódios que passo a narrar.

¹⁰⁴Dona Isabel, hoje em dia, trabalha em um colégio em Belmonte e trabalhou como “marisqueira” grande parte de sua vida. Juntamente com sua irmã, Dona Lelita, (“marisqueira” já aposentada) é considerada uma das “fundadoras” do grupo Samba de Roda das Marisqueiras. Dona Célia é também irmã dessas duas “sambadeiras” e, durante essa pesquisa, participou alegremente do Samba de Roda das Marisqueiras feito, em fevereiro de 2018, em homenagem à Iemanjá e, em junho de 2018, no “samba” em celebração a São Pedro.

Uma das situações se deu em torno do Festivale, quando o secretário de cultura de Belmonte, Herculano Assis, perguntou a um jovem da “comunidade” onde encontrava as “marisqueiras” para convidá-las para apresentarem o “samba” no evento. Este respondeu que “o samba de roda não é com as marisqueiras. Era com ele mesmo”. Wanderson, pai de santo de um dos terreiros de candomblé na “comunidade”, estava por perto e esclareceu ao secretário: “Não, ele não tem nada a ver com esse samba de roda, não. Quem tem a ver são as meninas, as meninas da associação das marisqueiras. Procure Kita, Pedrina ou Nanete [Nete] que você vai se informar”. Diante desse acontecimento, Kita avaliou que tal jovem quis “se aparecer por cima” das “marisqueiras” da AMPB.

O outro episódio se deu na celebração a São Pedro no ano de 2018. Duas semanas antes da festa, membros da diretoria da associação comentaram comigo que não deveria ter o “samba”, pois não tinham comida e bebida para servirem para quem viesse. Na véspera do dia de São Pedro, enviaram-me mensagem falando que eu podia ir para Belmonte pois tinham conseguido “organizar”. No dia 29 de junho, na sede da associação, mais ou menos às 13h, o almoço foi servido. Pouco depois se cantou o parabéns para as associadas aniversariantes do mês (Elenildes (Nem), Pedrina e Perisvânia) e o “baticum” começou. Antes do sol se pôr, “passaram a saia” para arrecadar dinheiro entre os presentes, pois a “cervejinha” tinha acabado. O samba rendeu até, aproximadamente, às sete e meia da noite. Inúmeras pessoas circularam pelo espaço da Associação: algumas ficavam do lado de fora, olhando pela janela; outras passavam pela porta e se demoravam por ali; outras tantas pessoas entravam para a “brincadeira”. Pouco antes das oito da noite, a “roda de samba” se desfez e restou no espaço da associação Nete, Nem, Nayana (filha de Mãe Otília) com seus dois filhos, mais umas duas “marisqueiras” e eu.

Assim que nos assentamos em umas das cadeiras que estavam rente às paredes da associação, Nete comentou com as outras “marisqueiras” e “sambadeiras” presentes e comigo como estava satisfeita de terem conseguido fazer o “samba”: “Pois é, a gente achava que não ia ter, que não ia conseguir fazer e, de repente, a gente fez!”. Kita falou que talvez “ia ter só uma coisinha” pra me receber. Passaram a falar que a Colônia de Pescadores tinha anunciado que na festa de São Pedro que estavam organizando, teria o Samba de Roda das Marisqueiras, mas não tinham conversado com ninguém para ver o que precisavam para fazer o samba acontecer. Elas afirmaram que conseguiram fazer no espaço delas sem nenhum apoio da Colônia e que não queriam fazer bonito para os outros “aparecerem por cima delas”, para

“fazer o nome” dos outros. Explicaram que, na véspera, conseguiram as doações para fazer as refeições: o secretário de assistência social do município, Cláudio Soares, doou “do próprio bolso” o dinheiro para fazer a feijoada; e pessoas da “comunidade” doaram os ingredientes para a mariscada (arraia, bagre, coco, coentro, pirão e até alguns camarões VG¹⁰⁵). Falaram a respeito de algumas pessoas que ficaram de fora olhando pela janela, que são pessoas que gostam de criticá-las, mas que isso não importava: “o que importa é que aconteceu [o samba]”.

Examino que desdobramentos do atrito político vivenciado com a Colônia perpassaram a “organização” dessa “brincadeira”. Um dos desdobramentos estava nas dificuldades que a AMPB encontrava para realizar o “samba” no Espaço Sócio-Cultural dos Pescadores, gerido pela Colônia, mas destinado a toda “comunidade” pesqueira. Em diferentes ocasiões, membros da diretoria da associação narraram que a Colônia apresentou empecilhos para a “brincadeira” ser feita neste espaço, o que trouxe efeitos desarticuladores para a realização do samba. No “samba” de 2019 em homenagem a São Pedro, dois dias antes da celebração, Pedrina explicou que as pessoas da “comunidade” perguntavam sobre o “samba”, mas ela havia parado de “chamar”, pois não sabiam onde seria realizado, já que não poderiam contar com o espaço da Colônia mais¹⁰⁶. Ou como relatado na carta de apresentação da AMPB que integra esta dissertação:

Em um dia de comemoração do Bom Jesus dos Navegantes, tudo preparado, Pescadores e Marisqueiras, comidas e bebidas e fomos impedidas de realizar nossa brincadeira no espaço [da Colônia] onde havíamos marcado. Isso não nos impediu de estar em comunhão, realizamos debaixo de um pé de jamborão. Assim como as vezes que nos negavam o espaço para realizarmos nossas reuniões quando não havíamos sede própria. Nada disso adiantou...continuamos lutando (AMPB MARISCO, 2019a).

Analiso que representa para as “marisqueiras” da AMPB um “feito”, uma “conquista”, serem as responsáveis pela articulação do Samba de Roda das Marisqueiras, inclusive diante do “machismo” com o qual convivem em sua “comunidade”. Percebo que as elucubrações feitas por Virna Plastino, no contexto do candombe, trazem importantes contribuições para se pensar o Samba de Roda das Marisqueiras. Este “samba”, que prioriza preservar a “união” entre seus “participantes” e propiciar a “comunhão” na “comunidade”,

¹⁰⁵ Camarão VG é o nome dado a camarões que se destacam pelo seu tamanho muito maior que a média e custam mais caro que os “camarões VM” ou “camarão sete barbas”.

¹⁰⁶ Como a sede da AMPB estava em obras e a Colônia não autorizou a utilização do seu espaço, a diretoria da associação conseguiu resolver a questão articulando com um dos clubes de bingo da “comunidade”, que cedeu seu espaço, mesmo sem ter energia elétrica ligada.

também é um espaço onde são atualizadas relações de rivalidade e antagonismos (PLASTINO, 2011, p. 81). E percebo que uma reconfiguração desta relação entre a AMPB e a Colônia aconteceu durante a “luta” contra o óleo cru, como abordo no capítulo que se segue.

CAPÍTULO 3 - De repente o óleo no meio da maré

Neste capítulo, disserto sobre o "combate" contra o “maldito óleo” apresentando as tentativas de “conversa” da AMPB com a prefeitura de Belmonte e Colônia para "mobilizarem" e se prevenirem dos riscos deste desastre (ZHOURI et al., 2018, p. 41). Apresento e relaciono as preocupações com a venda do pescado e as consequências para a saúde, o “psicológico” e “mente”. E passo a examinar o sofrimento social (VALENCIO, 2014, p 3632) mencionado pelas idéias de “ansiedade”, “estresse”, “depressão” que recaíram sobre pessoas da "comunidade" e, especialmente, de membros da AMPB diante da angústia causada pela omissão do poder público municipal e pelas lutas contra as “fakenews”, que apontavam as "marisqueiras" como “mentirosas” ou pessoas que faziam "pavuá”, “alarde” ou até “agouro”.

Analiso como os riscos deste desastre recaem de forma específica sobre as mulheres "marisqueiras" desta "comunidade", a partir da chave de leitura da justiça ambiental (PORTO, 2011, p. 35), diante dos processos de vulnerabilização (PORTO, 2011, p. 46) gerados pelos conflitos socioambientais, políticos e hierarquias estruturais da sociedade. Desenvolvo sobre o protagonismo e o senso de urgência no "combate ao óleo", considerando como os impactos de desastres como esse atinge de formas diferenciadas as pessoas de um mesmo lugar (PORTO, 2011, p. 46 e 50). E como "tragédias" assim tornam mais visíveis questões culturais, organizações sociais e quem são os grupos mais expostos aos perigos pela injustiças sociais desveladas (VALENCIO, 2014, p. 3633),

Explico a mobilização de grupo que protagonizou e outro grupo que “acompanhou” a luta contra o óleo cru em Belmonte. Analiso a “descoberta” do óleo e a “união” entre a AMPB e a Colônia Z21, que decorreu da luta contra o óleo, dialogando com as idéias de sociabilidade forçada (ZHOURI et al., 2018, p. 29) e coesão social (VALENCIO, 2014, p. 3633) que podem aflorar na decorrência de desastres. Abordo as estratégias concebidas coletivamente para evitar ou diminuir as afetações, no sentido trabalhado por Zhouri et al.

(2018, p. 55), provocadas pela "tragédia" do derramamento de óleo cru que alcançou a cidade. Dialogando com Porto (2011, p. 47-48), mostro a intensificação de conflitos socioambientais pelos sentidos, usos e formas de cuidado com os recursos naturais diante das tentativas de invisibilização das afetações causadas pelo desastre. Evidencia-se, assim, os conflitos ocorridos em torno da divulgação das informações sobre o óleo com o poder público municipal, a mídia local, grupos econômicos atuantes na região (trade do turismo) e a Marinha. Além das controvérsias (ZHOURI et al., 2018, p. 33) entre pessoas da comunidade pesqueira pelo receio do estigma (ZHOURI et al., 2018, p. 57) em relação ao pescado produzido na cidade.

Analiso os efeitos de desestabilização emocional e desmotivação gerados pelos conflitos dentro da "comunidade" pesqueira, com os comentários de "mentirosas" e "loucas", que eram direcionados às pessoas que atuavam no "combate ao óleo". Apresento as estratégias acionadas por estas pessoas para lidarem com este conjunto de desafios que atravessou o "combate" ao óleo, enfocando a produção do Samba de Roda das Marisqueiras como forma de "trazer energia" diante desta "luta".

3.1. O maldito óleo e as estratégias de luta:

"Sambadeiras, tá aqui mesmo, gente!
 Tá cá na Barra do Norte aqui, minha fia.
 Tem muito! Tem muito! Pede ajuda aí! Pede socorro!
 Paulinha, por favor! Pede socorro aí, gente!
 Aqui tem muito! A gente num tá tendo força pra tirar tudo.
 São poucas mulheres que tão aqui!
 A única coisa que a gente tem é dois baldes.
 A gente não tá conseguindo... Por favor, gente! Por favor!"
 (áudio enviado por Kita para o grupo de whatsapp
 'samba de roda é saber,' na manhã do dia 29 de outubro de 2019,
 referindo-se à chegada do óleo bruto no litoral de Belmonte)

O vazamento de óleo bruto que se alastrou pelo litoral brasileiro, desde o nordeste alcançando parte do sudeste do país durante o segundo semestre de 2019, atingiu Belmonte no final de outubro daquele ano. Em cheio esse desastre manchou de angústia, desespero e desamparo o andamento do cotidiano, das atuações e dos sonhos das "marisqueiras" com quem este trabalho foi feito, e um tanto a mim e ao corpo dessa pesquisa. Aplico o sentido de

desastre pela conceituação que Andréa Zhouri et al. trazem a partir de Norma Valêncio

(2014) :

os desastres são acontecimentos coletivos trágicos nos quais há perdas e danos súbitos e involuntários que desorganizam, de forma multidimensional e severa, as estratégias, rotinas e o modo de vida de uma dada coletividade. Isso implica que o desastre deve ser “considerado como uma crise social associada a um acontecimento físico devastador e a um tempo social” (Valencio, 2014: 3633). (ZHOURI et al, 2018, p. 41)

No dia 17 de outubro de 2019, Pedrina, Perisvânia, Lorenzo e eu fomos à casa de Kita para conversar algumas questões relacionadas a essa pesquisa. Eram quase oito da noite quando Charlinho, vizinho de Kita, a chamou para dar o aviso: “a “mancha” de óleo estava se aproximando de Belmonte”. A conversa passou a ser feita de silêncios, aflições, análises e “orações”. Falaram de suas preocupações com a venda de suas produções, pois talvez as pessoas não confiariam em comprar o pescado que tinham em seus estoques antes de o óleo atingir o território pesqueiro de Belmonte. Comentaram sobre a demora da ação do governo federal em impedir que a “mancha” se espalhasse por tamanha dimensão, pois, desde Agosto, já sabiam do derramamento. Elas afirmaram ser “criminoso” tal omissão e criticaram a “falta de responsabilidade” dos governantes que dizem “lutar” pela “classe pesqueira”, mas não estavam agindo diante da “tragédia”. Aflitas falavam como todos que “vivem da pesca” estavam “ferrados” no caso da “mancha” atingir os manguezais. Refletiam sobre como pagariam suas contas, tensas com a perspectiva de ter que “trabalhar para os outros”. Expressavam que não desejavam isso, associando essa forma de trabalho a “virar escravas”. Avaliavam que a “tragédia” estava atingindo os estados do nordeste, que foram os que mais votaram contra o governo eleito, e que era isso o que o governo federal queria: “fazer da gente escravos”.

Elas afirmaram que precisavam se “mobilizar” e também “ficar de olho aberto” com a prefeitura e fiscalizá-la, pois, se o óleo chegasse a Belmonte, viria recurso que deveria ser aplicado na contenção do mesmo. Decidiram ir na manhã seguinte até o secretário municipal de meio ambiente, Raimundo Abelha (como é conhecido), para se informarem sobre o que estavam fazendo para lidar com o derramamento de óleo bruto. Perguntei se havia algum grupo de whatsapp com mais pessoas da ‘comunidade’, falaram que não, mas que iriam criar incluindo o secretário de meio ambiente para, através desse grupo, poderem cobrar as ações. Pedrina sugeriu que fizessem uma oração, ao que todas nós levantamos e nos demos as mãos. Perisvânia “puxou a oração” pedindo misericórdia a Deus. Lorenzo, que antes brincava no

chão, ficou no meio da roda chorando por algum tempo, agitado. Pedrina se agachou e o colocou no colo até a finalização da “oração” com a reza de um “Pai Nosso”. As três “companheiras” se despediram recomendando-se manterem a calma. Fomos embora daquele encontro cabisbaixas, quase em silêncio. Segui para casa com o peso da impressão de que, em câmera lenta, vinha o anúncio de alastramento de uma doença gravíssima e coletiva ou até o fim do “viver da pesca” daquela “comunidade”.

Destaco a preocupação que as componentes da diretoria da AMPB explicitaram, nessa noite e em outras conversas, em fiscalizar a prefeitura em relação ao gasto de possíveis recursos encaminhados para o poder executivo municipal, caso o óleo atingisse Belmonte. Examinando que esta atenção está em consonância com as normas que respaldam os gastos de recursos públicos em situações em que o estado de emergência é decretado. Uma vez que a legislação, nessas circunstâncias, com a intenção de garantir maior celeridade na destinação de recursos para as ações emergenciais, dispensam algumas formas de controle social dos gastos feitos pelo poder público (VALENCIO, 2014, p. 3637).

De fato aconteceu o que as marisqueiras apontaram como receio naquela conversa em 17 de outubro: muitos compradores “ficaram com cisma” e as vendas dos pescados caíram. Antes mesmo da chegada do óleo à cidade, confirmada em 29 de outubro¹⁰⁷, em diferentes momentos, pessoas da “comunidade” falavam sobre a diminuição da venda de suas produções. Segundo Paulo Pena et al. (2020), o Ministério da Saúde demorou em acionar medidas de emergência de saúde diante de um desastre dessa dimensão. Isso oportunizou a divulgação de informações conflitantes e sem base técnica pelas autoridades, indicando ora a suspensão do consumo de peixes e mariscos no Nordeste do Brasil ora a sua liberação, o que provocou uma crise no mercado e prejudicou gravemente a sobrevivência de milhares de trabalhadores e famílias da cadeia produtiva de pescados (PENA et al, 2020, p. 3).

Nos dias que seguiram a noite que Charlinho avisou à Kita e suas “companheiras” sobre a aproximação do óleo bruto do litoral de Belmonte, a diretoria da AMPB passou a acionar a prefeitura de Belmonte e a Colônia de Pescadores Z21 de Belmonte. A intenção era

¹⁰⁷ Na tarde do dia 23 de outubro, uma pequena mancha de óleo foi encontrada por um “pescador” que tinha ido pescar em alto mar em Belmonte. A Colônia Z21 a recebeu dentro de um copo descartável de plástico e a direcionou para a marinha fazer os estudos e confirmar se era proveniente do grande derramamento de óleo. Em várias cidades se noticiaram primeiro a chegada de “bolotas”, pequenas gotas do óleo, alguns dias antes de maior volume da “mancha” de óleo bruto alcançar as praias das cidades.

saber o que estava sendo feito, provocando para que atitudes preventivas fossem tomadas¹⁰⁸, para que o poder público divulgasse, para a população em geral, informações a respeito da aproximação da “mancha de óleo”. Assim, a AMPB poderia adquirir informações para, ao menos, poder divulgá-las entre suas associadas e os “pescadores” interessados.

Afirmavam que, por serem um “órgão representativo”, precisavam “atuar” para “encaminhar” e “cobrar” resolução. Suas tentativas de “mobilização” eram vistas por grande parte da “comunidade” como “fazer pavuá”, “alarde” ou até “agouro”, o que as indignava. Afirmavam a importância de estarem “mobilizadas” e se incomodavam pelo fato da prefeitura e Colônia estarem “esperando acontecer”. Mesmo em conversas que tive sobre outros assuntos com as “marisqueiras” da AMPB, era expressada a angústia em relação à compreensão que tinham do risco que estava correndo o “viver da pesca”. Examinei que o sofrimento social associado ao desastre (VALENCIO, 2014, p 3632) já as afetava, assim como a outras pessoas da “comunidade” de pescadores da Biela, antes mesmo da chegada da “mancha” na cidade. Falavam sobre “ansiedade”, “estresse”, “depressão”, dores de cabeça, dores nas mãos e sobre se sentirem “amarradas”.

Norma Valencio (2014, p. 3636) reflete a respeito dos desdobramentos dos danos que ocorrem na vida das pessoas afetadas pós-desastres e como o discurso oficial do ‘dia do desastre’ deslegitima as demandas das pessoas atingidas em relação a privações e violações que se dão a partir de então. Acrescento a importância de se atentar para a instalação da crise social que atingiu um conjunto da “comunidade” da Biela antes mesmo que seu território fosse afetado materialmente pelo acontecimento devastador (VALENCIO, 2014, p. 3633). Em uma conversa no dia 25 de outubro, Kita evidencia isso:

Quando é o corpo que a gente fica..., tipo cansado, a gente dá aquele ânimo assim. E quando é o psicológico, Paulinha? É na cabeça, milhões de coisas passam na cabeça. Milhões! E o pior que a gente pergunta: se acontecer? Fica aquela interrogação. A gente não sabe. Sabe que vai ser ruim. Vai ser só tragédia, só coisa ruim, mas... Eu tava falando com Magno [marido dela], tô evitando ver televisão. Quando fala negócio sobre o óleo, eu tô até evitando de ver, que me dá... Aí é que fica pior. Aí, vixe! Mas é coisas que eu tenho que ver. Eu tenho que acordar para a realidade, ver que tá acontecendo. Isso é fato, tá acontecendo.

Deixar fazer igual ao secretário [municipal de Meio Ambiente]: esperar acontecer para fazer alguma coisa. Ai me deu [inaudível] quando aquele secretário falou: “Não, estamos esperando chegar pra poder...”. Esperar chegar, Paulinha, pra fazer o quê, se não tem nada organizado. Num tem conversa nenhuma. Nem com a gente a prefeitura se organizou para conversar. (...)

Em Belmonte ninguém sabe. Não tem uma conversa com eles [“comunidade”]. E tudo pra eles é fakenews, é mentira. Esperando chegar pra ver o que vai fazer... Enquanto eles [poder público]

¹⁰⁸ Entre as ações preventivas pensadas para lidar com este desastre estão a aquisição de equipamentos de proteção individual e treinamento das pessoas para saberem lidar com o óleo cru, caso chegasse à cidade.

pensam o que vai fazer, depois que chegar, a destruição vai ser pior. Porque não vai ficar só no mar. Vem pra dentro do rio e vai pra dentro dos mangues. Pior ainda. Enfim... esperando acontecer. É isso aí que dá mais chateação. Pessoas realmente envolvidas lá em cima, que podem fazer alguma coisa, esperam acontecer. (Relato de Kita em conversa realizada em sua casa em 25 de outubro de 2019).

Analiso que, assim como Kita, outras “marisqueiras” da AMPB e pessoas da “comunidade” expressaram o sentimento de desamparo, dores emocionais, psicológicas, físicas e revoltas diante da indiferença do poder público, em face do risco de um processo maior de vulnerabilização da “comunidade”. Marcelo Porto (2011) explica que comunidades e populações passam pela condição de vulnerabilizadas, e não de vulneráveis, refletindo a importância de se apresentar os processos sociohistóricos de vulnerabilização de um grupo e um lugar e a “explicitação dos conflitos socioambientais que demarcam” esses contextos (PORTO, 2011, p. 46).

O autor trabalha a partir de uma epistemologia política abordando as contribuições que o movimento da justiça ambiental trazem para se pensar e enfrentar os contextos de conflitos socioambientais e desastres. Traz o entendimento de injustiça ambiental e de justiça ambiental pelo que declara o manifesto¹⁰⁹ de lançamento da Rede Brasileira de Justiça ambiental, sendo que:

o conceito de injustiça ambiental foi definido como “o mecanismo pelo qual sociedades desiguais, do ponto de vista econômico e social, destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento às populações de baixa renda, aos grupos sociais discriminados, aos povos étnicos tradicionais, aos bairros operários, às populações marginalizadas e vulneráveis.”

Já o conceito de justiça ambiental é entendido por um conjunto de princípios e práticas que asseguram que nenhum grupo social, seja ele étnico, racial, de classe ou gênero, “suporte uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas de operações econômicas, decisões de políticas e de programas federais, estaduais, locais, assim como da ausência ou omissão de tais políticas. (PORTO, 2011, p. 35)

Com base nisso, compreendo que se pode falar em injustiça ambiental no contexto socioambiental vivido pela “comunidade” pesqueira em Belmonte. E pelos conflitos socioambientais, políticos e hierarquias raciais e de gênero que foram apresentados ao longo deste trabalho, é possível afirmar que a “comunidade” de pescadores da Biela veio passando reiteradamente por um processo de vulnerabilização. Acrescento, portanto, que este processo recai de forma específica sobre as mulheres “marisqueiras”, pelo o que foi analisado no primeiro capítulo desta dissertação, especialmente no tópico “A maré que manda na gente”.

¹⁰⁹ O manifesto pode ser encontrado neste endereço:

<https://www.mma.gov.br/informma/item/8077-manifesto-de-lan%C3%A7amento-da-rede-brasileira-de-justi%C3%A7a-ambiental.html>

Soma-se a isso o protagonismo das “marisqueiras” da AMPB no “entendimento” e “engajamento” pelos “cuidados” e nas “lutas” em defesa do “viver da pesca” e “seu lugar”. Examinando que este contexto mais amplo ajuda a compreender as diferenças no senso de urgência¹¹⁰ de planejamento e ação entre as “marisqueiras” da AMPB, a “comunidade” da Biela no geral, a população de Belmonte e a gestão pública municipal.

Marcelo Porto (2011, p. 50) bem lembra de uma crítica feita, pelo movimento de Justiça Ambiental, sobre a falsa idéia de que as causas e consequências dos problemas ambientais não distinguiriam classe social, gênero, etnia, raça ou território e afetariam de forma indiferenciada a todos. O autor ainda diz sobre “a dimensão central da vulnerabilidade decorrente das iniquidades sociais agravadas por processos econômicos e políticas públicas que desprezam o cuidado para com as populações mais impactadas” (PORTO, 2011, p. 46). Compreendo que isso dialoga diretamente com o que Kita expôs: em meio a tantas preocupações do que viria a acontecer com a “tragédia” decorrente da chegada do “maldito” óleo, o que a “chateava” acima de tudo era o poder público, mesmo diante de seu poder de ação, “esperar acontecer”. Em outra conversa, Pedrina me explicava indignada que, na época da instalação da UHE de Itapebi, a mesma apatia aconteceu “como se não tivesse um risco real vindo pelo qual se precisa estar mobilizado”.

No dia 28 de outubro, Pedrina conversou comigo por telefone dizendo que estava em Canavieiras para uma reunião dos projetos da Resex-Canavieiras, quando avisaram que chegou até a praia dessa cidade o óleo bruto com a maré de enchente: “primeiro umas “pelotas” de óleo, depois uma quantidade maior”. Ela estava voltando para Belmonte com alguns poucos equipamentos de proteção individual (EPI’s) que conseguiu no ICMBio de Canavieiras¹¹¹ (4 pares de bota, 15 luvas e 15 máscaras) e disse que, no dia seguinte, começariam o “monitoramento” do litoral de Belmonte. Falou sobre a aflição e o choro de suas “companheiras” quando contou para elas, por telefone, o que estava acontecendo na cidade vizinha (Canavieiras).

¹¹⁰ Em meio às articulações para prevenir os danos que poderiam ser provocados pelo óleo cru antes deste chegar ao município de Belmonte, conversei com um funcionário do ICMBIO do Parque Nacional do Monte Pascoal, no dia 22 de outubro, que confirmou a informação de que a “mancha” estava a uma distância de 300km de Porto Seguro. Nesta conversa, ao me apresentar um panorama de omissão de várias instituições na tentativa de impedir que o óleo chegasse até as praias com o risco de adentrar o estuário e alcançar os manguezais, ele comentou que dependia do senso de urgência de cada um para que as atitudes fossem tomadas.

¹¹¹ ICMBio de Canavieiras é o órgão público que gere a unidade de conservação Resex de Canavieiras.

Na véspera, eu tinha ido embora de Belmonte depois de doze dias trabalhando na pesquisa e ajudando nas “articulações” da AMPB diante desse desastre. Tinha combinado que voltaria para minha casa, em Porto Seguro, para centrar-me nas leituras e escritas da dissertação, mas que retornaria para ajudar se fosse confirmado o alastramento do óleo bruto naquela região. Pedrina pediu para que eu tentasse acionar quantas pessoas eu conseguisse para ajudar a “monitorar”, “catar” o óleo e contribuir de outras formas que percebêssemos necessário. Assim, fiz algumas articulações por whatsapp com o grupo de estudantes e professores do PPGES, com amigos e colegas do forró da região de Porto Seguro e pessoas queridas em Belo Horizonte e Cabralia. A partir daí, formou-se um grupo de apoio que “acompanhou” o “combate” ao óleo em Belmonte em diferentes frentes¹¹².

Assim, diante da demora de ação dos poderes públicos das três instâncias, no dia 29 de outubro de 2019, oito “marisqueiras” da AMPB agiram com os poucos EPI’s que tinham conseguido. Para traduzir com maior legitimidade esse dia que tanto marcou a vida dessas mulheres, trago o relato de Pedrina. Este relato específico foi feito em uma reunião que o coletivo SOS Mangue Mar Belmonte fez com o prefeito Janival Borges, o secretário municipal de Meio Ambiente (Raimundo Abelha) e o secretário municipal de Assistência Social (Cláudio Soares) no dia 04 de novembro de 2019. O grupo SOS Mangue Mar Belmonte foi formado por iniciativa das “marisqueiras” da AMPB e era composto por pessoas da “comunidade” pesqueira da Biela, alguns outros poucos moradores de Belmonte e pessoas “companheiras” e “parceiras” de “luta” da AMPB. Suas ações tiveram início na noite do dia 29 de outubro, a partir de uma reunião conseguiu-se “mobilizar” outras pessoas da “comunidade”, dispostas a se engajarem para “organizar” as ações de “combate” ao óleo. Apresento a exposição de Pedrina lembrando dos desdobramentos da notícia do óleo em

¹¹²Uma frente foi formada por voluntários para “catar óleo” e trabalhar nas organizações logísticas dessa tarefa em Belmonte. Estão incluídas nessa frente: Marina Malagutti, Camila Rocha, e Márcio Lopes (que passaram muitos dias de “luta” em campo, a quem agradeço muito por essa parceria) e Ana Carneiro, Victor Urzua, Dira Souza, Pâmela Peregrino, Natalia Froes e Yuri Kevin (que foram no dia 03 de novembro contribuir com os trabalhos na cidade e levaram doações a quem também sou muito grata). Para outra frente, foi composto um grupo de whatsapp, denominado Apoio MarMangue Belmonte, através do qual, foram encaminhadas, principalmente, pesquisas de informações que se fizeram necessárias para o “combate ao óleo” e campanhas de doações de EPI’s e dinheiro para a compra de alimentos utilizados também durante esta “luta”. Além de Pedrina (representando a AMPB) e eu, participou desse grupo de whatsapp algumas pessoas do meu relacionamento pessoal, como professores da UFSB (Ana Carneiro, Valéria Gianella, Pâmela Peregrino e May Waddington) e pessoas queridas de BH, Cabralia e Porto Seguro (Marcela Marques, Fernanda Martins, Alícia Costa, Leandro Santos, Camila Rocha, Marina Malagutti e Eduarda Miranda - a quem agradeço muito pelo companheirismo dedicado de tantas formas, continuamente).

Canavieiras, no dia 28 de outubro, e a ida de “marisqueiras” para “monitorar” o óleo em Belmonte no dia seguinte:

A mulherada cobrou que a gente fosse. A companheira Val [“marisqueira” sócia da AMPB] foi a primeira de todas: cobrou que a gente fosse pra área urgentemente. Não fomos no mesmo dia porque já cheguei de tarde [de Canavieiras com os EPI’s]. Mas no outro dia cedo, pegamos a canoa e fomos. E foi aquele desespero que muitos aí na cidade tão dizendo que a gente tava desesperada, que não sei o quê, que foi... Deram vários nomes, né, que não vale nem a pena a gente colocar isso. Mas só a gente que estava lá e viveu é que sabe. A companheira quase tomava um banho desse óleo!

Porque a gente tava assim dividida na barra do norte, éramos oito mulheres. Só que aí depois Daco¹¹³ foi com a rabeta¹¹⁴. Aí ficou oito mulheres e ele. Saímos caminhando, fazendo o monitoramento. A gente não tava querendo mostrar pra ninguém que tinha óleo. A gente foi pra lá porque a gente sabia que tinha que ser feito o monitoramento. Porque já sabia que as bolotas já eram frequentes na nossa cidade. Isso relato feito pelos próprios pescadores que um dia chegava com uma bolinha, outro chegava com uma bolinha (...). E essas bolinhas tinham que ser coletadas! E a gente partiu para poder ir de encontro a essas bolinhas para que não entrassem dentro do estuário, dentro do nosso rio.

A pessoa a qual ia tomar esse banho de óleo não se encontra presente. Ela tava fazendo a coleta das bolinhas e no momento que ela tava abaixada a porção de óleo veio com uma onda e “plac” perto dela. Ela tomou um susto. Essa mancha de óleo por pouco num veio por cima do corpo dela, que ela tava na beirada da maré. E quando ela tomou o susto, que olhou, a gente já se deparava com aquele monte de óleo na nossa frente. Que o amigo Daco, mesmo a gente pedindo “Não, não, não, pelo amor de Deus.” Todo mundo pedindo desesperado [pra ele não pegar o óleo com a mão sem luva]. Porque enquanto tavam essas manchas, outras manchas vinham boiando na água seguindo em direção à barra [no encontro do rio Jequitinhonha com o mar].

O desespero foi tanto porque estávamos ilhadas. Não tinha como a gente retornar pela barra porque a maré subiu. Então não tinha como a gente voltar pela barra. A lancha, a gente só pediu pra que ele [lancheiro] levasse nós. A gente sabia que a maré ia subir. Então a lancha saiu do lugar porque [se não] ia afundar e foi pelo [Rio] Passuí. E no Passuí tava seco. Então estávamos ilhadas sem ter nem o que fazer¹¹⁵. Foi quando a gente entrou em contato com várias pessoas, mandando áudio desesperado. Porque o que veio na nossa mente... E aí eu falo de qualquer ser humano. Não ficaria... Eu não sei qual seria a reação de outras pessoas. A nossa foi aquela. Porque veio um turbilhão de coisas na nossa mente. (...) Na hora, só um ser humano sem coração é que faz o que tá fazendo aí fora. Porque vir dizer que a gente tá fazendo alarde (...)

Foi por isso o desespero que a gente tava lá porque a gente achava que estava preparadas, né. (...) Deixamos nossas casas, nossas famílias, nossos filhos. E fomos fazer o monitoramento, já orando a Deus quando desceu da lancha, para que a gente não encontrasse nada. (...) E aconteceu o que aconteceu. (...) Nós todas estamos a ver navios. Não só nós, como toda a classe pesqueira que vive mesmo da pesca. (...) O senhor [Raimundo - secretário de meio ambiente] tem área lá pra cima e sabe que muitas pessoas precisam do rio, do mar, do mangue e não são documentadas [não

¹¹³ Daco é um vereador da cidade pelo Partido Progressista (PP) e esteve acompanhando o grupo nas coletas e articulações do “combate” ao óleo.

¹¹⁴ “Rabeta” é o nome dado ao barco que se locomove com um motor denominado “motor de rabeta”. O formato da hélice deste motor favorece para que ele passe por canais de água mais rasos.

¹¹⁵ Esse lugar onde foram monitorar só pode ser acessado de barco: ou pela barra do rio Jequitinhonha quando a maré está bem baixa; ou pelo rio Passuí que nem sempre está navegável, devido a diminuição de vazão do rio Jequitinhonha por conta da barragem da UHE-Itapebí. Durante as horas que este grupo esteve ilhado, elas estavam sem comida ou água, pois o lanche que haviam separado estava na lancha que não conseguia passar pelo rio Passuí, ainda muito seco. Diante disso, essas “marisqueiras” contam tristes que precisaram invadir uma propriedade para pegar o coco de um coqueiro e tentar, com um pequeno canivete, abri-lo para se hidratarem.

possuem o registro geral da pesca - RGP¹¹⁶]. Essas pessoas vão sofrer igualmente nós. E é esse sofrimento que a gente tava querendo evitar de ter, né.

Com isso a gente começou a fazer o monitoramento depois desse dia. Foi uma luta incessante como a gente tá até hoje. (...) O próprio presidente [da Colônia Z21] está conosco: Cheiro Bom (...) Chega todo mundo [do SOS Mangue Mar de Belmonte] no mesmo horário e sai todo mundo no mesmo horário. E se [tem] reunião de noite de avaliação ele também tá junto. Então de tudo de ruim que trouxe esse óleo, uma coisa boa ele trouxe: que foi essa união [com a Colônia Z21], né. Embora as outras pessoas ainda num tá visualizando, né. (...) Essas pessoas, talvez, num seja porque num entende. É porque, talvez o psicológico deles, prefere não acreditar porque é muito sofrimento. (Relato de Pedrina feito em reunião com membros do coletivo SOS Mangue Mar de Belmonte e membros da prefeitura de Belmonte, na tarde do dia 04 de novembro de 2019).

Analiso que a complexidade da estrutura social que vem sendo apresentada e analisada ao longo deste trabalho se explicita mais no contexto deste desastre. Como pontua Valencio, diante de uma situação de desastre, tanto questões culturais, como da organização social são desveladas, tornando “mais visíveis as conexões entre as injustiças sociais precedentes e os grupos mais expostos aos perigos” (VALENCIO, 2014, p. 3633). Além desse contexto de crise revelar singularidades de modos de conflito e de coesão social aflorados a partir do mesmo (VALENCIO, 2014, p. 3633). Examinando que a aproximação que se deu entre a AMPB e a Colônia Z21, diminuindo a “picuinha” que essa instituição apresentava até então em relação à associação, foi uma das coesões sociais afloradas em face desse agudo problema socioambiental. E talvez pode ser entendida também nos termos de uma socialização forçada, impelida pelas tentativas de defesa do território e do “viver da pesca”. Zhouri et al. abordam sobre o processo de “tornar-se atingido” a partir do desastre ocorrido com o rompimento de uma barragem de rejeitos de minério de ferro em Mariana (Minas Gerais) e refletem que a pessoa atingida “passa por um processo dramático de sociabilidade forçada, forjada nos processos políticos” (ZHOURI et al., 2018, p. 29).

Através do SOS Mangue Mar Belmonte, foram feitas as “organizações” de toda a complexa logística que foi necessária para evitar ou, ao menos, diminuir as afetações provocadas pelo derramamento de óleo. Em casos de desastres, como trabalhado por Zhouri et al. as afetações “não se confundem com ‘impactos’, já que as consequências permanecem à medida que se multiplicam ‘os estragos’, ou seja, enquanto o desastre, como processo, é experimentado pelo grupo social (VALENCIO, 2014)” (ZHOURI et al., 2018, p. 55). A

¹¹⁶O RGP é um registro feito junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, mas que, há mais de cinco anos, não está aceitando que mais “pescadores” e “marisqueiras” façam o seu cadastro. Com isso, inúmeras pessoas, principalmente as gerações mais jovens, não tem como acessar direitos específicos dessa população.

maioria dos componentes do coletivo SOS eram de “marisqueiras” e “pescadores” da Biela¹¹⁷. O grupo esteve sobrecarregado entre várias tarefas. Era feita uma reunião toda noite, aproximadamente às 19h, para compartilharem as informações do trabalho do dia, avaliarem as “estratégias” e organizarem as equipes de “trabalho de campo” no dia seguinte. “Campo” era o nome dado ao trabalho feito por quem estava “catando” o óleo, sendo o foco coletá-lo ainda na praia para evitar que chegasse ao rio e aos manguezais. As “equipes” se encaminhavam principalmente para proteger o “estuário” e o “território pesqueiro”, direcionando-se para as proximidades dos lugares denominados “região do peso”, “barra do norte”, “barra do sul”, “planeta”, “Biela” e “Caieira”.

Os tempos da maré guiavam os horários de trabalho. Tanto porque eram nos seus ciclos de “enchente” que o óleo era trazido para o “campo”, quanto pelo fato de a maior parte desses lugares ser de difícil acesso, demandando o uso de embarcação que passaria pelo rio Passuí, logo não poderia estar tão raso. Havia o trabalho no “ponto de apoio” próximo aos lugares de circulação da “equipe de campo”, onde uma ou duas pessoas ficavam, garantiam a água e a refeição em quantidade suficiente para todos e conferiam as embarcações de retorno à “terra”¹¹⁸. Na “terra” trabalhava uma equipe na “articulação” para conseguir o combustível para as embarcações, EPIS’s utilizados, água e mantimentos e o preparo dos alimentos distribuídos para as equipes durante a jornada de trabalho. Todos os itens foram fruto de mobilização de doação do material ou, às vezes, de dinheiro junto a instituições e pessoas “parceiras” que passaram a apoiar essa “luta”¹¹⁹. Havia o desafio da insuficiência de EPI’s e da pouca quantidade de gasolina para fazerem todos os trajetos necessários e garantir que todo esse aparato estivesse pronto e fosse encaminhado a quem estava “catando”.

¹¹⁷ Além de poucos moradores de Belmonte, eu e mais três amigos vindos de Porto Seguro integramos o coletivo SOS Mangue Mar Belmonte, atuando localmente nas ações de “combate” ao óleo principalmente nos primeiros 11 dias. Segui ajudando, depois, nas articulações à distância. Outras pessoas “companheiras” e “parceiras” de “luta” da AMPB traziam contribuições de suas cidades participando do grupo de whatsapp do coletivo SOS (entre eles: membros da Resex-Canavieiras, um pescador da comunidade vizinha de Guaiú (Cabrália) e membros da ONG Conservação Internacional).

¹¹⁸ Um dos “pontos de apoio” muito utilizados foi a “casa de Joabe” e outro foi a “casa laranja” (onde não há morador). Localizam-se em áreas de difícil acesso, pois só é possível chegar através de barco pelo Rio Passuí e pela barra do Rio Jequitinhonha, dependendo do horário da maré. Por estarem em lugar com extensa área de praia e próximo à barra do Rio Jequitinhonha e à “barra do Peso”, foi uma região priorizada para se fazer a “coleta do óleo” para impedir que o óleo cru entrasse nos estuários e chegasse a contaminar os manguezais.

¹¹⁹ Através do grupo de whatsapp ‘Apoio MarMangue Belmonte’ foi articulada a elaboração de um material de divulgação para campanha de doações, alinhado com a diretoria da AMPB através de conversas que fiz, principalmente, com Pedrina. Marcela Marques produziu este material e demais membros do grupo ajudaram a divulgá-lo e recolher doações recebidas de variadas formas.

Foram feitas também “articulações” de “conversas” tanto com a gestão municipal como com os moradores de Belmonte. Com os moradores da cidade foi mobilizada uma reunião através de carro de som para informá-los sobre o que estava acontecendo e fazer um “chamamento” e entender quem poderia “ajudar” de alguma forma (com doações ou voluntariando-se). Além da necessidade de EPI’s, com o passar dos dias, as pessoas envolvidas no “combate” ao óleo estavam a cada dia demonstrando maiores sinais de fadiga.

No dia-a-dia do “combate ao óleo”, as conversas com o poder público aconteciam no sentido de “organizar”, ao menos, parte da doação do combustível e do alimento usado diariamente, para encaminhar os casos de saúde que começavam a aparecer e combinar a busca e armazenamento do óleo “catado”. No dia 04 de novembro, foi feita uma reunião com o prefeito para reforçar a necessidade da garantia do combustível e do lanche, devido ao fato da manutenção do “monitoramento” por um tempo ainda indefinido, e para agradecer o apoio dado até então. Nessa reunião foi comunicada algumas demandas, como as preocupações com a saúde, visto que a “mancha” de óleo, já bem fragmentada em pequenos pedaços, estava alcançando áreas onde as crianças costumavam nadar sozinhas (Caieira e Biela). Além disso, pediu-se para a equipe de saúde pública do município “ficar em alerta”, fazendo um acompanhamento das pessoas que compunham as equipes de “campo”, e também as pessoas que trabalhavam nas “articulações” na “terra, pois já começavam a ter reações em contato com o óleo (como aumento de pressão arterial, diarreia, dores de cabeça, entre outros efeitos registrados em fichas pelo grupo SOS Mangue Mar de Belmonte, de acordo com os relatos dos voluntários). Foi solicitado também que a prefeitura fizesse articulações para assegurar que haveria “análises” para garantir a segurança no trabalho das “marisqueiras” e dos “pescadores”, no consumo do pescado e no lazer das pessoas na cidade, já que está muito associado com o uso dos rios e das praias de Belmonte.

Compreendo que esta reunião com a prefeitura foi emblemática, principalmente por apresentar um tensionamento em torno da idéia de “alarde” e da divulgação de informações relacionadas à afetação da cidade pelo derramamento de óleo bruto. Logo nas primeiras falas, o prefeito comentou que estava empenhado junto ao grupo no “combate” ao óleo e que havia escutado, no dia 29 de outubro, os audios de whatsapp enviados pelas “marisqueiras” pedindo ajuda às pessoas naquele primeiro dia de monitoramento. A partir daí, ele fez uma recomendação: que não fosse feito “alarde”, pois essas informações poderiam tomar uma

grande dimensão, estourar pelo Brasil e até para o exterior. Afirmava que “a gente tem que ter ação e não fazer alarde. Porque quanto mais alarde, mais prejuízo vai trazer”.

Este posicionamento provocou o incômodo nas pessoas do grupo do SOS, expressado continuamente através de falas, comentários irônicos ou de reclamações em voz baixa, braços cruzados, cabeças balançando em negativa e silêncios. Dentre os comentários, houve quem dizia com ironia “Não vamos divulgar nada. Vamos continuar o trabalho que estamos fazendo e a gente tem que retirar. Isso ponto. Vamos catar só”. O prefeito comentou que não estava falando que este grupo tinha feito “alarde” e passou a indicar que sua crítica era em relação à mídia que “assusta” as pessoas com suas notícias ou as “fakenews” que aumentam o que está acontecendo¹²⁰. Mais adiante na reunião, explicou que desaconselhou que fossem colocadas, nas praias de Belmonte que estavam tendo a ocorrência do óleo bruto naquele período, placas com essa informação. Explicou que alguém poderia fotografar as placas e isso poderia ganhar maior circulação na sociedade. Em outro momento, recomendou que não divulgassem as imagens de peixes ou outros animais que estavam sendo encontrados mortos nas praias, para que primeiro fosse certificado se estavam associado ao desastre. Afirmou que a princípio o óleo não matava e que em alguns poderia dar uma “alergia”.

Recomendações da Fundação Oswaldo Cruz e de outras instituições de saúde vinham circulando amplamente, alertando para riscos que a exposição ao óleo bruto poderia acarretar. Pena et al. (2020) explica que o petróleo bruto é composto por uma mistura que contém várias toxinas e que a exposição a este óleo, através do contato com a pele, inalação ou ingestão, leva a riscos toxicológicos graves, agudos e crônicos, ao agravamento ou o desenvolvimento de doenças e, até mesmo, à morte. Esmiúça as alterações e danos associados a alguns dos componentes do óleo bruto, explicando que:

Os VOCs [compostos orgânicos voláteis], particularmente o benzeno, têm sido associados às doenças carcinogênicas, e a efeitos hematotóxicos, imunotóxicos e disfunção renal, mesmo em níveis relativamente baixos de exposição. Efeitos outros como alterações hepáticas e hormonais, irritação respiratória, transtornos mentais, especialmente quadros de depressão, são amplamente descritos na literatura. Os HPAs incluem substâncias cancerígenas conhecidas e podem alterar as funções reprodutivas e imunológicas em mulheres e homens, o que agrava os riscos de exposição para gestantes e crianças. O sulfeto de hidrogênio pode causar efeitos agudos e crônicos do sistema nervoso central, como cefaleias, alterações da atenção, memória insuficiente (PENA et al., 2020, p. 2).

¹²⁰ Percebo que esse comportamento, praticado durante essa reunião pelo prefeito de Belmonte, se assemelha a prática de *gaslighting*, neste caso, feito em âmbito de relações coletivas. O termo *gaslighting* foi cunhado pelo movimento feminista para se referir à prática realizada em relações de âmbito pessoal em que homens interagem com mulheres de formas a desacreditar as informações e percepções que estas apresentam da realidade, de forma a questionar a sanidade emocional e mental dessa mulher.

A circulação de fatos acontecidos na região de Belmonte, como maior número de animais sendo encontrados mortos nas praias naquele período, era percebida como informações que não deveriam ser disseminadas. Compreendo que esta reunião, entre o grupo SOS Mangue Mar Belmonte e a prefeitura, ilustra parte dos conflitos de interesses políticos e econômicos que atravessaram este contexto. Diante da ameaça ao seu “território”, “marisqueiras, “pescadores” e alguns “parceiros”, mesmo sem treinamento ou garantia dos recursos materiais necessários, atuaram para defendê-lo e para ter acesso a informações que lhes garantisse segurança. Entretanto, esse “combate” por vezes era interpretado como pondo em “risco” o movimento turístico no município que atende ao interesse econômico de uma pequena parcela da população. Dialogando com o que Porto (2011) desenvolve, entendo que este desastre intensificou conflitos socioambientais que estão conjugados a relações de poder que disputam diferentes sentidos, usos, formas de manejo, de cuidado e valores aos recursos naturais e de direcionamento das políticas públicas e práticas institucionais (PORTO, 2011, p. 47). Porto ainda salienta que:

Em muitos problemas ambientais as populações envolvidas são formadas por adultos discriminados, excluídos ou desconsiderados em sua condição de sujeitos. Muitas vezes isso ocorre quando tal condição pode intensificar os conflitos socioambientais decorrentes dos jogos de poder, por questionar como ilegítimas formas de apropriação dos recursos e das riquezas, ou de distribuição dos riscos e cargas ambientais num território e contexto particular. Nesses casos, o ocultamento ou a invisibilização de tais populações possui intencionalidade, dado que a inclusão de certos interesses ou valores na arena política pode dificultar a realização de outros interesses hegemônicos (PORTO, 2011, p. 48 - grifos nossos).

Examino que estes conflitos de interesses geraram notícias falsas, produzidas e divulgadas tanto por agentes públicos como pela mídia em diferentes meios de comunicação, atenuando o quadro real (Pena et al., 2020, p. 3). Este foi o caso de um vídeo¹²¹ que circulou pelo whatsapp, e alocado no youtube, em que o comandante da marinha Júlio Amaral, delegado da Capitania dos Portos em Porto Seguro, afirmava que “no dia 06 de novembro nenhum fragmento de óleo foi encontrado no percurso de Belmonte até Caraíva (Porto Seguro)”. Enquanto esta notícia circulava, o coletivo SOS Mangue Mar de Belmonte seguiu “catando” óleo, durante todo esse dia, no litoral da cidade.

Percebo que dentro da “comunidade” pesqueira convivia tanto a preocupação com a saúde e a proteção do território, quanto os receios em relação ao comprometimento da venda

¹²¹Neste endereço é possível consultar o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BLvokKnxjwM>

do pescado. Compreendo que isso gerou controvérsias, expressadas através de “falas” e “risos” na “comunidade” pesqueira direcionadas às pessoas que estavam atuando no “combate ao maldito óleo”. Zhouri et al. aborda como desastres podem gerar conflitos sociais e práticas de discriminação ou mesmo estigmatização das vítimas. (ZHOURI et al., 2018, p. 57). E lembra como dentre outras desestabilizações, rupturas e desorganizações de suas vidas, as pessoas atingidas passam a ter de lidar com a “existência de assédios, boatos, rumores, desconfianças, controvérsias, medos, difamações, brigas” (ZHOURI et al., 2018, p. 33).

Analiso que alguns comentários, como os que chamavam as pessoas do “coletivo” de “mentirosas” ou “loucas”, geravam efeitos desmotivadores e contribuíam para a desestabilização emocional de pessoas deste grupo. Um episódio que ilustra tal fato aconteceu em uma manhã, antes de sair para o “campo”: uma “marisqueira” em diálogo comigo e outras “companheiras” disse, chorando, que “doía”, depois de tanto cansaço e trabalho, ter que “ouvir” de pessoas da comunidade que ela estava mentindo a respeito da chegada de manchas de óleo na cidade.

Considero que diferentes “estratégias” foram acionadas pelas pessoas deste coletivo para lidar com o conjunto de desafios que atravessou o “combate” ao óleo. As reuniões e “conversas” por grupos de whatsapp¹²² contribuíram para manter a união do grupo, através de um alinhamento entre essas pessoas, além de servir como instrumento para as tomadas de decisão em conjunto. O riso provocado por “brincadeiras” entre as “companheiras” e os “companheiros” também “ajudavam” a aliviar o desgaste daquela lida, como certa vez comentou Pedrina se referindo às “graças” que Cheiro Bom, o presidente da Colônia, fazia. Além disso, observo que foram articulados encontros e acionadas mensagens de teor religioso no curso do “combate ao óleo”¹²³ também como maneira de buscar alívio. Destaco a noite de 03 de novembro, domingo, em que a reunião do coletivo SOS Mangue Mar de Belmonte foi cancelada, pela primeira vez desde o início do monitoramento do óleo (29 de outubro), para que as pessoas pudessem ir para seus encontros religiosos.

¹²² Durante o “combate” ao óleo, o whatsapp foi importante meio de comunicação entre as pessoas desse coletivo para se informarem e encaminharem questões de logística daquele dia-a-dia, tendo sido feito combinados para favorecer, prioritariamente, a comunicação entre as pessoas que estavam no “campo”.

¹²³ Observo que a troca de mensagens de cunho religioso também tem ocorrido no bojo do combate a pandemia do COVID-19 no grupo de whatsapp “COMUNIDADE contra COVID”. Este grupo de whatsapp é o mesmo através do qual foram articuladas as estratégias de “luta” contra o óleo. Foi redesignado no início do período que o vírus se disseminou pelo Brasil e o grupo virtual se ampliou, abarcando mais pessoas da cidade de Belmonte e, em especial, profissionais da secretaria municipal de saúde. Através dele são feitas e trocadas análises do contexto, informações e estratégias de “cuidado”.

Analiso que o próprio Samba de Roda das Marisqueiras foi um instrumento para “fortalecer” as “marisqueiras” diante daquela “luta”. Como abordado no capítulo 2 desta dissertação, no começo de novembro, uma das representantes da Casa Abayomi estava tentando contactar as “marisqueiras” para “organizar” a participação do grupo do “samba de roda” em uma festa da casa. Mesmo diante de todas as atividades que as “marisqueiras” da AMPB estavam envolvidas pela “luta incessante” contra o óleo, decidiram ir até Porto Seguro fazer o “samba”. Explicaram que ia ser bom para elas “se divertirem”, “estar junto”, “aproveitar” ou como Kita disse para “trazer a energia positiva que a [Casa] Abayomi tem”.

Percebo que em variadas conversas o “samba” é relacionado como uma forma de “cuidar da saúde”. Como aconteceu em uma conversa com Pedrina no meio de janeiro de 2020. Nesse período, algumas vezes, ainda era encontrado óleo em Belmonte e nas cidades vizinhas. O “monitoramento do óleo” estava mais espaçado e desarticulado, até mesmo pelo desgaste das pessoas envolvidas nessa “luta”. Pedrina me explicou por telefone que estava muito “adoentada”, com a fibromialgia e a intolerância à glúten “atacando”. Falou que, ao ir ao médico, este “recomendou” que ela fosse “sambar”, já que era algo que gostava muito e a fazia sentir bem. Em mais de uma ocasião, Pedrina voltou a me contar esse caso e dizia que concordava com tal recomendação.

A esse bem estar Katharina Doring (2016) comenta que “a experiência primordial no samba de roda proporciona o bem estar no corpo, na alma da mulher, honrando a memória nas células do povo negro, sua resistência aos padrões corporais hegemônicos, brancos e adestrados e um destaque para a expressão do feminino” (DORING, 2016, p. 29). Analiso que este “fortalecimento” e “bem estar” estão também associados à comunicação com a “tradição” ou com a “ancestralidade” que a “participação” no “samba de roda” aciona.

O toque do tambor e cantos do “samba” fazem a condução da dança que, dependendo da música, pode provocar “arrepio” ou “tocar” a pessoa. Selma explica sobre essa relação do “ouvir” ou “ver” o toque e o canto que leva à dança de cada “sambadeira”:

A gente vai pelo toque do tambor. O toque da música e o toque do tambor. Então, a gente vai ouvindo como é o toque do tambor e a gente vai fazendo movimentação no corpo. É por isso. Então, cada um tem a sua maneira de sambar. Eu tenho a minha. (...) A pessoa toca o tambor, vem aquela zoadá. Então a gente vê. Eu sou assim. Eu vejo o toque do tambor e aí eu movimento o meu corpo conforme o toque do tambor. (Relato de Selma realizado em 25 de maio de 2020).

Compreendo que os estudos e elucubrações desenvolvidas por Virna Plastino em sua tese sobre o candombe no bairro Ansina (região do bairro Palermo), em Montevideu (Uruguai), contribuem para análises a respeito do Samba de Roda das Marisqueiras. A autora enfatiza o ato de escuta que compõe as conversas de transformação, em que ocorre a feitura da pessoa, como trabalhado por Latour (2004, p. 351), no ritual do candombe no bairro (PLASTINO, 2011, p. 275-276). Plastino explica que a escuta do toque do tambor produz o encontro entre a pessoa candombera, o artefato (tambor) e os ancestrais (PLASTINO, 2011, p. 273). Dessa forma, “a “pessoa-tambor” é constituída pela escuta do toque dos “ancestrais” e pela fuerza que estes “comunicam” e fazem ressoar no corpo dos candomberos” (PLASTINO, 2011, p. 25).

Analiso que no Samba de Roda das Marisqueiras o “ouvir” o toque dos tambores e o canto das músicas conduzem à dança ao mesmo tempo que aciona uma comunicação com a “tradição”, a “ancestralidade” e a “memória”. Enquanto o “chamamento” do “samba” promove a “comunhão” entre as pessoas que participam da “brincadeira” e gera força, essa conversa transformadora (LATOURE, 2004, p. 351) também produz o fortalecimento das pessoas envolvidas. Essa explicação da “sambadeira” Luana também apoia fundamentos para esse entendimento:

Eu já nasci com samba no pé. Por isso, que eu não consigo sambar calçada. Você já notou isso. Eu gosto de sentir, porque é raiz, vem de dentro. E com o tambor: chama, sabe! É cor, é emoção! Então isso é o que me motiva a sambar. Tem horas que eu não tenho mais nem fôlego pra sambar, mas aquilo me leva. E quando eu observo o sorriso de cada uma ali, aquela roda crescendo, sabe? Eu danço fora, eu danço dentro da roda. Eu levo aquelas pessoas que nem... Porque assim que eu fui levada pro samba. E é uma emoção muito grande. E você sente que a roda começa pequenininha, mas vai crescendo. E é uma corrente muito forte de alegria, sabe, de axé. Não é a saia mais bonita, não é o samba mais bonito. Mas é aquela energia positiva! É alegria de lembrar dos meus avós. De lembrar do meu pai que parava, que me ensinava a sambar. (...) O samba no pé. É a origem. Não esquecer da onde você veio e quem você é. É isso que eu sinto quando eu sambo. Eu sei de onde eu vim. E eu sei quem eu sou. Era o samba na terra. Era o chão batido. Por isso que meu pé corta todo. E eu não sinto nada, eu só sinto depois. Mas é raiz. É família. É fundo de quintal. É amizade, verdadeira! É sorriso estampado. É de qualquer jeito. Da melhor forma possível. É só sentir na pele, no corpo, na alma. É sentir. É sentimento. É o mais puro sentimento.
(Relato de Luana realizado em 27 de abril de 2020 - grifos nossos)

Muniz Sodré (1998) explica que o som, em culturas africanas (no sistema gegê-nagô ou iorubá), é o condutor do axé, a força ou poder de realização. Ele aborda a relevância da presença física do corpo humano presente, do contato direto entre as pessoas para a transmissão do axé: “o som resulta de um processo onde um corpo se faz presente, dinamicamente, em busca de contato com outro corpo, para acionar o axé” (SODRÉ, 1998, p.

20). Destaca a interdependência que há entre a música e dança na cultura negra, em que essas se interferem e se estimulam em um relacionamento dialético entre suas formas e movimentos. Além de serem um meio de comunicação com o grupo, também é uma forma de afirmação da identidade coletiva e uma dramatização religiosa (SODRÉ, 1998, p. 22).

Examino que há uma relação entre a “brincadeira” do Samba de Roda das Marisqueiras com as religiões de matriz africana. Trago uma conversa que tive com Pedrina e Nete que apresenta bem essa relação e alguns “cuidados” tomados a partir disso. Pedrina estava me contando sobre uma atividade realizada em um assentamento do movimento por terra na Bahia, que algumas “companheiras” da Rede de Mulheres foram e lhe relataram sobre o ocorrido durante um samba de roda que foi produzido neste evento: uma pessoa que estava com a espiritualidade “em desenvolvimento” “se manifestou”. Expliquei que vinha fazendo algumas leituras de textos, feitos sobre outros contextos, que contavam sobre a existência de uma relação entre o samba de roda e o candomblé e perguntei como era em Belmonte. Pedrina me respondeu que “o samba de roda é uma coisa e candomblé é outra coisa”. Na continuidade da conversa, ela e Nete me explicaram que há uma proximidade entre as religiões de matriz africana e o “samba de roda” que inspira, inclusive, a escolha de terem o “cuidado” para a escolha das músicas que serão cantadas durante a “brincadeira”:

Pedrina: O samba é música...

Nete: Do dia-a-dia. Tirada no dia-a-dia. Tem samba que, se a pessoa parar para analisar, é a história de uma família. E o candomblé não. O candomblé já tem aquela música dos orixás deles.

Pedrina: É tanto que no próprio samba, quando a gente vai fazer uma apresentação, a gente tenta não tirar chulas. (...) Chula são as canções que vem..., que são do terreiro de candomblé, de umbanda. São canções que as próprias entidades trazem consigo. Elas cantam. (...) É uma música. Como outra qualquer. E, no caso do samba, a gente evita de tá cantando músicas do candomblé...

Nete: E ainda tem os toques, né.

Pedrina: Porque as pessoas associam. Porque se a gente vai fazer uma apresentação vai ter pessoas que entendem do assunto. E essas canções, essas músicas, podem sim chegar a pegar uma pessoa que está em desenvolvimento espiritual e aí a gente ficar cantando e a pessoa chegar a vir...

Nete: Se manifestar.

Pedrina: Se manifestar. E a gente não quer isso. O samba ali é uma festa, a gente tá brincando. Então, não vai ter mãe de santo ali para poder chegar e cuidar da pessoa. Então a gente evita tá puxando músicas (que chama no candomblé de chula) que chama entidades. Porque se tiver uma pessoa fraca, em desenvolvimento, vai chegar e vai cair (...) Aí até a gente achar uma mãe de

santo para cuidar¹²⁴... (Conversa realizada na manhã de em 23 de abril de 2019 na casa de Pedrina).

Em estudos feitos sobre o samba de roda do Recôncavo Baiano, Ribeiro e Rosa (2015) colocam que além de gênero musical, ele também pode ser percebido enquanto instrumento de resistência cultural e política, transmitido geracionalmente em forte relação com a ancestralidade (RIBEIRO; ROSA, 2015, p. 98). Enquanto Rosa Cláudia (2016), também tendo desenvolvido investigação com o samba de roda dessa região, comenta sobre a própria roda como um “lugar de criação, é um lugar de resistência no sentido de conservação de uma herança, uma memória que se manteve apesar da violência e discriminação hegemônica” (KRSTULOVIC, 2016, p. 60-61).

A partir de tudo o que foi posto, analiso que o Samba de Roda das Marisqueiras atua como um complexo de resistências. Por ser produzido fundamentado em um universo de sentidos próprios da cultura negra brasileira (SODRÉ, 1998, p. 59), como uma articulação política para o “fortalecimento” e “chamamento”. Propondo-se a dar continuidade à “tradição”, em negociação com os interesses de seus componentes, em um espaço de protagonismo dessas mulheres “sambadeiras”, “marisqueiras” e negras.

¹²⁴A discordância dos “tocadores jovens” e dos “tocadores” mais “velhos”, comentada no segundo capítulo desta dissertação, sobre a conveniência de se tocar ou não “chula” nos Sambas de Roda das Marisqueiras baseia-se nisso. Neste mesmo sentido, fundamenta-se o posicionamento de Sr. Demétrio, ao me alertar para não me demorar “sambando” em músicas “das águas” para Iemanjá não me “dar um balanço”. O posicionamento dele se alinha com o de Pedrina e Nete sobre o “samba” ser uma “brincadeira”, não sendo o espaço “apropriado” para uma pessoa ser “balançada”. Já Wellington, em uma conversa, durante o Samba de Roda das Marisqueiras realizado em novembro, na Vila Criativa em Cabrália, me explicou que não tinha risco. Justificou que, caso alguém “virasse no santo”, ele mesmo, enquanto “ogã”, poderia “cuidar” da pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando estou acabando, parece que o caminho está só começando.
 Talvez seja desses ensinamentos do dono das encruzilhadas:
 “nos ensina a buscar uma constante e inacabada
 reflexão sobre os nossos atos.” (RUFINO, 2019, p. 5).
 (sensação anotada no caderno de campo
 numa tarde de janeiro de 2020)

Dia 05 de junho de 2019, encaminhei-me para Belmonte para dar início ao maior período de trabalho de campo junto a esta pesquisa. Fui para a cidade naquele dia atendendo o chamado de Pedrina para eu ir sambar com o Samba de Roda das Marisqueiras, em Canavieiras, numa atividade que aconteceria no dia seguinte. Malas ajeitadas, o caminho de minha casa em Porto Seguro, passando pelas estradas de Cabrália até Belmonte, foi envolto de articulações para ajeitar algumas tarefas para o “samba” do dia seguinte e acompanhado das emoções de entusiasmo e apreensão em relação a esta importante etapa deste trabalho.

Na manhã do dia 06 de junho de 2019, acordei bem cedo para buscar a “sambadeira” Luana em sua casa perto da “entrada” da cidade de Belmonte. De lá fomos para a Biela buscar as demais “sambadeiras”, Lelita e Nem, que iam com a gente para Canavieiras. Pedrina já nos aguardava em Atalaia (comunidade de Canavieiras), mas passamos em sua casa para pegar, com sua mãe, algumas saias extras¹²⁵ e os tambores que Dona Dézinha emprestou para o Samba de Roda das Marisqueiras tocar na apresentação daquela tarde em Atalaia. Essa apresentação compunha a mística da atividade de encontro das quatro Resex-Marinhas da Bahia (Resex Baía do Iguape, Resex-Canavieiras, Resex-Cassurubá e Resex Corumbáu). No porto de Belmonte nos esperavam Sr. Demétrio, Sr. Zé e o lancheiro Judeval (esposo de Perisvânia, “marisqueira” e vice-presidente da AMPB).

Durante o trajeto, Luana contou que ainda não conhecia Canavieiras. Apesar de Pedrina já tê-la convidado outras vezes para ir, ela disse que não foi, pois tinha medo da travessia pela água que liga a cidade a Belmonte. Contenta dizia que dessa vez estava indo, pois “a vontade de sambar é maior que o medo”. Lembrou ainda de uma Conferência Municipal de Saúde que participou enquanto agente comunitária de saúde. Ela contou que estava abatida naquela reunião por conta de alguns acontecimentos familiares, mas levantou

¹²⁵Cada “sambadeira” levou sua própria saia e Pedrina pediu para eu buscar, com sua mãe, algumas saias a mais para o grupo poder emprestar para alguma outra mulher que quisesse utilizar para sambar.

para sambar durante a apresentação de chorinho que ocorreu, ainda que tenha ficado inibida pela presença do prefeito e de alguns secretários municipais da cidade. Luana, sorrindo, recordou a fala que o palestrante do evento disse ao vê-la sambando e tomar conhecimento de sua tristeza: “Vamos abraçar Luana, que da sua tristeza, faz alegria com o samba”.

Quando chegamos no porto de Atalaia, Pedrina, Lorenzo, Gesiani (“marisqueira” da comunidade de Atalaia, componente da Resex-Canavieiras e da Rede de Mulheres) e Moreno (“pescador” da comunidade de Campinhos em Canavieiras) foram nos encontrar. Fomos conversando pelo caminho até a Associação de Pescadores de Atalaia, que fica junto à praça da “comunidade”. Gesiani quis conhecer um pouco mais sobre o que se tratava a pesquisa. Na conversa ela contou que, em 2017, participou de uma “ocupação” em Brasília para pleitear os direitos da “classe pesqueira” e lembrou de um “samba” que aconteceu nessa ocasião. Contou que sofreram várias repressões, recebendo “madeirada”, bala de borracha” e que “até spray de pimenta passaram no papel-higiênico que elas [marisqueiras] iam usar”. Explicou que o “samba” foi uma forma de “aliviarem a tensão e as angústias” dessas repressões.

Chegando na Associação de Pescadores de Atalaia, encontramos alguns representantes das quatro Resex-Marinhas da Bahia que estavam participando daquela atividade para alinhar e definir o plano de trabalho sobre projetos que executariam em conjunto naquele ano. Pedrina, Nem e eu nos sentamos, pois a reunião já estava para iniciar. Dona Lelita, Luana, Sr. Zé e Sr. Demétrio foram para a praça e se sentaram debaixo de uma tenda. De longe eu os avistava conversando e bebendo alguma “cervejinha”.

Dentro da associação, as cadeiras formavam semi-círculos voltados para frente, onde, nas cadeiras mais à frente, a maioria dos que estavam sentados eram homens e nas fileiras seguintes estavam as mulheres. Pedrina estendeu um colchonete, junto de onde estávamos, próximo a uma das portas de acesso ao fundo do espaço, e deitou Lorenzo que tinha adormecido. João Barba (“pescador” de Campinhos e, na época, presidente da AMEX) propôs que rezássemos um “pai nosso”. Depois da reza, João passou com uma cesta recolhendo os celulares de todos presentes, explicando que era uma forma de segurança sobre as informações que seriam trocadas.

A reunião durou aproximadamente uma hora e meia. Em alguns momentos, ao fundo, ouvíamos o som dos tambores e dos sambas que Sr. Zé, Sr. Demétrio, Dona Lelita e Luana cantavam. Durante a reunião foram compartilhadas dicas e informes sobre o Edital do Bahia

Produtiva, que o governo do Estado estava para abrir, e fizeram análises sobre o momento político de âmbito nacional. Comentaram sobre a importância de se manterem “unidos” e de saberem reconhecer quem apoia as “lutas pelo meio ambiente, dos povos a ele relacionados” e as várias formas de opressão: machismo, racismo e homofobia.

Enquanto prestava atenção na reunião, eu ajudava Pedrina a “cuidar” de Lorenzo que havia acordado e queria brincar. Em um momento que ela se ausentou, Lorenzo começou a chorar, mas logo se acalmou quando comecei a cantar baixinho um samba que sua mãe compôs: “Eu acordo com o canto da sabiá, eu acordo com o canto da sabiá. É ela quem avisa: é hora de mariscar”. Enquanto Pedrina estava no banheiro, uma das falas feitas na reunião comentou sobre a importância de conhecerem bem quem convidam para as reuniões. Como nem todos na reunião me conheciam (além das pessoas de Belmonte, apenas João Barba e Moreno já haviam me conhecido pessoalmente) fiquei com receio de eles estarem se sentindo inseguros com minha presença. Quando Pedrina retornou, alertei para ela do ocorrido. Ela me explicou que provavelmente a fala não se referia à minha presença, mas deveria ser pela participação de duas pessoas que tinham ido para explicar sobre turismo de base comunitária e um deles estava mexendo no celular com frequência. De todo modo, Pedrina pediu a palavra, apresentou-me para os participantes que não me conheciam e explicou o contexto da pesquisa. Fechou sua fala comentando que “o samba sempre vai fazer barulhos nas lutas” e contou que estava começando a fazer letras de samba sobre a luta.

O almoço foi servido para todos participantes daquele encontro em duas barracas da praça. Comi e dividi os cuidados de Lorenzo com Luana para Pedrina poder se alimentar. Uma “marisqueira”, que estava sentada próxima ao coreto da praça almoçando, caiu da cadeira desmaiada. Algumas pessoas se aproximaram para ajudá-la, enquanto outros recomendavam abrir espaço para não abafá-la. Eu estava sentada junto de Nem nas proximidades e atentas reparávamos o que acontecia. Nem comentou que uma época ela estava tendo esses desmaios assim e que Mãe Otília “cuidou” dela e, assim, isso parou de acontecer. João Barba se sentou na nossa mesa e contou de uma vez que ele foi parar no hospital com muita dor de cabeça. Como o atendimento médico demorou, uma pessoa que estava no hospital “rezou a cabeça” dele por uns quinze minutos e a dor passou. Assim ele foi embora, mas retornou depois para fazer exames e descobriu que a dor foi provocada pelo fato de ter “pressão oscilante”. Conversamos mais um pouco sobre o assunto e pedi licença para me arrumar para o “samba”, pois já estava para começar.

Encontrei as “sambadeiras” que estavam terminando de se arrumar no espaço da associação. Estavam se enfeitando com os “torsos” e colares. Como Pedrina estava sem colar, passei-lhe o colar de búzios que ela havia me presenteado no meu aniversário no ano anterior, recomendando usá-lo nos “sambas”. Tiramos uma foto e fomos para o coreto da praça onde Pedrina já tinha posicionado três cadeiras junto dos três atabaques de Dona Dézinha. Sr. Demétrio e Sr. Zé estavam sentados diante de dois dos tambores e a cadeira do terceiro tambor permaneceu vaga a maior parte do tempo. Eles começaram a “bater o tambor”, enquanto Lelita começou a “correr a roda”, circulando por dentro da roda que nós, “sambadeiras”, havíamos formado em continuidade aos tambores. Lelita “passou o samba” para Nem que dançou sorridente seus passos e “passou o samba” para Pedrina. Depois de “brincar” dentro da roda, Pedrina chamou Ondina (estudante de Salvador que atua junto à Resex-Canavieiras) que depois passou para Luana. Essa fez sua ginga no meio da roda diante dos “tocadores” e momentos depois me deu uma “umbigada”. Fui até os tambores, cumprimentá-los e aos “tocadores”. Segui girando o círculo, olhando os olhos de cada “sambadeira” que compunha aquela roda, enquanto sentia meu corpo começar a soltar os movimentos e aquecer. Tornei a passar o samba para Dona Lelita.

Raíssa Celina da Costa Souza (pesquisadora maranhense que estuda na UERJ os efeitos da carcincultura na Resex de Canavieiras) estava filmando a apresentação. Ondina lhe passou a saia e ela “entrou para o samba”. Outras mulheres que estavam acompanhando de fora da roda foram se juntando. Umas com saias brancas, outras com saias estampadas e algumas com turbante na cabeça. No momento em que várias “sambadeiras” dançavam no meio da roda, Pedrina fez uma sugestão. Ela fazia com seu corpo o movimento de “correr a roda”, ao mesmo tempo que pedia para que, uma mulher por vez, “corresse a roda” toda e as próximas fossem seguindo. Sr. Demétrio “tirou o samba”: “Corre, mulher. Corre a roda. Que o homem não sabe correr”.

Quase ao fim da “brincadeira”, Nem pediu para eu cantar um samba e “puxei” aquele que eu havia cantado na festa de Iemanjá¹²⁶, em 2018, pois sabia que Lelita gostava. Ela sorriu para mim e “entrou para a roda”. Brincou que estava com um facão na mão e pegou o boné de um homem que estava assistindo ao “samba”, para simular que era o chapéu que a

¹²⁶Na Introdução deste trabalho, referi-me a este samba: “Dona da casa, me dá licença. Para eu sambar na varanda. Com chapéu na cabeça e facão de banda.”

letra do samba anunciava. Lorenzo estava no colo de Gesiani, fora da roda. Começou a chorar e Pedrina o pegou no colo e foi sambar. O choro passou e ele sorria se divertindo.

Lá de dentro da associação pediram para nos avisar que o “samba” precisava de acabar para a reunião ser retomada. No ânimo que estávamos, foi um grande desafio ceder ao pedido. Uma das “sambadeiras” me explicou que um pastor que estava insistindo para que a reunião recomeçasse. Coloquei minha sandália e voltei, junto com Pedrina, para a reunião. De lá, ouvíamos o soar dos tambores e dos cantos daqueles “tocadores” e “sambadeiras” que resistiam “brincando” um pouco mais.

Escolhi relatar este dia, pois avalio que ele apresenta uma extensa gama das dimensões que este trabalho veio estudando e dissertando em sua trajetória. Neste dia de “samba” feito em meio ao encontro de pessoas “companheiras” e instituições “parceiras”, foi possível perceber elas se organizando com suas estratégias de luta e compartilhando análises. Além de acionarem, de diferentes formas, o “fortalecimento”, realizando momento de “união”, de “ouvir” pessoas “companheiras”, trocando “entendimentos” e se “envolvendo” com a “brincadeira” do Samba de Roda das Marisqueiras. Como durante toda a etnografia da performance musical deste “samba”, ao acompanhar os “sambas” e as “lutas” em defesa pelo “viver da pesca”, foi possível perceber a imbricação das esferas da “saúde”, “religião”, “lazer” e “luta”. Tendo sido evidenciado o processo de ensinar e aprender enquanto se faz, se fala e se ouve. E foi demonstrado mais um pouco as dinâmicas e interações entre os cantos, a dança e o momento em que os “sambas” são “puxados”. Além das interações entre a tristeza e a angústia com a alegria, o “cuidado” e a “brincadeira”.

A pesquisa teve como objetivo geral “dar atenção” para o Samba de Roda das Marisqueiras e compreender como a produção do Samba de Roda das Marisqueiras se relaciona com a noção de “luta”, como uma prática política empenhada para a manutenção do modo de vida da “comunidade pesqueira” de Belmonte (Bahia). Ao desenvolver o trabalho, ficou evidenciado os processos de vulnerabilização, o racismo ambiental e o machismo estrutural que insistem em tentar conformar as mulheres, em sua maioria negras, “marisqueiras” da Biela. Foi possível perceber que o Samba de Roda das Marisqueiras se apresenta como um instrumento de “balançar” a “comunidade” e as associadas da AMPB. E, através do “chamamento” que representa, cuida da mobilização das componentes desta

associação e da “comunidade” para a união, para o sentimento de pertencimento e faz um convite para envolvimento na luta das pessoas “companheiras” e “parceiras”. Além deste “samba” também ser organizado como estratégia de visibilização destas “marisqueiras”, da AMPB e da “comunidade pesqueira” enquanto comunidade tradicional, para as próprias pessoas da comunidade, para a população e o poder público da cidade de Belmonte e para atores da região.

No empenho para que este trabalho “ajudasse” a “dar atenção” ao “samba”, acompanhei a realização de práticas de “chamamento” que favoreceram o envolvimento de pessoas da “comunidade” junto à “brincadeira” e de instituições “parceiras” junto à AMPB. Essas práticas também ajudaram na “visibilização” das ações engajadas pelas “marisqueiras” da associação. Nesse sentido, também colaborou a elaboração participativa de alguns instrumentos que concebemos de formas alinhadas com os jeitos de pensar, cuidar e lutar do grupo, especialmente, a apostila de culinária da oficina Sabores do Manguê para o Festival 2019 e o projeto “Samba de Roda das Marisqueiras de Belmonte: festa, saber e brincadeira da comunidade de pescadores”, elaborado inicialmente para o edital da lei Rouanet de 2020.

Investigar o Samba de Roda das Marisqueiras em relação às “lutas” engajadas pela AMPB foi também compreender como o processo histórico e contínuo de desterritorialização e reterritorialização se realiza nos dias atuais em Belmonte. Neste sentido, depreende-se a partir das noções de “pertencimento”¹²⁷ expressadas, principalmente pelas “marisqueiras” da AMPB, que a produção do Samba de Roda das Marisqueiras é uma prática política engajada para se manterem em “seu lugar”, em seu território. Tendo sido este, desde a colonização, constantemente ameaçado por processos exploratórios do capitalismo, muitas vezes, global.

Desta condição histórica, entre as constantes ameaças de desterritorialização e o desejo de querer e pertencer a um território, emergem práticas de reterritorialização, através de um movimento coletivo e contínuo de manutenção de laços afetivos, memórias e “cuidados”. Assim como se configuram como práticas de reterritorialização os engajamentos feitos através de “lutas de diálogo”, negociações, “chamamentos” e combates enfrentados para “cuidar” das possibilidades de continuidade do “viver da pesca”. Através do Samba de

¹²⁷ Durante a primeira reunião da AMPB que participei, narrada no tópico “Entrando na roda: luta à vista”, que compõe o primeiro capítulo desta dissertação, as “marisqueiras” da diretoria da associação presentes ressaltaram que, através da “brincadeira” do “samba de roda”, os participantes podem “sentir” e “fortalecer” o “pertencimento” à “comunidade”.

Roda das Marisqueiras, estes elementos dialogam e viabilizam o encontro com as outras pessoas “sambadeiras”, “tocadores”, com as “lembranças”, os “antigos”, a “ancestralidade”, as “entidades”, com sentidos de permanecer e de força para resistir e “lutar”. Percebe-se, desta forma, como essa prática política é “organizada” de uma maneira que as dimensões acionadas com as idéias de “cultura”, “tradição”, “luta”, “religião”, “cuidado”, “saúde” e “lazer” estão associadas umas às outras, em diálogo com as reflexões propostas por Márcio Goldman (2007, p. 21-22) e por Virna Plastino (2011, p. 7).

Identifico que encontrei algumas dificuldades no desenvolvimento deste trabalho. Enquanto primeira experiência de engajamento em pesquisa acadêmica deste vulto, deparei-me com o desafio de compreender as formas adequadas academicamente para refletir e dissertar sobre algumas análises e ações realizadas. Tais dificuldades foram sendo enfrentadas com o auxílio acadêmico de minhas orientadoras Maria Aparecida de Oliveira e Ana Carneiro, além das análises e contribuições oferecidas pelos pesquisadores Francisco Nunes e Pedro Mendonça, durante a banca de qualificação desta pesquisa.

Percebo que, dentre limites que esta pesquisa apresenta, está o não aprofundamento nas biografias das “marisqueiras” com quem este trabalho foi feito ou uma maior compreensão sobre o estabelecimento e aproximações das relações afetivas entre as mesmas. Assim como há uma carência de análises sobre as relações do próprio bairro Biela com a concepção de “força”, gerada através do Samba de Roda das Marisqueiras, em consonância com o que Virna Plastino disserta em sua tese sobre os tambores do candombe e a *fuera* gerada na sua produção associada ao bairro de Ansina (Uruguai).

Entendo que houve uma limitação nos exames feitos sobre diferentes agências dos espaços e mensagens religiosas diante dos contextos de “lutas” abordados ou o estudo mais detido sobre outros “sambas de roda” e “brincadeiras” produzidos em Belmonte. Assim como poderia ser mais investigado as compreensões destas “marisqueiras” sobre as concepções de racismo ambiental, justiça e injustiça ambiental, bem como as noções de murixaba (apresentada no capítulo 1 desta dissertação) ou mesmo de investigar sobre produções teóricas que abordam influências dos grupos indígenas da região no “samba de roda”. Poderia ter desenvolvido leituras teóricas e análises sobre como minha branquitude afeta as interações e engajamentos feitos. Entendo que estes tais aprofundamentos podem ser um caminho fértil de continuidade desta pesquisa a ser empreendido por mim ou por pesquisadores que desejam contribuir para este campo de conhecimento.

Destaco como recomendação de possibilidade de pesquisa, uma demanda levantada pelo grupo com quem este trabalho foi feito: querem “resgatar” a contradança, outra “brincadeira” da “comunidade pesqueira” que há anos não é produzida. Neste caso, entendo que seria importante compreender melhor os elementos desta “brincadeira” e suas conexões com o contexto sociocultural em foco. Também acredito que são de extrema relevância estudos que contribuam para compreender mais sobre o atual quadro da barragem da Usina Hidrelétrica de Itapebi e quais são os eventuais riscos que representa para a segurança da “comunidade pesqueira” e população da cidade de Belmonte. Bem como identificar quais são as possibilidades para que sejam ouvidas e reparadas as pessoas atingidas pelos impactos que este empreendimento causa na foz do Rio Jequitinhonha. Tenho especial interesse em investigar, a partir dos dados que foram apresentados por essa etnografia, sobre a idéia de *gaslighting* no âmbito coletivo das relações. Como comentado pontualmente no capítulo 3, o termo *gaslighting* é debatido no movimento feminista para se referir à prática que homens exercem com mulheres em tentativas de desacreditá-las em relações de âmbito pessoal e questionar sua sanidade mental e emocional.

Outra possibilidade de pesquisa que suponho que pode ser intrigante, mas também desafiadora (até mesmo pelas relações sociais e vínculos desenvolvidos por mim com as “marisqueiras” da AMPB), é compreender como a Colônia Z21 de Belmonte concebe o conflito que vivencia com a AMPB. Assim como compreendo que dedicar a atenção sobre as interações das práticas políticas partidárias diante do contexto estudado, também podem oferecer importantes subsídios para aprofundamento da compreensão do território e região estudada em conexão com outras dimensões geopolíticas.

Acredito que apresentariam grandes contributos, tanto em âmbito acadêmico como social, estudos que se empenhem sobre duas “lutas” vivenciadas por este grupo. Uma que entendo ser de extrema relevância é que sejam continuados os estudos para se compreender as afetações que o derramamento de óleo cru pode estar provocando continuamente neste grupo. A outra “luta” enfrentada pela população de Belmonte e, mais especificamente, pela comunidade pesqueira desta cidade, que percebo ser importante de ser investigada é a relacionada ao Covid-19. Observo que poderia oferecer colaborações relevantes o empenho de uma pesquisa que tivesse como objetivo compreender como este grupo foi afetado pelas recomendações de isolamento físico, feitas pelas organizações de saúde e pelas consequências desta pandemia.

Compreendo que o projeto de extensão “Maré-Saber”, realizado pela UFSB, é um projeto que tem desenvolvido importantes subsídios para o estudo imbricado destas duas “lutas” mencionadas acima. Este projeto foi concebido, em novembro de 2019, no contexto do “combate contra o óleo” abarcando as comunidades pesqueiras de Santa Cruz Cabralia e Belmonte. A proposta foi desenvolvida¹²⁸ em diálogo com Pedrina, como representante da AMPB, pela coorientadora desta dissertação, Ana Carneiro, por mim, pelos professores da UFSB, Pablo Barbosa e Pedro Leal e por Victor Urzua (doutorando pela UFRJ)¹²⁹. Como consequência da pandemia do Covid-19, algumas mudanças foram feitas em relação à metodologia e ao alcance deste projeto de extensão. Atualmente abarca, além das comunidades pesqueiras das duas cidades do projeto inicial, outras comunidades de pescadores artesanais que atuam na Resex de Canavieiras (como as comunidades de Atalaia, Puxim da Praia e Puxim do Sul, todas do município de Canavieiras) que foram “envolvidas” ao longo do processo.

Através deste projeto está sendo elaborado e aplicado, com a participação ativa de lideranças “marisqueiras” e “pescadores” destas cidades, um diagnóstico. Através deste diagnóstico estão sendo levantadas informações sobre a situação da segurança alimentar, da saúde e das condições socioeconômicas que estas comunidades estão vivenciando desde a chegada do óleo cru na região, acumulado com os efeitos da pandemia. A intenção é que as análises destas informações, e a própria experiência de elaboração e aplicação do questionário, possam instrumentalizar essas lideranças e seus respectivos grupos para a continuidade das “lutas” que enfrentam e os “cuidados” pelos quais se engajam junto a suas comunidades. Além de produzir um conteúdo audiovisual para dar visibilidade às suas vivências e valorizar suas estratégias no bojo dessas “lutas”.

A partir disso, compreendo que o projeto “Maré-Saber” colabora para trazer elementos, reflexões e ações para importantes análises que podem ser desenvolvidas por outras pesquisas, ou mesmo por uma sequência do projeto. Entendo que seja, social e academicamente relevante, dar continuidade a investigações sobre os processos de afetações desencadeados pelo desastre do óleo e efeitos da pandemia, inclusive de forma cumulativas. Além da necessidade de se desenvolver um trabalho como esse, alinhado com as

¹²⁸ A elaboração do texto deste projeto contou com contribuições valiosas e afetivas dos amigos Leandro Santos (atualmente mestrando da UFSB) e da Raíssa Celina (doutoranda da UERJ)

¹²⁹ Depois passou a integrar a esta equipe as pesquisadoras Indara Mel (mestranda da UFSB) e Fernanda Martins (UFSB).

“marisqueiras” e “pescadores” das “comunidades”, visualizo ser proveitoso desenvolver investigações e ações como essas propostas em parceria com outras pesquisas, que também estejam sendo feitas junto à “comunidades” vulnerabilizadas e atingidas pelas afetações do desastre deste derramamento de óleo cru¹³⁰. Nos termos do que Marcelo Porto (2011) desenvolve sobre essas redes sociais e intersetoriais em seu texto já comentado nesta dissertação “Complexidade, processos de vulnerabilização e justiça ambiental: Um ensaio de epistemologia política”:

Elas [as redes sociais e intersetoriais] possibilitam o compartilhar colaborativo e solidário, tanto da produção e difusão de conhecimentos quanto de ações conjuntas. As redes sociais podem ser entendidas enquanto estruturas flexíveis que propiciam a construção de comunidades de práticas através da integração de canais de comunicação e estratégias de ação, estabelecendo compromissos mais horizontais e solidários entre pessoas, movimentos sociais, instituições, organizações governamentais e não governamentais organizadas em torno de causas comuns. A atuação em redes nos ajuda a pensar de forma sistêmica, solidária e responsável sobre o agir diante dos problemas” (PORTO, 2011, p. 55)

Considero que, assim, será possível valer de forma potente do encontro de saberes e as formas de olhar, cuidar, pensar, lutar e mesmo brincar de diferentes comunidades, pessoas, instituições e movimentos sociais. Observando, dessa forma, tanto do que foi possível elucidar e realçar ao ouvir sobre as concepções de “luta”, “força”, “cuidado” e “união” da comunidade pesqueira de Belmonte. “Entendimentos” e feitura que o próprio “acompanhar” as produções e “dar atenção” ao Samba de Roda das Marisqueiras propiciou. Junto das compreensões incorporadas através da prática de “ajudas” dedicadas às “lutas” dessas mulheres “marisqueiras” da comunidade da Biela, evidenciou-se a necessidade de se “unir” e de se “cuidar” do manejo da força que advém dos encontros e da alegria das lembranças enraizadas. Além de ter chamado a atenção para o fato de que “a luta vivenciada é uma demanda vencida”. Sigo o convite do que encaminha a carta de apresentação da AMPB: “Deus livre sair da luta, na luta me sinto viva. Ficar na zona de conforto e viver desassossegado, esperando a mudança, quando a morte tá do lado. Sem saúde e educação, não teremos solução é preparar nossa gente pra fazer revolução.”

¹³⁰ Desde a elaboração do projeto “Maré-Saber”, **dialogamos** com pesquisadores da UFBA, da UERJ e de outras áreas de conhecimento dentro da própria UFSB (como o professor de oceanologia, Silvio Sasaki). Esse diálogo foi feito de forma alinhada com Pedrina, como representante da comunidade pesqueira de Belmonte. A intenção era estabelecer possibilidades de construção de parceria para o desenvolvimento deste projeto ou até em possíveis encaminhamentos gerados pelo mesmo.

ANEXO I

Carta de Apresentação da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte (Bahia)¹³¹

A nossa Associação nasceu da premissa que a melhoria ou conquista, só se dá, quando estamos unidos. Muitos não compreendem, mas de geração em geração o que temos feito é nos adequarmos no espaço e tempo, lutando, conquistando e sobre tudo resistindo... A Associação foi criada com objetivo de organização coletiva, visando a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos da nossa Comunidade. Comunidade essa, mal falada naquela época, por ter seus quarteirões mal cheirosos por se tratar de uma comunidade de pessoas que trabalham com a Pesca. Por um vereador muito dedicado a comunidade, embora cheio de limitações, foi criada a nossa Associação em 2001. Obtiveram algumas conquistas, a comunidade passou a ter algumas melhorias, inclusive o descarte dos resíduos, passou a ser coletado pelo carro do lixo. Minimizando assim um dos preconceitos sofrido pela comunidade pesqueira. Hoje em nossa geração, os objetivos vão além! É como se estivéssemos na escola com matérias interdisciplinares e assuntos transversais, procurando nos encaixar num mundo cheio de adversidades. Nossa atividade vem sendo transmitida de geração em geração, as pessoas mudam, as leis mudam, mas a nossa tradicionalidade, ela permanece e o nosso desejo é fortalecer ainda mais para que se perpetue. Pois, não vamos deixar morrer! Outros de nós virão e assim como nós seguirão na luta. Essa luta que segue da premissa ao nosso auto pertencimento a nossa Classe Pesqueira que vem de geração em geração tentando melhorar a qualidade de vida, que segue da busca por melhores condições de trabalho e renda e ao direito de permanecer em seu lugar, sem ter que migrar para as grandes cidades, como tantos outros. Resistir em nosso lugar. Durante um bom período a Associação ficou estagnada, porém a nossa vida em comunhão em comunidade permanecia sempre. Dentre as lutas, sempre houveram também nossos momentos de muita alegria, festejados com samba de roda, que sempre foi o alento e acalento para suportar as lutas diárias. Os anos se passaram e o novo foi chegando... A comunidade parecia estar enfraquecida, como um ímã que ao mesmo tempo que gruda, ora parecia que algo distanciavam de tudo. A partir de 2009, eis que uma filha de um Pescador decidiu procurar alguém para reativar a Associação que havia sido criada, se deparou com uma ex- vereadora que em suas atribuições muito contribuiu para com a comunidade, por se tratar de uma comunidade carente, mas solidária! Cheias de peculiaridades, mas superlativa. Pois, somos um povo alegre e feliz, tudo isso a nós é transmitido a muitos e muitas de nós pela aguçada percepção e entendimento, de que a nós, tudo é dado gratuitamente, a natureza nos oferece. E independente de religião, estamos sempre unidas e partilhando. Ofertando o que de graça recebemos. E assim foi reativada a nossa Associação, partiu do desejo de uma filha de Pescador, o empenho de uma ex- vereadora e a ajuda de um homem que acreditou que tudo poderia dar certo! E deu... A Associação foi reativada, trata-se de uma instituição sem fins

¹³¹ Essa carta foi elaborada em maio de 2019 pela diretoria da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte para compor o texto desta pesquisa de Mestrado.

lucrativos e sua composição limita-se apenas a mulheres que desde a sua reativação, vem marcando presença efetiva em diversas atividades que envolve o setor pesqueiro e os recursos naturais, unindo-se a diversas organizações e parceiros. Levando consigo, toda a alegria e cultura do Samba de Roda, que não é só uma dança, não limita-se a um bate palmas, são histórias contadas em forma de canção, que se mistura a alegria de um povo que luta, chora e sobre tudo resiste. Canta alegria, canta a natureza, Canta a natureza e o Raiar do dia, Canta a tristeza, canta poesia. Tudo vira canto, em uma Roda de samba, na rua, na praça, na avenida, na sala de reunião, nos espaços onde há luta por direitos, há sempre muita emoção, com um toque de um lindo Samba, já se toca o coração, que torna mais leve o ambiente e a ajuda na decisão. Tudo isso despertou em algumas pessoas a antipatia, a ponto de haver perseguições às diversas atividades participativas da nossa comunidade. Com nossa cultura do Samba de Roda que ao reativarmos a Associação, reativamos também a nossa alegria, voltando assim às comemorações em comunhão e celebradas com o Samba de Roda. E em um dia de comemoração do Bom Jesus dos Navegantes, tudo preparado, Pescadores e Marisqueiras, comidas e bebidas e fomos impedidas de realizar nossa brincadeira no espaço onde havíamos marcado. Isso não nos impediu de estar em comunhão, realizamos debaixo de um pé de jamborão. Assim como as vezes que nos negavam o espaço para realizarmos nossas reuniões quando não havíamos sede própria. Nada disso adiantou...continuamos lutando e através da luta coletiva, vem modificando o cenário da vida de várias famílias e trabalhando coletivamente para maximizar as potencialidades que a atividade pesqueira oferece. Nesses últimos dez anos, seguimos buscando caminhos, agarrando-nos as oportunidades, ocupando espaços, prestando serviços voluntariado, participando de Conselhos (Conselho da Assistência Social, Conselho deliberativo da Resex de Canavieiras...), em busca de políticas públicas para atender a classe. Nesse decorrido tempo, obtivemos várias conquistas, além de muito aprendizado e conhecimento, o acesso a BOLSA VERDE para algumas famílias, a conquista da MORADIA DIGNA, através do PNHR, a conquista da Classe ser reconhecida como beneficiários do INCRA por ser EXTRATIVISTA de Unidade de Conservação (RESEX DE CANAVIEIRAS), possibilitando a Classe acessar os Programas de Reforma Agrária, beneficiando a Classe com o objetivo de minimizar os problemas que a Classe enfrenta no dia a dia. Em 2018, 73 famílias tiveram a oportunidade de acessar os créditos do INCRA possibilitando as famílias adquirirem suas embarcações, seus motores, melhorar seu ambiente de trabalho, adquirir freezer para acondicionar sua produção...e o Programa continua em andamento incluindo mais e mais famílias. O que intensificou o machismo de alguns companheiros para com o nosso grupo. E ainda assim continuamos seguindo acreditando que um dia eles há de entender que lugar de mulher é onde ela quiser estar e não é por que a mulher tem mais sensibilidade, a mulher é capaz de fazer tudo que o homem se diz incapaz de fazer. E faz direito!

Em foco, a Associação das Marisqueiras, embora tenha sua composição social só de Mulheres, atende à toda comunidade pesqueira. Visando a Classe, pleiteou da Veracel, (empresa de celulose que trabalha ocupando os espaços de pesca e gerando impactos para os recursos naturais e atividade pesqueira direto e indiretamente.) A construção de uma Unidade de beneficiamento com o objetivo de melhorar:

- 1) as condições de trabalho- Ex: O Pescador Extrativista que capturam, cozinha e beneficia sua produção de caranguejo, siri, aratu...chega a trabalhar 22 horas por dia; as Marisqueiras ao beneficiar mariscos de forma individual a produção de seus esposos ou de terceiros, chegam a ficar cerca de 15 a 18 horas por dia trabalhando. Com a Unidade de beneficiamento, teremos como um ambiente adequado para o trabalho, podendo agregar várias pessoas num trabalho coletivo, vamos poder comprar a produção dos companheiros in-natura (vivos) e acondicionar a produção diminuindo assim a carga horária de trabalho e otimizando o espaço.
- 2) Agregará valor a produção pesqueira de crustáceos, moluscos e mariscos, por ter um espaço adequado, operando de acordo com as leis vigente da vigilância sanitária.
- 3) Viabilizará a possibilidade de trabalhar com variedades de produção pesqueira de acordo com o mercado, gerando emprego e melhorando a renda e a qualidade de vida direto e indiretamente, pois a Unidade de beneficiamento irá assediar visitantes em busca de qualidade, aquecendo a economia do município, por que quem vem comprar o marisco, acaba querendo saber a receita e sai a procura dos ingredientes, coco, dendê, limão, coentro e até provar a culinária local.
- 4) Proporcionará aos jovens filhos de Pescadores uma alternativa de renda, através da Pesca Artesanal, encontrará o prazer e o pertencimento pois, não ficará com sua produção sem vender. Sobretudo, o caranguejo que é uma espécie abundante nos manguezais de Belmonte dentro da Unidade de Conservação (Resex)

A construção de nosso empreendimento está em fase de término, de assentamento de piso, instalação de janelas e pintura. Necessitamos de alguns equipamentos e viabilidade econômica para iniciar os trabalhos no novo ambiente, priorizando nos capacitar para gerir nosso empreendimento e torná-lo sustentável.

Estamos iniciando um curso com o SEBRAE, mas buscamos alcançar todos os objetivos que esse projeto oferece para desenvolver a sustentabilidade do nosso empreendimento e estando organizadas e capacitadas, possamos através do nosso aprendizado cooperar ainda mais com o nosso município.

Nossa visão de futuro é através da nossa atividade contribuir para melhoria da qualidade de vida, não só da classe pesqueira. Por se tratar de uma comunidade tradicional que de geração em geração tem a cultura do trabalho em regime de economia familiar solidária, mesmo os componentes não sendo da mesma família, pensamos em desenvolver o turismo de base comunitária, para atrair amigos do Brasil e do exterior, amigos dos amigos e assim sucessivamente. Pessoas que admiram o nosso trabalho, nosso local de trabalho, nossa cultura, a vida extrativista, o vai e vem das marés, a nossa simplicidade, o nosso amor mútuo, a nossa coletividade, a nossa culinária, nossa dança, nosso canto. Até lá, em parceria com outras instituições nas quais conquistamos os espaços, almejamos continuar os trabalhos solidários em busca das políticas públicas, mais habitações populares, mais pessoas sendo reconhecida e tendo seus direitos adquiridos: a conquista da sua própria embarcação, seu motor, seus artificios de pesca. Enfim, os sonhos são como bússolas que apontam os caminhos onde queremos chegar. Unindo nossos sonhos a disciplina, não há como fracassar, pois sonhos sem disciplinas produzem pessoas frustradas. E o nosso objetivo é claro, um bem

comum para todos. Acreditamos ter o dom de transformar o aparentemente simples no eternamente encantador e lutamos pelo que acreditamos. E se algo der errado...não teremos medo em ter que ajustar a vela e deixar que o vento sopra a nosso favor. Vivemos de altos e baixos com alegria, uma elevando a outra. Ao conhecermos Paula Pimenta, pensamos que não foi a toa esse encontro, essa aproximação, através dela reconhecemos e passamos a compreender, de forma tão natural, quão importante é o nosso samba e a nossa vida real, que comparada ao passado, ainda que descontente, lutamos com tanta garra, em nossa vida presente, que outrora nunca se sente e que na realidade amamos é nossa gente. O grupo segue pra frente, sempre tem uns arranca-rabos, parecemos usar viseira pra não vê o mal olhado, que camuflado de bom negócio que nos ver é desarmados. Desarmados da alegria, que contagia e encanta, que mesmo na agonia, a gente dá uma pausa e levanta. Paulinha, como a chamamos, apelido carinhoso, ela se propôs ajudar, não deixar morrer nosso samba de novo. Diz termos sabedoria e que tem valor nosso samba. Ao menos nos fala o que sente e o que ela quer mesmo da gente é estudar como nós Mulheres que somos de muita labuta, associa o nosso samba na peleja e na luta! Quando vamos para a capital, em busca dos nossos direitos, vamos todos unidos, cada um com o seu traquejo. Um dos nossos traquejos é o samba, uma forma de ajudar, cantamos as nossas histórias para o povo do setor escutar e na mesa de negociação os companheiros afirmar que tudo que estamos vivendo, não pode se intensificar, pois se nada eles fizerem, mais vezes iremos voltar, até que as coisas melhorem, não vamos parar de lutar. Paulinha terá muito trabalho, aqui na nossa cidade. É que a cultura da nossa terra, tá morrendo de verdade. Ela apareceu como luz, para animar nossa gente e junto com nosso grupo, dar-nos um passo à frente e resgatar-nos as festas da comunidade resistente. Embora seja difícil, vamos tentar envolver, a nossa comunidade para tentar reviver aqueles tempos de outrora que nova geração tem que aprender, para sentir o interesse e não deixar nossa cultura morrer. E em forma de nosso samba poder contar nossa história, para que todos os homens ouçam e as guardem na memória, que a luta vivenciada é uma demanda vencida, Deus livre sair da luta, na luta me sinto viva. Ficar na zona de conforto e viver desassossegado, esperando a mudança, quando a morte tá do lado. Sem saúde e educação, não teremos solução é preparar nossa gente pra fazer revolução.

Cantando a realidade

. Sabiá

Eu acordo com o canto da sabiá (bis)
 Seu canto é quem avisa é hora de mariscar (bis)
 Eu acordo com o canto da sabiá (bis)
 Seu canto é quem avisa é hora de ir pescar (bis)
 Eu acordo com o canto da sabiá (bis)
 Seu canto é quem avisa é hora de batalhar (bis)

. Ê maré... vê se não demora chegar

Ê maré... vê se não demora chegar (bis)
Com Jequitinhonha seco, tão cedo não chego lá (bis)
Eu trabalho por maré
Pois não tenho solução
Com Jequitinhonha seco
Sem nenhuma explicação
Esse rio já foi cheio
Que fazia medo passar
E hoje se encontra morto
Sem ter como trabalhar

Antes ia devagar
Pois não tinha motor não.
Voltei a usar o remo
Para ir buscar meu pão

O pesqueiro fica longe
Não tenho outra opção
Tenho que esperar a maré
Essa minha solução

Quanto mais o rio seca
Os pesqueiros vão sumindo
Com o rio de tão seco
Vão -se até os alevinos

Como pode um rio desse
Morrer assim de repente
Debaixo dos nossos olhos
Me sinto até impotente

Com tanta autoridade
Vendo as riquezas se ir
Como vai ficar a vida
Se o rio deixar de existir

As futuras gerações
O que vai ser das sementes

Semeada nessa terra
Sem ter água doce e corrente

Até os braços do rio
Que joga água num outro
Esses já não existe
Para poder dar socorro

E quando me lembro choro
Vendo o meu pai contar
O Jequitinhonha entrava navio
Eu cheguei a alcançar

Hoje tudo assoreado
É uma tristeza de vê
Só quem precisa do rio
É quem sabe dizer

Os peixes diminuindo
E o povo a lamentar
Como vai viver esse povo
Se esse rio se findar
Eu que tão nova estou
Faço minha avaliação
Nem todo empreendimento é bom
Só nos traz complicação

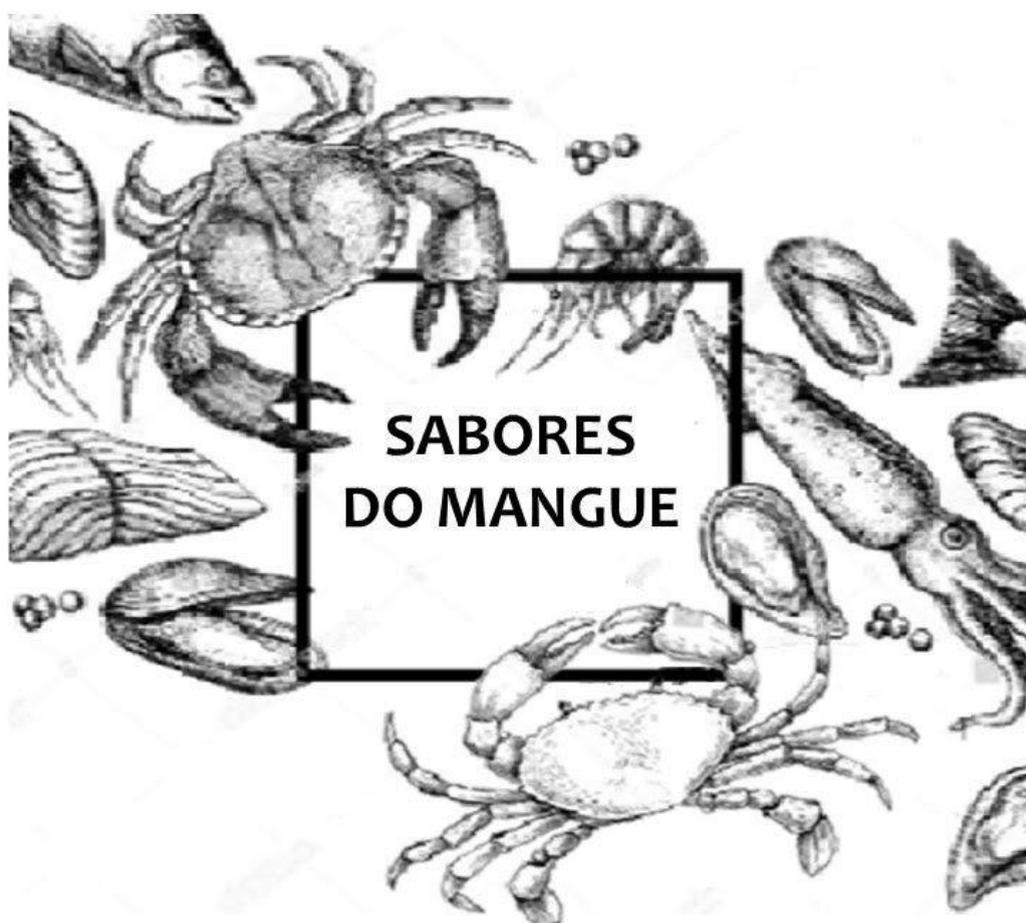
E a barragem tá lá
Segurando a água da gente
Só solta a água na chuva
Causando transtornos com a enchente

E a gente nessa ilha
Sem ter pra onde subir
Se estoura essa barragem
Morreremos todos aqui

ANEXO II
Apostila Sabores do Manguê

Associação das Marisqueiras e
Pescadoras de Belmonte

OFICINA DE CULINÁRIA



FESTIVALE 2019
Belmonte - BA

Índice

Apresentação.....	1
Moqueca de Aratu com Abóbora.....	3
Caldo de Ostra.....	4
Caldo de Sururu.....	5
Caranguejo com Maxixe.....	6
Goiamum com pirão de coco.....	7



Apresentação

O Rio Jequitinhonha deságua em nosso mar. E com ele são trazidos vários sedimentos que ajudam na conservação de nossa atividade que de geração em geração vem existindo e resistindo! De geração em geração, e por centenas de anos, a nossa atividade existe e resiste. Em regime de economia familiar e tradicionalmente produzimos...

Com atividades diversificadas, interdependentes e inseparáveis, a nossa **Classe Pesqueira** inclui-se no conjunto **dos povos e Comunidades tradicionais** desse país e é dos Recursos Naturais que vem o nosso sustento, o qual também nos faz aquecer a economia do nosso município e do nosso país.

No ambiente salgado, nascem os manguezais, que é habitat de diversas espécies que nos sustenta e alimenta parte do nosso Brasil.

Utilizamos nos nossos pratos alimentos feitos com o que é rico na nossa região e fruto do nosso trabalho: pó de camarão, leite de coco, goiamum, ostra, sururu, aipim, maxixe, coentro, beribiri, dendê, caranguejo, aratu e tanto mais.

Uma dessas espécies é o Robalo: a riqueza que o nosso Jequitinhonha nos dá. Procria tanto no rio, quanto no mar! Estará ameaçado se o nosso Rio continuar a secar! Esses não poderão degustar, pois a espécie no defeso está e para protegê-la é proibido pescar.

A nossa oficina vem com o objetivo de mostrar um pouco dessa nossa cultura que segue da premissa que tange ao nosso pertencimento à nossa Classe Pesqueira que vem de geração em geração tentando melhorar a qualidade de vida. Que segue da busca por melhores condições de trabalho e renda e ao direito de permanecer em seu lugar, sem ter que migrar para as grandes cidades, como tantos outros.

Resistir em nosso lugar!

Desse esforço, foi criada a **Associação das Marisqueiras** em 2001, que, a partir de 2009, vem modificando o cenário da vida de várias famílias e trabalhando coletivamente para maximizar as potencialidades que a atividade pesqueira oferece. Nesses últimos dez anos segue buscando caminhos, agarrando-se às oportunidades, ocupando espaços, prestando serviços voluntariado, participando de Conselhos (Conselho da Assistência Social, Conselho deliberativo da Reserva Extrativista de Canavieiras...), em busca de políticas públicas para atender à classe. Nossa atividade vem sendo transmitida de geração em geração, as pessoas mudam, as leis mudam, mas a nossa **tradicionalidade**, ela permanece e o nosso desejo é fortalecer ainda mais para que se perpetue.



Apresentação

Mãos invisíveis:

Nós Mulheres, Marisqueiras e Pescadoras, formamos o Conjunto dos povos e comunidades tradicionais desse País. Somos representantes da Categoria de Pescadores(as), **mães de família, mulheres, lideranças** que fazem a **economia circular** no município através do nosso trabalho. Reafirmamos que somente a proteção dos territórios das comunidades tradicionais Extrativistas Costeiras, Pesqueiras e Marinhas é capaz de garantir os nossos direitos e uma melhor qualidade de vida para as nossas comunidades e para a sociedade, através do uso sustentável tradicional dos Recursos Naturais.

Faz-se necessário uma **integração das ações governamentais**, federais, estaduais e municipais para que as políticas pesqueiras, ambientais e produtivas **nos alcancem** na dimensão da nossa produção, na busca pela agregação de valor ao nosso produto e a inserção destes nos mercados diferenciados e institucionais, no intuito de garantir os **direitos das comunidades** e a melhoria da qualidade de vida.

Precisamos conservar e proteger nossos manguezais e nossas águas. É deles que vem o nosso sustento. E precisamos conservar as nossas espécies para as **futuras gerações**, pois cuidar do que é nosso nos torna seres humanos de raro valor.

Produzir na certeza que o amanhã é certo, não incerto!

E por mais difícil que seja: Precisamos crer!

Pois a cada manhã as misericórdias se renovam!

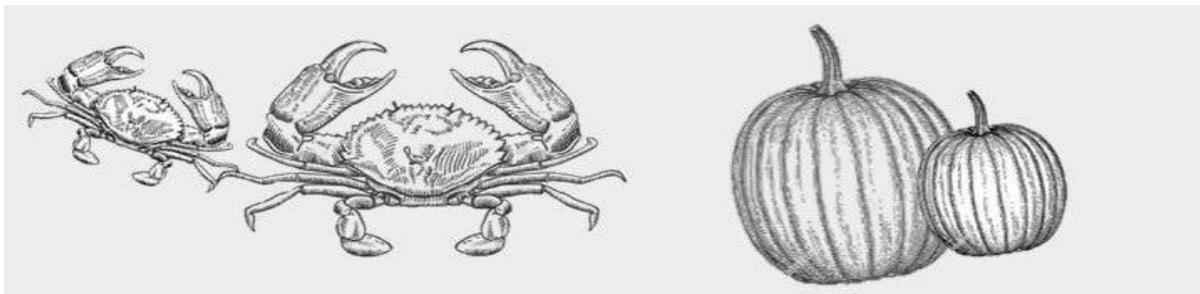
Cozinheiros Gourmet:

Não somos Chefes, mas nossa **tradição, amor e alegria dão sabor** aos nossos deliciosos pratos!!

ASSOCIAÇÃO DAS MARISQUEIRAS E PESCADORAS DE BELMONTE



ASSOCIAÇÃO DAS MARISQUEIRAS E PESCADORAS DE BELMONTE



MOQUECA DE ARATU COM ABÓBORA

INGREDIENTES

- . 3kg de catado de aratu.
- . Temperos (Cebola, tomate, pimentão, alho, pimenta doce).
- . 2 moe de coentro.
- . 2 cocos ralado (leite de coco).
- . 1 abóbora média
- . Dendê.
- . Óleo.
- . Limão ou Berebiri.
- . Sal a gosto

MODO DE PREPARO

Põe o aratu para descongelar.

Descasque a abóbora e corte em cubinhos pequenos e põe para cozinhar. A abóbora deve ficar pré-cozida. Enquanto a abóbora cozinha corte todos os temperos.

Em uma frigideira ou panela aberta, soque o alho e acrescente todos os temperos. Estando descongelado o aratu, escorra e acrescente o aratu aos temperos cortados, acrescente o sal a gosto e misture bem.

Leve o aratu misturado aos temperos ao fogo, acrescente duas colheres de óleo, deixando ferver. Misture-os. Acrescente a abóbora pré-cozida e os misture.

Tire o leite de coco grosso e o fino. Acrescente o leite fino e deixe cozinhar até secar um pouco. Acrescente o dendê, limão à gosto e depois o leite grosso e deixe cozinhar um pouco mais observando para a abóbora não cozinhar demais. Acrescente um pouco mais de coentro a gosto.

Está pronto!

Delicie-se com a deliciosa moqueca de aratu com abóbora.



CALDO DE OSTRAS

INGREDIENTES

- . 2kg de Ostras.
- . 2kg e ½ de Aipim. .
- Temperos (cebola, tomate, pimentão, alho, pimenta doce).
- . 3 moe de coentro.
- . Dendê.
- . Limão .
- . 3 cocos ralados (leite de coco).
- . Pó de Camarão
- . Gengibre.
- . Sal a gosto



MODO DE PREPARO



Descasque o aipim, deixe de molho e põe para cozinhar deixando bem molinho.

Descongele a ostra e, enquanto descongela, corte todos os temperos.

Tire o leite de coco grosso e o fino.

Em uma frigideira ou panela aberta, soque o alho e acrescente todos os temperos cortados. Estando descongelada a Ostra, escorra-a e acrescente-a aos temperos cortados e acrescente sal a gosto. Misture bem. Leve a Ostra misturada aos temperos ao fogo, acrescentando duas colheres de óleo. Deixe ferver e misture- os.

Acrescente o leite fino e deixe cozinhar até secar um pouco. Acrescente o dendê, o limão a gosto e depois acrescente o leite grosso.

Deixe cozinhar um pouco mais, com bastante caldo.

A moqueca da Ostra está pronta.

Deixe a moqueca esfriar. Bata o aipim cozido no liquidificador com o caldo da moqueca. Se necessário, vá acrescentando aos poucos água até obter uma textura homogênea. Coloque numa panela profunda.

Acrescente coentro, gengibre a gosto e pó de camarão também a gosto. Leve ao fogo para ferver, acrescente um pouco mais de coentro a gosto e está pronto.

Degustar quente e com moderação!

Receita afrodisíaca.



ASSOCIAÇÃO DAS MARISQUEIRAS E PESCADORAS DE BELMONTE

CALDO DE SURURU

INGREDIENTES



- . 3kg de Sururu.
- . 2kg e ½ de Aipim
- . Temperos (cebola, tomate, pimentão, alho, pimenta doce).
- . 3 moe de coentro.
- . Dendê.
- . Limão
- . 5 cocos ralados (leite de coco).
- . Pó de Camarão
- . Gengibre.
- . Sal a gosto

MODO DE PREPARO



Descasque o aipim, deixe de molho e põe para cozinhar deixando bem molinho.

Descongele o Sururu e, enquanto descongela, corte todos os temperos.

Tire o leite de coco grosso e o fino.

Em uma frigideira ou panela aberta, soque o alho e acrescente todos os temperos cortados. Estando descongelado o Sururu, escorra-o e acrescente-o aos temperos cortados e acrescente sal a gosto misturando bem. Leve o Sururu misturado aos temperos ao fogo, acrescente duas colheres de óleo, deixando ferver. Misture- os e acrescente o leite fino deixando cozinhar até secar um pouco.

Acrescente o dendê, o limão a gosto e depois acrescente o leite grosso. Deixe cozinhar um pouco mais com bastante caldo. A moqueca do Sururu está pronta.

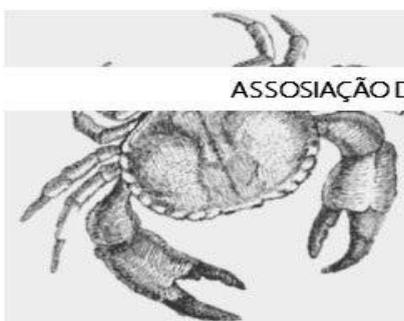
Deixe a moqueca esfriar. Bata o aipim cozido no liquidificador com o caldo da moqueca. Se necessário, vá acrescentando aos poucos água até obter uma textura homogênea. Coloque numa panela profunda. Acrescente coentro, gengibre a gosto e pó de camarão também a gosto. Leve ao fogo para ferver, acrescente um pouco mais de coentro a gosto: está pronto.

Degustar quente e com moderação!

Receita afrodisíaca.



ASSOCIAÇÃO DAS MARISQUEIRAS E PESCADORAS DE BELMONTE



CARANGUEJO COM MAXIXE

INGREDIENTES

- . 3kg de Caranguejo.
- . 2kg de Maxixe
- . Tempero (cebola, tomate, pimentão, alho, pimenta de cheiro)
- . 2 moe de coentro.
- . 3 cocos ralados (leite de coco)
- . Dendê
- . Óleo
- . Limão ou Berebiri
- . Sal a gosto



MODO DE PREPARO



Põe o Caranguejo para descongelar.

Raspe os maxixes e parta em bandas, dividindo em quatro pedaços e põe para cozinhar. O maxixe deve ficar pré-cozido. Enquanto o maxixe cozinha corte todos os temperos e tire o leite de coco grosso e o fino.

Em uma frigideira ou panela aberta, soque o alho e acrescente todos os temperos cortados. Estando descongelado o Caranguejo, escorra-o e acrescente-o aos temperos cortados e sal a gosto e misture bem. Leve o Caranguejo misturado aos temperos ao fogo, acrescente duas colheres de óleo, deixando ferver e misture-os.

Acrescente o maxixe pré-cozido e os misture. Acrescente o leite fino e deixe cozinhar até secar um pouco. Acrescente o dendê, o limão a gosto e depois acrescente o leite grosso. Deixe cozinhar um pouco mais, observando para que o maxixe não cozinhe demais.

Acrescente um pouco mais de coentro a gosto.

Está pronto.

Delicie-se com a deliciosa moqueca de Caranguejo com Maxixe.



6



ASSOCIAÇÃO DAS MARISQUEIRAS E PESCADORAS DE BELMONTE



GOIAMUM COM PIRÃO DE COCO

INGREDIENTES

- . 17 Goiamum .
- . 2Kg de Farinha de mandioca.
- . Dendê.
- . Temperos (Cebola, tomate, alho, pimentão, pimenta doce...)
- . 3 cocos.
- . Coentro.
- . Limão ou berebiri.
- . Sal a gosto



MODO DE PREPARO



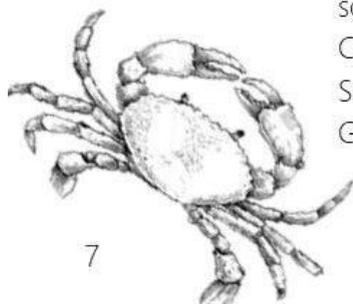
Lave os goiamuns bem lavados com uma escovinha. Corte os temperos picadinhos. Coloque uma panela profunda com água para ferver. Na água fervente acrescente os goiamuns deixando ferver por 10 minutos. Ainda no fogo, vire os goiamuns e deixe ferver por mais 10 á 15 minutos. Certifique-se que está cozido quando os dedos do goiamum começam a soltar. Está pronto o Goiamum!

Pirão de Coco:

Põe uma cebola para rechear no dendê; ao fritar retire a cebola dourada. Acrescente todos os temperos picadinhos. Deixe cozinhar os temperos no dendê. Acrescente um pouco de água para cozinhar os temperos.

Depois de cozido, retire do fogo e acrescente o leite de coco ralo aos poucos. Acrescenta a farinha aos poucos dando forma de mingau, sem parar de mexer. Acrescente aos poucos o leite de coco grosso deixando uma textura homogênea. Espere cozinhar sem parar de mexer para não embolar. Ao soltar do fundo da panela está pronto o Pirão de Cocô.

Sirva-se ainda quente! Saboreei de um delicioso Goiamum com Pirão de Coco!



7



ANEXO III

IMAGENS



“Sambadeiras” Nem, Lelita, Pedrina, Luana e Ondina (da esquerda para a direita) - foto feita antes de se iniciar o Samba de Roda das Marisqueiras realizado em 06 de junho de 2019 em Atalaia (Canavieiras).



Samba de Roda das Marisqueiras realizado em junho de 2019 no encerramento da qualificação deste trabalho na UFSB. Em destaque Sr. Demétrio, Dona Lelita ao meio. Cléria, ao fundo à esquerda e Pedrina, ao fundo à direita.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado na Casa Abayomi em julho de 2019. Em destaque a “sambadeira” Selma, e à esquerda, de saia azul, sua filha, a “sambadeira” Kita.



Samba de Roda das Marisqueiras em celebração a São Pedro, realizado no dia 30 de junho de 2019. Em destaque a “sambadeira” D. Edelzuíta. Ao fundo, do seu lado esquerdo, o “tocador” Genilson (Cirilo) e, ao seu lado direito, as “sambadeiras” Cléria e Luana, respectivamente.



Samba de Roda das Marisqueiras em celebração a São Pedro, realizado em 30 de junho de 2019. Ao centro da roda a “sambadeira” Luana. Do lado esquerdo a “sambadeira” Cléria. No extremo lado direito, a “sambadeira” Nete e, ao seu lado, a “sambadeira” Dona Lourdes.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado na Casa Abayomi em 23 de novembro de 2019. Em destaque o “tocador” Sr. Zé e, ao fundo, a “sambadeira” Pedrina.



Samba de Roda das Marisqueiras em celebração a São Pedro, realizado em 30 de junho de 2019. Ao centro da roda a “sambadeira” Helen. Ao seu lado esquerdo, o “tocador” Wellington. Ao fundo, do seu lado direito, respectivamente, as “sambadeiras” Ondinha, Kita, Dona Lourdes, o “tocador” Genilson e a “sambadeira” Nete.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em junho de 2019 na Casa Abayomi em Porto Seguro. Em destaque a “sambadeira” Nem. Ao fundo, do seu lado direito, sua filha “Katrine”. Junto a ela Cléria. Do lado direito da foto, ao fundo, Nete.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado no encerramento da qualificação desta pesquisa, em junho de 2019, no campus da UFSB (Porto Seguro). Em destaque a “sambadeira” Nete.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em 23 de novembro de 2019 na Casa Abyomi em Porto Seguro. Em destaque a “sambadeira” Katrine. Do seu lado direito a “sambadeira” Val.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em 23 de novembro de 2019 na Casa Abayomi em Porto Seguro. Em destaque a “sambadeira” Dinha. Do seu lado esquerdo, ao fundo, a “sambadeira” Mariana e Maria, respectivamente. E do seu lado direito, as “sambadeiras” Val e Nem, respectivamente.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado no encerramento da qualificação desta pesquisa, em junho de 2019, no campus da UFSB (Porto Seguro). Em destaque a “sambadeira” Pedrina.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em junho de 2019 na Casa Abayomi em Porto Seguro. Ao centro da roda a “sambadeira” Kita. Ao seu lado direito, respectivamente, Paula, Dona Lourdes, Nem, Katrine e Selminha.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em 23 de novembro de 2019 na Casa Abyomi em Porto Seguro. Em destaque a “sambadeira” Cléria.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em junho de 2019 na Casa Abayomi em Porto Seguro. Em destaque a “sambadeira” Dona Lourdes recebendo uma “umbigada”. Ao fundo, no seu lado direito, o “tocador” Pinguim.



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em junho de 2019 na Casa Abayomi em Porto Seguro. Ao centro da roda a “sambadeira” Luana, brincando com Iuri (um dos integrantes da Casa Abayomi).



Samba de Roda das Marisqueiras apresentado em 23 de novembro de 2019 na Casa Abyomi em Porto Seguro. Algumas “sambadeiras”, bebendo uma “cervejinha”, antes do “samba” começar. De baixo para cima, respectivamente: à esquerda Nete, Mariana e Val. E Pedrina, Carmem Lúcia e Dinha na linha de cima da fotografia.



Foto de Rua da Biela cedida pela “marisqueira” D’Ajuda



Registro realizado em calçada do centro Belmonte em junho de 2019. Em destaque Sr. Hélio espalha o cacau para secá-lo.



“Marisqueira” Lucimara “catando” camarão. Foto cedida por Lucimara.



“Marisqueira” D’Ajuda e sua mãe feita durante a “atividade”. Foto cedida por D’Ajuda.



Da esquerda para a direita: Dona Lelita, Marlene e Pedrina “catando” marisco. Ao fundo, João Barba. Foto cedida por D’Ajuda.



Da esquerda para a direita as “marisqueiras”: D’Ajuda, Lenice, Lucimara, Perisvânia e Mariana. Registro feito durante a “lida” com os pescados. Foto cedida por Lucimara.



Reunião para elaboração de Plano de Negócio da Unidade de Beneficiamento da AMPB, feito junto ao Sebrae, em 31 de maio de 2019.



Registro do primeiro dia de “monitoramento” e “coleta” de óleo em Belmonte, realizado em 28 de outubro de 2019. Da esquerda para a direita: Daco (vereador) e Dinha (“marisqueira”). Ao fundo, Kita (“marisqueira”).



Organização para saída para “campo” no 2º dia de “combate” ao óleo cru em Belmonte, no dia 29 de outubro de 2019. Em destaque “marisqueira” Pedrina (AMPB) dialogando com o “pescador” Cheiro Bom (na época presidente da Colônia Z21), entre outros “companheiros” do coletivo SOS Mangue Mar de Belmonte.



Registro do 2ª dia de “combate” ao óleo cru em Belmonte, no dia 29 de outubro de 2019. Em destaque a “marisqueira” Kita (AMPB) separando os EPI’s para distribuir entre as pessoas voluntárias do SOS Mangue Mar de Belmonte. Junto a ela Thiago (filho da “marisqueira” Sinha) e a voluntária Dinha.



Registro de organização do coletivo SOS Mangue Mar Belmonte para a saída para o “campo” no 2º dia de combate ao óleo cru em Belmonte, dia 29 de outubro de 2019.



Registro de óleo cru “catado” e peneirado para ser recolhido nos sacos e levados para descarte. Foto do dia 13 de novembro de 2019 realizada durante o “combate” ao óleo em Belmonte.



Registro do óleo “catado” em Belmonte no dia 12 de novembro de 2019.



Registro do dia 13 de novembro de 2019, durante o trajeto para o “combate” ao óleo. Em destaque Sr. Ailson com equipe de “campo”.



Registro do dia 31 de outubro de 2019, ao fim da jornada do trabalho de “campo” e de apoio na logística em “terra” durante o “combate” ao óleo cru em Belmonte. Da esquerda para a direita: Pedrina, Paula, Nete, Perisvânia e Laércio.



Da esquerda para a direita: Dainha e Pedrina. As “marisqueiras”, em visita à Porto Seguro, como representantes da AMPB, indicam o manifesto com os dizeres “Não é porque não vemos o óleo que ele não existe”, registrado em Porto Seguro no dia 12 de dezembro de 2019. Foto cedida por Raony e Gisele do Instituto Mãe Terra.

REFERÊNCIAS

AMPB MARISCO. [Carta] 25 mai. 2019a, Belmonte [para] PIMENTA, P. Porto Seguro. 5p. Carta de Apresentação da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte para compôr esta Dissertação.

AMPB MARISCO. Texto do Post. Belmonte, 30 de setembro de 2019. Facebook: Ampb Marisco. Disponível em:
<https://www.facebook.com/ampb.marisco/posts/1195486820658035> Acesso em: 01 de outubro de 2019b

AMPB MARISCO. Texto do Post. Belmonte, 28 de dezembro de 2019. Facebook: Ampb Marisco. Disponível em:
https://www.facebook.com/ampb.marisco?_tn=%2CdIC-R-R&eid=ARBwXCJP8cWXVBi5n1T6vfgJ8qUUPpkPsutxIpKWKEmWcXEpGlnXZYt3IzTfMmvzkCKBtTSCFcEpI7G9&hc_ref=ARSAAp6cW32y6Lw2aXU1ViEdGrpXWIU0Ei_eVwBRoscq3xLnDQyBJoA096iNb8Rmeg Acesso em: 28 de dezembro de 2019c

ARAÚJO, Samuel. Sound Praxis: Music, Politics, and Violence in Brazil. In: CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan; O'CONNELL, John Morgan. (org.) Music and Conflict. Urbana, Chicago e Springfield: University of Illinois Press, 2010. p. 217-231

Arruda, B. Os candomblés de Belmonte: variação e convenção no sul da Bahia. Tese de Doutorado apresentada ao PPGAS/MN da UFRJ, 2014.

Carmo, Raiana Maciel do. 2009. “A política de salvaguarda do patrimônio imaterial e os seus impactos no samba de roda do Recôncavo Baiano.” Dissertação, Universidade Federal da Bahia.

CANCELA, Francisco. A presença de não-índios nas vilas de índios de Porto Seguro: relações interétnicas, territórios multiculturais e reconfiguração de identidades - reflexões iniciais. Espaço Ameríndio (UFRGS), v. 1, p. 42-61, 2007.

CANCELA, F. De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808). 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CANCELA, Francisco. Bebedeiras, batuques e supertições: práticas espirituais e intercâmbios culturais nas vilas de índios de Porto Seguro. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 7, p. 97-113, 2015.

CURADO, Isabela Baleeiro. Resex Canavieiras: Articulação Social como Resposta aos Conflitos Vivenciados na Criação da Unidade. In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRAS DE ANTROPOLOGIA. Anais... Natal, 2014

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. O mito moderno da natureza intocada - 4ª ed. - São Paulo : Hucitec; Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USB, 2004.

DÖRING, K. . Dona Nicinha de Santo Amaro e Dona Zelita de Saubara: Matricarcas negras do Reconcavo baiano. In: Marilda Santana. (Org.). As Bambas do Samba - Mulher e Poder na Roda. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 17-53.

DUARTE, O. S.. Reservas extrativistas: Uma reflexão sobre a organização política dos pescadores da resex marinha de Canavieiras. In: II Seminário Nacional Espaços Costeiros, 2013, Salvador. IIº Seminário Nacional Espaços Costeiros, 2013, Salvador. Anais do II SEC. Salvador: Posgeo, 2013. v. I. p. 1-17., 2013

ETTINGER, V. M. ; JESUS JUNIOR, G. ; SETENTA, A. M. ; CAVALCANTE, A. L. . Cultura, Identidade e Gênero: Tecendo a Rede de Mulheres de Comunidades Extrativistas e Pescadeiras do Sul da Bahia. Revista Interdisciplinar de Gestão Social, v. 4, p. 151 - 179-179, 2015.

FIGUEIREDO, M.A.. Gênero e Participação Política: A Experiência da Rede de Mulheres Pescadoras do Sul da Bahia. Revista Ártemis, v. 20, p. 171-179, 2015.

FIGUEIREDO, Marina.. A Mariscagem e as mulheres na Baía do Iguape - BA. In: Iº Seminário Espaços Costeiros: dinâmicas e conflitos no litoral baiano, 2011, Salvador. Dinâmicas e conflitos no litoral baiano, 2011.

FRANÇA FILHO, D. P. . Belmonte Memória e Cultura e Turismo: numa (re)visão de Iararana de Sosígenes Costa. Dissertação de mestrado apresentada à UESC/UFBA, 2003.

Geertz, C: Um Jogo Absorvente, Notas sobre a Briga de Galos Balinesa, in A Interpretação das Culturas, ed LTC, Rio de Janeiro, 1989, p.278-321.

GOLDMAN, Marcio. 1985. "A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé". *Religião e Sociedade*, (12) 1: 22-54.

GOLDMAN, Marcio . 2005. "Formas do Saber e Modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no Candomblé". In: *Religião e Sociedade*, (25) 2: 102-120.

GOLDMAN, Marcio. 2007. "Políticas e subjetividades nos 'Novos Movimentos Culturais'". *Ilha Revista de Antropologia da UFSC*, (9) 1,2: 9-22.

Goldman, M.; "Quinhentos Anos de Contato": Por uma Teoria Etnográfica da (Contra)Mestiçagem. *Mana (UFRJ. Impresso) JCR*, v. 21, p. 641-659, 2015a

Goldman, M.; A Relação Afroindígena. *Cadernos de Campo (USP. 1991)*, v. 23, p. 213-222, 2015b

GOMES, NILMA LINO; LABORNE, Ana Amelia de Paula . Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *EDUCAÇÃO EM REVISTA (ONLINE)*, v. 34, p. 1-26, 2018.

GONCALVES . *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/ Ministério da Cultura-IPHAN, 2003. 148p

GONCALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro , v. 28, n. 55, p. 211-228, June 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862015000100211&lng=en&nrm=iso>. access on 06 May 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862015000100012>.

GRAEFF, Nina. *Os ritmos da roda: tradição e transformação no samba de roda*. Salvador : EDUFBA, 2015. 164p.

GROSGOUEL, Ramón Para descolonizar os estudos de economia política e estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, março de 2008, 11547

Herculano, Selene. *O CLAMOR POR JUSTIÇA AMBIENTAL E CONTRA O RACISMO AMBIENTAL*. *InterfacEHS (Ed. português)*, v. v3, p. 1/113-20, 2008

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *O Recorte das regiões geográficas imediatas e intermediárias de 2017*. In *Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias*. Rio de Janeiro : IBGE, 2017.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Samba de roda do Recôncavo Baiano - Dossiê 4*. 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_SambaRodaReconcavoBaiano_m.pdf>. Acesso em: 02 de ago. 2018.

KRSTULOVIC, Rosa Claudia Lora. *A transmissão do patrimônio cultural imaterial: o samba de roda no recôncavo baiano*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Memória Social)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Latour, B. 2004. “Não Congelarás a Imagem, Ou: Como não desentender o debate ciência religião”. In: *Mana. Estudos de Antropologia Social* 10 (2): 349-376

LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Org.). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, 2007. p. 40-61.

LIS/ICICT/Fiocruz Ameaças de morte e de perda de emprego de familiares são utilizados para oprimir a população e desmontar a Reserva Extrativista de Canavieiras <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=ba-ameacas-de-morte-e-de-perda-de-empreg>

o-de-familiares-sao-utilizados-para-oprimir-a-populacao-e-desmontar-a-reserva-extrativista-de-canavieiras Acesso em 09/01/2020

LISTA DE MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES DA BAHIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_da_Bahia&oldid=57262654>. Acesso em: 23 jan. 2020.

LISTA DE REGIÕES GEOGRÁFICAS INTERMEDIÁRIAS E IMEDIATAS DO BRASIL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_do_Brasil&oldid=57601401>. Acesso em: 29 fev. 2020.

MACHADO, Renata Freitas . Entre a maré e a casa: corpo, técnica e movimento das marisqueiras (Vila de Matarandiba - BA). In: VII Congresso APA | 7th APA Congress, 2019, Lisboa. VII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA, 2019.

MÃE DO MANGUE. Produção de Isabella Cruvinel Santiago, Jonas Torralba Batista. Brasil. 2018. (17 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oh0WaxkwQn4&t=269s>
MAUSS, Marcel. 2003a. “Ensaio sobre a Dádiva” e “As técnicas do corpo”. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif.

MELO, Paula Balduino. Mariscagem e matronagem no Pacífico negro colombo-equatoriano. Paper apresentado no Seminário Casa, Corpo e Políticas da Terra. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. Brasília, Dezembro de 2018.

MENDONÇA, Pedro Macedo et al. Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no Sarau Divergente: uma pesquisa-ação participativa / Pedro Macedo Mendonça. -- Rio de Janeiro, 2018. 322f.

Murixaba. In.: Dicionário inFormal, 2020. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/murixaba/> Acesso em: 24/05/2020

Muruxaba. In.: Dicionário inFormal, 2020. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/muruxaba/4829/> Acesso em: 24/05/2020

O GLOBO, Tudo pronto para aventura começar. In: O GLOBO, 29 de abril de 2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/miramundos/post/tudo-pronto-para-aventura-comecar.html>> Acesso em: 23 de jan. de 2020

PENA, P. G. L.; Northcross, AL ; ANGELIM, M. ; RÊGO, RCF . Derramamento de óleo bruto na costa brasileira em 2019: emergência em saúde pública em questão. CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA JCR , v. 36, p. 1-5, 2020.

PEREIRA JÚNIOR, Levindo. A micropolítica da “política”. Um estudo em torno das eleições municipais em Belmonte, sul da Bahia. Dissertação de mestrado apresentado ao PPGAS-MN/UFRJ, 2005.

Plastino, Virna Virgínia. ¡Fuerza! Os tambores de candombe e suas pessoas, em Ansina, Montevidéu/ Virna Virgínia Plastino – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2011.

Porto, Marcelo Firpo de Souza. Complexidade, processos de vulnerabilização e justiça ambiental: Um ensaio de epistemologia política. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 93, p. 31-58, 2011.

REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE EUNÁPOLIS-PORTO SEGURO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Região_Geográfica_Imediata_de_Eunópolis-Porto_Seguro&oldid=53870678>. Acesso em: 21 dez. 2018.

RIBEIRO, F. ; ROSA, Laila. Os Processos de Protagonismo de Mulheres Negras no Recôncavo da Bahia: O Samba de Roda como Mediador das Relações Cotidianas. Revista Olhares Sociais / PPGCS / UFRB, Vol. 03. No. 02 ? 2014/ pág. 86. Olhares Sociais , v. 04, p. 86-110, 2015.

Rufino, Luiz, 1987. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro : Mórula Editorial, 2019. 164p.

SANDRONI, Carlos. Questões sobre o dossiê do samba de roda. In: FALCÃO, Andréa (Org.). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2005. p. 45-53. (Série Encontros e Estudos, v. 6)

SANDRONI, Carlos. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade, In: Estudos Avançados, v. 24, n. 69, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200023> Acesso em: 02 de ago. 2018.

SEEGER A. (1945). Porque cantam os Kisedje - uma antropologia musical de um povo amazônico . São Paulo: Cosac Naify, 2015. 320 p.

SILVA, LAYS HELENA PAES E. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. E-cadernos CES (Online), v. 17, p. 85, 2012.

Sodré, Muniz, 1942 - Samba, o dono do corpo / Muniz Sodré. - 2.ed - Rio de Janeiro: Mauad, 1998

VALENCIO, N. 2014. “Desastres, Tecnicismos e Sofrimento Social”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(9): 3631-3644.

VIEIRA, NORMA CRISTINA ; SIQUEIRA, D. E. ; PAOLO, D. . 'O que é de mulher e o que é de homem': Relações de Gênero na Pesca Artesanal Comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil.. *Raizes (UFPB)*, v. 34, p. 9, 2014.

WERNCEK, Jurema Pinto. *O samba segundo as Ialodês: Mulheres negras e a cultura midiática*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em comunicação – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007

ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. . *Desenvolvimento e Conflitos Ambientais: um novo campo de investigação*. In: Andréa Zhouri, Klemens Laschefski. (Org.). *Desenvolvimento e Conflitos Ambientais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, v. 1, p. 11-33.

ZHOURI, A. ; OLIVEIRA, R. ; ZUCCARELLI, M. ; MAGALHAES, M. V. . *O Desastre do Rio Doce: entre as políticas de reparação e a gestão das afetações*. In: Andrea Zhouri. (Org.). *Mineração, Violências e Resistências*. 1ed.Marabá: IGUANA/ABA, 2018, v. 1, p. 29-66.